UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

MUHAMAD SUBHI MAHMUD HASAN HUSEIN

A INTIFADA COMO GESTO

Palhoça

2019

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

MUHAMAD SUBHI MAHMUD HASAN HUSEIN

A INTIFADA COMO GESTO

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem.

Prof. Dr. Antonio Carlos Santos (Orientador)

Palhoça

2019

H95 Husein, Muhamad Subhi Mahmud Hasan, 1974-
A Intifada como gesto / Muhamad Subhi Mahmud Hasan Husein. – 2019.
201 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (Doutorado) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Pós-graduação em Ciências da Linguagem.
Orientação: Prof. Dr. Antônio Carlos Gonçalves dos Santos

1. Intifada, 1987-1993. 2. Gestos. 3. Desejo (Filosofia). 4. Palestina – História. 5. Levantes. 6. Linguagem e cultura. I. Santos, Antônio Carlos Gonçalves dos. II. Universidade do Sul de Santa Catarina. III. Título.

CDD (21. ed.) 303.64

Ficha catalográfica elaborada por Carolini da Rocha CRB 14/1215

MUHAMAD SUBHI MAHMUD HASAN HUSEIN

A INTIFADA COMO GESTO

Esta Tese foi julgada adequada à obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 12 de agosto de 2019.

Professor e orientador Antonio Carlos Gonçalves dos Santos, Doutor.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Professora Daniela Queiroz Campos, Doutora.
Universidade Federal de Santa Catarina

Professor Pedro de Souza, Doutor.
Universidade Federal de Santa Catarina

Professora Dilma Beatriz Rocha Juliano, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Professora Ramayana Lira de Sousa, Doutora.
Universidade do Sul de Santa Catarina

Dedico esta tese ao meu querido e saudoso pai Subhi Mahmud Muhamad Husein,

in memoriam,

e a minha querida mãe Mesedah Abdel Hamid Zarif Hasan Husein

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNISUL que me estimularam muito durante todo o período do curso, especialmente ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Antonio Carlos Santos pelas maravilhosas horas de orientação, dedicação e sinceridade. Também agradeço pela amizade partilhada com minha família em momentos inesquecíveis.

À minha esposa Vanessa, com muito amor, pelos essenciais conselhos que mudaram o rumo da minha pesquisa, pela permanente cobrança, preocupação e incentivo para me levar adiante. Agradeço também pela paciência que teve comigo nos momentos ruins em algumas fases dessa caminhada.

Ao meu filho amado Jorge William (Mansour) extremamente dedicado e que sempre me apoiou em tudo que precisei, ajudando-me em todos os momentos possíveis para que eu não sentisse falta de nada enquanto trabalhava na pesquisa.

Aos meus pequeninos Yasmin e Marwan com quem tanto faltei para me dedicar ao doutorado, mas que ao mesmo tempo me amaram tanto e me fizeram sentir esse amor que me deu mais forças para a conclusão desta tese.

Ao Prof. Dr. Georges Didi-Huberman que como meu supervisor na França, sempre me apoiou, estimulou e fez o máximo que podia para proporcionar um maravilhoso *séjour* em Paris. Seu conhecimento e sua capacidade de nos fazer enxergar as coisas é extraordinária. Agradeço-o incomensuravelmente por ter aberto a minha mente e ajudado na organização da tese.

Aos Colegas do Colégio de Aplicação da UFSC que me apoiaram nesta empreitada, especialmente à minha querida colega Profª. Drª. Iara Zimmer, pelo apoio e resistência, e por ter sacrificado seu tempo com a família para me substituir nas aulas durante minha estada no exterior.

À UFSC, especialmente ao Centro de Ciências da Educação – CED, representado pelo seu Diretor Antonio Alberto Brunetta, por me apoiar e me conceder a licença para a realização do doutorado-sanduíche.

À CAPES que me proporcionou recursos financeiros para esta grande oportunidade de realizar o doutorado-sanduíche na França.

Aos meus pais por terem me ensinado a ser quem sou e que a única coisa certa que levamos conosco para o futuro são os estudos e o conhecimento.

A revolta é um gesto. Mesmo antes de empreender e realizar uma "ação" voluntária e compartilhada, a pessoa se revolta com um simples gesto que, subitamente, derruba o desânimo que até então nos fazia sofrer a submissão (seja por covardia, cinismo ou desespero). Levantar-se é jogar fora o fardo que pesou sobre nossos ombros e nos impediu de nos mover. É quebrar um certo presente e erguer os braços para o futuro que se abre. É um sinal de esperança e resistência. É um gesto e é uma emoção. (DIDI-HUBERMAN, 2017)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo principal estudar as imagens de gestos de *levantes* na Palestina e estabelecer conexões entre esses gestos introduzindo a teoria da *força do desejo* de Sigmund Freud na visão de Georges Didi-Huberman. Vinculamos o desejo aos gestos e a resistência, analisando a potência política das imagens dos levantes palestinos. Através do conceito de *soulèvements* de Didi-Huberman, analisamos não somente gestos corporais, mas também elementos dos levantes em imagens, palavras, ações e a resistência palestina. Para isso, relacionamos imagens de gestos de *levantes* palestinos com a narrativa bíblica de *Davi e Golias* nas perspectivas judaica, cristã e muçulmana, e a figura de Davi nas obras de arte de Michelangelo, Bernini e Caravaggio. Com isso, exploramos a hipótese de contar a história do Davi judeu e como ele teria se tornado um Davi palestino. Também utilizamos a teoria dos levantes de Didi-Huberman para mostrar a evidência dos *levantes* em funerais palestinos, a partir da análise de rituais fúnebres em outras culturas. A história da Palestina pós império otomano, passando pela *Nakba* (Catástrofe Palestina), as *Intifadas* e a *Grande Marcha do Retorno*, é utilizada como apoio ao leitor para estabelecer as conexões necessárias para compreender o raciocínio proposto. Abordamos o muro da Cisjordânia e suas relações com outros muros que, segundo Didi-Huberman, refletem o "muro psíquico" construído pelos judeus, e que se constitui da "necessidade de emuramento" para sua sobrevivência. Por fim, fizemos um estudo da *desumanização* mostrando como as ações violentas e de segregação do estado de Israel provocam consequências que afetam o psicológico dos palestinos, verificando como os conceitos de *biopolítica* e *necropolítica* são aplicados neste processo. Assim, propomos uma nova abordagem da questão Palestina para mostrar que a análise dos gestos de *levantes* pode dizer mais do conflito do que os próprios relatos históricos dos *levantes*.

Palavras-chave: Levantes. Palestina. Gestos. Desejo.

ABSTRACT

This research has as main objective to study the images of gestures of uprisings in Palestine and to establish connections between these gestures by introducing Sigmund Freud's theory of the force of the desire in the uprisings in Georges Didi-Huberman view. We link desire to gestures and resistance by analyzing the political power of the images of the Palestinian uprisings. Through Didi-Huberman's concept of *soulèvements*, we analyze not only corporal gestures, but also by elements of the uprisings in images, words, actions and the Palestinian resistance. For this, we relate images of gestures of Palestinian uprisings with the biblical narrative of *David and Goliath* in the Jewish, Christian and Muslim perspectives, and the figure of David in the works of art of Michelangelo, Bernini and Caravaggio, and with this, we explore the hypothesis of telling the story of the Jewish David and how he would have become a Palestinian David. We also used Didi-Huberman's theory of uprisings to show the evidence of the uprisings at Palestinian funerals, from the analysis of funeral rituals in other cultures. The history of Palestine post-Ottoman Empire, through the *Nakba* (Palestine Catastrophe), the first and the second *Intifada* and the *Great March of Return* are used as support to the reader to establish the necessary connections to understand the reasoning proposed. We approach the wall of the West Bank and his relations with other walls that, according to Didi-Huberman, reflect the "psychic wall" constructed by the Jews, and which constitutes the need of "build walls" for their survival. Finally, we have done a study of dehumanization showing how the violent and segregating actions of the state of Israel have consequences that affect the psychological of the Palestinians, verifying how the concepts of *biopolitics* and *necropolitics* are applied in this process. So, we propose a new approach to the Palestine question to show that the analysis of the gestures of the uprisings can tell more of the conflict than the historical accounts of the uprisings.

Keywords: Uprisings. Palestine. Gestures. Desire.

RÉSUMÉ

Cette recherche se consacre à étudier les gestes des soulèvements en Palestine et d'établir des liens entre ces gestes en introduisant la théorie de Sigmund Freud sur la force du désir selon Georges Didi-Huberman. Nous associons le désir aux gestes et à la résistance en analysant la puissance politique des images de soulèvements palestiniens. À travers le concept de *soulèvements* de Didi-Huberman, nous analysons non seulement les gestes corporels, mais également des éléments de soulèvements dans les images, les paroles, les actions et la résistance palestinienne. Pour cela, nous associons des images de soulèvements palestiniens au récit biblique de David et Goliath dans les perspectives juive, chrétienne et musulmane et à la figure de David dans les œuvres de Michelangelo, Bernini et Caravaggio. Et avec cela, nous avons exploré l'hypothèse de raconter l'histoire du David juif et comment il serait devenu un David palestinien. Nous avons également utilisé la théorie des soulèvements de Didi-Huberman pour montrer l'évidence des soulèvements lors des funérailles palestiniennes à partir de l'analyse des rituels funéraires dans d'autres cultures. L'histoire de la Palestine post l'empire ottomane, à travers la Nakba (Catastrophe palestinienne), les Intifadas et la Grande Marche du Retour servent de support au lecteur pour établir les liens nécessaires à la compréhension du raisonnement proposé. Nous approchons du mur de Cisjordanie et de ses relations avec d'autres murs qui, selon Didi-Huberman, reflètent le "mur psychique" construit par les juifs et qui constitue la nécessité "d'émuramment" pour leur survie. Enfin, nous avons réalisé une étude sur la déshumanisation montrant comment les actes de violence et de ségrégation de l'État d'Israël provoquent des conséquences qui affectent le psychologique des palestiniens, en vérifiant comment les concepts de biopolitique et de nécropolitique sont appliqués dans ce processus. Ainsi, nous proposons une nouvelle approche de la question palestinienne pour montrer que l'analyse des gestes de soulèvements peut en dire plus sur le conflit que les récits historiques du soulèvements.

Mots-clés: Soulèvements. Palestine. Gestes. Désir.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Palestina.....23
Figura 2: Francisco de Goya, 1799, *Los caprichos*, prancha 59.....27
Figura 3: Palestinos nas barricadas jogando pedras.....29
Figura 4: Bandeira do movimento dos trabalhadores sem teto (MTST)..... 30
Figura 5: Fotograma do filme *O Encouraçado Potemkin*.....35
Figura 6: Pranchas do Atlas Mnemosyne.....38
Figura 7: Mulher palestina se lamentando no massacre de *Deir Yassin* em 1948.....46
Figura 8: Hércules, Antoine Bourdelle, 1909.....48
Figura 9: Jovem palestino com estilingue, 2018.....48
Figura 10: Mãe da família Sheik el Eid desmaia durante o funeral.....50
Figura 11: O Encouraçado Potemkin – Lamentações.....51
Figura 12: O Encouraçado Potemkin – Punho cerrado.....51
Figura 13: O Encouraçado Potenkin – Levante.....51
Figura 14: Fotograma do documentário *Cinco câmeras quebradas*.....52
Figura 15: *Cinco câmeras quebradas* – Lamento.....52
Figura 16: *Cinco câmeras quebradas* – Punho cerrado.....52
Figura 17: *Cinco câmeras quebradas* – Levante.....52
Figura 18: Cidade de Jaffa – 1930.....58
Figura 19: Cidade de Nablus em 1927.....59
Figura 20: Expulsão de palestinos na Nakba em 1948.....59
Figura 21: Jovens Palestinos “atacando” soldados israelenses.....62
Figura 22: Acordos de Oslo – 1993.....63
Figura 23: Mulher palestina atirando pedras.....68
Figura 24: Palestino com super-estilingue.....69
Figura 25: Fadi Abu Salah resistindo à repressão israelense.....71
Figura 26: Ibrahim Abu Thuraya trabalhando em Gaza.....75
Figura 27: Razan Al-Najjar com “chave” palestina e socorrendo ferido.....76
Figura 28: A’ed Abu Amro em manifestação em Gaza.....85
Figura 29: Pintura *A Liberdade guiando o Povo* de Eugène Delacroix.....87
Figura 30: Davi erguendo a cabeça de Golias.....90

Figura 31: Davi de Michelangelo.....103
Fig. 32: Davi de Bernini.....103
Fig. 33: Davi de Caravaggio.....103
Fig. 34: Escultura Original Davi de Michelangelo.....104
Fig. 35: Réplica de Davi de Michelangelo.....104
Fig.36: Recorte da figura 35 – mão de Davi.....105
Fig. 37: Recorte da figura 35 – rosto de Davi.....105
Figura 38: Davi de Gian Lorenzo Bernini.....107
Figura 39a: Gladiador Borghese.....108
Figura 39b: Discóbolo de Myron.....108
Figura 40: Rosto de Davi de Bernini.....109
Figura 41: Davi com a cabeça de Golias de Caravaggio.....110
Figura 42: Recorte da figura 41 – cabeça de Golias.....114
Figura 43: Ritual Famadihana da tribo Malgaxe no Madagascar.....118
Figura 43: Funeral de George Habash.....125
Figura 44: Funeral de Abdullah Ghanayem.....128
Figura 45: Funeral de Abdullah Ghanayem – Lamento.....129
Figura 46: Funeral de Abdullah Ghanayem – Braço levantado.....129
Figura 47: Funeral de Abdullah Ghanayem – Luto e Levante.....129
Figura 48: Mapa do muro e o regime de controle sobre a Cisjordânia.....133
Figura 49: Palestinos aguardam em fila para passar checkpoint.....134
Figura 50: Fotograma do filme *Omar*.....136
Figura 51: Construção do muro do gueto de Varsóvia..... 137
Figura 52: Arquivos clandestinos do Gueto de Varsóvia.....138
Figura 53: Muro das Lamentações.....140
Figura 54: Muro da Cisjordânia CTRL+ALT+DELETE.....141
Figura 55: Maria, mãe de Jesus e José impedidos de ir a Belém.....144
Figura 56: Pomba com colete à prova de balas.....145
Figura 57: Homem abrindo o muro para uma paisagem idílica.....145
Figura 58: Palestino joga buquê de flores.....146
Figura 59: Uma criança transpondo o muro da vergonha.....146
Figura 60: Barbeiro palestino.....147
Figura 61: Anúncio gratuidade para manifestantes.....148
Figura 62: Bandeira da Palestina como jaleco.....148

Figura 63: Bandeira de Israel como capacho.....148
Figura 64: Crianças recebendo soldados com bandeira palestina.....149
Figura 65: Fotograma do filme *Inch'Allah*.....150
Figura 66: Checkpoint israelense: "Curral" de Palestinos.....157
Figura 67: Fotograma da morte de Muhammad Al-Durrah.....159
Figura 68: Praça *Al Qods* em Bamako, Mali.....161
Figura 69: Menino palestino encarando soldado.....165
Figura 70: Soldado apontando arma para.....165
Figura 71: Menino palestino sendo preso.....165
Figura 72: Soldado pisa em menina palestina.....165
Figura 73: Soldado aponta arma para menino.....165
Figura 74: Menina machucada sendo presa.....165
Figura 75: Soldado sendo tentando prender garoto palestino.....166
Figura 76: Revolta de Soweto – África do Sul, 1976.....167
Figura 77: Menino judeu em Auschwitz.....168
Figura 78: Menina aponta garfo para soldado.....168
Figura 79: Campo de refugiados palestinos na Cisjordânia.....171
Figura 80: Assentamento na Cisjordânia.....171
Figura 81: Bombardeio israelense na cidade de Gaza em 2014.....173
Figura 82: Jovem palestina agonizando após levar tiros em checkpoint.....175
Figura 83: Jovem palestina agonizando diante de colono israelense.....177
Figura 84: Sharif Al-Namla amputado aos 3 anos.....180
Figura 85: Irmãos Qudeih, amputados.....181
Figura 86: Placa de prevenção: estrada palestina perigosa à israelenses.....189
Figura 87: Placa de prevenção: estrada palestina perigo de vida para israelenses.....189

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de habitantes da Palestina em 1922, por religião..... 59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 16
1.1 JUSTIFICATIVA..... 21
1.2 ESTRUTURA DA TESE..... 25
2 LEVANTES..... 27
2.1 SOULÈVEMENTS..... 30
2.2 MONTAGEM, DESMONTAGEM E REMONTAGEM..... 33
2.3 DIDI-HUBERMAN E AS IMAGENS DE GESTOS DE LEVANTES..... 41
2.4 LUTO, DESEJOS E LEVANTES..... 46
2.5 A ORIGEM DOS LEVANTES NA PALESTINA..... 54
2.5.1 Al Nakba..... 54
2.6 INTIFADA PALESTINA..... 60
2.7 ACORDOS "DE PAZ" COM ISRAEL, PARA ISRAEL..... 65
3 OS GESTOS DE LEVANTES NA PALESTINA..... 68
3.1 POR QUE SE LEVANTAR?..... 68
3.2 AQUELES QUE SE LEVANTAM NA PALESTINA..... 71
3.3 O DESEJO, O LEVANTE E A IMINÊNCIA DA MORTE..... 84
3.4 DAVI E GOLIAS..... 89
3.5 DAVI NAS ARTES..... 103
3.5.1 Davi de Michelangelo..... 104
3.5.2 Davi de Bernini..... 106
3.5.3 Davi de Caravaggio..... 110
3.5.4 Cerimoniais e Ritos Fúnebres..... 115
3.5.5 Os Cortejos Fúnebres..... 118
3.5.6 Funeral Cristão..... 122
3.5.7 Funeral Muçulmano..... 124
3.5.8 Funeral Palestino como Gesto de Levante..... 124
4 MURO DA CISJORDÂNIA..... 131
4.1 INCESSANTEMENTE PULAR O MURO..... 135
4.2 BANKSY E O MURO DA VERGONHA..... 143
4.3 BANKSY E OS GESTOS DE LEVANTES..... 144
4.4 IMAGENS COMO FORMA DE RESISTÊNCIA..... 147

4.5 PERTENCIMENTO – PALESTINIDADE..... 151
5 DESUMANIZAÇÃO DO POVO PALESTINO..... 156
5.1 MUHAMMAD AL-DURRAH..... 159
5.2 O LEVANTE DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES PALESTINOS..... 164
5.3 NECROPOLÍTICA..... 169
5.4 DESUMANIZAÇÃO DAS MULHERES PALESTINAS..... 175
5.5 AMPUTADOS DE GAZA..... 180
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 186
REFERÊNCIAS..... 190
ANEXOS..... 197
ANEXO A – Censo da população da Palestina em 1922..... 198
ANEXO B – Tabela da População da Palestina, por religião..... 199
ANEXO C – Ordens do comando do grupo Haganah aos batalhões que estavam na linha de frente atuando na expulsão dos palestinos em 1948..... 200

1 INTRODUÇÃO

Muito além da formação em Matemática e Administração, minha origem palestina me guiou desde a juventude para esta jornada de pesquisa no doutorado acerca do que leva as pessoas a se levantarem desde 1948 até hoje na Palestina ocupada. Desde a época da graduação em Matemática sentia a necessidade de mostrar a história da minha origem. Mas foi após minha chegada em Florianópolis, em Janeiro de 2000, quando comecei a trabalhar em escolas de ensino fundamental e médio, que pude retomar os estudos sobre a Palestina, sendo convidado a ministrar algumas aulas e palestras sobre o tema muito em voga após o levante da *Segunda Intifada* Palestina em 2000 e os atentados do 11 de setembro de 2001 com a destruição das torres do World Trade Center em Nova York.

A necessidade de falar no assunto surgiu enquanto eu crescia ouvindo meu pai contando a história de sua vida, suas aventuras enquanto jovem, seus desentendimentos com seus pais, as consequências na sua vida após a tomada da Palestina em 1948 (*Nakba*[1]) e sua chegada ao Brasil. Ele se chamava Subhi e nasceu no vilarejo de *Deir Kadis* na Palestina ocupada (Cisjordânia) e chegou ao Brasil em 1962, com 29 anos de idade, após trabalhar muito para os ingleses (até 1947), para os judeus israelenses (após a *Nakba*) e depois servir no exército por nove anos, na Jordânia. Resolveu abandonar a região e sua família para tentar uma chance no ocidente e poder ajudar os seus pais. Muito maltratado como refugiado em sua chegada ao Brasil (inclusive sendo preso por alguns dias ao desembarcar do navio no qual migrou no porto de Santos), conseguiu superar as dificuldades que passou como mascate e se estabeleceu no Chuí, no Rio Grande do Sul na fronteira com o Uruguai, como comerciante. Já minha mãe Mesedah, com apenas 20 anos, migrou para o Brasil em 1967, após a Guerra dos Seis Dias e da consequente ocupação militar israelense na Cisjordânia e na Faixa de Gaza após várias "incursões israelenses" em seu vilarejo chamado *Al Janiah*, localizado próximo a Ramallah na Cisjordânia, causando pânico e terror aos seus habitantes, principalmente às mulheres. De acordo com diversos relatos de palestinos e de ex-combatentes do exército israelense de 1948[2], os soldados israelenses invadiam as casas em quase todos os vilarejos palestinos e

[1] Ver seção 2.5.1

[2] Segundo o documentário *Towards a Common Archive: – Video Testimonies of Zionist Fighters in 1948* de Eyal Sivan e Ilan Pappé de 2012.

normalmente espancavam e prendiam os homens de 15 a 45 anos, incapacitando os mais velhos com tiros nos membros inferiores e abusavam sexualmente das mulheres. Na época, como o meu avô materno tinha três filhas e um filho, não aguentou a pressão e refugiou-se no Brasil onde também acabou se instalando no Rio Grande do Sul. Meus pais se conheceram lá e se casaram em 1969, tiveram sete filhos, dos quais os cinco primeiros são homens e as duas últimas, mulheres. Apesar de terem passado a vida no Brasil, seu sonho sempre foi o de retornar para a Palestina. Os palestinos classificam a emigração forçada determinada em dois períodos: pelo período após a extinção da Palestina e fundação de Israel (*Nakba* – 1948) ou da Guerra dos Seis Dias e ocupação militar da Cisjordânia e Faixa de Gaza (*Naksa*[3] – 1967). No caso do meu pai, ele é "refugiado de 48", pois saiu entre 1948 e 1967 e a minha mãe "refugiada de 67" pois veio após a *Naksa*. Meus pais conseguiram retornar pela primeira vez, em 2004. Apesar de terem naturalidade brasileira passaram muitas dificuldades para entrar em Israel. Devido à demora no atendimento, meu pai perguntou a uma soldada israelense o motivo da demora, ao que ela apontou sua arma para sua cabeça e mandou que se sentasse. Ele ficou doze horas sentado aguardando até ser liberado, mas devido à idade e problemas de saúde, não conseguiu se mover e teve que ser carregado até o ônibus para se deslocar até a cidade de Ramallah. Ele me disse que sonhava em morrer na Palestina e foi o que aconteceu. Numa visita programada para dois meses em fevereiro e março de 2012, num dos invernos mais rigorosos da Palestina, ele contraiu uma pneumonia e em dez dias foi definhando e acabou falecendo aos 81 anos. Como era seu desejo, a família enterrou-o em Deir Kadis, sua cidade natal. Minha mãe vive em Rio Grande no Rio Grande do Sul e ainda visita a Palestina regularmente.

Assim, posso dizer que este trabalho foi inspirado na história dos meus pais, na condição do povo palestino que não cessa de ser humilhado e desumanizado, e encontrei recursos para isso na pesquisa, nas obras, no seminário e na exposição sobre os levantes do Prof. Dr. Georges Didi-Huberman. Graças aos estudos realizados no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem na UNISUL, este maravilhoso autor que tive o prazer de conversar e trabalhar a minha tese. Ele designou a palavra *Soulèvements* em francês para representar os levantes dos quais trata em sua pesquisa.

[3] *Al-Naksah* (النكسة) em árabe designa "a derrota" e refere-se à *Guerra dos Seis Dias*, ocorreu de 5 a 10 de junho de 1967 quando a força aérea israelense destruiu quase toda a força aérea egípcia em terra, atacou a Síria nas Colinas de Golan, invadiu Jerusalém Oriental tomando-a da Jordânia, o sul do Líbano e os territórios da Cisjordânia e Faixa de Gaza.

Assim também chamou a exposição itinerante da qual foi curador e que passou por Paris, Barcelona, Buenos Aires, São Paulo, Cidade do México e Montreal.

Mas a escolha do tema não foi assim tão simples. Eu iniciei com um projeto que abrangia a Questão Palestina no cinema, com uma análise do filme *Zaytoun* de Eran Riklis, de 2012. Após algumas disciplinas, passei a estudar o Muro da Cisjordânia e fiz meu projeto de tese sobre as consequências da construção do muro na relação entre os israelenses e palestinos, além das manifestações de resistência e o conceito de estado de exceção. Em janeiro de 2017, conheci a pesquisa sobre *Soulèvements* através da minha esposa Vanessa, que, ao procurar vídeos do filósofo, encontrou um anúncio de sua primeira exposição na *Galeria Nacional Jeu de Paume*, em Paris, entre outubro de 2016 e janeiro de 2017. Escrevi um artigo sobre o assunto para a disciplina "Tópicos Especiais em Teoria da Imagem" na qual o prof. Antonio Carlos Santos convidou a profª. Ramayana Lira para participar e fazer sua crítica. Ela só não fez isso tão bem, como sugeriu que eu alterasse minha pesquisa para este tema que eu havia desenvolvido melhor. Para mim, o Muro era algo muito estático enquanto os *Levantes* dinamizavam a pesquisa, pois estavam em constante "movimento".

A exposição de Didi-Huberman chegou à Buenos Aires em junho de 2017. Fui acompanhado de minha esposa e nos apresentamos ao filósofo que nos recebeu muito bem e ofereceu a nós dois cartas de aceite para um possível estágio doutoral de um ano na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) sob sua supervisão. Com sua carta, fomos à luta e após muitas batalhas conseguimos vencer este estágio inicial, a licença para estudar e concluir o último ano do doutorado na França.

Ao chegarmos em Paris, outras batalhas surgiram como moradia, escola para os filhos e a adaptação. Vencida esta etapa, já matriculado na EHESS, fui recebido com muito carinho pelo professor Georges Didi-Huberman e, com sua indicação, inscrevi-me nos seguintes seminários: *Soulèvements,* do próprio Didi-Huberman, *Théories des images,* com Giovanni Careri e Emanuele Coccia, e *Penser l'expérience palestinienne entre occupation, relégation et exil*, ministrado pelas professoras Hala Abou Zaki e Véronique Bontemps.

Os cursos foram ministrados com um alto nível de excelência contribuindo para a minha evolução intelectual e consequentemente para a minha tese. Tive grandes experiências e a oportunidade de conhecer diretores de filmes e documentários sobre a Palestina, além de especialistas na *Nakba*, refugiados de *Sabra e Chatila* e na questão da desumanização. Ao participar de um debate sobre um dos filmes palestinos, conheci os

diretores da Associação "Sonho de Refugiado" no campo de Chatila, que visitei em minha viagem ao Líbano. Conheci a cantora de música tradicional palestina Abeer Hamad, que também faz parte da Associação solidária franco-palestina na qual, juntos, participamos de alguns eventos e manifestações. Ela me apresentou o diretor do *Instituto do Mundo Árabe* de Paris, o senhor Mojeeb Alzahrani, que me ajudou muito ao me indicar obras para o desenvolvimento da minha tese na imensa biblioteca do Instituto, além de me oportunizar visitas gratuitas em exposições inesquecíveis em seu museu.

Durante o evento *Le mot Race*[4] na Universidade Paris 8, tive a oportunidade de conhecer o filósofo camaronês Achille Mbembe que me recebeu com muito carinho. O evento contou com figuras muito conhecidas na área nas discussões sobre racismo, gênero, feminismo e capitalismo, como a filósofa feminista decolonial Françoise Vergés e Maboula Soumahoro, pesquisadora em Estudos da Diáspora Francesa e professora de Literatura Africana. O evento contribuiu muito no desenvolvimento do capítulo quatro da tese, relativo à desumanização como parte do processo de destituição dos direitos, sobre as formas de colonização, na *biopolítica* e na *necropolítica*.

No início da escrita da tese com o tema bem definido sobre as imagens de gestos de levantes na Palestina, o muro da Cisjordânia não tinha muito espaço, mas após a publicação do livro *Désirer, Désobéir. Ce qui nous soulève I*, de Didi-Huberman, o cenário mudou. O autor conseguiu dinamizar a participação do muro na teoria dos levantes fazendo relações entre o muro do Gueto de Varsóvia, o muro das Lamentações e o muro da Cisjordânia, trabalhando conceitos psicanalíticos e analisando as obras de inúmeros autores para embasar sua teoria.

Ao realizar uma viagem para um estudo de campo no oriente médio, pude ver de perto a situação dos refugiados na periferia de Amman, capital da Jordânia. Um país que abarca não só refugiados palestinos, mas de quase todas os países árabes em que a guerra pela "liberdade e democracia" marcou sua destruição. Palestinos, iraquianos e iemenitas são a grande maioria, vivendo em campos que se transformaram em cidades ou grandes bairros na periferia da região metropolitana da capital. Verdadeiras favelas que aglomeram milhares de pessoas sem as condições mínimas de saneamento e limpeza. Na Palestina pudemos não só confirmar o *apartheid* sugerido por Mbembe, mas sentir a discriminação ao nosso lado, pois por muitas vezes, por termos somente passaporte

[4] Uma semana de debates com famosos pesquisadores em torno da palavra "raça" e da sua supressão da constituição francesa, que foi muito discutida com argumentos políticos e científicos. O evento teve por base as últimas obras de Achille Mbembe: *Sortir de la grande nuit* (2010), *Critique de la raison nègre* (2013) e *Politiques de l'inimitié* (2016).

brasileiro, fomos tratados como ocidentais "bem-vindos" à Israel enquanto víamos a maneira hostil, humilhante e discriminatória com que os palestinos eram tratados. Visitamos Ramallah, o centro administrativo da Autoridade Palestina e algumas cidades palestinas na região metropolitana, inclusive a cidade natal do meu pai, na qual pude visitar seu túmulo. Naturalmente, não poderia deixar de conhecer a mesquita de Al-Aqsa em Jerusalém Oriental. Sentimos uma parcela ínfima do perigo que os palestinos vivem diariamente ao passarmos por checkpoints e blitz nos quais soldados israelenses apontavam suas armas para os nossos filhos. No Líbano, visitamos Beirute e alguns vilarejos no Vale do Bekaa, mas nada foi tão impactante quanto nossa visita ao campo de refugiados de Chatila, palco do massacre de três mil pessoas pela falange libanesa com autorização das forças de defesa israelenses que não só testemunharam como participaram do ato. Fomos conduzidos por um dos diretores da *Associação Sonho de Refugiado*, Tarek Othman, que nos mostrou todos os lugares considerados importantes no campo, inclusive o local do massacre, e onde os mortos foram enterrados, assim como o "museu palestino", um pequeno espaço com diversos objetos palestinos e com um guia que explica que o museu existe para reforçar a esperança do retorno dos refugiados palestinos. Aproximadamente 25.000 palestinos de Chatila vivem num território de menos de um quilômetro quadrado e, apesar de já serem a terceira geração nascida no Líbano, eles não têm nacionalidade libanesa, somente um documento de identidade de refugiado palestino, que não lhes confere os direitos de cidadãos libaneses, como comprar um bem em seu nome, abrir um comércio fora do campo ou trabalhar legalmente no país. Mas o que mais nos espantou é que eles não têm nem direito a um atendimento médico adequado por não serem cidadãos libaneses. Por outro lado, vimos que o Líbano não mantém relações diplomáticas com Israel e parece haver uma grande discussão nacional acerca da condição dos refugiados palestinos.

1.1 JUSTIFICATIVA

Edward Said afirma que "a realidade é que, hoje, a Palestina não existe, exceto como uma reminiscência ou, mais fundamentalmente, como uma ideia, uma experiência política e humana e um ato de persistente vontade popular". (SAID, 1992, p. 5). Hoje percebemos que até mesmo países árabes que inicialmente reagiram e se

envolveram na Questão Palestina durante e após a Guerra Fria mostraram que esse tema tinha mais valor sendo um problema insolúvel do que resolvido.

A "história" da criação de Israel (e extinção da Palestina) em 1948 é contada pelos "vencedores", como dizia Benjamin. Todo o processo da criação do estado israelense se dá por uma montagem. Montagem historiográfica, bíblica, de discriminação, de acordos com interesses antissemitas entre as grandes potências, do sentimento cristão evangélico e do direito divino à "Terra Prometida", da falsa propaganda dos ideais sionistas, da utilização do nazismo e do holocausto como justificativa para combater o terror, do slogan "uma terra sem povo para um povo sem terra".

Neste estudo, através da montagem e da remontagem, fizemos o oposto da história contada pelos vencedores israelenses. Assim, tentamos realizar a operação de "escovar a história a contrapelo", com a utilização de narrativas e imagens. Tratamos da complexidade do tema tecendo os fios que levaram à atual situação do conflito. A montagem nos permitiu estabelecer uma relação crítica entre as imagens, que se afasta da construção de estereótipos, de "clichês do olhar" que viviam em nossos olhos e nos impediam de enxergar além. Ao contrário da história contada, a relação imagética da montagem com os fatos nos aproxima mais da "realidade" palestina.

Didi-Huberman em *Quando as imagens tocam o real*, afirma que

> A montagem será precisamente uma das respostas fundamentais a esse problema de construção da historicidade. Porque não está orientada simplesmente, a montagem escapa às teleologias, torna visíveis as sobrevivências, os anacronismos, os encontros de temporalidades contraditórias que afetam cada objeto, cada acontecimento, cada pessoa, cada gesto. Então, o historiador renuncia a contar "uma história", mas, ao fazê-lo, consegue mostrar que a história não é senão todas as complexidades do tempo, todos os estratos da arqueologia, todos os pontilhados do destino. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 212)

Falar da identidade e história palestina faz-se necessário, visto que os levantes e a resistência só existem devido a características identitárias vinculadas à origem do povo palestino. A identidade deste povo passou por diversas transformações no decorrer dos últimos cem anos, e mais profundamente após a primeira diáspora ocorrida em 1948, que teve como consequência a fundação do estado de Israel e a extinção da Palestina do mapa.

Em 1967, o restante do território foi tomado militarmente e após anos de conflito e de muitas negociações de paz fracassadas, restam sob o poder dos palestinos, sob o nome de Autoridade Nacional Palestina – ANP (السلطة الوطنية الفلسطينية - *As-Sulta Al-Wataniya Al-Filastiniya*), somente a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, que somadas não

chegam mais nem a 20% do território original da Palestina. A Faixa de Gaza é bombardeada constantemente, e a Cisjordânia ainda ocupada militarmente, mas com um governo "autônomo" que, após a ocupação de 1967 na guerra dos seis dias, teve implantada pelo governo israelense uma política de criação de assentamentos judaicos, que ultrapassou a marca de mais de 450.000 colonos israelenses instalados sob as ruínas das casas de palestinos expulsos para dar lugar aos novos moradores. Em 1987, no auge da opressão israelense, os palestinos iniciam um levante que levou o povo às ruas armados com paus e pedras, a *Primeira Intifada*. O exército israelense revidava com tiros de fuzis e metralhadoras, além dos tanques que dispersavam a multidão nas ruas. As maiores armas dos palestinos contra o fortemente armado exército de Israel foram o *estilingue*, a *funda* e os *coquetéis molotov*. Em 2000, Ariel Sharon faz uma visita a Mesquita de Al-Aqsa com soldados e seguranças provocando uma situação que acabou culminando na *Segunda Intifada,* que durou cinco anos e provocou a morte de muitos palestinos e israelenses.

Para piorar a situação, o muro construído pelo governo israelense em volta dos territórios ocupados e a destruição das oliveiras (principal fonte de renda) e dos meios de subsistência dos palestinos vêm minando as chances de paz entre as partes. A esperança do retorno dos refugiados à sua terra, da atual resistência no interior dos territórios ocupados (armada na faixa de Gaza e pacífica na Cisjordânia), e o apoio de diversas entidades israelenses e estrangeiras à resistência pacífica retoma um fio condutor à esperança de um novo acordo de paz, com o reestabelecimento de um estado palestino ou o reconhecimento dos palestinos como cidadãos de um estado binacional com todos os direitos e garantias fundamentais e a volta à paz na região, que parecem, aos olhos do Ocidente, quase impossíveis de ocorrer. Para se ter uma ideia mais geral, temos atualmente no mundo árabe populações palestinas refugiadas de sua terra natal que vivem sem documentos em países que não os reconhecem como cidadãos e sem poder ter contato com a Palestina devido à proibição do estado de Israel. O próprio território palestino não é reconhecido como Estado, as populações que habitam nestes territórios não são tratadas como cidadãos e não podem circular livremente entre as áreas.

Figura 1: Atualização do mapa da Palestina do período anterior a 1947 até 2018
Fonte: Vimeo, 2016

Nos mapas da Palestina da figura 1, podemos ver a evolução dos territórios do Estado de Israel em detrimento dos territórios palestinos que estão simplesmente desaparecendo, e, com eles, os direitos dos palestinos. A população palestina encontra-se exilada, com um bloqueio total, político, social e econômico da Faixa de Gaza, deixando a região na miséria e com uma superpopulação concentrada numa pequena região. É constante a construção de assentamentos judaicos na Cisjordânia e a subjugação dos palestinos em todo o Estado de Israel e nos territórios ocupados. As justificativas para os constantes ataques à Faixa de Gaza (2006, 2008, 2012 e 2014) são sem fundamento, pois os "terroristas" do Hamas, que controlam internamente a Faixa de Gaza, quando lançam foguetes, não atingem nada, pois o sistema de defesa israelense denominado "Domo de Ferro" destrói qualquer ameaça de mísseis ou de ataques aéreos. Segundo o escritor uruguaio Eduardo Galeano,

> São filhos da impotência os foguetes caseiros que os militantes do Hamas, encurralados em Gaza, disparam com desajeitada pontaria sobre as terras que foram palestinas e que a ocupação israelense usurpou. E o desespero, à margem da loucura suicida, é a mãe das bravatas que negam o direito à existência de Israel, gritos sem nenhuma eficácia, enquanto a muito eficaz guerra de extermínio está negando, há muitos anos, o direito à existência da Palestina. Já resta pouca Palestina. Passo a passo, Israel está apagando-a do mapa. Os colonos invadem, e atrás deles os soldados vão corrigindo a fronteira. As balas sacralizam a pilhagem, em legítima defesa. (GALEANO, 2012)[5]

[5] Texto retirado do site Carta Maior.

Galeano mostra uma visão geral da situação na Palestina: a negação dos direitos, a expropriação indiscriminada de terras, os ataques dos colonos que têm o direito de portar armas, o controle da colheita palestina e o consequente detrimento das condições de sobrevivência dos vilarejos, seguidos da construção de novos assentamentos dentro da Cisjordânia em posições estratégicas que vão limitando mais e mais o movimento dos palestinos e apagando o que resta da Palestina do mapa a cada dia que passa.

Após 70 anos sob ocupação israelense, restam apenas dezesseis por cento do território original da Palestina para reclamar como Estado independente, e ainda por cima dividido em duas regiões (Gaza e Cisjordânia) separadas por noventa e três quilômetros de território israelense e a tão requisitada Jerusalém Oriental que já foi anexada e junto a parte ocidental já foi proclamada a capital de Israel desde 2017, já reconhecida por EUA, Guatemala e atualmente pelo Brasil com a ascensão do governo de extrema direita Jair Bolsonaro.

1.2 ESTRUTURA DA TESE

Os capítulos da tese foram sendo nomeados à medida que a pesquisa e a escrita foram se desenvolvendo, tendo, é claro, a participação direta do meu orientador, que me auxiliou constantemente em todas as fases da pesquisa, inclusive durante minha estada em Paris.

O primeiro capítulo fala da etimologia da palavra levantes e de *Intifada* para desenvolver a teoria dos levantes de Georges Didi-Huberman e sua relação entre luto, levantes e desejo, as teorias sobre montagem de Sergei Eisenstein, Aby Warburg, Didi-Huberman e Walter Benjamin. Os conceitos de *Pathosformel* e *Nachleben* de Aby Warburg são trabalhados para relacionar a memória dos gestos e como eles ressurgem no contexto das imagens de gestos de levantes na Palestina. A origem dos levantes na Palestina é trabalhada de maneira a oferecer ao leitor recursos para o melhor entendimento dos conceitos trabalhados.

O segundo capítulo dedica-se às imagens propriamente ditas de gestos de levantes na Palestina, além de outras expressões de levantes, como na escrita, na ação direta, nas artes e na poesia. Relacionamos a imagem de Fadi Abu Salah biamputado na cadeira de rodas arremessando uma pedra com sua funda, com a história bíblica de Davi

e Golias, e como sugeriu Didi-Huberman "recontar a história do Davi judeu e como ele se transformou no Davi palestino". Para isso utilizamos os "Davis" nas obras de arte de Michelangelo, Caravaggio e Bernini. Também trabalhamos a ideia do levante com os elementos que o antecipam durante um funeral palestino, fazendo para isso um estudo sobre os funerais em algumas culturas e de que forma estes elementos aparecem.

No terceiro capítulo, o Muro da Cisjordânia é analisado sob a hipótese de como os israelenses (principalmente sionistas) pensam através do "emuramento" como gesto de defesa e ataque ao mesmo tempo e os efeitos implicantes na relação direta com os palestinos, assim como as consequências do muro para a população palestina. Exploramos a obra *Désirer, Désobéir. Ce qui nous soulève I* de Didi-Huberman, que sugeriu que eu retomasse o Muro depois da publicação do seu livro em março de deste ano. Segundo ele, havia muitas informações no livro que seriam muito proveitosas para conceito dos levantes, pois ele passa a ter papel ativo na questão. Ele se utiliza da psicanálise para relacionar o "emuramento" dos judeus durante o aprisionamento no Gueto de Varsóvia, na "reconquista" do Muro das Lamentações como se houvessem confirmado o poder divino (mesmo que às custas de muitas atrocidades) e na construção do Muro da Cisjordânia como forma de "defesa". Citamos o artista Banksy e suas pinturas em grafite no Muro da Cisjordânia como uma das formas de resistência.

O quarto e último capítulo trata da desumanização dos palestinos. Analisamos a forma com que o sistema de educação israelense prepara os jovens de maneira que, quando saírem do ensino médio, ingressem no exército israelense (serviço obrigatório para homens e mulheres israelenses e serviço voluntário para pessoas de origem judia de outras nacionalidades) e "saibam" que os palestinos nada mais são do que seres que só querem o seu mal, desqualificando-os como seres humanos e requalificando-os na categoria de meros camponeses ignorantes que criam seus filhos como terroristas. Através da análise de Giorgio Agamben sobre o conceito de *homo sacer* e de biopolítica, mostramos como o processo de desumanização é aplicado aos palestinos. Utilizamos os conceitos de Achille Mbembe de *necropolítica* e *necropoder* para discutir a divisão territorial e as formas possíveis de isolamento e criminalização dos palestinos, utilizando-nos de termos como *apartheid* na conjuntura da situação palestina que Mbembe afirma ser única, pois passa por um tipo de colonização que, segundo ele, não quer eliminar a vida, mas impor uma sobrevida aos palestinos. Ou seja, ele diz que a ocupação territorial como uma das formas de colonização tardo-modernas é marcada por uma população oprimida que deve se acostumar a viver numa condição permanente de "estar na dor",

mantendo-se presa ao poder político (*necropoder*) que define quem vive e quem morre e as formas com que isso deve acontecer (*necropolítica).*

Para “finalizarmos” o trabalho, mostramos que a maioria dos amputados em Gaza são consequência dos testes das “balas borboleta” das indústrias armamentistas israelenses e as empresas de segurança interna, que têm como foco o comércio de armas e a grande “vantagem” de aplicar suas invenções em tempo real, ou seja, utiliza a população da Faixa de Gaza como cobaia para testes de armamentos que serão vendidos ao exterior.

2 LEVANTES

Figura 2: Francisco de Goya, 1799, *Los caprichos*, prancha 59. Coleção Sylvie e Georges Helft
Fonte: Biblioteca Digital Mundial, 2019

O que é um Levante? Um Levante é o mesmo que uma Revolução? Ao nos debruçarmos em um estudo mais aprofundado, percebemos claramente que há grandes diferenças entre os dois termos. Não só entre estes dois, mas nos deparamos com outras palavras como insurreições, sublevações, revoltas e os levantes. Nos dicionários da língua portuguesa, as palavras são sinônimas, mas também podem ter uma relação inclusiva entre si. Segundo o Dicionário Houaiss, a palavra *Insurreição* é o ato ou efeito de insurgir(-se), de revoltar(-se) contra um poder estabelecido. *Sublevação*, por sua vez, é a ação de levantar, de se revoltar, normalmente tratada como uma rebelião individual, mas também como a não aceitação de algo, uma inquietação, uma indignação. Já a *Revolta* é uma grande perturbação, agitação ou manifestação coletiva, organizada ou não, de insubmissão contra algo ou alguma autoridade. O *Levante* é o mais curioso, pois é caracterizado pelo ato de levantar(-se); insurgir(-se) contra alguém ou algo; trata-se de

uma revolta, um motim. Ou seja, o Levante é um sinônimo dos anteriores, mas que contempla simultaneamente as características do individual e do coletivo. Em sua etimologia, o dicionário Houaiss diz que a palavra *levante* "origina-se do francês médio *levant*, particípio presente do verbo *lever*, "levantar", como em *soleil levant*, "sol nascente", através de um étimo latino do verbo *levare*, "levantar", "erguer" (*levans*)." (HOUAISS, 2009).

Mas, afinal, o que é a revolta, o que a causa? Albert Camus, em *O homem revoltado* questiona:

> Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, se ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. Um escravo, que recebeu ordens durante toda a sua vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. Qual é o significado deste "não"? Significa, por exemplo, "as coisas já duraram demais", "até aí sim; a partir daí, não"; "assim já é demais", e ainda, "há um limite que você não vai ultrapassar". Em suma, este não afirma a existência de uma fronteira. Encontra-se a mesma ideia de limite no sentimento do revoltado de que o outro "exagera", que estende o seu direito além de uma fronteira a partir da qual um outro direito o enfrenta e o delimita. (CAMUS, 2017, p. 27)

Filósofos notórios como Judith Butler, Antonio Negri, Marie-José Mondzain, Jacques Rancière e Nicole Brenez se posicionam quanto ao conceito de levantes em artigos publicados no catálogo da exposição "Levantes" de Georges Didi-Huberman[6] realizada no Sesc Pinheiros em São Paulo no período de 19 de outubro de 2017 a 28 de janeiro de 2018. Judith Butler[7], em seu artigo "Levante", dá significados à palavra em diversas línguas:

> Em alemão, "levante" é *Aufstand*, que, segundo o contexto, pode significar indignação, levante, revolta ou revolução, e que remete também à ideia de levantar-se e pôr-se de pé. Em hebraico, é *hitqomenut 'amamit* (levante popular), em geral contra uma autoridade estabelecida. Já em árabe, é *antifada*, termo visto como um tremor ou convulsão, e que caracteriza também o ato de deixar uma posição em que se está deitado, de rosto para a terra, e se sacudir para tirar a poeira e as folhas. Em francês, *soulèvement* implica também a ideia de se levantar, como se bruscamente descobríssemos ter força para isso, livrando-nos, assim, de um peso enorme que nos esmagava. (BUTLER, 2017, p. 26)

Os significados têm muito em comum, já que permeiam a indignação por aquilo que não é mais aceitável, uma sujeição que incomoda tanto que agora é algo que

[6] Georges Didi-Huberman é Professor Doutor em Antropologia das Imagens, filósofo, historiador, crítico de arte, curador e diretor de estudos da École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris.

[7] Judith Butler é filósofa norte-americana pós-estruturalista e teórica da questão do feminismo, teoria Queer, filosofia política e ética e crítica do sionismo. Atualmente é professora da Universidade da Califórnia em Berkeley.

nos perturba a tal ponto, que uma força visceral produz uma energia que quer dar um basta naquela situação, um simples gesto de levante, um NÃO!. Butler também discorre acerca das causas características que levam aos levantes, mostrando através de exemplos, quem se levanta, por que se levanta e o que tem em comum com os outros que se levantam, e o próprio levante (a luta). Ela afirma que "quem faz um levante o faz em conjunto e ao constatar um sofrimento inaceitável" (BUTLER, 2017, p. 23).

Figura 3: Palestinos nas barricadas jogando pedras, Cisjordânia ocupada
Fonte: The Comentator, 2014

A teoria de Judith Butler de que os levantes acontecem em coletividade, a partir das individualidades comuns converge para o que o filósofo italiano Antonio Negri[8] afirma em seu texto *O acontecimento 'Levante'*, também no catálogo da mesma exposição. Para o filósofo, os levantes não passam de aventuras, coletivas, mas aventuras, ou seja, algo passageiro e que também fracassa, e que não existem individualizados. Na ideia do fracasso de um levante, Butler se apropria de situações que encaixam em sua teoria e na de Didi-Huberman, como a percepção de que, se um acontecimento chegou a ser chamado de *levante*, então ele certamente fracassou, pois para Didi-Huberman a maioria dos levantes se dá nas barricadas, na tentativa de se opor a algo que os oprime, normalmente de forma desorganizada, sem força para derrubar o poder que os sujeita, em que pessoas morrem e o levante geralmente fracassa.

[8] Antonio Negri é um filósofo italiano marxista, tradutor da Filosofia do Direito de Hegel, especialista em Descartes, Kant, Espinosa, Leopardi, Marx e Dilthey. Negri tornou-se conhecido no meio universitário principalmente por seu trabalho sobre Espinosa, e é citado em diversas obras de Didi-Huberman.

2.1 SOULÈVEMENTS

Figura 4 - Bandeira erguida pelo movimento dos trabalhadores sem teto (MTST) no Brasil, contra a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2018.
Fonte: Revista ISTOÉ, 2018

O braço erguido na figura acima é o símbolo do Movimento dos trabalhadores sem teto (MTST) no Brasil. A liderança do movimento, revoltada com a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, realizou um protesto invadindo o apartamento do qual Lula foi acusado de ser proprietário, sem provas concretas do fato. O gesto da mão levantada na bandeira neste ato queria mostrar o descontentamento por conta da clara injustiça que estava ocorrendo naquele momento.

O dicionário da língua francesa, *Le Robert*, traz a palavra *Soulèvements* como *fait de soulever, d'être soulevé; revolte massive.* e o verbo *Soulever*, por sua vez, tem vários significados, dentre eles: *Lever à une faible hauteur; relever; faire de s'élever.* (Le Robert, 2018, p. 657).

Segundo o dicionário Michaelis Francês-Português online, a palavra *Soulèvements* significa em português levantamento; levante. E o verbo *Soulever* como erguer, levantar, insurgir, suscitar, transportar, exaltar, animar (alguém) com sentimentos hostis, excitar à revolta. (https://michaelis.uol.com.br/escolar-frances/busca/frances-portugues/).

A pesquisa sobre *soulèvements* (traduzida no Brasil como *Levantes*) teve início quando Georges Didi-Huberman realizava um estudo sobre as *lamentações* e se deparou com uma ligação entre o luto, os gestos e os levantes. A partir de então direciona seus esforços para tentar compreender a origem dos levantes, alterando sua posição em relação ao estudo das imagens e convocando agora uma arqueologia política das imagens que permeiam os levantes. Em um dado momento, enquanto fazia reflexões acerca dos gestos em duas gravuras de Goya das coleções "Los Desastres de La Guerra"[9] e de "Los Caprichos"[10] e sobre as representações da revolta em Sergei Eisenstein, mais especificamente em sua obra cinematográfica "O Encouraçado Potemkin", Didi-Huberman inicia uma pesquisa com uma tendência mais voltada para a posição política das imagens em gestos de levantes e suas causas, utilizando-se de teorias da história da arte, da filosofia e da psicanálise, a partir das quais desenvolveu uma teoria das imagens mais direcionada à posição política dos gestos de levantes, relativizando a "potência política" destas imagens.

Após desenvolver o seminário *Soulèvements* na École des Hautes Études en Sciences Sociales – EHESS, em Paris, Georges Didi-Huberman aceita o convite de Marta Gili, na época, diretora da Galeria Nacional *Jeu de Paume*[11], também em Paris, para realizar uma exposição sobre os elementos e as evidências dos levantes, no período de 18 de outubro de 2016 a 15 de janeiro de 2017. Segundo Didi-Huberman, a exposição também chamada *Soulèvements* é uma declaração sobre a evolução política e emoções coletivas que envolvem movimentos de massas em luta. Trata-se de algum tipo de agitação social, um movimento político, podendo ser organizado ou não, de insubmissão contra algo que queremos mudar, normalmente imposto pelos que mantêm o poder. Em cada exposição, Didi-Huberman também utiliza obras com eventos de levantes locais. Entre elas, encontram-se fotos, discursos, pinturas, gravuras, filmes, documentários e documentos que foram usados para mostrar momentos de instabilidade social como manifestações coletivas, insurreições, rebeliões, levantes com grande perturbação das

[9] Estas gravuras, feitas entre 1810 e 1820 por Francisco de Goya, testemunham a atrocidade do período após a invasão da Espanha pelas tropas napoleônicas.

[10] Série de 80 gravuras do pintor espanhol que representam uma sátira da sociedade espanhola do fim do século XVIII, sobretudo da nobreza e do clero.

[11] A Galeria Nacional *Jeu de Paume* é um local histórico dedicado a divulgar a imagem e localiza-se no Jardin des Tuileries, em frente ao Museu do Louvre, na Place de la Concorde, em Paris. Uma instituição cultural icônica, centro de arte e ponto de referência para a divulgação da imagem dos séculos XX e XXI (fotografia, cinema, vídeo, instalação, net art ...), o Jeu de Paume tem como objetivo produzir ou co-produzir exposições além de ciclos de cinema, colóquios, seminários, atividades educativas ou publicações. Fonte: http://www.jeudepaume.org/

massas. Entre estas manifestações, encontram-se também alegorias que Didi-Huberman considera como algum tipo de sinal de levante, como por exemplo lençóis esvoaçantes ao ar livre, leite derramado após um punho fechado provocar ondas no copo ao bater na mesa onde ele se encontra.

Didi-Huberman afirma em sua primeira aula no seminário *Soulèvements* que:

> Se considerarmos que a obscuridade reina sem limite, sem alternativa, então não há nada mais a esperar. Existe uma palavra que compreende isto, que é a submissão. E se nos submetermos ao obscurantismo, nós obedeceremos à submissão. Isto é a Pulsão de morte, ou melhor, é a morte do desejo. (DIDI-HUBERMAN, 2016)[12]

A pulsão de vida, de liberdade, o renascimento do desejo, vem exatamente do oposto; é quando não nos submetemos ao obscurantismo e passamos a reagir à submissão, à opressão. No artigo publicado no catálogo da exposição *Levantes* "*Um levante pode esconder outro"*, Jacques Rancière[13], ao analisar a obra de Eisenstein, O *Encouraçado Potenkin,* e suas intenções ao produzir o filme, afirma que "o artista que organiza as imagens do levante popular para sublevar as emoções do público sabe muito bem que nas telas dos cinemas, como nas paredes dos museus, não há emoções. São só imagens. E imagens não fazem levantes." (RANCIÈRE, 2017, p. 70). Jacques Rancière discorda da posição de Didi-Huberman em expor os Levantes, pois, segundo ele, esse ato não levará as pessoas a se levantarem após verem a exposição. Entretanto, Didi-Huberman afirma em suas palestras e entrevistas que não é essa a intenção, pois o que importa é provocar algo no espectador, algo que o faça pensar, refletir sobre sua condição atual e dos que estão ao seu redor, nada mais.

Após a exposição em Paris, *Soulèvements* passou pelo Museu Nacional de Arte da Catalunha em Barcelona, de fevereiro a maio de 2017 com o nome de *Insurrecciones*; pelo Museu da Universidade Nacional Três de Fevereiro (MUNTREF), na cidade de Buenos Aires, de junho a agosto de 2017, intitulada *Sublevaciones*, lugar em que conheci pessoalmente o Prof. Georges Didi-Huberman. Em seguida, a exposição foi exibida no SESC Pinheiros em São Paulo, de outubro de 2017 a janeiro de 2018 e foi designada como *Levantes*; de São Paulo partiu para o Museu Universitário de Arte Contemporânea (MUAC) da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), na

[12] Texto extraído de uma aula durante o curso *Soulèvements* disponível no site Vimeo.

[13] Jacques Rancière é um filósofo francês, professor da European Graduate School de Saas-Fee e professor emérito da Universidade Paris VIII. Sua principal área de atuação é nas áreas de estética e política. Sua obra de referência é *A Partilha do Sensível*.

cidade do México e permaneceu de fevereiro a junho de 2018; e por fim foi exibida na Universidade de Québec (UQAM) e na Cinémathèque Québécoise, em Montreal, no Canadá de setembro a novembro de 2018 sob o nome de *Soulévements – Uprisings*.

Em cada país que passou, o curador se preocupou em manter o título adaptado a cada região se aproximando ao máximo possível do significado do título original em francês. Além disso, cabe ressaltar que em cada uma das exibições, *Soulèvements* foi parcialmente reformulada adaptando-se ao local por onde passava também utilizando obras de artistas locais e levantes ocorridos no país.

2.2 MONTAGEM, DESMONTAGEM E REMONTAGEM

"Ler o que nunca foi escrito"[14]. É através desta frase de Walter Benjamin que queremos analisar as imagens, procurar o conhecimento ainda desconhecido, e enxergar além das imagens, e para isso devemos transpor uma barreira. Como nossa memória está "permeada" com o nosso posicionamento, o conhecimento já adquirido nos empurra para um lado e nossa mente posiciona-se, mas sempre para o mesmo lugar. Por isso, para saber é necessário afastar-se do conflito para poder enxergar de forma mais imparcial, mas manter-se próximo ao mesmo tempo. Didi-Huberman afirma que:

> Para saber é preciso, pois, manter-se em dois espaços e em duas temporalidades ao mesmo tempo. É preciso "implicar-se", aceitar entrar, afrontar, ir ao coração, não bordejar, decidir. É preciso também – porque o ato de decidir acarreta isto – "afastar-se" violentamente do conflito, ou então ligeiramente, como o pintor quando se afasta de sua tela para saber em que ponto está seu trabalho. Não se sabe nada na imersão pura, no "em si", no terreno do "perto demais". Não se saberá nada, tampouco, na abstração pura, na transcendência altiva, no céu do "longe demais". Para saber é preciso tomar posição, o que supõe mover-se, e constantemente assumir a responsabilidade de tal movimento. Esse movimento tanto é "aproximação" quanto "afastamento": aproximação como reserva, afastamento como desejo. (DIDI-HUBERMAN, 2017a, p. 17)

Entretanto, ao nos afastarmos, não podemos nos descuidar e esquecer nossa origem palestina e a memória cultural adquirida em decorrência dessa origem, pois, de certa forma, ela irá ajudar a compreender melhor o conflito. Ao mesmo tempo, ao nos

[14] "O método histórico é um método filológico, e assenta sobre o livro da vida. Hoffmannsthal fala de 'Ler o que nunca foi escrito'. O leitor que assim lê é o verdadeiro historiador" (BENJAMIN, 2012, p. 118)

aproximarmos, devemos tomar o cuidado de não nos cegarmos com o excesso de proximidade, o que poderá nos levar a imersão e nos fazer aceitar o exposto do jeito que está, sem um olhar crítico. Devemos nos mover e tomar posição, sabendo que a cada movimento nossa percepção poderá ser diferente e o saber discorrerá em seu devido tempo, de acordo com a tomada de posição.

Mais ainda, o saber por imagens torna-se mais perceptível ao remontarmos as imagens e, de todas as novas formas possíveis de montagens, poderá surgir uma associação que acione algum dispositivo na memória, que de algum modo constitui uma abertura em nosso olhar, o acesso a um conhecimento inteligível antes não acessado. Para Didi-Huberman:

> As imagens não nos dizem nada, nos mentem ou permanecem obscuras enquanto não nos damos ao trabalho de *lê-las*, isto é, de analisá-las, decompô-las, remonta-las, interpretá-las, distanciá-las dos "clichês linguísticos" que elas suscitam enquanto "clichês visuais". Por isso devemos recortar, remontar, recompor e ressignificar para não cairmos no clichê. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 37)

Para "ler" as imagens e analisá-las, realizamos o processo de desmontagem e remontagem, decompondo aquilo que já estava pronto e colocado como uma única verdade, uma única posição, um *clichê*. Recompor é um trabalho árduo e a ressignificação ocorrerá com a tomada de posição. Assim, o estereótipo desaparecerá e dará lugar a algo novo, privado da "ignorância" que antes pairava entre o olhar e a imagem.

No processo de montagem feito por remontagem, percebemos alguns sintomas e relações entre os acontecimentos. Política e estética aparecem e reaparecem em momentos diferentes e se cruzam em partes do processo de montagem, revelando o improvável. Desmontamos as imagens e desconstruímos a ideia da sequência temporal, do tempo linear incrustado nelas, e as remontamos colocando-as não de qualquer forma, mas com uma relação aleatoriamente possível, heterogênea e anacrônica; relação que segundo Walter Benjamin, dá-se na ordem das configurações *sensíveis*. São semelhanças inverificáveis, mas que passam por uma escolha que não se dá ao acaso, mas que, no embaralhar das imagens, algo surge na esfera do conhecimento inteligível e surgem relações, ou seja, após o processo de desmontagem e remontagem, as imagens que antes não tinham semelhança alguma, passam a dialogar entre si.

Didi-Huberman vai mais além em sua teoria sobre montagens. Ele diz que o trabalho de montagem não termina com uma montagem, pois, ao trocarmos a ordem dos elementos de uma montagem, poderemos gerar uma nova ordem ao pensamento e

conseguirmos novas relações possíveis. Ou seja, é um trabalho infinitamente aberto. O filósofo afirma que "O trabalho de montagem é sempre suscetível de um recomeço; por conseguinte, é visualmente aberto. Os mesmos materiais montados de formas diferentes possibilitam novos recursos para o pensamento." (DIDI-HUBERMAN, 2010, p.146)

Figura 5: Fotograma do filme *O Encouraçado Potemkin*, 1925
Fonte: Youtube, 2018

O cineasta Sergei Eisenstein[15], um grande pensador do cinema, consolidou o seu nome na história da montagem ao teorizar a linguagem das imagens em movimento e sua teoria sobre montagem. Eisenstein não concordava com a ideia de que o cinema deveria ter a função restrita de documentar e reproduzir a "realidade". O pensamento dele era anacrônico, chegando também a beirar o surreal. O tempo dele não era organizado e tampouco linear, pois em muitas de suas produções as imagens sugeriam uma história descontínua e atemporal. Utilizava cenários, figurinos e outros elementos que neutralizavam a ideia de "realismo". Ele decompunha a "realidade" em blocos ou

[15] Sergei Mikhailovich Eisenstein foi professor, pensador do cinema e um dos nomes fundamentais na consolidação da linguagem das imagens em movimento. Em 1925 produziu "O Encouraçado Potemkin", um dos filmes mais importantes da história do cinema.

unidades, e foi através desse formato de produção que foram surgindo suas teorias sobre as cores e os sons no cinema. Para ele, tais elementos, dependendo da montagem da cena, poderiam ter diversos significados. Utilizou-se de um novo conceito de montagem para explicar que estes significados se dariam somente com a variedade das combinações de planos que seriam vistos de uma forma que atingiriam a mente de cada espectador de maneira direta.

> [...] para conseguir seu resultado, uma obra de arte dirige toda a sutileza de seus métodos para o processo. Uma obra de arte, entendida dinamicamente, é apenas este processo de organizar imagens no sentimento e na mente do espectador. [...] Por exemplo, a interpretação realista de um ator é constituída não por sua representação da cópia dos resultados de sentimentos, mas por sua capacidade de fazer estes sentimentos surgirem, se desenvolverem, se transformarem em outros sentimentos – viverem diante do espectador. Deste modo, a imagem de uma cena, de uma sequência, de uma criação completa, não existe como algo fixo e já pronto. Precisa surgir, revelar-se diante dos sentidos do espectador. [...] no método real de criação de imagens, uma obra de arte deve reproduzir o processo pelo qual, na própria vida, novas imagens são formadas na consciência e nos sentimentos humanos. (EISENSTEIN: 2002a, p. 21)

A montagem para ele era o que dava sentido a uma produção cinematográfica, e, segundo o cineasta, tanto o cinema como a arte deveriam se afastar das tentativas (fracassadas) de se aproximarem do realismo que não expressam, de forma alguma, ideias e sentimentos. O ideal para ele era a construção intelectual, obtida pela representação através do processo de montagem e que deve produzir ao máximo um efeito sobre o espectador, contando com as imperfeições das irregularidades e do inacabado, ou seja, a montagem é capaz de agir no espectador de maneira que este fará parte da montagem elaborada e, que segundo Eisenstein, dará partida em um processo intelectual que continuará a partir das montagens oferecidas. Seu trabalho de montagem e remontagem foi tão extenso que sua teoria é a base da teoria atual do cinema.

Eisenstein escreveu sobre montagem por mais de vinte e sete anos e foi alterando suas concepções nas suas teorias da montagem. No início dos anos 1920, ele utilizava um método que chamava de montagem ideológica ou intelectual e que consistia em uma montagem de justaposição de imagens, com a qual o idealizador aproxima imagens e a partir delas revela pontos de vista ou algum sentimento ideológico aos espectadores. Os planos justapostos evidenciavam algo que não existia nos dois planos isolados. Ele aplicou sua teoria no filme *A Greve* de 1924, no qual se utilizou de metáforas e narrativas para demonstrar sua posição política. Os modelos justapostos aos cenários realistas fazem um paralelo entre os operários fuzilados e animais degolados. Elementos

como objetos diversos e elementos da natureza estão espalhados pelo filme. Mas Eisenstein tratava essa montagem com uma sutileza tal que mantinha a intenção geral do filme:

> Passo a passo, por um processo de comparar cada nova imagem com a denotação comum, o poder é acumulado atrás de um processo que pode ser formalmente identificado com o da dedução lógica. A decisão de liberar estas idéias, assim como o método usado, já é concebido *intelectualmente*. A convencional forma *descritiva* do cinema leva à possibilidade formal de uma espécie de raciocínio cinematográfico. Enquanto dirige as *emoções*, o filme convencional propicia uma oportunidade de estimular e dirigir todo o *processo de pensamento*. [...] Não tentaria negar que *esta forma é mais adequada à expressão de teses ideologicamente intencionais*, mas lamento que os críticos tenham desprezado completamente as potencialidades puramente fílmicas desta abordagem. (EISENSTEIN, 2002c, p. 69)

Eisenstein trabalhou a montagem com as características que já existiam no filme *O Encouraçado Potemkin*, de 1925, conservando os diálogos na tela, as imagens em preto-e-branco e a uma trilha sonora sem interrupções com altos e baixos dependendo do clima da cena, enfatizando dramatização e agito nos momentos oportunos. A montagem deste filme revolucionou o que já existia na época, com atuações exageradas, na escadaria destacando o drama das pessoas ao ver seus entes queridos em perigo de morte durante o massacre na escadaria de Odessa. Detalhes como a fotografia sombria para refletir os abusos que os marinheiros passavam nas mãos dos oficiais. Há cenas que alternam entre closes e planos gerais criando cenas como a das pessoas se deslocando até o porto. Eisenstein se apropria de suas teorias na prática da montagem do filme, como durante o motim dos marujos no navio que apresenta um padre seguido de uma imagem de uma cruz, seguindo sua tese da necessidade da complementação do sentido da imagem anterior com a imagem seguinte. A história do Encouraçado Potemkin é baseada numa história real e que fez parte da construção do socialismo vigente na época do filme. Através da montagem, a obra exprime a opressão e a reação das pessoas a essa opressão, evidenciando os sentimentos relativos aos movimentos sociais e políticos da época. Assim, ele constrói cenas que vão direcionando os sentidos dos espectadores contra a hegemonia patronal.

Não há registros de nenhum trabalho em conjunto ou de algum encontro entre Sergei Eisenstein e o historiador de arte Aby Warburg, mas os dois tinham muito em comum em suas teorias e eram contemporâneos.

Figura 6: Pranchas do Atlas Mnemosyne, Instituto Warburg, Londres.
Fonte: Atlas Mnemosyne

Aby Warburg, historiador da arte nascido em 1866, começou a produzir em 1924 um fantástico trabalho de montagens que denominou de *Atlas Mnemosyne*, uma coleção de imagens fotográficas divididas em pranchas. Warburg utilizou grampos para fixar as reproduções fotográficas em painéis forrados com um tecido preto. Em sua última versão do *Atlas Mnemosyne* em 1929, ano do seu falecimento, havia mil imagens divididas em 63 painéis (foram numerados até 79, mas havia mais de um em cada painel e haviam saltos como do painel 8 ao 20) dispostos de maneira que todas as imagens se encontravam totalmente visíveis.

Segundo Warburg, em seu texto "Introdução à *Mnemosyne*" de 1929,

> O *Atlas Mnemosyne* pretende, com seu material de imagens, ilustrar esse processo, que se poderia designar como uma tentativa de introjeção na alma dos valores expressivos pré-formados na representação da vida em movimento. A *Mnemosyne*, com seu alicerce de imagens (caracterizadas no *Atlas* por meio de reproduções), a princípio pretende ser apenas um inventário das pré-formações de inspiração antiga que verificadamente influenciaram a representação da vida em movimento na época do Renascimento, contribuindo assim para a formação do estilo. (WARBURG, 2015, p. 365)

Didi-Huberman aprofunda seus estudos na obra de Warburg, e afirma em seu livro "Atlas ou o gaio saber inquieto" que o *Atlas Mnemosyne* constitui uma herança *estética,* pois ele introduz uma nova forma de disposição das imagens entre elas próprias e uma herança *epistêmica*, já que ele inaugura um novo gênero de saber ao pensar naqueles painéis móveis e na forma de sua montagem que encontram-se repletas de anacronismos e sobrevivências. De acordo com Didi-Huberman,

> O atlas warburguiano é um objeto pensado como uma aposta. É a aposta que as imagens, unidas de um certo modo, nos ofereceriam a possibilidade – ou melhor, o *recurso* inesgotável – de uma releitura do mundo. Reler o mundo: ligar diferentemente os fragmentos desiguais, redistribuir a disseminação, meio de orientá-lo e de interpretá-lo, certamente, mas também de respeitá-lo, de remontá-lo sem acreditar resumi-lo nem esgotá-lo. Mas como isso é possível na prática? (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 26)

Com esse questionamento, Didi-Huberman abre as portas para pensarmos que, em um painel de imagens, por mais que as disposições destas sejam limitadas, a cada remontagem teremos uma inesgotável quantidade de interpretações. Segundo o filósofo, sempre há a possibilidade de uma nova releitura. No atlas, há intrinsecamente, "relações íntimas e secretas" que se configuram com correspondências entre as coisas ou as imagens. Relações e analogias em cada detalhe singular da "imagem em movimento", um intento de Warburg não concluído, que estava oculto, mas que conseguiu transmitir sua mensagem através dos tempos. Montagem, desmontagem e remontagem, um trabalho árduo que o historiador da arte inventou para relacionar o que com palavras não era possível. Contar a história através das imagens e suas possíveis relações, a história que não foi contada.

O filósofo, ensaísta, crítico literário, tradutor e sociólogo judeu alemão Walter Benjamin, colecionava rastros do passado que transpusessem o tempo linear e elucidassem questões do seu tempo. O princípio da montagem em Benjamin surge assim. A partir da ideia de pensar no presente como índice de uma reminiscência do passado, que de alguma forma ressignifica o presente. O filósofo contrasta as temporalidades e diz que o passado se reconfigura no presente trazendo à tona novos conhecimentos. Sua teoria propõe uma interpretação para o materialismo histórico que não concorda com o conceito da história tradicional, em que o tempo tem um progresso linear. Para Benjamin, a história é repleta de rupturas e o tempo, inerente aos fatos, é descontínuo e não progressivo.

Outro ponto de relevância na teoria de Benjamin é a crítica aos historiadores positivistas que denotam claramente uma empatia com os vencedores, em sua maioria com uma narrativa dos dominadores sobre dominados. Sua frase mais famosa e que permanece através dos tempos é a de que devemos "escovar a história a contrapelo" para revelar o que se encontra oculto por baixo da superfície, nas profundezas, deixando rastros do passado que fervilham no presente. Estes rastros permaneceram nas profundezas sem fazer parte da história contada, emergindo em um momento do presente, ressignificados. É desta forma que Benjamin trabalha a montagem literária,

> Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os. (BENJAMIN, fragmento [N 1a, 8], 2018, p. 502)

O maior trabalho de Benjamin sem dúvida é a sua obra inacabada *Passagens*, que constitui um conjunto de textos, comentários, citações e fragmentos manuscritos que foi encontrado na Biblioteca Nacional de Paris logo após o final da Segunda Guerra Mundial, mas que somente foi publicado em 1982 por Tiedemann, um discípulo de Theodor Adorno. Trata-se de um conjunto de textos que se relacionam a um projeto ainda maior, um livro sobre a modernidade, no qual ele monta uma constelação que ilumina o presente na Paris do século XIX. Ao que parece, Benjamin sempre abria novo arquivo quando surgia um novo tema que exigia ser tratado. Segundo o organizador da última versão das Passagens em português (2018), a obra é considerada "uma das obras historiográficas mais significativas do nosso tempo" (WILLI BOLLE, 2018)[16]. *Passagens* mostra Paris, a "capital do século XIX", com imensas galerias comerciais que Benjamin trata como "arquipaisagem do consumo", uma história da modernidade com figuras do cotidiano parisiense e pequenas citações que tratam desde a luta de classes, da moda, da técnica e da mídia. Mais de 4.500 passagens constituem o texto que ajuda a compreender o presente na metrópole moderna.

Uma montagem citada por ele mesmo como um "trabalho de desenvolver ao máximo a arte de citar sem usar aspas. Sua teoria está intimamente ligada à montagem" (BENJAMIN, 2018, p. 500). As notas foram organizadas através de montagens com um foco nas imagens e sua conturbada problemática diante do tempo. Segundo Benjamin, "Não é preciso dizer que o passado esclarece o presente ou que o presente esclarece o passado. Uma imagem, pelo contrário, é aquilo em que o Outrora encontra o Agora num relâmpago para formar uma constelação" (BENJAMIN, 2018, p. 504).

Walter Benjamin se destacou também ao analisar a *legibilidade* dos textos e das imagens. Conforme Didi-Huberman,

> Ninguém melhor que Walter Benjamin expôs o risco – e a riqueza – dessa ambivalência. Ninguém melhor articulou a "legibilidade" (*Lesbarkeit*) do mundo com as condições imanentes, fenomenológicas ou históricas da "visibilidade" (*Anschaulichkeit*) das coisas, antecipando a obra monumental de Hans Blumenberg sobre esse problema. Ninguém melhor liberou a leitura do modelo puramente linguístico, retórico ou argumentativo que se lhe associa geralmente. *Ler o mundo* é algo extremamente fundamental que não se pode confiar unicamente aos livros ou se confinar neles: pois ler o mundo é também

[16] Sinopse do livro *Passagens* de Walter Benjamin.

> *reatar as coisas do mundo* segundo suas "relações íntimas e secretas", suas "correspondências" e suas "analogias". (DIDI-HUBERMAN, 2018, p. 21-22)

As correspondências e analogias são percebidas não somente nas imagens, mas também em toda a leitura. O sentido dado pelas palavras de um texto forma uma constelação que também pode fazer surgir como um relampejo, as relações de semelhança entre as coisas intrínsecas no texto.

Assim como Warburg, Walter Benjamin revela as imagens de um modo anacrônico. Mais ainda, a imagem marca um encontro dos tempos. Segundo o filósofo, "articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo" (BENJAMIN, 2012, p. 224). Benjamin vê a imagem do passado como um relampejo, algo que se movimenta, que rasteja através dos tempos e que se manifesta como uma reminiscência emergindo a partir de nossas experiências no presente.

Através das teorias que fluem com as experiências de Warburg, Eisenstein e Benjamin, mediadas pelo filósofo Georges Didi-Huberman, que pretendemos trabalhar com as imagens de Gestos de Levantes na Palestina.

2.3 DIDI-HUBERMAN E AS IMAGENS DE GESTOS DE LEVANTES

Em sua exposição, Didi-Huberman nos dá a ideia de um movimento, algo para causar alguma coisa no espectador. A cada vez que vemos algum vídeo da exposição, fazemos uma leitura diferente, pois a percebemos de uma maneira diferente, causando ou ao menos pretendendo causar, algum tipo de comoção (ou reação) em quem assiste. O curador pensou na exposição como uma narrativa dividida em cinco etapas: *Elementos*, *Gestos*, *Palavras*, *Conflitos* e *Desejos*. Não são como categorias pelas quais o espectador vai de uma para outra, mas uma narrativa que leva de uma história para outra. Para que fique mais claro aos espectadores, o curador as descreve no primeiro catálogo da exposição em São Paulo:

> A exposição tem diferentes formas onde tudo pode aparecer. São imagens de todos os tempos, desde Goya até hoje, de todo tipo: pinturas, desenhos ou esculturas, filmes ou fotografias, vídeos, instalações e documentos dialogam por diferentes épocas. Elas se apresentam em uma narrativa onde ocorrem

> *elementos desencadeados*, quando a energia da rejeição se apodera do espaço inteiro; *gestos intensos*, quando os corpos sabem dizer *NÃO!*; *palavras exclamadas*, quando a palavra apresenta denúncia diante do tribunal da história; *conflitos inflamados*, quando se levantam as barricadas e a violência se torna inevitável; finalmente, existem *desejos indestrutíveis*, quando a potência das insurreições consegue sobreviver muito além da sua repressão ou do seu desaparecimento. Cada vez que se levanta um muro, haverá sempre "insurgentes" para saltá-lo, ou seja, atravessar as fronteiras. Ainda que seja apenas na imaginação. Como se inventar imagens contribuísse – umas vezes modestamente, outras poderosamente – para reinventar nossas esperanças políticas. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 28)

Inspiramo-nos nesta posição do filósofo para realizarmos este trabalho, pois identificamos diversas características comuns desta exposição ao estudo dos levantes que ocorrem na Palestina desde 1929, a primeira grande manifestação na Palestina contra a iniciada ocupação sionista. Foi quando os palestinos perceberam que o que estava acontecendo em seu território era realmente uma invasão sionista e, para agravar ainda mais as tensões, eles constataram que era com a anuência do Mandato Britânico[17] que já havia prometido aos palestinos a garantia de que não perderiam suas terras e seus direitos. Utilizamos a ideia de Didi-Huberman na qual ele analisa a concepção de luto de Freud e a relaciona com o nascer de um levante. A partir do fim do luto, em que a dor pela perda do ente querido começa a cessar, inicia-se um clamor por justiça contra quem ou o que causou essa perda. Segundo Didi-Huberman, Freud dizia em seu ensaio *Metapsicologia*, sobre o luto e a melancolia, que "não se pode trazer de volta a mãe morta, mas eventualmente, pode-se levantar contra certas circunstâncias do mundo que a mataram." (DIDI-HUBERMAN, 2017)[18]. Freud também nos concebe uma relação ligada à memória, a da *Indestrutibilidade do desejo*, conectada à hipótese de Didi-Huberman de que mesmo com o fracasso de um levante, o desejo permanece.

Em sua hipótese inicial, Didi-Huberman relaciona Freud com os Levantes a partir do seu livro *Interpretação dos sonhos*, de 1900. Nesta obra, Freud realiza uma abordagem mais científica no estudo dos sonhos, contrapondo-se ao misticismo que anteriormente envolvia o assunto, cuja hipótese inicial afirmava que o sonho era uma previsão do futuro, e que em seus estudos concluiu que se tratava da realização do desejo infantil recalcado. A isso Freud conecta a ideia da *Indestrutibilidade do Desejo:* "O desejo indestrutível modela o presente à imagem do passado, (...), produzindo sempre retroativamente os mesmos efeitos." (FREUD, 1900), e este desejo ficaria intacto no

[17] Informações retiradas do livro *A revolta de 1936-1939 na Palestina* do escritor Ghassan Kanafani (1936-1972) publicado no Brasil em 2015 pela editora Sundermann.

[18] Extraído de aula do seminário *Soulèvements*, disponível no site Vimeo.

inconsciente, ou seja, nada se apaga do inconsciente definitivamente, porque alguma coisa do passado ainda tem efeito sobre o desejo no presente.

Ao relacionar os sonhos e o inconsciente em suas pesquisas, Freud conclui que o sonho é produzido a partir de estímulos externos ou que provêm de resultados de estímulos internos, estreitando a relação entre sonho e inconsciente, apresentando o sonho como realização dos desejos inconscientes que aparecem "disfarçados" no sonho e que parecem irreconhecíveis, mas que na verdade eles estão lá, em algum lugar do inconsciente e têm origem no recalque do desejo infantil. Freud afirma que o sonhador se projeta para o futuro, ao mesmo tempo se ligando a uma imagem do passado, relacionando a memória à indestrutibilidade do desejo. Didi-Huberman faz uma analogia entre o sonhador e aquele que se levanta e também se projeta para o futuro, mas a partir de um presente, operando-se aí a ideia da indestrutibilidade do desejo, "que fará com que, em plena obscuridade, procuremos apesar de tudo, uma pequena luz, por menor que ela seja" (DIDI-HUBERMAN, 2017)[19]. Este jamais poderá ser satisfeito, pois sempre haverá uma lacuna a ser preenchida já que não há algo específico que o satisfaça, fazendo assim com que sempre retorne, mas com alguma diferença, já que é isto que o torna indestrutível.

Ele analisa o sintoma e relaciona-o à memória e ao desejo,

> É preciso sempre ver o desejo em ação. Quando há desejo, há memória; quando há memória, há recalque; quando há recalque, há conflito; quando há conflito, há sintoma. O mundo das imagens é um enorme campo de batalha subterrâneo. Por cima, vemos a beleza, que é muito importante. Mas, na verdade, a beleza não é nada repousante. (DIDI-HUBERMAN, 2017)

As imagens estão irrefutavelmente repletas de questionamentos, singularidades e conflitos. Com isso, o teórico nos coloca frente à concepção de memória e desejo e suas relações com o sintoma, que veremos mais adiante. Para Didi-Huberman, a psicanálise tem um papel extremamente importante, pois é através dela que o filósofo estuda as imagens de arte não como biografias dos seus autores, mas mais precisamente a ideia da consciência ao produzir uma imagem de arte. Ele relaciona as teorias e conclusões de Freud acerca da existência de uma memória no inconsciente e que, quando analisada do ponto de vista da própria história da arte, as imagens produzidas mostram que há contradições ao nível do consciente. Ou seja, a influência da psicanálise faz-nos perceber o que há por trás da beleza produzida:

[19] *Id. Ibid.*

> Há o desejo, a morte, a crueldade, o mal, a doença. É o avesso, a outra face da moeda. Você tem, por exemplo, dois modos de ver Botticelli: ou você vê a primavera, a Vênus, tudo isso é muito lindo; ou vai um pouco mais longe e lembra que o nascimento da deusa é uma história aterrorizante. O sexo de um deus que foi cortado e cai no mar, com sangue e esperma. (DIDI-HUBERMAN, 2017)[20]

O filósofo utiliza a psicanálise através do conceito de *sintoma* presente na arte a partir do conceito de *choque* em Walter Benjamin para atualizar a imagem em toda a sua potência revolucionária, chegando a esse conceito intimamente ligado à concepção de história da arte e ao anacronismo das imagens. Para Didi-Huberman, qualquer imagem, mesmo que aparentemente superficial e simples, sem profundidade, carrega uma inquietação, uma capacidade de quebrar o curso normal dos acontecimentos. Ele nos instiga a refletir sobre o tempo e a independência da imagem em relação a ele, desvinculando-o do curso da história temporal que conhecemos. Assim, "as imagens são potentes e capazes de exigir um trabalho crucial da memória, produzindo uma incessante reconfiguração do passado" (DIDI-HUBERMAN, 1998, p. 176-177). Em uma mesma imagem, vários tempos interagem, e o *sintoma* aparece como uma aparição que interrompe o curso normal das coisas, fazendo com que escape à observação comum. Segundo o filósofo,

> O sintoma é um acontecimento crítico, uma singularidade, uma intrusão, mas é, ao mesmo tempo, a aplicação prática de uma estrutura significante, um sistema que o acontecimento tem como função fazer surgir, mas parcialmente, contraditoriamente, de modo que o sentido emerja somente como enigma ou fenômeno-indício, não como um conjunto estável de significados." (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 329-330)

A partir de sua definição do sintoma, percebemos que sua frase célebre "Diante da imagem estamos sempre diante do tempo" nos remete a um campo de forças carregado de tempo anacrônico e aproxima este conceito com a teoria do historiador da arte Aby Warburg, que formulou os conceitos de *Pathosformel* e *Nachleben.* A *Pathosformel* para dar conta da sobrevivência dos gestos na longa duração das culturas humanas, não como algo produzido num determinado momento de emoção, mas na verdade, o que resta de um gesto que já foi realizado e que reaparece ressignificado em outro tempo, de acordo com a "necessidade" deste tempo. Gestos antigos (dos sarcófagos humanos) foram invertidos na Renascença. Um movimento de perda, um braço levantado, por exemplo, pode ser invertido como um gesto de levante. Já a *Nachleben* é um conceito

[20] Extraído do vídeo-lançamento da exposição *Soulèvement* disponível no site da Galeria Jeu de Paume.

estrutural que diz respeito à memória, à sobrevivência das imagens, algo fantasmal que ressurge de tempos em tempos. Em seus escritos, Warburg dizia que cada período tem o seu renascimento referente à antiguidade que é merecida. Didi-Huberman complementa essa teoria dizendo que, além disso Warburg mostrou que cada período tinha suas sobrevivências necessárias. Com esse conceito, Warburg desorienta o tempo, torna-o anacrônico. Didi-Huberman afirma que:

> Na medida mesma em que amplia o campo de seus objetos, de suas abordagens, de seus modelos temporais, a sobrevivência *torna complexa a história:* libera uma espécie de "margem de indeterminação" na correlação histórica dos fenômenos. O depois quase se liberta do antes, quando se une ao "antes do antes" fantasmático que sobrevive. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 69)

Coisas e fatos de tempos históricos anteriores superam os posteriores e ressurgem sobrevivendo a estes. O passado, o presente e o futuro se entrelaçam através de sobrevivências. As conexões com a antropologia e a etnografia foram necessárias a Warburg até que ele chegasse ao conceito da *Nachleben der Antique* como a sobrevivência de determinadas formas e imagens. Elementos são transportados através do tempo ligando passado e presente desconectados do tempo cronológico. Em seu conceito, as imagens criadas estariam conectadas a fenômenos ou acontecimentos de culturas passadas, chegando à noção de uma antropologia das imagens. A maneira com que Warburg conceituou a *Nachleben* como uma sobrevivência, uma pós-vida da antiguidade, remete a uma memória latente nas imagens, resíduos de outras culturas humanas viajando pelos tempos de forma anacrônica, ressurgindo com a necessidade do momento humano, mesclando a história da arte com a antropologia.

As experiências de Aby Warburg com os índios americanos *Hopi* e *Navajo* em 1896, em que documentou fotos e textos dos costumes e tradições dos *Hopi* tentando esclarecer suas dúvidas quanto ao ressurgimento do paganismo e de rituais ainda intocados em sua era, levou-o a um estudo antropológico e etnográfico de seis meses junto a estas tribos. Foi assim que conceituou a *Pathosformel* e a *Nachleben*.

A *Nachleben* busca elementos nascidos de desaparecimentos, suas marcas, suas lembranças, elementos capazes de retornarem, "renascerem".

> A forma sobrevivente, no sentido de Warburg, não sobrevive triunfalmente à morte de suas concorrentes. Ao contrário, ela sobrevive, em termos sintomais e fantasmais, *a sua própria morte*: desaparece num ponto da história, reaparece muito mais tarde, num momento em que talvez não fosse esperada, tendo

> sobrevivido, por conseguinte, no limbo ainda mal definido de uma "memória coletiva". (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 55)

Determinadas imagens assumem um papel na história da arte que confunde a cronologia histórica, pois elas detêm um enorme potencial de relevância no cerne de determinada cultura, que mantém traços residuais no subterrâneo, até que a memória coletiva, em outro ponto da história, sentindo a necessidade (geralmente pela opressão) reaviva estes resíduos, utilizando-os à sua maneira, adaptando-os de acordo com sua cultura. E elementos destas novas imagens, dos novos fenômenos ou acontecimentos, poderão sobreviver para outras gerações futuras. Mas isso não é uma condição, pois Warburg diz que tempos passados podem sobreviver a seus respectivos tempos posteriores, ou seja, esta nova cultura que utilizou sobrevivências de tempos remotos, poderá desaparecer dando lugar a original anterior a esta, de onde surgiram as sobrevivências.

2.4 LUTO, DESEJOS E LEVANTES

Figura 7: Mulher palestina lamentando a perda de familiares no massacre de Deir Yassin em 1948.
Fonte: Embaixada da Palestina na Eslováquia, 2018

A foto anterior refere-se a uma mulher palestina que lamenta a perda de familiares após o massacre de sua aldeia *Deir Yassin*, em 1948, pelas forças de ocupação israelenses. Se desconsiderarmos o fundo da foto com o cenário de destruição e a mulher que caminha atrás dela com a mão na boca provavelmente chorando e levarmos em conta somente seus braços levantados e sua expressão de revolta, poderíamos pensar que seu próprio gesto de lamentação também é um gesto de levante.

Segundo Didi-Huberman, apesar da evidência da relação política lamentação/levante, Warburg ignora o pathos do *Soulèvement* político, ele vê apenas a sobrevivência das imagens, seu levante, mas sem considerar o motivo político deste levante, tampouco as emoções que o transformam em uma insurreição. Conforme Didi-Huberman,

> [...] Isso significa que as emoções passam por gestos que fazemos sem nos dar conta de que vêm de muito longe no tempo. Esses gestos são como fósseis em movimento. Eles têm uma história muito longa – e muito inconsciente. Eles *sobrevivem em nós*, ainda que sejamos incapazes de observá-los em nós mesmos. (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 32)

O filósofo converge com a teoria de Warburg sobre a sobrevivência dos gestos expressivos e que eles reaparecem como *fósseis em movimento*. Já as inversões a que Warburg se refere ocorrem de maneira sutil e às vezes passam despercebidas. Por exemplo, em algumas situações o desejo polariza a violência, ou seja, até um gesto de uma prática esportiva pode reaparecer como um gesto de violência ou de revolta. Há também a inversão energética do pathos da dor e do sofrimento para o pathos da martirização e do heroísmo. Quando vemos imagens de gestos da antiguidade elas inevitavelmente remontam algo que estamos próximos, gestos que estão presentes em nosso cotidiano, que se manifestam pela necessidade, pela cólera, pelo desejo.

Figura 8: Hércules, Antoine Bourdelle, 1909
Fonte: Site História.docs, 2012

Figura 9: Jovem palestino com estilingue em Gaza
Fonte: CNN, 2018

Na figura 8, Antoine Bourdelle, em 1909, representa Hércules, herói grego da antiguidade clássica, atirando suas flechas contra os pássaros do lago Stymphale. Em sua luta impiedosa contra as aves do lago, o herói com seu arco é representado com uma leveza e vigor extraordinários. A contração do joelho, a abertura das pernas e a tensão da musculatura corporal mostram o herói grego em um momento de "beleza agressiva". Na figura 9, temos um jovem palestino de Gaza em 2018, um braço dobrado esticando a borracha do estilingue e outro braço esticado em sua tensão máxima, pernas se afastando para dar mais inclinação e força. Movimentos semelhantes em tempos completamente diferentes, gestos que sobreviveram ao tempo histórico, representados em uma obra de arte, e que ressurgem em seres humanos em outros tempos. Gestos do passado que são solicitados por determinado presente, de acordo com sua necessidade.

O primeiro sinal de um levante é um grito, seguido de uma negação, um "não" expelido para demonstrar insatisfação ou simplesmente discordância. A pronúncia desta palavra sem a intenção de levantar-se com o objetivo de tomar o poder, é somente um manifestar-se contra o que não está de acordo.

Os levantes normalmente não têm sucesso, ao contrário das revoluções. Em decorrência do levante, pessoas envolvidas morrem nas barricadas ou nas ruas, fracassando em seu intento. Segundo Didi-Huberman, em seu seminário *Soulèvements*, num levante, mesmo sabendo que vão morrer, as pessoas resistem e transmitem algo que demonstra a indestrutibilidade do desejo, pois ele permanece para além das nossas vidas.

Por mais fragilizadas que estejam elas detêm uma força capaz de fazê-las atravessar uma fronteira militarizada, pular um muro, ou qualquer coisa que as queira deter. Mesmo com sua morte, seu desejo permanece e, mais tarde, após o fim do luto, a revolta faz com que outros se levantem, ou seja, as pessoas se levantam e frequentemente fracassam ou morrem, mas no fim, seu desejo sobrevive, pois a vida acaba, mas o desejo por trás do levante não acaba. Por mais estranho que nos pareça esta situação, o fato é que o desejo de se levantar é uma força que sobrevive a quem levanta, pois geralmente quem levanta, fracassa.

Se levarmos em conta o status sagrado contido na teoria do desejo indestrutível como uma força que sobrevive aos indivíduos, podemos retomar o sociólogo Émile Durkheim, que em sua obra *As formas elementares da vida religiosa*, na qual estuda o sistema totêmico nas tribos autóctones da Austrália, afirma que:

> Os sentimentos semelhantes que essas diferentes espécies de coisas despertam na consciência do fiel e que fazem sua natureza sagrada, evidentemente só podem vir de um princípio que é comum a todos indistintamente, tanto aos emblemas totêmicos quanto aos membros do clã e aos indivíduos da espécie que serve de totem. É a esse princípio comum que se dirige, em realidade, o culto. Em outras palavras, o totemismo é a religião, não de tais animais, ou de tais homens, ou de tais imagens, mas de uma espécie de força anônima e impessoal que se manifesta em cada um desses seres, sem, no entanto, confundir-se com nenhum deles. Nenhum a possui inteiramente e todos dela participam. Ela é independente dos sujeitos particulares em que se encarna, tanto assim que os precede como sobrevive a eles. Os indivíduos morrem; as gerações passam e são substituídas por outras; mas essa força permanece sempre atual, viva e idêntica. Ela anima as gerações de hoje, assim como animava as de ontem e como animará as de amanhã. (DURKHEIM, 1996, pág. 190)

Em 1921, Durkheim já falava em uma força que sobrevivia às diferentes gerações e que se mantém viva, "animando" as gerações. De acordo com o sociólogo, essa força independe dos sujeitos nos quais ela encarna. Ela emana fluentemente entre os indivíduos e mesmo com sua morte, ela permanecia intacta. Sua análise vincula o caráter religioso ao sistema social das sociedades totêmicas em estudo. Em seu texto, ele estuda o caráter religioso das sociedades em questão, mas podemos considerar que as representações coletivas que ele utiliza a partir de premissas básicas lógicas, estabelecem uma conexão entre religião e sociedade, dando uma ideia de que a sociedade é a origem das crenças e, ao mesmo tempo, é ela própria, a origem do sagrado, ou seja, a sociedade cria o sagrado e o sagrado flui pela própria sociedade. Rituais religiosos criados pelas sociedades no decorrer dos tempos tornaram-se tradições ritualísticas sagradas que, se

não respeitadas no âmbito coletivo, desencadeiam uma desordem estrutural no sistema social e político daquela sociedade.

As comoções coletivas e individuais decorrentes das mortes são seguidas de rituais, mas implicitamente cada situação de perda desencadeia uma reação sentimental diferente e as emoções, expressas de formas diferentes. Os rituais encaixam-se aí como amplificadores dos sentimentos, pois geralmente prolongam os momentos de tristeza e desespero pela perda, notadamente àquelas decorrentes de injustiças. Neste caso, as emoções causadas pela perda de um ente querido ou importante na comunidade na qual está inserido, geram outro sentimento, o da revolta, do clamor pela justiça.

Figura 10: Mãe da família Sheik el Eid desmaia no funeral de seus dois filhos e sua neta em Rafah
Fonte: Site The Clinic, 2014

São as emoções que transformam um simples gesto em um levante, ou até mesmo o levante pode ser visto como um gesto. Em *Que emoção! Que emoção?* Didi-Huberman afirma que:

> as emoções, uma vez que são moções, movimentos, comoções, são também *transformações* daqueles e daquelas que se emocionam. Transformar-se é passar de um estado a outro: continuamos firmes na nossa ideia de que a emoção não pode ser definida como um estado de pura e simples passividade. Inclusive, é por meio das emoções que podemos eventualmente, transformar nosso mundo, desde que, é claro, elas mesmas se transformem em pensamentos e ações. (DIDI-HUBERMAN, 2016, p.38)

As *transformações* daqueles que se emocionam vêm através das emoções que também se transformam até tornarem-se um ato de insurreição. Não é que a passividade resida para sempre na opressão, ao contrário, o que ele se refere é que as emoções podem

se transformar em movimentos, ações que nos coloquem contra a opressão, contra algo que nos humilha ou que nos ameaça constantemente e que não pode mais continuar. As pessoas que sentem esta necessidade querem sair da obscuridade, manifestar-se, tornar público o que as acomete. Com a hipótese de que o desejo permanece, Didi-Huberman afirma que a situação da perda em nossa vida individual ou coletiva nos aflige inicialmente, mas logo depois desperta um gesto por meio do qual nós nos levantamos contra a dor: o luto. Assim, podemos dizer que o luto faz o mundo se movimentar, "levanta-o". Essa violência sofrida (a perda de um ente querido ou simbolicamente importante numa comunidade) causa um tipo de reunião de pessoas, que precede a ritualizações coletivas, e que geralmente vão do minuto de silêncio aos gestos de luto e podem se prolongar como num cortejo fúnebre que clama por justiça.

Figura 11: Lamentações
Fonte: Youtube, 2017

Figura 12: Punho cerrado
Fonte: Youtube, 2017

Figura 13: Levante
Fonte: Youtube, 2017

O filme *O Encouraçado Potemkin* de Eisenstein trata de um levante de marinheiros de um navio de guerra na Rússia czarista em 1905, e que já estaria prenunciando a Revolução de 1917. O filme narra a história dos marinheiros tripulantes do navio cansados de serem maltratados pelo comando do navio que lhes oferecia até carne estragada nas refeições. Após a análise do oficial médico do navio e de sua conclusão de que a carne, apesar de estar cheia de vermes, não faria mal algum, o comandante do navio ordena que os marinheiros que não comeram a carne deveriam ser executados. Estando enfileirados para o fuzilamento, o marinheiro Vakulinchuk convence os soldados a não ficarem ao lado dos oficiais. Ocorre a revolta no navio e Vakulinchuk é assassinado. Em seguida, os marinheiros assumem o controle do encouraçado e a população de Odessa realiza o velório do marinheiro e apoia a revolta. Em seguida, as forças do Czar massacram o povo em uma cena estarrecedora numa escadaria.

A ritualização no velório do marinheiro inicia-se com o silêncio e os gestos de luto. Enquanto isso, alguns discursavam clamando justiça pela morte e outros gestos de levante ocorriam, como alguém cerrando o pulso num sentimento insurgente, até que

numa explosão de gritos e braços erguidos surge o Levante. Didi-Huberman comenta a cena:

> [...] *O encouraçado Potemkin*, em que a tristeza do luto (as mulheres choram e se reúnem diante do cadáver do marinheiro assassinado) se transforma em cólera surda (as mãos enlutadas se tornam punhos fechados), a cólera surda, por sua vez, se transforma em discurso político e em cantos revolucionários, os cantos se transformam em cólera exaltada, a exaltação se transforma em ato revolucionário. Como se o povo *em lágrimas* se tornasse, sob nossos olhos, um *povo em armas*. (DIDI-HUBERMAN, 2016, p. 45)

Assim, a insurreição se manifesta como gesto e ele estimula o surgimento natural de outros gestos. Há um momento em que a situação se torna insustentável, como um fardo pesado, e isto se transforma em *soulèvement* (sublevação, insurreição, levante, revolta). São movimentos de braços levantados, punhos cerrados e outros movimentos e palavras que quando expressos com firmeza denotam revolta, a vontade de se levantar contra aquilo que se acha injustiçado, que pode ser através da linguagem corporal ou oral.

Figura 14: Fotograma do documentário *Cinco câmeras quebradas*
Fonte: Youtube, 2017

Figura 15: Lamento
Fonte: Recorte da Fig. 22

Figura 16: Punho cerrado
Fonte: Recorte da Fig. 22

Figura 17: Levante
Fonte: Youtube, 2017

No documentário *Cinco Câmeras Quebradas*, o diretor, produtor e narrador Emad Burnat é um jovem palestino que vive no povoado de Bil'in, próximo da cidade de Ramallah, na Cisjordânia, região da Palestina ocupada pelo estado de Israel. Em 2005, Emad, que adquire sua primeira câmera para registrar o nascimento do seu filho, grava as escavadoras israelenses que chegam a Bil'in para construir um muro que delimitará o

perímetro de um enorme assentamento judeu. Cinco anos e cinco câmeras de vídeo foram necessários para registrar a história da resistência de seu povo à opressão israelense e, em paralelo, o crescimento de seu filho Gibreel, nascido nos primeiros dias do movimento. Enquanto os ataques israelenses destroçam uma câmera após outra e, com elas, as vidas de alguns de seus companheiros, Emad continua adquirindo novas câmeras e filmando o que acontece ao seu redor.

Durante as manifestações contra o avanço dos assentamentos judaicos, surgiram manifestações com protestos de alguns membros da comunidade contra uma cerca israelense que avançava sobre o povoado, e que gerou a morte de um palestino chamado *Phil* (que significa elefante), querido por toda a população local, principalmente pelas crianças. Algumas semanas após sua morte e decorrido o tempo do luto, as pessoas saíram novamente às ruas, mas diferentemente das primeiras vezes, agora com o desejo de resistir de *Phil* potencializado em suas mentes, enfrentaram os soldados do exército israelense, e o fazem até hoje saindo todas as sextas-feiras, após a oração do *Jum'a* para protestar. Hoje, alguns grupos de direitos humanos de diversas partes do mundo e de apoio à luta constante de Bil'in, se levantam lado a lado com os palestinos. O próprio nome do documentário denuncia a sobrevivência das próprias câmeras que ressurgem a cada vez que são destruídas, e com uma inversão, ao invés de documentarem apenas o nascimento de uma criança, registram os momentos que precedem um levante. Esta inversão está relacionada à ideia de Aby Warburg sobre o conceito da *Pathosformel* que já mencionamos anteriormente, para dar conta da sobrevivência dos gestos na longa duração das culturas humanas, como algo que resta de um gesto já realizado que reaparece ressignificado em outro tempo, de acordo com a "necessidade", como no caso do documentário "Cinco câmeras quebradas". Este é um caso em que o movimento de perda, o braço levantado, inverte-se como um gesto de levante.

Assim como no *Encouraçado Potemkin*, as imagens que vemos de *Cinco câmeras quebradas* são uma montagem em sequência que propomos para mostrar alguns gestos determinados que antecipam um levante: o luto, que assim que vencido é seguido pelo gesto (braços cruzados com força, punhos cerrados) ou palavras individuais e, logo após, os gestos coletivos de insurreição.

2.5 A ORIGEM DOS LEVANTES NA PALESTINA

2.5.1 *Al Nakba*

Al Nakba (النكبة) é a palavra árabe que designa "a catástrofe" e refere-se à tomada da Palestina pelo exército judeu que proclamou a Independência de Israel em 15 de maio de 1948 e expulsou quase 800.000 palestinos de suas casas, o que correspondeu, na época, a 85% da população total da Palestina original, além de promover massacres em algumas aldeias e destruir 450 povoados integralmente e 235 parcialmente. O território ocupado pelos israelenses chegou a 78% do território palestino, desproporcional aos 33% de origem judia que já haviam migrado de diversas partes do mundo para o novo estado que estava para ser criado. No início do século, eles não chegavam a 6% da população palestina.[21]

Os planos para a ocupação da Palestina iniciaram antes mesmo do início do ano 1900, quando o Congresso Sionista Mundial resolveu que a Palestina seria o lugar ideal para convencer a população judaica espalhada pelo mundo a migrar para lá. Além da correspondência bíblica da Terra Prometida, o local seria extremamente estratégico para as grandes potências mundiais. Theodor Herlz, autor de *O Estado Judeu* e um dos fundadores do Sionismo, havia sugerido o estabelecimento de um estado judaico nas regiões menos habitadas da Europa Oriental, dos Estados Unidos, na África (Uganda) e até na Argentina (Patagônia). No entanto, ele mesmo se contradiz e afirma que não seria possível o projeto de um estado judaico que não fosse na Palestina:

> A Palestina é nossa inolvidável pátria histórica. Esse nome por si só seria um toque de reunir poderosamente empolgante para o nosso povo. [...] Para a Europa constituiríamos aí um pedaço de fortaleza contra a Ásia, seríamos a sentinela avançada a civilização contra a barbárie. Ficaríamos como Estado neutro, em relações constantes com toda a Europa, que deveria garantir a nossa existência. (HERLZ, 1998, p. 66)

Nos anos seguintes, Theodor Herlz começou a estimular a emigração para a Palestina, mais especificamente, no início da campanha, ele sugeriu Gaza, com um grande

[21] Dados coletados em diversas fontes, mas a principal foi o do pesquisador independente Thomas Vescovi, professor de História em Paris e autor do livro *A memória da Nakba em Israel: O olhar da sociedade israelense sobre a tragédia palestina.*

projeto hidráulico que viria do Nilo, mas que logo foi desestimulado pelo Governador inglês que comandava o Egito. Logo depois, Herlz sugeriu a Uganda, também colônia inglesa, como lar temporário até o estabelecimento na Palestina. A ideia foi renegada pelos principais líderes sionistas, entre eles Chaim Weizmann, que se tornaria o primeiro presidente de Israel, em sua criação em 1948.

A emigração de judeus, principalmente da Europa, acentuada pela "solução final" de Hitler, utilizando-se do extermínio dos judeus dos campos de concentração nazistas, estimulada pelas forças inglesas e a pressão dos grupos terroristas judeus na Palestina que, muito bem equipados pelos próprios ingleses, resolveram atacar o dominante, a Grã-Bretanha, em sua própria colônia. Vários atentados contra fazendas palestinas e contra as autoridades inglesas fizeram com que o governo inglês resolvesse dar um basta e entregar o país às Nações Unidas. Após o Plano de Partilha completamente desproporcional, setenta e seis por cento da população era árabe e ficaria com quarenta e quatro por cento do território, e os menos de trinta e quatro por cento judeus herdariam cinquenta e seis por cento de todo o território da Palestina. A negação desta proposta pelos árabes palestinos e os outros países árabes e as seguidas revoltas, além da guerra árabe-israelense que resultou em diversos massacres nos vilarejos palestinos, levou à expulsão ou ao refúgio de quase oitocentos mil palestinos (85% da população) para países vizinhos como Líbano, Síria, Jordânia e Iraque. No final, em 1949, restaram apenas vinte e dois por cento das terras palestinas, sendo que os outros setenta e oito por cento ocupadas pelas forças israelenses.

Thomas Vescovi, professor de História e Geografia do ensino secundário em Paris e pesquisador independente em História Contemporânea, em seu trabalho mais recente, *A memória do Nakba em Israel: O olhar da sociedade israelense sobre a tragédia palestina*, enfatiza que o atual estado de Israel faz questão de "apagar" a Nakba da história da criação do país. Os livros didáticos e as escolas israelenses não tratam dos massacres e dos planos de "evacuação" (as expulsões) para Gaza e os países vizinhos falam somente da independência de Israel, do heroísmo dos seus soldados na guerra contra "os árabes" que não queriam dividir o território e atacaram Israel com "todas as suas forças". Segundo a jornalista Soraya Misleh, mestre e doutora em Estudos Árabes pela Universidade de São Paulo – USP e diretora do Instituto de Cultura Árabe – ICArabe:

> O Estado de Israel tem se empenhado em obliterar a *Nakba*, proibindo e reprimindo manifestações de palestinos para lembrar a data. Na sua história oficial, apresenta a versão de "guerra da independência" ou "guerra de libertação nacional". Afirma que nessa circunstância, os árabes fugiram de

> suas terras por recomendação de suas lideranças. [...] foi uma guerra de "poucos contra muitos". (MISLEH, 2017, p. 21)

A autora afirma em sua obra que a tradicional história israelense com a chamada "guerra de independência" foi na realidade um violento processo racista de expulsão dos palestinos, cujos efeitos perduram até a atualidade, pois, segundo Misleh, os judeus afirmavam que os britânicos julgavam os palestinos como "algumas centenas de milhares de negros" sem valor algum, destacando o racismo embutido na ideia sionista.

Vescovi cita e utiliza o documentário *Towards a Common Archive: – Video Testimonies of Zionist Fighters in 1948* de Eyal Sivan e Ilan Pappé de 2012, em que os veteranos israelenses da guerra da Independência de Israel narram fatos que eles próprios testemunharam e participaram, como verdadeira prova da intenção sionista na Palestina entre 1947 e 1949. Em seu artigo publicado no site *Middle East Eye* em primeiro de junho de 2018, Vescovi mostra testemunhos da Nakba:

> Yosef Nahmani, oficial superior da Haganah, a força armada da Agência Judaica que se tornará o exército de Israel, assim escreve em seu diário, datado de 6 de novembro de 1948: "Em Safsaf, depois que os habitantes levantaram a bandeira branca, [os soldados] reuniram os homens e mulheres separadamente, amarraram as mãos de cinquenta ou sessenta aldeões, e atiraram neles e todos foram enterrados no mesmo túmulo. Eles também estupraram várias mulheres na aldeia. [...] Onde eles aprenderam um comportamento tão cruel como o dos nazistas? [...] Um oficial me disse que os (soldados) mais difíceis eram os que vinham dos campos (nazistas)." (VESCOVI, 2018)[22]

Nesta nota de seu diário, Yosef denuncia as atrocidades cometidas pelas forças judias das quais fazia parte e questiona tal comportamento comparando-o ao que os nazistas fizeram aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial encerrada três anos antes da *Nakba*. As mulheres eram estupradas em quase todas as narrativas em que houve alguma resistência, quase como uma vingança aos homens que resistiram. Surpreendentemente, o relato demonstra ainda que a violência maior provinha dos indivíduos que sobreviveram aos campos de extermínio nazistas, que eles eram os mais difíceis de controlar. Considerando o que eles passaram nos campos, como tortura, fome, humilhações constantes e muita violência, não surpreende tanto que a violência praticada contra eles se transforme numa violência praticada por eles. A psicanálise se ocupa de explicar estas reações utilizando-se dos conceitos de pulsão de morte, de destruição e de agressão, mas não iremos nos deter neste sentido, pois nossa intenção é mostrar fatos e

[22] Extraído do site palestinalibre.org

documentos que comprovem que a violência foi realmente praticada na *Nakba* palestina, descreditando a falaciosa história israelense de que os árabes "quiseram ir embora" das suas casas e que os seus soldados foram heróis valentes que se superaram e venceram o "grande exército árabe" que invadiu o recém fundado estado de Israel.

Vescovi afirma que a totalidade das narrativas converge em um sentido, a destruição das casas e a expulsão dos nativos palestinos:

> Todos alegam ter recebido ordens específicas sobre a destruição de casas árabes para evitar qualquer desejo de retornar das populações exiladas. A "limpeza" de aldeias foi realizada metodicamente: na abordagem do local os soldados disparavam tiros ou jogavam granadas para assustar a população. Na maioria dos casos, esses atos eram suficientes para afugentar os habitantes. Às vezes era necessário explodir uma ou duas casas na entrada da aldeia para forçar os poucos recalcitrantes a fugir. Com relação aos massacres, para alguns, esses atos faziam parte das operações de "limpeza", já que a liderança sionista lhes permitiu, em alguns casos, cruzar essa linha. A "linha", precisamente, foi sistematicamente cruzada quando as pessoas se recusaram a sair, mesmo entrincheirando-se para ficar e lutar. Em Lod, mais de uma centena de moradores se refugiaram na mesquita pois acreditavam que os combatentes judeus não iriam atacar locais de culto. Um tiro de um lança-foguetes atingiu diretamente o refúgio, que desmoronou sobre eles e os corpos foram queimados. (VESCOVI, 2018)[23]

Esta narrativa deixa claro que a "limpeza" e a destruição das casas foram ordenadas pelos comandantes judeus para que os exilados não desejassem mais retornar, ou seja, a ordem era afugentar os palestinos. Mas, mais do que isso, havia uma "linha", um limite que poderia ser quebrado caso houvesse algum tipo de resistência. Quando as pessoas se recusaram a abandonar seus lares, foram assassinadas brutalmente, além dos terríveis estupros das meninas e das mulheres.

Essa estratégia sionista foi fomentada e justificada por alguns políticos e historiadores israelenses como uma limpeza necessária para a criação do novo estado, mas os "novos historiadores", como Ilan Pappé, denunciaram os terrores praticados pela *Palmach*, os combatentes de frente da Hagannah. Segundo a publicação de Ilan Pappé, o documento tem a seguinte ordem:

> Nos vilarejos entre Nahraiya e Tarshiha não há tropas estrangeiras no momento. Os vilarejos estão armados e prontos para a ação. Sua ordem é de ocupar, matar os homens, destruir e queimar vilarejos de Kabri, Umm al-Faraj e al-Nahr. (PAPPÉ, 2019)[24]

[23] *Id. Ibid.*

[24] Extraído do site outraspalavras.net

O lema do Sionismo e a justificativa para a ocupação da Palestina foi “Uma terra sem povo para um povo sem terra”. No entanto, censos, relatórios, cartas e imagens da época mostram que a frase não tem nenhum sentido. A terra sem povo tinha no mínimo quatrocentos mil habitantes em meados de 1897 e quase setecentos e sessenta mil em 1922, segundo o Recenseamento britânico publicado em 23 de outubro de 1922 (ANEXO A). O relatório contém diversos resumos bem detalhados sobre a população da Palestina por região, distrito e vilarejo, discriminando a quantidade de pessoas por religião em cada tabela. Dos 757.182 habitantes na época,

Tabela 1: Número de habitantes da Palestina em 1922, por religião

Religião/habitantes	**Total**	**Porcentagem**
Muçulmanos	590.890	78,03 %
Judeus	83.694	11,06 %
Cristãos	73.024	9,64 %
Outras religiões	9.874	1,63 %

Fonte: Anexo B

Abaixo, algumas fotografias da Palestina dos anos 1927 e 1930 que mostram como as cidades palestinas eram habitadas.

Figura 18: Cidade de Jaffa – 1930
Fonte: Wordpress

Jaffa era a segunda cidade mais populosa da Palestina ficando atrás somente de Jerusalém, com seu importante porto que trouxe muita prosperidade à cidade. A economia girava em torno das transações comerciais realizadas com as importações e exportações.

Figura 19: Na cidade de Nablus multidão se reúne após terremoto em 11 de julho de 1927
Fonte: Wordpress

Inúmeras fotografias e registros escritos documentam que a Palestina pré-Nakba (1948) era muito habitada e que a população palestina na época chegava a pelo menos 950.000 habitantes.

Figura 20: Expulsões massivas de palestinos das suas casas: a ordem era desocupar a terra e se deslocar para Gaza ou para fora do território do novo Estado de Israel.
Fonte: Arab America

O fato de o sistema de educação israelense excluir a *Nakba* dos seus livros didáticos tem uma explicação muito simples. Como deturpar a imagem da criação do próprio estado de Israel? Por que desmoralizar seu próprio exército, líderes e políticos, acusando-os de assassinatos em massa e limpeza étnica? Não há sentido em reconhecer seus erros se estes podem gerar uma perda ou divisão de território e o desfalecimento de uma política de ocupação de mais de setenta anos. A mentira deve permanecer até que se apague por completo a história da *Nakba*, da Palestina, dos seus antigos habitantes, do drama dos refugiados e se justifiquem os massacres seguidos em Gaza, acusando os atuais habitantes "árabes" de terroristas constantemente, através das poderosas mídias de massa que dominam grande parte do mundo ocidental. Em resumo, veremos mais adiante que a educação israelense capacita os jovens que terminam o ensino médio a terem medo dos palestinos a tal ponto, que, quando eles entram no exército, este medo se transforma em poder de repressão e agressão.

Thomas Vescovi faz uma grande pesquisa de campo em território israelense, e traz a questão ao público francês, questionando a postura israelense da negação de um fato histórico e como o governo atua no seu apagamento. As obras escritas de Vescovi assim como sua grande divulgação, através de debates e conferências sobre o assunto, podem ser consideradas como um levante de um não-palestino que não quer ficar calado diante de uma injustiça histórica óbvia.

2.6 INTIFADA PALESTINA

Segundo Mamede Mustafa Jarouche[25], a palavra árabe *Intifada* (انتفاضة - intifāḍah) ou *yantafidu* (فضينت - iãtãfidu) é um substantivo que designa "tremor", "chacoalhar" ou "estremecer". Deriva do termo árabe *nafada* (نفض), que significa "balançar", agitar", "sacudir" ou até mesmo "livrar-se" quando utilizada para se desvencilhar de algo que o está incomodando. Atualmente, é usada quando se refere a uma revolta contra a opressão. Traduz-se em diversas línguas como uma insurreição,

[25] Mamede Mustafa Jarouche é Professor Doutor em língua e literatura árabe na Universidade de São Paulo – USP. Tradutor das *Mil e uma Noites* e professor titular da USP. É considerado um dos maiores pesquisadores brasileiros da Literatura árabe. É vencedor do Prêmio Jabuti em 2006 e 2010 de melhor tradução.

revolta ou também como resistência. Como nome de uma revolta, a palavra *Intifada* foi utilizada pela primeira vez em 1952 no Reino do Iraque, quando os partidos socialistas e comunistas foram às ruas protestar contra a monarquia hachemita. A partir daí foi dado o nome de *Intifada* às insurreições em diversos países de língua árabe, como no Sudão em 1964, no Bahrein em 1965, as *Intifadas* sahrawi, contra o domínio colonial espanhol no Saara espanhol, ao sul do Marrocos e até mesmo as *Intifadas* da Primavera árabe a partir de 2010.

Atualmente, a *Intifada* remete diretamente aos levantes dos palestinos contra a ocupação israelense ocorridos de 1987 a 1993 (*Primeira Intifada)* e de 2000 a 2005 (*Segunda Intifada*). Nesse caso, a palavra intifada, literalmente, tenta "sacudir", "chacoalhar" as forças de ocupação israelenses na Cisjordânia e na Faixa de Gaza, para que eles entendam como um "NÃO!!" à ocupação e repressão israelense.

A *Primeira Intifada* foi o maior levante massivo do povo palestino, que fez retornar a Questão-Palestina na mídia internacional e desde lá é assunto de acordos de paz envolvendo os EUA, Israel e os palestinos, além de despertar uma grande massa popular ao redor do mundo que passou a simpatizar com a causa palestina. O ápice para irromper o levante ocorreu quando, no dia 8 de dezembro de 1987, um jipe israelense bateu num caminhão de trabalhadores palestinos em um checkpoint militar do campo de refugiados de Jabalyia, em Gaza, matando quatro pessoas e ferindo uma dezena. No dia seguinte, seguiu-se uma insurreição pelas ruas e, mais uma vez, seguindo o padrão de repressão diário do governo israelense, um soldado matou um adolescente de 17 anos e 16 palestinos ficaram feridos. Em 10 de dezembro, paraquedistas israelenses foram enviados a Gaza para sufocar as manifestações, mas a reação causou um efeito inverso e os distúrbios se espalharam e chegaram também à Cisjordânia ocupada.

Já havia se passado 39 anos desde a *Nakba*, a "catástrofe" palestina e a proclamação da independência de Israel, em 1948, e 20 anos desde a *Naksa* (após a Guerra dos Seis Dias), comemorada por Israel com a conquista da Cisjordânia, da Faixa de Gaza e da anexação de Jerusalém oriental. Para os palestinos não havia motivo para comemorar, ao contrário, já que neste ano (1987) cerca de 2200 colonos armados (0,33% da população da faixa de Gaza) chegaram a ocupar 40% do território da Faixa de Gaza, pressionando 650 mil palestinos (99,67%) em condições de extrema pobreza, a ficar concentrados nos outros 60% do território, tornando Gaza (na região de população somente palestina), a região com uma das maiores densidades demográficas do mundo. Além disso, o número de palestinos que já haviam passado pelas prisões israelenses e por torturas chegava a 200

mil, sendo boa parte deles crianças de 10 a 14 anos, acusadas de suspeitas de ligação com o terrorismo por atirarem pedras em soldados e viaturas israelenses. À época, a OLP (Organização para a Libertação da Palestina), após ser expulsa da Jordânia e Líbano, estava instalada na Tunísia, relativamente afastada dos conflitos nos territórios ocupados por Israel.

Assim, a *Intifada* não foi iniciada por nenhum partido político ou grupo organizado. Sofrendo sob a ocupação de um estado que se diz democrático, mas que oprime e discrimina os palestinos nos territórios ocupados, caracterizando um inegável *apartheid*, com os palestinos israelenses sendo tratados como cidadãos de segunda classe e em condições de vida precárias, o povo palestino resolveu sair às ruas em massa para encarar o exército israelense armados com paus e pedras, em que as armas mais poderosas eram o estilingue e a *funda*, que é uma arma de arremesso, constituída por uma correia ou corda dobrada, e em cujo centro é colocado o objeto que se deseja lançar. Segundo os livros de história, é uma das mais antigas e primitivas armas feitas pelo homem, seu uso é registrado entre os primitivos australianos e diversos povos da Antiguidade, como os gregos e os hebreus. Entre os hebreus é célebre a passagem contida no Antigo Testamento em que David (judeu) derrota o gigante Golias (filisteu), armado de uma funda.

Figura 21: Jovens Palestinos “atacando” soldados israelenses com estilingue e pedradas, 1987
Fonte: Wordpress

A imagem 21, de jovens palestinos jogando pedras contra tanques, jipes e soldados israelenses num cenário de destruição espalhou-se pelo mundo. Os gestos de levantes estão bem evidenciados na imagem. O braço do jovem que estica o elástico do estilingue, e o outro enrolado com uma *kefaya* ao redor de sua cabeça, que gira o corpo para pegar impulso e atirar a pedra com o máximo de força possível. Mesmo sendo uma das maiores potências bélicas do mundo, Israel se autodeclara um país democrático sem, no entanto, conseguir manter uma política democrática e pacífica com seus vizinhos árabes e tampouco com a população palestina. A divulgação de imagens de palestinos reagindo a prisões e arremessando pedras contra jipes e tanques israelenses tornaram-se rotina nas mídias e serviram como conclamações às ruas para os levantes palestinos. A resistência tornou-se organizada e conseguiu suportar a pressão por cinco longos anos, em que enfrentou toques de recolher, estado de sítio, cortes no fornecimento de água e de energia além de assassinatos em manifestações pacíficas, em invasões de casas e durante a noite nos toques de recolher, fora a destruição de escolas, ambulâncias e hospitais. A *Intifada* foi inicialmente tratada pela mídia ocidental como um levante comunista, uma guerra civil que queria destruir a democracia em Israel, já que os grupos que passaram a organizar as manifestações e coordenar as ações tanto de resistência e guerrilha, como as de educação e meios de subsistência, eram de cunho marxista e se opunham ferrenhamente à política do governo de extrema direita de Israel.

Figura 22: Israel x Palestina – Ytzhak Rabin, Bill Clinton e Yasser Arafat. Acordos de Oslo – 1993
Fonte: Site Café História

Ao final da Intifada, Yasser Arafat, líder da OLP na época, iniciou os acordos de Oslo em 1993, que para muitos palestinos foi o golpe que dispersou o levante e acabou com a força da resistência, pois os acordos prometiam devolução de terras e

reconhecimento territorial, iludindo parte da população palestina que não aguentava mais viver em um estado de guerra civil.

Continuar vivendo como párias, separados uns dos outros pelo muro da Cisjordânia, por centenas de *Checkpoints* (pontos de controle israelenses) e pelo cerco à Faixa de Gaza. O historiador israelense Ilan Pappé[26] mostra em sua obra *A limpeza étnica da Palestina* que, além do aprisionamento e dependência total dos movimentos palestinos em relação à Israel, o estado ainda impõe um controle demográfico exclusivo para a população palestina através de uma lei que impede a cidadania para palestinos que casem com israelenses:

> [...] em 31 de julho de 2003, o Knesset passou uma lei que proibia os palestinos de conseguirem a cidadania, a residência permanente ou mesmo temporária quando fossem casados com cidadãos israelenses. Em hebraico, "palestinos" sempre significa palestinos morando na Cisjordânia, na Faixa de Gaza ou na Diáspora, de forma a diferenciá-los dos "árabes israelenses", como se não fossem todos parte da mesma nação palestina. (PAPPÉ, 2017, p. 284)

Sabe-se obviamente que a lei se refere aos "árabes israelenses", ou seja, os palestinos que adquiriram esta condição. Com a promulgação dessa lei, muitas mulheres palestinas grávidas foram impedidas de chegar aos hospitais para parirem ou foram deportadas de uma região para outra para evitar o problema demográfico. Para que Israel se mantenha como um estado "judeu", a população palestina não deveria ultrapassar a população judaica, e isso realmente tornou-se um problema para eles levando em conta que a taxa de natalidade palestina é muito maior que a judaica. Mas o problema de Israel não seria sua judaicidade (diferentemente de ser um estado judaico na sua constituição), já que a religião tem muito em comum com o cristianismo e o islamismo e em vários aspectos prega a paz e a coabitação. O Sionismo étnico como ideologia de estado e motor da política israelense e que se apropria do judaísmo é que representa uma ameaça tanto aos palestinos quanto aos judeus que querem viver em paz. O controle biopolítico dos

[26] Ilan Pappé nasceu na cidade palestina de Haifa em 7 de novembro de 1954 e é um dos chamados Novos Historiadores israelenses que reexaminaram criticamente a História de Israel e do sionismo. Pappé faz uma análise profunda sobre os acontecimentos de 1948 (criação do Estado de Israel) e seus antecedentes e condena drasticamente a política sionista de Israel com os palestinos, chamando as agressões israelenses de *Limpeza Étnica*. Foi docente em Ciências Políticas em sua cidade natal, na Universidade de Haifa (1984-2007). É um defensor da solução de um único estado para palestinos e israelenses. Em 2007, Ilan Pappé foi obrigado a exilar-se na Grã-Bretanha, onde atualmente é professor de história na Universidade de Exeter e diretor do Centro Europeu de Estudos sobre a Palestina. Recebeu diversas ameaças de morte e antes de deixar Israel, ele havia sido condenado no Knesset, o parlamento de Israel. O ministro da educação pediu sua demissão da universidade, e publicou sua foto num jornal popular de Israel, no centro de um alvo.

Fonte: http://antreus-dois.blogspot.com/2017/04/judeus-de-quem-israel-nao-gosta.html

nascimentos, das mulheres grávidas e os abusos dos soldados contra as adolescentes palestinas nos checkpoints, são formas de violência íntima que causam danos psicológicos e prejudicam a vida das mulheres. Os acordos de "paz" existem, mas Israel cria leis que impedem a concretização destes. Toda lei promulgada em Israel é em detrimento dos palestinos e vem acompanhada das palavras perigo e segurança para sua aprovação. A lei de controle demográfico estabelece que as mulheres palestinas são perigosas e criminosas enquanto mulheres "capazes de parir". A professora Nadera Shalhoub-Kevorkian[27] da Universidade Hebraica de Jerusalém, em seu artigo *As Políticas do Parto e as Intimidades da Violência Contra Mulheres Palestinas na Jerusalém Ocidental Ocupada* em uma análise sobre a violência contra as mulheres palestinas grávidas afirma que *"*A linguagem da 'segurança' e 'periculosidade' transforma as mulheres, os nascituros, os recém-nascidos e suas famílias como entidades a ser indesejadas, demonizadas e 'ameaçadoras', autorizando e permitindo a violência contra elas."(KEVORKIAN, 2015, p. 1202, **tradução nossa**)[28]

2.7 ACORDOS "DE PAZ" COM ISRAEL, PARA ISRAEL

Desde a constituição do Estado de Isael, em maio de 1948, os países árabes reagiram a sua presença e às injustiças e expulsões massivas de palestinos. Mas após diversas batalhas, do apoio incondicional dos EUA (considerada a maior potência mundial) e das derrotas políticas e financeiras dos países árabes com as guerras em defesa dos palestinos, em 1979 o presidente do Egito (maior potência árabe da época e principal aliada dos palestinos) Anwar Sadat e o presidente Menachem Begin de Israel assinaram o Acordo de paz de Camp David com a "mediação" de Jimmy Carter, presidente dos

27 Nadera Shalhoub-Kevorkian detém a cadeira Lawrence D. Biele na Faculdade de Direito do Instituto de Criminologia e na Escola de Serviço Social e Bem-Estar Público da Universidade Hebraica de Jerusalém. Ela é ativista feminista palestina nativa de longa data e diretora do Programa de Estudos de Gênero em Mada al-Carmel, o Centro Árabe de Pesquisa Social Aplicada em Haifa. Sua pesquisa enfoca o direito, a sociedade e os crimes de abuso de poder. Ela estuda o crime de feminicídio e outras formas de violência de gênero, crimes de abuso de poder nos contextos coloniais, vigilância, securitização e controle social, trauma e recuperação em zonas militarizadas e colonizadas.

Fonte: Universidade Hebraica de Jerusalém

28 The language of 'security' and 'dangerousness' produces women, their unborn and newborns and their families as unwanted, demonized, 'threatening' entities, which authorizes and permits violence against them.

Estados Unidos. Um Acordo "excelente" para Israel e para o Egito, que acabou com qualquer possibilidade de recuperação integral ou parcial da Palestina. O resultado foi o confinamento dos palestinos em Gaza, expulsão do Egito da Liga árabe e assassinato do Presidente do Egito em 1981.

Em 1994, Ytzhak Rabin, primeiro-ministro de Israel, Bill Clinton, presidente dos Estados Unidos e o primeiro-ministro da Jordânia Abdul Salam al Madjali, celebram um acordo que compreende seis pontos principais: a demarcação da fronteira Israel-Jordânia, assuntos referentes aos recursos hídricos, a segurança, a liberdade de movimentos, os lugares de significado histórico e religioso e os refugiados e pessoas deslocadas. O resultado foi o isolamento da Cisjordânia seguido do controle total do governo israelense, incluindo o controle dos recursos hídricos e da eletricidade por Israel de todo o território palestino ocupado. Em 2009, o Primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu, o presidente americano Barack Obama e o presidente da Autoridade Nacional Palestina Mahmud Abbas fazem uma aproximação semeando uma negociação de "paz". Resultado: Mais três invasões israelenses na Faixa de Gaza, 2009, 2012 e 2014, a última com mais de duas mil e duzentas mortes de palestinos, boicote econômico e controle de todos os recursos de Gaza, término do confinamento e dominação da Cisjordânia por Israel com a finalização do Muro de 780 km de extensão que cerca toda a região e demarca o domínio dos recursos hídricos da região, além do controle da movimentação dos palestinos através de mais de 500 pontos militares de controle *(checkpoints)*, onde os palestinos passam horas de humilhações para tentar atravessar.

A comunidade internacional "condena" as ações do estado israelense, sem, no entanto, fazer nada de prático em favor dos palestinos. Afinal já são 70 anos em condições cada vez piores e várias resoluções da Organização das Nações Unidas que não são cumpridas. As atuais ações de boicote (BDS) reduzem um pouco, mas não freiam a construção de assentamentos israelenses, tampouco fazem com que Israel cumpra as determinações do Tribunal Internacional. Em um artigo intitulado "Quem deu a Israel o direito de negar todos os direitos", o escritor uruguaio Eduardo Galeano, autor de mais de 40 obras, questiona os direitos do Estado de Israel do não cumprimento destas determinações e a superproteção americana que dá o aval para todas as atrocidades cometidas pelo estado.

> A chamada "comunidade internacional", existe? É algo mais que um clube de mercadores, banqueiros e guerreiros? É algo mais que o nome artístico que os Estados Unidos adotam quando fazem teatro? Diante da tragédia de Gaza, a hipocrisia mundial se ilumina uma vez mais. Como sempre, a indiferença, os

> discursos vazios, as declarações ocas, as declamações altissonantes, as posturas ambíguas rendem tributo à sagrada impunidade. Diante da tragédia de Gaza, os países árabes lavam as mãos. Como sempre. E como sempre, os países europeus esfregam as mãos. A velha Europa, tão capaz de beleza e de perversidade, derrama alguma que outra lágrima, enquanto secretamente celebra esta jogada de mestre. Porque a caçada de judeus foi sempre um costume europeu, mas há meio século essa dívida histórica está sendo cobrada dos palestinos, que também são semitas e que nunca foram, nem são, antissemitas. Eles estão pagando, com sangue constante e sonoro, uma conta alheia. (GALEANO, 2012)[29]

Galeano critica severamente a comunidade internacional pela nulidade de reações concretas que acabem com a impunidade israelense e com a proteção norte-americana. Bastaria que uma resolução da ONU fosse respeitada, a 194 de 11 de dezembro de 1948. Ilan Pappé a cita em *Limpeza étnica da Palestina*:

> A Assembleia Geral da ONU resolve que os palestinos que desejam retornar a suas casas e vive em paz com seus vizinhos devem poder fazê-lo no prazo viável mais curto possível e que se deve pagar indenizações a título de compensação pelos bens dos que não desejam mais retornar ou por qualquer bem perdido ou danificado que, sob os princípios da internacional e da igualdade, devem ser reparados pelos governos e autoridades responsáveis. (PAPPÉ, 2016, p. 270)

A resolução garante o direito do retorno aos refugiados palestinos com as garantias fundamentais, mas setenta anos se passaram e nenhum movimento em direção ao cumprimento desta resolução foi realizado. Ao contrário, com o apoio das grandes potências mundiais, os governos de Israel fizeram o contrário, foram desmontando o pouco que restou dos territórios ocupados da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. Assentamentos com colonos armados cercam os vilarejos palestinos que nada podem fazer contra o avanço das desapropriações de terras, ataques dos colonos contra suas plantações e contra os indivíduos dos vilarejos.

[29] Extraído do site da Revista Fórum.

3 OS GESTOS DE LEVANTES NA PALESTINA

3.1 PORQUE SE LEVANTAR?

Setenta anos de resistência. Como explicar uma resistência desta dimensão? O que se ganha ao enfrentar um tanque de guerra israelense somente com paus e pedras?

Figura 23: Mulher palestina atirando pedras em soldados israelenses na fronteira de Gaza com Israel
Fonte: The Telegraph, 2018

A mulher na foto da figura 23 não se mostra intimidada mesmo com todo o cenário de guerra a sua volta. Seu gesto de levante é encorajado pelo quê? De onde vem esta cólera? De que adianta jogar pedras contra soldados fortemente armados predispostos e autorizados a apertar o gatilho a qualquer instante? Para os *snipers* israelenses, não há discriminação de sexo ou idade, é uma escolha aleatória que parece não causar nenhum trauma ou consequência para o atirador, a não ser a demonstração da crueldade humana. É só mais um inimigo que cai. O mal torna-se normal, banal, sem conflitos com a moralidade e a dignidade humana. Mais um exemplo que confirma a hipótese da "banalidade do mal" de Hannah Arendt em sua obra *Eichmann em Jerusalém,* publicado em 1963 e baseado em seus relatos escritos para o jornal *The New Yorker* sobre o julgamento do nazista Adolf Eichmann. Em sua hipótese, Arendt realiza uma análise do

“ser humano (ou indivíduo) Eichman” que, segundo ela, não possuía nenhum histórico racista contra os judeus e tampouco apresentava características de ser uma pessoa doente ou sem caráter. Arendt utiliza o depoimento de Eichmann para deduzir que ele simplesmente fez o que acreditava ser sua função ao cumprir as ordens dos superiores enviando judeus para os “trens da morte”, pensando meramente numa ascensão profissional, utilizando-se de um raciocínio que o conduzia a uma lógica burocrática e nada mais. Ele cumpria ordens sem colocar em questão se o que estava fazendo era certo ou errado. Executava as ordens com zelo e eficiência e após uma jornada de trabalho, retornava ao seu lar com a sensação de dever cumprido. Arendt traz à tona uma ideia da frieza do mal, que é produzido num meio político e histórico e tem espaço reconhecido institucionalmente para este tipo de atitude. A violência torna-se trivial, o raciocínio lógico ultrapassa os limites da noção de humanidade e moralidade, e a banalidade do mal se instaura.

Figura 24: Palestino com super-estilingue, próximo à cerca da fronteira de Gaza e Israel
Fonte: MSNBC, 2018

Façamos um questionamento simples para pensarmos nossa hipótese: Por que se levantar sabendo que vai perder e que pode morrer? Por que resistir? O homem da figura 24 está determinado a se levantar e combater o inimigo que está a sua frente. Não estamos duvidando da sua capacidade de reagir. É possível que um estilingue com esta envergadura cause algum ferimento em soldados israelenses, caso ele venha acertar algum deles (levando em conta que a distância não é tão pequena), e caso consiga acertar em alguma parte do corpo que não esteja bem protegida.

Em sua exposição *Soulèvements*, Didi-Huberman pretende fazer refletir sobre o que faz as pessoas se mobilizarem, e vai mais além, fazer pensar por que elas se sublevam (insurgem) e contra o que ou contra quem estão se rebelando. Parte do princípio que inicialmente elas se acomodam perante as humilhações, e mesmo coletivamente, com um número e poder maior, ficam paralisadas diante das ameaças e das agressões que sofrem dos opressores. Para o teórico e curador da exposição, o que nos dá força e nos empurra às rebeliões são as forças mentais, físicas e sociais (opressivas), e afirma que "é através destas forças que transformamos a imobilidade em movimento, a opressão em energia, a submissão em revolta" (DIDI-HUBERMAN, 2017)[30]. É a partir dos questionamentos que fizemos nas fotos 23 e 24 e através desta perspectiva de Didi-Huberman que procuramos resgatar diferentes gestos de insurgência e de revolta daqueles que se levantam na Palestina. São gestos impulsionados por sentimentos que mobilizam ações e desejo de mudança, desejo de acabar com a opressão, desejo de liberdade, de paz.

[30] Trecho da entrevista de Didi-Huberman sobre a exposição *Soulèvements*, extraído do site Vimeo.

3.2 AQUELES QUE SE LEVANTAM NA PALESTINA

Figura 25: Fadi Abu Salah resistindo à repressão israelense na fronteira da Faixa de Gaza com Israel na "Grande Marcha do Retorno" que iniciou em março de 2018.
Fonte: Site do Prêmio Prix Bayeux

Fadi Abu Salah (fig. 25), palestino de vinte e nove anos, resistiu à repressão israelense na fronteira da Faixa de Gaza com Israel na chamada "Grande Marcha do Retorno"[31]. Os soldados israelenses receberam ordens para reagir e começaram a atirar contra os manifestantes que jogavam pedras e queimavam pneus do outro lado da cerca

[31] A Grande Marcha do Retorno - *Masirat Aleawdat Alkibrii* (مسيرة العودة الكبري) iniciou no dia 30 de março de 2018 no chamado o "Dia da terra" que marca o dia 30 de março de 1976, data em que foi declarada uma greve geral contra o confisco de terras em todo território da Palestina ocupado em 1948, desde a Galiléia, no norte, até Negev, no sul. As manifestações se estenderam à Cisjordânia, Faixa de Gaza e aos campos de refugiados. As forças de ocupação israelenses assassinaram seis palestinos e feriram centenas, além de levarem milhares à prisão. Desde aquele dia, os palestinos lembram a data de 30 de março comemorando o "Dia da Terra", dia que unificou os palestinos em defesa da sua terra.
Fonte: https://www.resistencia.cc/palestinos-comemoram-o-dia-da-terra/

de arame farpado. Fadi foi atingido no peito por uma bala explosiva e morreu no local. Exatamente um ano após o início da Grande Marcha do Retorno em 30 de março de 2018, cerca de duzentos e vinte palestinos foram assassinados, entre eles, mulheres, crianças e outros deficientes além de Fadi Abu Salah, além de deixar mais de dois mil e quatrocentos feridos com tiros. Fadi estava entre os sessenta e dois mortos pelas tropas israelenses durante as manifestações pacíficas do dia 14 de maio de 2018 em um protesto mais intenso que nos outros dias. A situação se agravou após o anúncio do presidente norte-americano Donald Trump que, além de reconhecer Jerusalém como a capital indissolúvel de Israel, ainda havia anunciado a transferência da embaixada dos Estados Unidos de Telaviv para Jerusalém.

Segundo a família, Fadi já havia perdido as duas pernas em 2008 em um bombardeio aéreo de drones durante a invasão de Israel em Gaza. Numa entrevista do dia 30 de março de 2018 à Agência *Anadolu*, Fadi disse que, mesmo após quase ter morrido em 2008, manteria sua participação nas manifestações no enclave de Gaza "até que a Palestina seja livre e o bloqueio israelense tenha sido suspenso". Ele era casado e tinha cinco filhos. Sua esposa Amina relatou a agência de notícias que os soldados israelenses o atacaram inúmeras vezes com bombas de gás lacrimogênio em sua cadeira de rodas, principalmente quando suas imagens com a *funda* começaram a circular pela internet. Centenas de sites e redes sociais noticiaram sua morte. A fotografia de Fadi biamputado na cadeira de rodas armado com uma *funda* pronto para arremessar uma pedra contra um exército fortemente armado, capaz de atirar sem hesitar, é uma imagem que impressiona qualquer espectador. A capacidade de convencimento de uma imagem como essa serviu de estímulo a outros palestinos para se mobilizarem junto a Fadi nas manifestações. Eles o consideravam um herói e, após sua morte um *mártir (shahid)*. A fotografia foi tão impactante que Mahmud Hams, fotógrafo da AFP (Agence France-Presse) em Gaza e autor da foto, recebeu o *25ª Prêmio Bayeux Calvados-Normandie de Correspondentes de Guerra* em outubro de 2018. O prêmio é conceituado mundialmente no meio jornalístico, principalmente nesta categoria.

Em um relato publicado no site da AFP após a premiação, Mahmud Hams afirma que:

> Este homem é chamado Saber al-Ashqar, ele tem 29 anos. Ele mora na Cidade de Gaza e vai todas as tardes de sexta-feira para a fronteira leste da cidade, em um lugar chamado *Malaka*. Ele vem de ônibus. Amigos o ajudam a entrar e sair. Eles o acompanham até a cena do evento. Eu o encontro lá toda semana. Dois outros amputados também estavam se manifestando. Eles foram mortos desde então. Um veio de *Khan Younis* e o outro da cidade de *Gaza*. É um lugar

> muito perigoso. Mais perigoso em alguns aspectos do que quando há um ataque ou incursão israelense. Os manifestantes viajam todas as sextas-feiras até a cerca que separa o enclave palestino de Gaza do território de Israel desde a "Grande Marcha de Retorno", lançada em 30 de março. Tem como objetivo primeiro acabar com o bloqueio do enclave pelo estado judeu. [...] Jornalistas não são poupados. Mohammed Abed, meu colega da AFP, foi ferido na perna em 8 de junho. Ele ainda se recupera lentamente. Chegamos lá de carro e depois nos juntamos aos manifestantes. Nós vestimos coletes à prova de balas e máscaras de gás. A maioria dos jornalistas usa uma braçadeira indicando sua participação na imprensa. Isso não impede que muitos deles sejam atingidos. É óbvio que tenho medo quando eu trabalho lá e vejo a quantidade de machucados. As das pernas são horríveis. Além disso, há uma escassez de antibióticos e outras drogas no enclave. É por isso que esta história é difícil de abordar. O lugar é muito exposto e o risco é muito grande. (HAMS, 2018, **tradução nossa**)[32]

Há uma contradição no relato do fotógrafo que até o momento da escrita esta tese ainda não havia sido esclarecida, que se refere ao nome do homem que aparece na foto. Em todos as fontes pesquisadas, ele foi identificado como *Fadi Abu Salah*, mas Mahmud Hams chamou-o de *Saber Al Ashkar*. Apesar disso, se não considerarmos esta discrepância, que obviamente é de extrema relevância já que estaremos nos referindo a outro indivíduo com outra história de vida (não menos importante, naturalmente), o relato aproxima o espectador e a fotografia daquele momento reforça a capacidade tornar o evento fotográfico mais próximo da "realidade". Através desta foto e do seu relato, o fotógrafo nos aproxima do momento da captura da imagem, ao menos tenta nos aproximar do "real", quase o tocamos. Em seu ensaio: *Quando as imagens tocam o real*, Didi-Huberman afirma que "Assim, podemos propor esta hipótese de que a imagem *arde* em seu contato com o real. Inflama-se, e nos consome por sua vez." (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 208). Os detalhes da foto como a sujeira nas rodas da cadeira, o suor na camiseta

---

[32] Cet homme s'appelle Saber al-Ashqar, il a 29 ans. Il vit à Gaza City et se rend tous les vendredi après-midi à la frontière Est de la ville, dans un endroit appelé Malaka. Il y vient en bus. Des amis valides l'aident à y monter et à en descendre. Ils l'accompagnent sur les lieux de la manifestation. Je le croise là-bas toutes les semaines. Deux autres amputés des jambes venaient aussi manifester. Ils ont été tués depuis. L'un venait de Khan Younès et l'autre de Gaza City. C'est un endroit très dangereux. Plus dangereux à certains égards que quand il y a une attaque ou une incursion israélienne. Les manifestants se rendent chaque vendredi à la barrière séparant l'enclave palestinienne de Gaza du territoire d'Israël depuis la « Grande marche du retour » déclenchée le 30 mars. Elle vise d'abord à mettre fin au blocus de l'enclave par l'Etat hébreu. (...) Les journalistes ne sont pas épargnés. Mohammed Abed, mon collègue de l'AFP, a été blessé à la jambe le 8 juin. Il est encore en convalescence et se remet doucement. Nous arrivons sur place en voiture et puis nous rejoignons les manifestants. Nous portons des gilets pare-balles et des masques à gaz. La plupart des journalistes portent un brassard indiquant leur appartenance à la presse. Ce qui n'empêche pas plusieurs d'entre eux d'avoir été touchés. Bien sûr que j'ai peur quand je travaille là-bas et que je vois le nombre de blessures. Celles aux jambes sont affreuses. En plus il y a une pénurie d'antibiotiques et d'autres médicaments dans l'enclave. C'est pour ça aussi que cette histoire est difficile à couvrir. L'endroit est très exposé, et le risque très grand.

Fonte: Texto extraído do site da agência France Presse – AFP Making-of

de Fadi, sua calça dobrada na altura dos joelhos, a fumaça dos pneus queimados ao fundo e a terra coberta com pasto seco, liberam algo que nos conecta ao momento da cena.

Para explicar sua ideia, Didi-Huberman nos faz refletir a partir dos pensamentos de filósofos e historiadores da arte como Aby Warburg, Walter Benjamin, Maurice Blanchot, Kant e Aristóteles. Ele conclui seu ensaio com um parágrafo não só explicativo, mas poético:

> Nisto, pois, a imagem arde. Arde com o real do que, em um dado momento, se acercou (como se costuma dizer, nos jogos de adivinhações, "quente" quando "alguém se acerca do objeto escondido). Arde pelo desejo que a anima, pela intencionalidade que a estrutura, pela enunciação, inclusive a urgência que manifesta (como se costuma dizer "ardo de amor por você" ou "me consome a impaciência"). Arde pela destruição, pelo incêndio que quase a pulveriza, do qual escapou e cujo arquivo e possível imaginação é, por conseguinte, capaz de oferecer hoje. Arde pelo resplendor, isto é, pela possibilidade visual aberta por sua própria consumação: verdade valiosa, mas passageira, posto que está destinada a apagar-se (como uma vela que nos ilumina, mas que ao arder destrói a si mesma). Arde por seu intempestivo movimento, incapaz como é de deter-se no caminho (como se costuma dizer "queimar etapas"), capaz como é de bifurcar sempre, de ir bruscamente a outra parte (como se costuma dizer "queimar a cortesia"; despedir-se à francesa). Arde por sua audácia, quando faz com que todo retrocesso, toda retirada, sejam impossíveis (como se costuma dizer "queimar os navios"). Arde pela dor da qual provém e que procura todo aquele que dedica tempo para que se importe. Finalmente, a imagem arde pela memória, quer dizer que de todo modo arde, quando já não é mais que cinza: uma forma de dizer sua essencial vocação para a sobrevivência, apesar de tudo. Mas, para sabê-lo, para senti-lo, é preciso atrever-se, é preciso acercar o rosto à cinza. E soprar suavemente para que a brasa, sob as cinzas, volte a emitir seu calor, seu resplendor, seu perigo. Como se, da imagem cinza, elevara-se uma voz: "Não vês que ardo?". (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 216)

Esta reflexão das várias maneiras que uma imagem *arde*, nos chama, clama por atenção, motiva-nos a pensar que ela também arde pela urgência, não só a urgência de sua manifestação, mas a urgência de ser notada, notada pela força do desejo que a coloca como uma comunicação ou informação possível de ser transmitida. "Arde pelo desejo que a anima, pela intencionalidade que a estrutura, pela enunciação, inclusive a urgência que manifesta".

Além da urgência e da potencialidade do desejo que flui através de Fadi, existem outros aspectos relevantes para se levar em conta ao nos depararmos com uma foto como a que foi premiada. Segundo Mahmud Hams, ele declara que o encontrava todas as sextas-feiras na manifestação e via-o sendo ajudado pelos amigos. Ou seja, há uma cumplicidade na produção desta fotografia, pois o protagonista sabia da possibilidade de ser fotografado, principalmente devido a sua condição física. Talvez até inconscientemente poderíamos supor que houve uma performance dele ao notar a

presença do fotógrafo. Mas, ao analisarmos estas possibilidades, não podemos nos desaperceber do instante de perigo em que o palestino está envolvido. Em sua condição física, sua simples presença em um local onde a iminência de ser ferido ou até mesmo morto justifica os louvores da fotografia.

Figura 26: Ibrahim Abu Thuraya trabalhando nas ruas de Gaza e na Grande Marcha do Retorno
Fonte: The Independent, 2018

Em outro caso semelhante, Ibrahim Abu Thuraya foi assassinado pelas forças israelenses em novembro de 2017 enquanto protestava pacificamente ao leste de Gaza, somente com uma bandeira da Palestina na mão, como sempre fazia. O Ministério da Saúde da Autoridade Nacional Palestina disse que ele foi baleado quando caiu da sua cadeira de rodas e rastejou no campo após uma chuva de bombas de gás lacrimogênio cair sobre ele e os seus companheiros. Abu Thuraya também perdeu as pernas e um rim, em 2008, em um ataque de um helicóptero israelense depois que ele derrubou a bandeira de Israel e ergueu a bandeira palestina em uma torre. Apesar disso, ele foi protestar contra a anexação total de Jerusalém por Israel sem temer o que pudesse acontecer com ele. Segundo os amigos irlandeses que o ajudaram muito na Palestina, ele disse: “Por favor, nunca olhem para o meu corpo deficiente, olhem para o excelente trabalho que estou fazendo. Eu nunca me desespero. Não é o fim do mundo e a vida deve continuar.” O exército israelense comunicou que só abriu fogo para conter os "principais instigadores" dos violentos protestos.

A covardia (ou ódio?) explícita dos atiradores israelenses contra mulheres, crianças, idosos, socorristas, jornalistas e deficientes não enfrenta nenhum limite, tudo é permitido.

Figura 27: A esquerda, a socorrista Razan Ashraf Al-Najjar com uma "chave" simbólica e a direita socorrendo um jovem ferido por soldados israelenses.
Fonte: Middle East Eye, 2018

As imagens acima são da jovem Razan Ashraf Al-Najjar, de 21 anos, uma socorrista voluntária na Grande Marcha do Retorno na fronteira entre a Faixa de Gaza e Israel. Ela atuava nos primeiros socorros nas manifestações desde o primeiro dia da Marcha, em 30 de março de 2018. Entre os seus plantões no Hospital de Gaza, ela liberava as sextas-feiras para se deslocar até a fronteira e socorrer os feridos nas manifestações. Em uma entrevista, ela se colocou a favor dos direitos das mulheres na comunidade palestina e disse que sabia que estava arriscando a própria vida, pois os soldados israelenses estavam escolhendo os alvos, não de acordo com a ameaça física que representavam, mas os "instigadores" das manifestações. O que ela não sabia é que ela própria seria considerada ameaça por suas declarações em favor da Grande Marcha do Retorno, de sua representatividade como feminista que conclamou as mulheres palestinas para ajudar os feridos nas manifestações, e levou muitos companheiros da saúde a acompanhá-la nessa missão. Seu espírito de solidariedade e sua determinação foram e ainda são um exemplo de coragem e estímulo para os jovens palestinos entrarem na luta pelo fim do boicote israelense à Faixa de Gaza e pelo direito do retorno dos refugiados aos territórios ocupados por Israel. Ela foi assassinada por um *sniper* israelense enquanto socorria um jovem que havia sido ferido no olho. A desumanização de Razan ocorreu alguns dias depois de sua morte com um vídeo manipulado pelas autoridades israelenses onde Razan diz que os paramédicos servem de escudos humanos ao socorrer os feridos e se colocar por diversas vezes entre os manifestantes e os soldados. O vídeo foi espalhado

pelas redes sociais como se fosse uma declaração de um integrante do grupo Hamas, acusado pelo governo israelense de utilizar civis palestinos como escudos humanos.

As mulheres palestinas sempre foram alvos das forças de ocupação israelenses, pois elas são "responsáveis" pelo aumento constante da comunidade palestina, contrariando as pretensões dos colonizadores que querem manter a maioria judia. O movimento feminista palestino vem se ampliando intensamente contra a ocupação israelense colonialista e a opressão machista em sua sociedade. Dentro da comunidade palestina elas se tornaram símbolos da resistência por suas demonstrações de coragem contra as forças de ocupação, atuando nas linhas de frente. Além da jovem Razan Ashraf Al-Najjar que já mencionamos anteriormente, podemos destacar a Drª Hannan Ashrawi[33], que, após realizar sua graduação em Literatura no Líbano, foi impedida de retornar à Palestina após a Guerra dos Seis Dias. Durante seu tempo no exílio, realizou mestrado em Beirute e Doutorado nos Estados Unidos, e em 1973, conseguiu retornar à Cisjordânia ocupada tornando-se uma líder política de fundamental importância na liderança da OLP (Organização para Libertação da Palestina) e nas negociações de um futuro estado palestino. Ela recebeu inúmeros prêmios por todo o mundo, entre eles vários por sua ação como uma Mulher Palestina de tanta resistência e resiliência, dentre os quais o prêmio *Mulheres Internacionais da Esperança*, o prêmio *Mulheres do Século*, o prêmio de *Liderança das Mulheres Jane Addams International* e o prêmio feminino da *Pearl Buck Foundation*.

Muitas mulheres palestinas são presas e passam por torturas e ameaças nas prisões israelenses por simplesmente resistir à ocupação, seja pela escrita, seja pela resistência em manifestações, ou como a jovem Razan, em assistência à saúde. Segundo a Soraya Misleh, jornalista palestino-brasileira, mestre e doutoranda em Estudos Árabes pela Universidade de São Paulo (USP), a violência com as mulheres palestinas não se

[33] A Drª. Hanan Daoud Khalil Ashrawi é Bacharel e Mestre pela Universidade Americana de Beirute e PhD em literatura comparada e medieval pela Universidade da Virgínia, EUA. Foi reitora da Faculdade de Artes da Universidade Birzeit até 1995. Ela também estabeleceu e liderou o Comitê de Assistência Jurídica da Universidade de Birzeit. Também foi Ministra do Ensino Superior e Pesquisa Científica de 1996-1998. Atualmente é membro do Conselho Nacional Palestino e foi eleita para o Conselho Legislativo Palestino em 2006. Em 2009, foi eleita membro do Comitê Executivo da OLP e chefia o Departamento de Cultura e Informação. Ela fundou uma série de órgãos e instituições, principalmente a Comissão Independente para os Direitos Humanos (ICHR), a Iniciativa Palestina para a Promoção do Diálogo Global e Democracia - MIFTAH e a Coalizão para Prestação de Contas e Integridade - AMAN. A Drª. Ashrawi também é membro de órgãos consultivos de várias instituições, incluindo o Instituto de Estudos da Palestina e a Comissão Internacional de Direitos Humanos. É detentora de vários graus honoríficos, incluindo prêmios locais e internacionais na área de questões femininas, pacificação, relações internacionais, direitos humanos e educação superior. Ela é autora de poemas, contos e artigos sobre cultura, literatura e política palestina.

Fonte: Universidade de Birzeit

restringe às autoridades israelenses. Em seu artigo chamado *Devemos nos inspirar na resistência da mulher palestina*, publicado no Dia Internacional da Mulher, em 2019, ela afirma que

> Além das prisões, são submetidas a toda sorte de ameaças e agressões pelos colonos em assentamentos ilegais na Palestina ocupada. Nem mesmo o direito à maternidade segura lhes é garantido. Em 2005 o Alto Comissariado para Direitos Humanos das Nações Unidas denunciava que, entre setembro de 2000 e dezembro de 2004, 61 gestantes foram impedidas de ter seus filhos em hospitais: sua passagem foi barrada em postos de controle israelenses na Cisjordânia, Palestina ocupada em 1967. Tiveram seus filhos ali, o que resultou na morte de 36 dos bebês. Estatística que se mantém. Algumas foram ainda espancadas, mesmo grávidas. Em Gaza, não é assegurado sequer o direito ao pré-natal. Metade das mulheres não consegue fazê-lo, diante do cerco desumano imposto por Israel há cerca de 12 anos. Cerca de setenta por cento delas estão desempregadas, num quadro de grave crise humanitária. (MISLEH, 2019)[34]

Segundo a jornalista, os colonos judeus que habitam os assentamentos na Palestina ocupada também corroboram da violência cometida contra as mulheres palestinas com ameaças e agressões. Além disso, as forças de ocupação, propositalmente, impedem as gestantes de chegar aos hospitais e acabam perdendo seus filhos em decorrência da falta de atendimento.

Outra mulher que merece ser mencionada é Samah Jabr, psiquiatra, psicoterapeuta e escritora palestina, presidente da Unidade de Saúde Mental do Ministério da Saúde da Palestina. Ela vem se destacando desde os anos 2000, durante a *Segunda Intifada*, quando em decorrência dos diversos ataques suicidas de jovens palestinos, ela publicou diversos artigos sobre saúde mental, mais especificamente das consequências psicológicas do colonialismo e direitos humanos violados, utilizando, como base teórica e inspiração, o psiquiatra anticolonial Frantz Fanon[35]. Seu trabalho ganhou repercussão na Europa em meados de 2018 com a difusão do documentário *Derrière les fronts: Résistances et Résiliences en Palestine*, da diretora francesa Alexandra Dolls. O documentário é uma jornada pela Palestina ocupada na companhia da Drª Samah com sua participação em discussões sobre os métodos e estratégias da tortura física e psicológica

[34] Trecho extraído do site da revista Carta Capital.

[35] Frantz Omar Fanon foi um psiquiatra que se destacou como um dos maiores pensadores da colonização e das suas consequências psicológicas. De ascendência francesa e africana, envolveu-se ativamente na luta pela independência da Argélia e tornou-se um grande filósofo e ensaísta sobre a psicopatologia da colonização baseado em sua experiência e nos movimentos de libertação anticoloniais. Suas obras foram *Peau noire, masques blancs (1952)*, L'an *V de la révolution algérienne (1959)*, *Les damnés de la terre (1962)*, *Pour la révolution africaine* (post mortem, 1964).

Fonte: https://www.lisez.com/auteur/frantz-fanon/69024

que os palestinos passam diariamente, entrevistas com pessoas que fazem seus relatos das experiências sofridas que passam de racismo e discriminação a atos de violência e suas consequências; como isso afeta e de que maneira se manifesta na mente destas pessoas. Um trabalho de conscientização do quanto os setenta anos de ocupação da Palestina trazem consequências terríveis às mentes dos indivíduos.

Dolls propõe uma jornada através de Samah sobre as consequências invisíveis da colonização, em que mostra que se trata da pior forma de ocupação, de uma ocupação íntima, a ocupação da mente. Através das narrativas, Samah mostra como os palestinos podem ser tão resilientes e as possíveis ferramentas para resistir e quando possível, *levantar-se.* Alexandra diz que o objetivo das exibições do documentário em salas de cinema seguidas de debates e testemunhos não é o de mostrar heróis ou massacres, mas permitir que o mundo e os próprios ocupantes saibam que os crimes de tortura física e psicológica estão sendo denunciados e que não ficarão impunes.

Samah Jabr participa de muitos programas de rádio, entrevistas, publica artigos e é convidada para ministrar palestrar em diversas instituições de apoio aos palestinos na França. O seu discurso segue a linha de visão de Franz Fanon e ela afirma que um dos principais desafios da luta palestina pela libertação nacional é a necessidade de "construir uma compreensão e uma cultura psicológicas que possam libertar a mente das pessoas, paralelamente à libertação da terra". (JABR, 2018)[36]. Suas denúncias também perpassam prisões de crianças e adolescentes palestinos que têm experiências muito traumáticas desde sua prisão e pelas torturas que passam nas mãos das forças de ocupação israelenses. Segundo ela,

> 700 jovens palestinos são presos a cada ano. A idade média de detenção é de 15 anos e a duração média na prisão é de 147 dias. Noventa por cento destes menores foram considerados expostos a experiências traumáticas, e 65% deles desenvolveram distúrbios psiquiátricos. Para esses menores e adolescentes a experiência de prisão é sobreposta a uma infância já dificultada pela ocupação israelense, sob a qual os serviços sociais e os sistemas de apoio à educação são fracos, o atendimento médico inadequado e a violência política é endêmica." (JABR, 2016, **tradução nossa**)[37]

[36] Trecho extraído do site da Union Juife Française pour la Paix – UJFP.

[37] 700 jeunes palestiniens qui sont arrêtés chaque année. La moyenne d'âge à l'arrestation est de 15 ans et la moyenne de la durée de leur détention en prison est de 147 jours. Quatre-vingt-dix pour cent de ces mineurs sont considérés avoir été exposés à des expériences traumatisantes, et 65 % d'entre eux ont développé des troubles psychiatriques. Pour ces mineurs et adolescents, l'expérience de l'arrestation se superpose à une enfance déjà rendue difficile en raison de l'occupation israélienne, sous laquelle les services sociaux et les systèmes d'aides à l'éducation sont faibles, l'alimentation et les soins médicaux insuffisants, et la violence politique endémique. Fonte: Union Juive Française pour la Paix (UJFP)

Os temas das suas publicações versam sobre saúde mental, direitos das pessoas com necessidades especiais, marginalização e abuso. Dentre estes aspectos, figuram difíceis relações familiares como o machismo ainda muito presente na sociedade palestina. A homossexualidade é outro tema polêmico, mas que aos poucos está começando a ser discutido nos meios acadêmicos e políticos palestinos, levando em conta que os movimentos deste grupo naturalmente vão ao encontro da causa palestina, pois eles também são palestinos e sofrem com a ocupação israelense. Como o estado de Israel é conhecido pelas causas em favor destes movimentos, eles se utilizam desta "liberdade" para assediar os homossexuais árabes israelenses, de maneira que aceitem a mudança da nacionalidade de árabes-israelenses (cidadãos desprivilegiados) para israelenses (cidadãos de primeira classe) e usufruam dos direitos de cidadãos.

Diante dessa perspectiva, a Drª Samah Jabr resiste da sua forma. Seu levante é pela voz, pela escrita, pela sua resistência diária, e traz à tona um tema diferente nas discussões que se tornaram senso comum sobre a Questão Palestina, de que a ocupação israelense não está apenas no cerne político, mas também no centro dos problemas de saúde mental dos palestinos. A concepção de *Sumud* é trabalhada no documentário (em árabe: صمود), como um termo que se aproxima do conceito de *Resiliência* que é descrito como um sentimento orientado para um estado de espírito. O antropólogo Leonardo Schiocchet diz em seu artigo *Vidas de refugiado aqui e lá: al-sumud entre palestinos refugiados no Oriente Médio e no Brasil* que,

> uma análise ritual do pertencimento social palestino firmemente atrelada a variações de uma concepção de tempo palestino mais ou menos impulsionada simbolicamente pela concepção de al-sumud (صمود - resistir, manter-se firme, se opor, salvar, [em inglês, "steadfastness"]. Sendo que samid (plural, samidin - صميدين ,(que se desenvolve inscrita, em grande medida, em uma práxis islâmica. Isso por sua vez influencia a forma como comunidades palestinas não muçulmanas se relacionam com o tema, e, portanto, com um esquema temporal palestino mais amplo, historicamente gerado no contexto de um ativismo secular de maioria muçulmana que com o tempo foi em parte se islamizando. Nos casos onde al-sumud é central, geralmente se verifica uma "hiper-expressão identitária", responsável pela ritualização do próprio quotidiano da comunidade. (SCHIOCCHET, 2012, p. 1)

O termo é utilizado no documentário pelo Arcebispo da Igreja Ortodoxa de Jerusalém, Theodosios de Sebastia, quando reafirma a posição dos cristãos israelenses (mas identificados como árabes israelenses) em relação ao ingresso no exército israelense. Ele expressa sua oposição e afirma que os cristãos são palestinos, também são perseguidos e que jamais participarão da execução da estratégia sionista de ocupação contra os irmãos palestinos muçulmanos, pois vai contra os princípios cristãos. Ele se

refere a *sumud* como a forma máxima de resistência de todos os palestinos independente de sua religião.

Samah Jabr afirma que *Sumud* tem origem na luta palestina contra a ocupação britânica e é uma orientação para a ação, ou seja, neste sentido significa "manter-se firme diante da subjugação e da ocupação israelense com uma dimensão individual, mas também coletiva, mantendo a solidariedade moral e social." (JABR, 2018)[38].

Segundo o antropólogo e sociólogo holandês Toine Van Teeffelen[39], *Sumud* significa

> perseverar, apesar de toda a opressão e dificuldades enfrentadas pelos palestinos. Exemplos são abundantes: camponeses e famílias se apegam a suas terras, apesar da expropriação ou construção do Muro, a mãe que continua a criar sua família apesar do toque de recolher, os proprietários que reconstruíram "ilegalmente" sua casa, pela enésima vez, o aluno que aspira a obter um certificado, apesar das sentenças de prisão ou do tempo de espera diário nos postos de controle para ir à escola ou universidade, não esquecendo de mencionar a continuidade da vida cotidiana, apesar dos massacres ao redor, como em Gaza. Como um projeto nacional, Sumud enfatiza a importância de preservar comunidades em território palestino, seja na Cisjordânia, Jerusalém, Gaza ou nos territórios de 1948. A essência da Sumud é resistir a continuidade do sionismo e a política do estado de Israel de negar e eliminar a presença palestina na terra, seja planejando medidas físicas e violentas, divisão social ou aniquilação cultural. Sumud significa apoiar e não desistir dos direitos políticos e humanos. (VAN TEEFFELEN, 2014, **tradução nossa**)[40]

Sumud ganha reconhecimento entre os palestinos como a presença coletiva no território, para apoiar a moral e manter a esperança. "Nós estamos aqui e nós permaneceremos, mas não como pessoas submissas." (VAN TEFFELEN, 2014)[41]. Segundo Van Teeffelen, o povo e o território palestino já foram ocupados tantas vezes

---

[38] Trecho extraído do site da Union Juife Française pour la Paix – UJFP

[39] Dr. Toine Van Teeffelen é um sociólogo e antropólogo holandês, publicista e ativista pela paz no oriente médio. Ele é consultor em educação e sua área de atuação é o desenvolvimento de projetos no Instituto de Educação Árabe *(AEI – Open Windows)*, em Belém, na Palestina, onde vive desde 1995 e constituiu família com uma palestina.

[40] persevering despite all the oppression and hardships that Palestinians face. Examples abound: the peasants and families who stick to their place despite land expropriations or the building of the Wall, the mother who keeps raising her family despite ongoing curfews, the house owner who rebuilds his "illegally" built house for the nth time, the student who earns a certificate despite prison sentences or long daily waiting times at checkpoints while on the way to school or university, not to mention speaking up even while going on with daily life at a time when there are massacres all around, as in Gaza. As a national project, sumud underlines the importance of preserving the communities on Palestinian land, whether in the West Bank, Jerusalem, Gaza, or in the 1948 territories. In essence sumud is saying no to the continuing Zionist and Israeli state policies that aim to deny and erase the Palestinian presence on their lands, whether planned by physical and violent measures, social fragmentation, or cultural obliteration. Sumud suggests staying put, not giving up on political and human rights.

*Trecho extraído do site The Week in Palestine

[41] *Id. Ibid.*

que é possível que tenha fortalecido o caráter dos palestinos e sua insubordinação muito característica do povo do campo que se agarra ao seu território. Em 2002, mesmo com o discurso do então chefe do Estado-Maior, Moshe Yaalon, de que "os palestinos devem ter a ideia, no fundo de sua consciência, de que eles são um povo caído" (YAALON, 2002)[42], ele e todos os governantes sionistas de Israel não perceberam ou não querem enxergar que a *Sumud* está enraizada em todos os lugares onde existem palestinos, na Cisjordânia, na Faixa de Gaza, em Jerusalém (como árabes israelenses) e em campos de refugiados no exílio, como o de Chatila no Líbano.

Após a Guerra dos Seis Dias, ocorrida em 1967, a *Sumud* tomou uma forma, ainda que não a atual, mas de um tipo de resistência, o chamado *Sumud Funds* que objetivava coletar fundos para a resistência armada nos territórios palestinos e no exterior. Atualmente, o conceito evoluiu para uma "atitude", um estado de ação, mas uma ação ativa de resistência não-violenta que se recusa em cooperar com o inimigo. Hoje, até a conservação da cultura palestina é considerada *Sumud*, pois a possibilidade de extinção está quase sempre presente com as ameaças de aniquilação pelas forças de ocupação apoiadas pelo país mais poderoso do mundo.

Diversos artigos de Jabr foram encontrados no site da Organização não governamental *Union Juive Française pour la Paix (UJFP)*, um movimento de judeus franceses antirracista e antissionista que luta pela igualdade dos direitos dos palestinos em Israel. A Doutora Samah Jabr também foi convidada a palestrar na *School of Oriental and African Studies* (SOAS), da Universidade de Londres, e no *Institut de Recherche et d'Études Méditerranée Moyen-Orient* (iReMMO), sediado em Paris. Na visão de Jabr (indo ao encontro das convicções de Fanon), um dos principais desafios da luta palestina pela libertação nacional é a necessidade de construir "uma compreensão e uma cultura psicológicas que possam libertar a mente das pessoas, paralelamente à libertação da terra"(JABR, 2018)[43]. Essa prisão mental causada por décadas de ocupação colonial leva muitos palestinos ao desespero, o que acaba resultando por muitas vezes em suicídio.

Para a Drª Jabr, há uma diferença fundamental entre suicídio e o sacrifício que, dependendo do caso, exige tratamento diferenciado. Segundo ela, o suicídio vem do desespero, do egocentrismo extremo e da desvalorização total da vida, que perde todo o valor em termos interpessoais. Já "o ato de auto sacrifício frequentemente envolve uma dedicação altruísta aos outros e uma ânsia de melhorar suas chances futuras. Sua

[42] Trecho extraído do site Midle East Monitor.

[43] Extraído do site Union Juive Française pour la Paix – UJFP.

esperança é extinguir sua própria alma a serviço de dar luz aos outros e iluminar a estrada à frente." (JABR, 2016)[44]

Jabr, assim como todas as instituições pró-Palestina na França, participa do Boicote contra Israel, o BDSE. Em 2017, Jabr solicitou à Associação Internacional de Psicanálise e Psicoterapia Relacional (IARPP) que eles alterassem o local de sua conferência anual de 2019, que seria em Tel Aviv. Ela afirmou que a realização de um evento desse porte num local onde todos os crimes possíveis são praticados provocando tais doenças "protege Israel da exposição pública de suas atrocidades", mas o pedido foi negado com a simples resposta de que a organização organizadora do evento não mistura saúde com política. Segundo Jabr

> A ocupação - que nos priva de nossos entes queridos, espiona nossas relações privadas, nos desnuda, rouba anos de nossas vidas, estraga nossa saúde e nos confronta com contínuos pesares e humilhações – e em todos os sentidos do termo, muito pessoal e muito psicológico. Somente aqueles que estão do lado dos poderosos querem ignorar a relação dialética entre o psicológico e o político. (JABR, 2017, **tradução nossa**)[45]

Com a negação da Instituição, o movimento *Voz Judaica para a Paz (VJP)* iniciou e divulgou uma petição solicitando a mudança de localização do evento, além de um grupo de médicos palestinos de saúde mental com cidadania israelense se reuniu com a direção da IARPP e trinta membros da *Psychoactive*, uma organização israelense de Profissionais de Saúde Mental para os Direitos Humanos. Apesar das seguidas derrotas no campo político, seu desejo de liberdade e paz permanece e ela resiste atuando cada vez mais. Em 2015, ela promoveu outro levante quando pediu para que todos os profissionais de saúde mental do mundo se aliassem aos palestinos num ato com a missão de "promover a integridade do indivíduo"(JABR, 2018)[46], e que "as pré-condições para isso são a justiça social e o gozo dos direitos humanos universais". Sua ideia é forçar as barreiras e o cerco contra Israel para que o estado conceda cidadania plena a todos os palestinos, garantindo-lhes todos os direitos.

---

[44] *Id. Ibid*.

[45] L'occupation – qui nous prive de nos proches, espionne nos relations privées, nous met à nu, vole des années de nos vies, abîme notre santé et nous confronte à un chagrin et à une humiliation continus – est dans tous les sens du terme très personnelle et très psychologique. Seuls ceux qui sont du côté des puissants veulent ignorer la relation dialectique entre le psychologique et le politique.

Fonte: The Palestine Chronicle

[46] Trecho extraído do site http://derrierelesfrontslefilm.fr/samah-jabr/

3.3 O DESEJO, O LEVANTE E A IMINÊNCIA DA MORTE

Em nossa análise, tratamos dos sintomas revelados quando o desejo, repousado no subterrâneo (do inconsciente), é liberado e emerge das profundezas, normalmente provocado por uma injustiça, e se transforma num levante. Fadi Abu Salah, Abu Thuraya e Razan Ashraf Al Najjar são exemplos de pessoas as quais o desejo atravessou implacavelmente, de uma forma tão impactante que na iminência da morte tornou-os mais resistentes. Fadi e Abu Thuraya, porque já haviam sofrido com perdas físicas em bombardeios israelenses à Gaza, e Razan, presente no local das manifestações da Grande Marcha do Retorno, via a todo momento, com seus próprios olhos, os seus futuros pacientes serem atingidos por tiros ou bombas de gás lacrimogênio, onde vários morreram, se não em suas mãos, muito próximos a ela. Ou seja, após determinado ponto de resistência, a iminência da morte não os amedrontava mais, ao contrário, encorajava-os a lutar mais e mais e a estimular os demais a resistirem como eles. Em suas declarações, todos disseram que sabiam do risco de morte.

Ao passar por momentos de iminência da morte, os sentimentos afloram ao máximo e a vontade de resistir os acompanha. Maurice Blanchot em sua obra *O instante da minha morte,* faz a narrativa de um homem que foi poupado da morte na hora do fuzilamento e após o evento, sente-se diferente: “Que importa. Apenas permanece o sentimento de leveza que é a própria morte ou, para o dizer mais precisamente, o instante da minha morte doravante sempre iminente.” (BLANCHOT, 2003, p. 25). Leveza é um termo muito apropriado se pensarmos na ideia de alívio por não ter morrido após uma experiência de quase morte; uma sacralização do ego do sujeito oprimido que resiste e sobrevive, levantando-se o máximo que puder, resistindo, mesmo sabendo que vai morrer, não esperando nada mais da vida a não ser o instante da própria morte, que virá a qualquer momento.

Figura 28: A’ed Abu Amro numa manifestação contra o bloqueio israelense na fronteira entre a Faixa de Gaza e Israel em outubro de 2018. Foto de Mustafa Hassouna.
Fonte: Agência Anadolu, 2018

O jovem retratado na imagem acima é o palestino da cidade de Gaza, A’ed Abu Amro, de 20 anos. O fotógrafo Mustafa Hassouna da Agência Anadolu da Turquia capturou a foto no dia vinte e dois de outubro de 2018. O manifestante, sem camisa, encontra-se prestes a lançar uma pedra com sua funda utilizando toda sua força concentrada em seu braço esquerdo enquanto com o outro faz esforço para segurar firmemente a bandeira palestina. Seu rosto demonstra o enorme esforço produzido pelo seu corpo e projetado pelas suas mãos. A funda gira em torno de seu corpo acima da sua cabeça enquanto jornalistas e outros manifestantes aparecem num segundo plano. A’ed Abu Amro é focado num contraste mais nítido que os outros manifestantes e jornalistas identificados com suas jaquetas (como forma de proteção, mas nem sempre eficazes já que as fotos e as reportagens produzidas vão contra os interesses israelenses). Ao fundo, uma fumaça gerada pelas chamas dos pneus queimados para encobrir os palestinos que são alvos fáceis para o exército israelense, pois a região é um campo aberto apenas com pequenas saliências no solo e que alguns jovens palestinos utilizam como trincheiras para se aproximar ao máximo das forças israelenses, justamente na linha da cerca de arame farpado que separa o território ocupado da Faixa de Gaza, na Palestina, de Israel.

Em trinta de março de 2019, a Grande Marcha do Retorno completou um ano. Ela iniciou com aproximadamente trinta mil manifestantes, habitantes da Faixa de Gaza,

que se dirigiram à fronteira para protestar ao longo da cerca com Israel, exigindo o direito de retornar às suas casas e à terra na qual suas famílias foram expulsas setenta e um anos antes, em 1948, quando ocorreu a *Nakba*, a catástrofe palestina, o fim do estado palestino seguido da ocupação do território e criação do estado de Israel (e consequente apagamento do estado palestino). Os manifestantes também estão exigindo o fim do bloqueio israelense de doze anos do enclave, que, desde 2007, quando o grupo Hamas venceu as eleições parlamentares para governar a Faixa de Gaza, as fronteiras com Israel e Egito, assim como as saídas para o mar, foram fechadas. Um bloqueio cruel que não permite a entrada de alimentos, remédios e outros itens básicos para a população. As estações de água e de energia elétrica constantemente são alvos de bombardeios israelenses para "estancar as ações terroristas do Hamas" que mal consegue lançar foguetes contra Israel, e, quando consegue, a maioria dos foguetes não chega ao solo israelense, sendo abatidos pelo sistema de defesa mais moderno do mundo, o *Domo de Ferro*, que, como todo o poder bélico e nuclear israelense, é financiado com a ajuda do governo dos Estados Unidos.

Em entrevista à agência de notícias *Al Jazeera*, Abu Amro disse que todas as segundas e sextas-feiras ele se dirige à fronteira e participa dos protestos:

> Eu participo de protestos semanalmente, às vezes mais. Eu nem sabia que havia um fotógrafo perto de mim. Não vou a protestos para tirar fotos de mim, mas isso me encorajou a continuar me manifestando. A bandeira que eu estava carregando é a mesma que eu sempre carrego em todos os outros protestos que eu participei. Meus amigos tiram sarro de mim, dizendo que é mais fácil jogar pedras sem segurar uma bandeira na outra mão, mas eu me acostumei com isso. Se eu morrer, quero estar envolto nesta mesma bandeira. Estamos exigindo nosso direito de retorno e protestando por nossa dignidade e a dignidade de nossa futura geração. (ABU AMRO, 2018)[47]

Sua declaração refere-se ao sucesso que sua imagem obteve nas redes sociais. Sua foto foi comparada por milhares de pessoas com a icônica pintura *La Liberté guidant le peuple* (A Liberdade guiando o povo), de Eugène Delacroix[48], de 1830, que se tornou o símbolo da democracia na França e foi inspirada num dos momentos mais importantes da história francesa, a revolta que derrubou o rei Carlos X em julho de 1830.

---

[47] Trecho da entrevista publicado no site da agência de notícias Al Jazeera.

[48] Eugène Delacroix foi um pintor francês que viveu de 1798 a 1863. Ele é considerado o principal representante do romantismo na pintura francesa do século XIX. Após os quarenta anos de idade trabalha para o governo francês pintando arte em paredes e tetos de monumentos públicos. Pintou inúmeras gravuras, telas e litografias, além de escrever artigos para revistas. Fez muito sucesso no *Salão* de 1824 e nos seguintes foi muito requisitado, produzindo obras inspiradas em fatos históricos e contemporâneos como a *Liberdade guiando o povo*, em 1830.

Figura 29: Pintura *A Liberdade guiando o Povo* de Eugène Delacroix, 1830, Museu do Louvre, Paris.
Fonte: Musée Delacroix, 2019

Eugène Delacroix, reconhecido pintor romântico da época, faz uma pintura inspirada nesta revolta utilizando elementos da Revolução Francesa de 1789. Em 1831, ele apresentou seu quadro *Liberté guidant le peuple*, uma obra que ligava a antiga alegoria e a representação contemporânea. A obra é adquirida pelo Estado e exposta no *Musée du Luxembourg*. No ano seguinte, após o massacre policial de manifestantes na rua *Transnonain*, em Paris, tornou-se difícil para o público ver a pintura. O artista conseguiu, no entanto, mostrá-la durante a sua exposição individual na Feira Mundial de 1855. Exibida no Louvre a partir de 1874, com as outras obras de Delacroix adquiridas pelo Estado, *A Liberdade guiando o povo* (Museu do Louvre) torna-se uma pintura icônica da história da República e da democracia francesa.

O quadro (fig. 29) é o de uma mulher representando a *Liberdade* que guia o povo por cima dos corpos dos derrotados, empunhando a bandeira tricolor da Revolução Francesa em uma mão e erguendo um rifle com baioneta na outra mão. A pintura retrata a revolução de julho de 1830 em Paris, instigada pelas novas leis sobre a liberdade de imprensa e a dureza do regime da Restauração. Com a queda do rei Carlos X, Louis Philippe, duque de Orleans, torna-se rei dos franceses.

Segundo Dominique de Font-Réaulx, diretor do Museu Delacroix em Paris, autor do livro *Eugène Delacroix: Écrivain, témoin de son temps*: “Ela é uma mulher com seios nus, uma líder e, sobre uma barricada, ela guia as pessoas armadas com um rifle de

baioneta e uma bandeira azul, vermelha e branca." (FONT-RÉAULX, 2014)[49]. A liberdade protagonizada pela mulher seminua no centro da foto sobre os corpos que jazem abaixo dela tocou a sociedade da época de tal forma que se tornou símbolo da república.

Delacroix romantiza sua pintura num momento de agitação social de fortes mudanças sociais, políticas e culturais decorrentes das transformações geradas pelos acontecimentos do final do século XVIII, como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. As lutas populares pelos seus direitos individuais e humanos e contra a exploração e especialização da mão-de-obra decorrentes do aumento da produção expunham-se cada vez mais. O choque causado na exposição da pintura não é só pelo que "representa", mas pelos detalhes emblemáticos que Delacroix traçou. Ele ultrapassou uma barreira instituída ao desenhar uma mulher no centro da tela com pelos nas axilas, normais na época, mas que não "embelezavam" a pintura e desafiavam a tradição de mostrar a mulher com toda a sua feminilidade. A bandeira francesa tem suas cores repetidas na roupa de um trabalhador que está aos pés da mulher (Liberdade) que a ergue. As cores escuras, suas combinações e a ambientação local denotam sua expressividade e se combinam com o realismo da cena, assim como o pé da mulher que se encontra sobre a barricada acima dos corpos vencidos mostrando o momento épico da vitória junto ao que parecem ser estudantes, soldados e operários e no fundo à direita a Notre-Dame de Paris. Pelos retratos parece ser o próprio Delacroix que está à esquerda, de cartola.

A imagem da *Liberdade guiando o povo* tem hoje um valor de culto tanto quanto em outras épocas, pois continua sendo uma reconfiguração da luta pela liberdade em todos os tempos. Ela não deixa de ser o retrato de uma determinada situação do passado ocorrida em seu momento de produção, mas que se reconfigurará no presente e no futuro, pois os momentos políticos são cíclicos e de alguma forma e, em outros tempos, retornam. As pessoas passam pela imagem em diferentes épocas, mas enxergam seu presente nela. O anacronismo perpassa as imagens espontaneamente, sem vínculo com os que passam por ela.

A pintura de Delacroix causa por si só um choque capaz de fazer recordar, nos transportar ao passado. Por isso, muitas pessoas identificaram uma relação de sua pintura com a foto de Mustafa Hassouna. Essa relação possível ocorre após olharmos para uma imagem que nos marca, ela fica armazenada em nossa memória até o dia em que se revela, expõe-se ao contato com algo semelhante, que remeta à situação daquela época. Susan Sontag comenta isso em *Diante da dor dos outros:* "Lembrar, cada vez mais, não

[49] Trecho extraído do site do Musée Delacroix.

é recordar uma história, e sim ser capaz de evocar uma imagem." (SONTAG, 2013, p. 75). O impacto causado pela divulgação da foto do palestino sem camisa lutando por sua liberdade não passou em branco na mente dos que que conheceram a obra de Delacroix.

Segundo Didi-Huberman,

> Diante de uma imagem – por mais antiga que ela seja -, o presente nunca cessa de se reconfigurar, se a despossessão do olhar não tiver cedido completamente o lugar ao hábito pretensioso do "especialista". Diante de uma imagem – por mais recente e contemporânea que ela seja -, ao mesmo tempo o passado nunca cessa de se reconfigurar, visto que essa imagem só se torna pensável numa construção da memória, se não for da obsessão. Diante de uma imagem, enfim, temos que reconhecer humildemente isto: que ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem, e ela é, diante de nós, o elemento do futuro, o elemento da duração (*durée*). A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser (*étant*) que a olha. (DIDI-HUBERMAN, 2015, pág. 16)

A imagem produzida no passado da *Liberdade guiando o povo* não passou diante dos nossos olhos, mas os nossos olhos passaram diante da imagem em nosso presente e a memória se encarregou de deixar seus vestígios para uma possível relação no futuro, sobrevivendo até o momento em que for "ativada", reconfigurando o significado a cada vez que for utilizada. A imagem permanece lá em todos os tempos, guardando todas as reconfigurações geradas pelos seres que a olham, anacronicamente.

3.4 DAVI E GOLIAS

Uma relação que se tornou quase inevitável e que foi utilizada por muitos jornalistas e nas redes sociais é a da imagem de Fadi Abu Saleh girando a funda, com a lenda de Davi e Golias, que teria ocorrido entre os povos judeu e filisteu, quando, segundo o texto bíblico, Davi (jovem e fraco) vence Golias (experiente e muito forte). Tentaremos mostrar em nossa análise como o Davi judeu (literário) tornou-se o Davi palestino (Fadi).

Vamos começar nossa análise a partir do estudo da etimologia da palavra *filisteu.* Segundo o dicionário Michaelis Online, considera-se *filisteu* quando nos referimos a algo ou alguém relativo ou pertencente a *Filisteia*, ou seja, os indivíduos nascidos ou habitantes da região costeira da antiga Palestina (século XII a.C.).

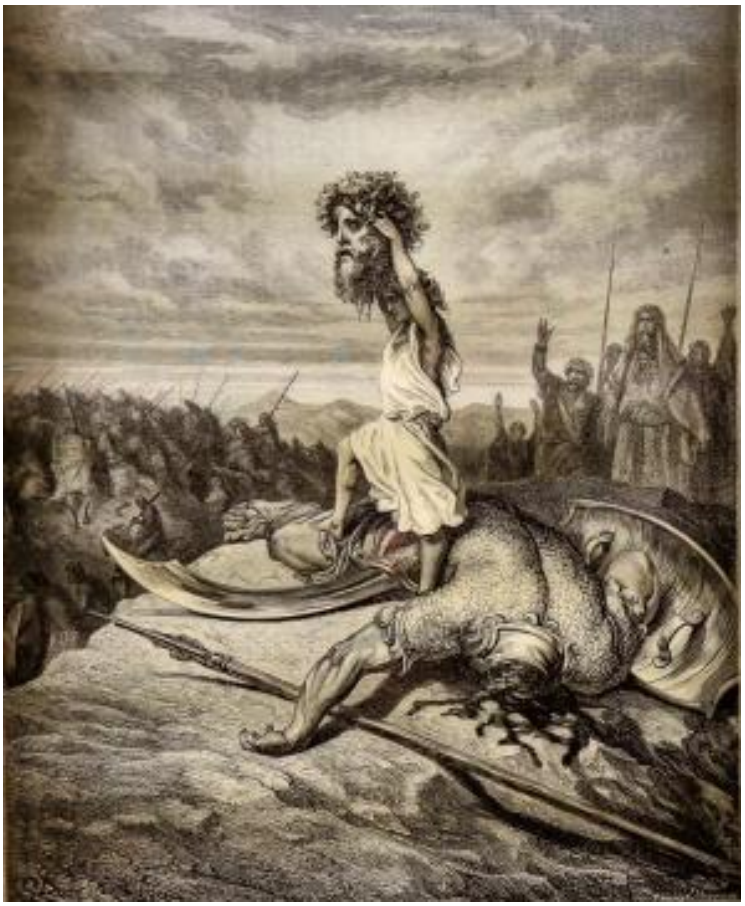


Figura 30: Davi erguendo a cabeça de Golias
Fonte: Museu da Cultura Filisteia na cidade de Asdod – Israel, 2019

De acordo com o site do Museu de Cultura Filisteia *(Museum of Philistine Culture)*, o registro da origem dos filisteus iniciou no século XIX, quando escavações arqueológicas em larga escala foram lançadas na região do *Levante*[50] e mais de cento e quarenta peças arqueológicas foram encontradas. Jean-François Champollion, que decodificou os hieróglifos, foi o primeiro a discernir o nome *Filistia* em inscrições egípcias e assim possibilitou a leitura de sua história tal como registrada pelos egípcios.

De acordo com traduções e as interpretações de alguns historiadores, os filisteus eram um povo indo-europeu, provavelmente proveniente da ilha grega de Creta, segundo as pistas deixadas nas inscrições egípcias, que migrou para o Egito e depois de serem derrotados por Ramsés III foram enviados para a região costeira da Palestina, que ainda estava sob domínio do Egito e se chamava Terra de Canaã. Fundaram as cidades mediterrâneas de Asdod, Ascalon, Ekron, Gat (de onde Golias seria originário, segundo a Bíblia) e Gaza (única cidade que resistiu ao domínio hebreu e, mais tarde, ao império

[50] A região do *Levante* é um termo geográfico que se refere a uma grande área do Oriente Médio, englobando principalmente a Síria, o Líbano, a Jordânia e a Palestina.

persa, e resiste até hoje aos constantes ataques israelenses). Após o fim do império de Ramsés III, os filisteus herdaram a terra que era vizinha da antiga Israel habitada pelo povo hebreu. Após alguns anos, provavelmente devido às diferenças religiosas e culturais, iniciaram-se os conflitos entre os hebreus e os filisteus, que durou séculos até a conquista pelos babilônios, quando os dois povos foram submetidos e os filisteus acabaram se disseminando entre os babilônios. A versão bíblica diz que eles eram descendentes dos egípcios e que tentaram conquistar a região da Palestina que estava sob domínio dos hebreus. O dicionário online Michaelis diz que *filisteu* também tem um sentido pejorativo que significa "um homem agigantado, brutamontes, de espírito vulgar e estreito, sem dom e inclinação artística ou intelectual." Definição esta que, segundo historiadores, foi atribuída pelos hebreus para desclassificar os filisteus como um povo não apreciador das artes e de natureza violenta, ou seja, um povo bárbaro, mas que na verdade era um povo que havia desenvolvido mais tecnologia, principalmente metalúrgica e que conferia maior superioridade bélica aos filisteus, além de uma cultura muito diferente da dos hebreus, o que aos olhos do inimigo os tornava não-civilizados, bárbaros.

A história de Davi e Golias desenrola-se, segundo a bíblia, a partir do surgimento de Golias frente ao exército filisteu, enfrentando os israelitas:

> Um guerreiro chamado Golias, que era de Gate, veio do acampamento filisteu. Tinha dois metros e noventa e três centímetros de altura. Ele usava um capacete de bronze e vestia uma couraça de escamas de bronze que pesava sessenta quilos; nas pernas usava caneleiras de bronze e tinha um dardo de bronze pendurado nas costas. A haste de sua lança era parecida com uma lançadeira de tecelão, e sua ponta de ferro pesava sete quilos e duzentos gramas. Seu escudeiro ia à frente dele. Golias parou e gritou às tropas de Israel: "Por que vocês estão se posicionando para a batalha? Não sou eu um filisteu, e vocês os servos de Saul? Escolham um homem para lutar comigo. Se ele puder lutar e vencer-me, nós seremos seus escravos; todavia, se eu o vencer e o puser fora de combate, vocês serão nossos escravos e nos servirão". [...] Ao ouvirem as palavras do filisteu, Saul e todos os israelitas ficaram atônitos e apavorados. (BÍBLIA: 1 SAMUEL 17, V. 3-11)

Ainda segundo os relatos bíblicos, Davi foi um profeta judeu que quando jovem era um pastor de ovelhas franzino e de aparência fraca. Ele é apresentado nos versículos seguintes da sequência do surgimento do gigante Golias:

> Davi era filho de Jessé, o efrateu de Belém de Judá. Jessé tinha oito filhos e já era idoso na época de Saul. Os três filhos mais velhos de Jessé tinham ido para a guerra com Saul: Eliabe, o mais velho; Abinadabe, o segundo; e Samá, o terceiro. Davi era o caçula. [...] Nessa ocasião Jessé disse a seu filho Davi: "Pegue uma arroba de grãos tostados e dez pães e leve-os depressa a seus irmãos no acampamento. Leve também estes dez queijos ao comandante da unidade deles. Veja como estão seus irmãos e traga-me alguma garantia de que

> estão bem. Eles estão com Saul e com todos os homens de Israel no vale de Elá, lutando contra os filisteus". Levantando-se de madrugada, Davi deixou o rebanho com outro pastor, pegou a carga e partiu, [...] deixou o que havia trazido com o responsável pelos suprimentos e correu para a linha de batalha para saber como estavam seus irmãos. (1 Samuel 17, V. 12-22)

Ao ver que o gigante Golias, o melhor guerreiro dos filisteus de quase três metros de altura, truculento e violento, estava humilhando e provocando o exército judeu liderado pelo Rei Saul, pediu autorização ao rei para enfrentar o gigante. Inicialmente, Saul negou o pedido argumentando que ele era muito jovem, de pouca experiência e fraco comparado ao filisteu, que era bem mais velho, experiente e muito forte. Após muita insistência de Davi, Saul acabou aceitando e ofereceu-lhe sua armadura, mas ela não serviu ao pequeno Davi, que foi ao campo de batalha enfrentar Golias apenas com algumas pedras nos bolsos e uma *funda* nas mãos.

> Enquanto conversava com eles, Golias, o guerreiro filisteu de Gate, avançou e lançou seu desafio habitual; e Davi o ouviu. Quando os israelitas viram o homem, todos fugiram cheios de medo. Os israelitas diziam entre si: "Vocês viram aquele homem? Ele veio desafiar Israel. O rei dará grandes riquezas a quem o vencer. Também lhe dará sua filha em casamento e isentará de impostos em Israel a família de seu pai". Davi perguntou aos soldados que estavam ao seu lado: "O que receberá o homem que matar esse filisteu e salvar a honra de Israel? Quem é esse filisteu incircunciso para desafiar os exércitos do Deus vivo?" [...] As palavras de Davi chegaram aos ouvidos de Saul, que o mandou chamar. Davi disse a Saul: "Ninguém deve ficar com o coração abatido por causa desse filisteu; teu servo irá e lutará com ele". Respondeu Saul: "Você não tem condições de lutar contra esse filisteu; você é apenas um rapaz, e ele é um guerreiro desde a mocidade". [...] Teu servo pôde matar um leão e um urso; esse filisteu incircunciso será como um deles, pois desafiou os exércitos do Deus vivo. [...] Diante disso Saul disse a Davi: "Vá, e que o Senhor esteja com você". (1 Samuel 17, V. 23-37)

Golias, por sua vez, debocha do jovem judeu e avança para o ataque, ao que Davi retira do bolso uma pedra e a lança na direção da cabeça do gigante com o uso da *funda*. A pedra atinge a testa de Golias que cai morto em frente a Davi que, logo após, toma sua espada e arranca-lhe a cabeça:

> Saul vestiu Davi com sua própria túnica, colocou-lhe uma armadura e lhe pôs um capacete de bronze na cabeça. E disse a Saul: "Não consigo andar com isto, pois não estou acostumado". Então tirou tudo aquilo. [...] E em seguida pegou seu cajado, escolheu no riacho cinco pedras lisas, colocou-as na bolsa, isto é, no seu alforje de pastor, e, com sua atiradeira na mão, aproximou-se do filisteu. Enquanto isso, o filisteu, com seu escudeiro à frente, vinha se aproximando de Davi. Olhou para Davi com desprezo, viu que era só um rapaz, ruivo e de boa aparência, e fez pouco caso dele. Disse ele a Davi: "Por acaso sou um cão, para que você venha contra mim com pedaços de pau?" E o filisteu amaldiçoou Davi, invocando seus deuses, e disse: "Venha aqui, e darei sua carne às aves do céu e aos animais do campo!" Davi, porém, disse ao filisteu: "Você vem contra mim com espada, com lança e com dardos, mas eu vou contra você em

> nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou. Hoje mesmo o Senhor o entregará nas minhas mãos, eu o matarei e cortarei a sua cabeça. Hoje mesmo darei os cadáveres do exército filisteu às aves do céu e aos animais selvagens, e toda a terra saberá que há Deus em Israel. Todos os que estão aqui saberão que não é por espada ou por lança que o Senhor concede vitória; pois a batalha é do Senhor, e ele entregará todos vocês em nossas mãos". Quando o filisteu começou a vir na direção de Davi, este correu para a linha de batalha para enfrentá-lo. Tirando uma pedra de seu alforje, arremessou-a com a atiradeira e atingiu o filisteu na testa, de tal modo que ela ficou encravada, e ele caiu, dando com o rosto no chão. Assim Davi venceu o filisteu com uma atiradeira e uma pedra; sem espada na mão, derrubou o filisteu e o matou. Davi correu, pôs os pés sobre ele, e, desembainhando a espada do filisteu, acabou de matá-lo, cortando-lhe a cabeça com ela. Quando os filisteus viram que o seu guerreiro estava morto, recuaram e fugiram. (1 Samuel 17, V. 38-51)

A narrativa segue contando a história de Davi e o descreve como um herói reconhecido pelo seu povo e que passa a comandar o exército do rei Saul, que posteriormente fracassa como soberano, morre numa batalha e Davi acaba se tornando rei, governando o povo de Israel por muitos anos, formando um grande e poderoso exército que não só resistiu, mas recuperou bens e terras tomados pelos filisteus.

Para ampliarmos a discussão sobre o tema e conseguirmos relacionar com o objeto de nossa pesquisa, utilizaremos outras fontes da história de Davi e Golias. Uma destas fontes é o *Alcorão*[51]. A história dos profetas judeus também é contada no livro sagrado dos muçulmanos, revelado ao profeta Maomé (*Muhammad*), do mesmo ponto de vista dos judeus e dos cristãos, levando em conta que o Islamismo considera os judeus e cristãos como "povos do livro" (A*hl il Kitab*) e que a mensagem completa de Deus (*Allah*) foi transmitida através de quatro livros sagrados que são: o livro de Abraão (*Ibrahim*), que se perdeu, a Torá de Moisés (*Mussa)*, os Salmos de Davi (*Dawud*) e os evangelhos de Jesus (*Issa*). Para os muçulmanos, os mensageiros tinham um diferencial que os destacavam dos outros humanos, servindo como exemplo para a humanidade. Assim como no Judaísmo e no Cristianismo, o Alcorão trata das origens do homem e do universo e das suas relações com Deus, mas também das regras de convívio social, econômicas e políticas, antes ignoradas pelos árabes pré-islâmicos, como o fim dos abusos com os escravos, direitos das mulheres, divisão das heranças, tratamento dos órfãos, respeito as outras religiões, incluindo também regras durante as batalhas. Segundo a tradição

[51] Alcorão ou simplesmente Corão, em árabe القرآن (al-Qur-ãn) que significa "a recitação" é o livro sagrado do Islamismo, religião dos muçulmanos. Segundo a tradição islâmica, o livro foi revelado ao profeta Muhammad (Maomé) entre os anos 610 e 632 E.C. e está dividido em capítulos chamados de *suratas ou suras*, subdivididos em versos chamados de versículos, totalizando 114 suratas e 6326 versículos.

islâmica (*Sunna)*, as mensagens do Alcorão foram reveladas à medida que as situações surgiam.

Os muçulmanos creem em diversos profetas comuns à tradição judaico-cristã, entre eles estão: Adam (Adão), Noh (Noé), Ibrahim (Abraão), Mussa (Moisés), Issa (Jesus), Mariam (Maria), Yehia (João Batista), Talwut (Saul), Dawud (Davi), Suleiman (Salomão), e outros. São duas as grandes diferenças marcantes entre a crença islâmica e a cristã. A crença do *pecado original* de Adão e Eva não é compartilhada no islamismo, pois o Alcorão diz que, apesar de Adão e Eva terem sido expulsos do paraíso, eles foram perdoados e Adão é considerado o primeiro profeta do Islam.

A outra grande e crucial diferença é a crença em Jesus, o filho de Maria. Os muçulmanos não acreditam em sua divindade e tampouco em sua morte. Segundo o islamismo, Jesus nasceu de um milagre, realizou todos os milagres descritos na Bíblia, mas, mesmo assim, a vontade divina não pode ser confundida a ponto de transformá-lo no próprio Deus. A tradição islâmica o revela como o mais querido por Deus de todos os homens, que aquele que morreu na cruz não era ele, pois ele já havia ascendido ao paraíso, e ainda que ele vai retornar anunciando o juízo final. Além disso, o Islamismo diz que Jesus anunciou a vinda do último mensageiro, Muhammad. Tudo pela vontade divina, pois, para os muçulmanos, o poder de Deus é tão grande que basta-lhe dizer "seja" e acontece. Apesar disso, o ser humano tem o livre arbítrio ao seu dispor e Deus só interfere quando lhe aprouver. Em sua crença, Deus é onisciente[52], conhece o passado, o presente e o futuro da humanidade, mas não interfere nas ações e decisões dos humanos.

A narrativa da história de Davi (*Dawud*) e Golias (*Jâlut*) no Alcorão é dada de forma muito resumida: "E com a vontade de Deus os derrotaram; Davi matou Golias e Deus lhe outorgou o poder e a sabedoria e lhe ensinou tudo quanto Lhe aprouve. Se Deus não contivesse aos seres humanos, uns, em relação aos outros, a Terra se corromperia; (Alcorão: surata 2, versículo 251)". A narrativa corânica revisita a narrativa bíblica, sem muitos detalhes do evento, mas com alguns pontos que as diferenciam e que podemos considerar relevantes. O trecho revela que os judeus derrotaram os filisteus nesta batalha na qual Davi mata Golias e torna-se rei dos judeus, após Deus ter lhe dado poder e sabedoria para conter a corrupção na Terra. Como havíamos dito anteriormente, a narrativa muçulmana tem duas bases, o Alcorão e os *Hadith*. Existem diversos *hadith* que

[52] Os muçulmanos crêem que Deus conhece o futuro de todos os humanos, mas há uma certa confusão neste aspecto, pois muitos principalmente entre os árabes, creem que é Deus quem decide o destino dos humanos, ou seja, seu destino já está predestinado (*Maktub* – está escrito), não diferenciando entre "ser conhecido" e predestinado.

narram a vitória de Davi sobre Golias com muito mais detalhes do que o Alcorão. No entanto, nem todas são idênticas. Citaremos somente algumas delas para fazermos nossa análise e que estão incluídas na obra *Davi contado pelos muçulmanos* de Jean-Louis Declais[53], de 1999. A tradição islâmica da narração dos *hadith* é a da confiança nos seus narradores, que tinham posições sociopolítico-religiosas respeitadas. Comecemos com a narrativa de *Ibn Ishaq* que, assim como na Bíblia, apresenta Davi e seu trajeto até o campo de batalha:

> David era pequeno; ele tinha os olhos azuis, um pouco de cabelo sobre a cabeça, o coração puro e inocente. Seu pai lhe disse: "Meu filho, nós preparamos uma refeição pura para seus irmãos, para que eles possam se fortalecer contra seus inimigos. Leve para eles. Depois de lhes entregar, volte rapidamente para mim. "Eu vou fazer isso", diz ele. Quando ele saiu, levou o que ele deveria entregar aos seus irmãos, bem como uma bolsa onde ele colocou pedras e a funda com a qual ele atirou para proteger seu rebanho. Tendo se despedido de seu pai, ele passou por uma pedra que lhe disse: "David, leva-me e coloca-me na tua mochila; é comigo que tu matarás Golias, pois eu sou a pedra de Jacó. Ele pegou, a colocou em sua bolsa e retomou a marcha. Enquanto caminhava, ele passou por outra pedra que disse: "David, leve-me e coloque-me na sua bolsa, é comigo que vais matar Golias, pois eu sou a pedra de Abraão. Ele pegou, a colocou em sua bolsa e continuou com sua carga onde ainda ouviu uma terceira pedra lhe chamar e dizer: "David, leve-me e coloque-me na sua bolsa, é comigo que vais matar Golias, pois eu sou a pedra de Isaac." Finalmente, ele alcançou a tropa e deu a seus irmãos a missão que ele estava encarregado. (DECLAIS, 1999, p. 28, **tradução nossa**)[54]

Além de descrever Davi, perceba que há uma diferença no número de pedras, em relação ao texto bíblico, que, ao nosso ver, é irrelevante, pois o que nos atrai nesta narrativa é o gesto de Davi, e não a quantidade de pedras que ele utiliza. Mas é importante frisar as diferenças e os papéis que as pedras têm em cada narração. No texto islâmico,

---

[53] Jean-Louis Déclais nasceu em 1935, é francês, membro do Instituto Dominicano de Estudos Orientais (IDEO) no Cairo e vive na Argélia na diocese de Oran desde 1978. Depois de uma formação bíblica e especialização em exegese na Normandia, ele seguiu uma formação em islamologia. Ele estuda em particular no que se tornou a tradição bíblica na literatura islâmica das histórias dos profetas. É muito respeitado pelas comunidades cristãs e muçulmanas dos países árabes e na Europa. Suas principais obras são: *Quando os muçulmanos lêem a Bíblia (2017)* e *Davi contado pelos muçulmanos (1999).*

[54] David était de petite taille ; il avait [les yeux] bleus, peu de cheveux sur la tête, le coeur pur et innocent. Son père lui dit : " Mon fils, nous avons préparé le ravitaillement de tes frères, pour qu'ils prennent des forces contre leurs ennemis. Emporte-le-leur. Après le leur avoir remis, reviens vite près de moi. " – " Je vais le faire ", dit-il. Em partant, il prit ce qu'il devait porter à ses frères, ainsi qu'um sac où il mettait des pierres et la fronde avec laquelle il tirait pour proteger son troupeau. Ayant pris congé de son père, il passa près d'une pierre qui lui dit : " David, prends-moi et mets-moi dans ton sac ; c'est avec moi que tu tueras Goliath, car je suis la pierre de Jacob. " Il la prit, la mit dans son sac et reprit as marche. Tout em marchant, il passa près d'une autre pierre qui dit : " David, prends-moi et mets-moi dans ton sac ; c'est avec moi que tu tueras Goliath, car je suis la pierre d'Isaac. " Il a prit, la mit dans son sac et continua. Tout em marchant, il passa près d'une autre pierre qui dit : " David, prends-moi et mets-moi dans ton sac ; c'est avec moi que tu tueras Goliath, car je suis la pierre d'Abraham. " Il la prit, la mit dans son sac et continua avec son chargement. Finalement, il arriva jusqu'a la troupe et il donna à ses frères la comission dont il était chargé.

temos a presença da "intervenção divina" ao dar a capacidade de falar aos seres inanimados, logo no início da narração. As pedras que ele encontrava em seu caminho declaravam sua vontade de participar da batalha e diziam quem representavam para demonstrar o apoio de grandes profetas que também venceram batalhas improváveis com a intervenção direta do "poder divino". A apresentação de Golias ocorre em seguida, mas sem muitas descrições como na Bíblia. Em seguida, segue-se a batalha, com a "atuação" das pedras e a vitória de Davi:

> Ele ouviu que no acampamento as pessoas estavam perdendo seu tempo falando sobre um tal Golias, que era muito importante e do medo que eles tinham dele. Ele lhes disse: "Por Deus! Eu não sei porque vocês o engrandecem tanto. Se eu o visse, o mataria! Me levem até o rei." Ele foi levado ao rei Saul. "Ó rei", disse ele, "vejo que você faz muito desse inimigo. Por Deus! se eu o visse, o mataria. Ele disse: "Meu filho, que força você tem para isso e como você treinou? Ele disse: "Quando um leão atacou um animal do meu rebanho, peguei-o pela cabeça, afrouxei suas mandíbulas e retirei-o de sua boca. Peço-lhe para pedir que tragam uma armadura para mim." A armadura foi trazida para ele. Ele jogou-a nos ombros e ajustou-se às dimensões desejadas. Isso impressionou o próprio Saul, assim como os israelitas presentes. "Por Deus", disse ele, "quem sabe se Deus não vai matá-lo?" Na manhã seguinte, voltaram a Golias. Quando as tropas estavam presentes, Davi disse: "Mostre-me Golias". Ele foi mostrado a ele em seu cavalo, vestido com sua couraça. Quando ele viu, as três pedras começaram a pular em sua bolsa, cada uma dizendo: "Ei, me leve!" Ele pegou uma e colocou em sua funda, girou e jogou a pedra. Ela acertou Golias entre os olhos e alcançou seu cérebro; ele caiu de seu cavalo. Então Davi o matou e seu exército colheu o fruto da batalha. (DECLAIS, 1999, p. 28-29, **tradução nossa**)[55]

Segundo as narrações bíblicas, quando Davi se ofereceu para o duelo com Golias, Saul lhe ofereceu sua armadura, no entanto, ela era tão grande e pesada que ele mal se mexia e acabou desistindo de usá-la. Além disso, o próprio exército de Saul debochou de Davi, pois ele era muito franzino e sem experiência alguma em batalhas. Neste sentido, a narração islâmica citada acima difere muito da judaico-cristã. Nesta, Davi

[55] Il entendit que, dans le camp, les gens passaient leur temps à parler de Goliath, de l'importance qu'ils lui attribuaient, de la peur qu'ils em avaient, du grand cas qu'ils faisaient de lui. Il leur dit : " Par Dieu ! je ne sais pas pourqoui vous faites si grand cas de lui. Par Dieu ! si j ele voyais, je le tuerais ! Conduisez-moi près du roi. " On le conduisit prés du roi Saül. " Ô roi, dit-il, je vois que vous faites grand cas de cet ennemi. Par Dieu ! si j ele voyais, j ele tuerais. " Il dit : " Mon garçon, de quelle force disposes-tu pour cela et comment t'es-tu entraîné tout seul ? " Il dit : " Quand um lion attaquait une bête de mon troupeau, je le rattrapais, je le prenais par la tête, je lui desserrais les mâchoires et je la retirais de sa gueule. Demande qu'on m'apporte une armure pour que j ela mette sur moi. " On lui apporta une armure. Il la jeta sur ses épaules et s'adapta aux dimensions voulues. Cela impressiona Saül lui-même, ainsi que les Israélites présents. " Par Dieu ! dit-il, qui sait sii Dieu ne va pas l'éliminer par lui ? " Le lendemain matin, on retourna vers Goliath. Quand les troupes furent en présence, David dit : " Montrez-moi Goliath. " On le lui montra sur son cheval, revêtu de as cuirasse. Quand il le vit, les trois pierres se mirent à sauter dasn son sac, chacune disant : " Hé, prends-moi ! Hé, prends-moi ! Hé, prends-moi ! " Il em prit une et la mit dans son lance-pierres, il le fit tournoyer et il lança la pierre. Elle frappa Goliath entre les yeux et atteignit son cerveau ; il tomba de son cheval. Alors david le tua et son armée prit la fuite.

solicitou uma armadura que se ajustou ao seu corpo, foi ao campo de batalha, derrubou Golias de seu cavalo (que também não aparece na versão bíblica) com uma pedra lançada por uma *funda*, e logo depois foi até ele e o matou. Isso sem levarmos em conta a "manifestação" das próprias pedras que "pediram para serem levadas por Davi", prometendo matar Golias. Nesta narrativa da versão islâmica, o poder divino estaria tão envolvido que atuou diretamente nas pedras que adquiriram vida própria e solicitaram que fossem escolhidas para alvejar Golias, e não apenas no seu lançador, Davi.

O resultado final das versões islâmica e da judaico-cristã é a mesma: Davi vence Golias com um único lançamento de uma pedra com uma funda, não sendo dados mais detalhes de como ele matou Golias nesta versão muçulmana ("depois foi até ele e matou-o"). Já na versão bíblica, há um incremento importante e que já deve ser levado em conta para análise, pois consta que Davi matou-o efetivamente com a pedra, mas logo depois pegou a espada de Golias e arrancou-lhe a cabeça. Depois deste evento, a Bíblia narra Davi como um experiente guerreiro e chefe de estado. Então, há um significado político no gesto de Davi ao arrancar a cabeça mesmo tendo-o matado com a pedra? Do ponto de vista antropológico, podemos relacionar este gesto com a transformação de Davi após a batalha com Golias como um ato político que visa demonstrar seu poder e justificar sua capacidade para governar os judeus e resistir ao poderoso exército filisteu. Segundo Jacques Cazeaux[56], autor de *Saül, David, Salomon: la royauté et le destin d'Israël*, o gesto de Davi ao arrancar a cabeça de Golias, narrado pela Bíblia, gera dúvidas quanto à necessidade do ato brutal. Ele afirma que:

> A espada mais "limpa" ainda é uma espada, e a do diabo substitui muito facilmente a de Deus. Esta é a questão de sua vantagem técnica a serviço da guerra e da vontade de poder - a única que faz a diferença e, portanto, permite a passagem de um campo para outro, insensível à consciência moral. Já, no momento crucial, quando Davi atingiu Golias com sua pedra, ele completou o trabalho pegando a espada de Golias. O narrador enfatiza então esse momento marcando a diferença entre os dois campeões: "Não havia espada na mão de Davi. E correu Davi, e pôs-se ao lado do filisteu, e tomou a espada dele, e tirou-a da bainha, e cortou-lhe a cabeça" (17, v. 51). A pedrinha foi o suficiente. David acrescenta a espada e, com a espada, acrescenta outro gesto selvagem. Ele deu a mão para o equipamento da violência. Ele, insensivelmente, excedeu

[56] Jacques Cazeaux, nascido em 1927, é Doutor em Letras e Literatura, especialista em *Philo* de Alexandria (filósofo, teólogo e historiador que relacionou a narrativa bíblica à filosofia grega), tradutor da *República* de Platão do grego para o francês, pesquisador e diretor de pesquisas da *Maison de l'Orient et de le Méditerranéen (MOM, CNRS* em Lyon na França). Conhecido pela complexa aplicação de métodos estritamente literários dirigidos ao formalismo, às estruturas discursivas e à exegese de textos religiosos e filosóficos. Diferencia-se radicalmente do estruturalismo nos aspectos organizacionais da leitura que se referem a intenção do autor. É mais conhecido como um dos maiores exegetas da Bíblia no mundo. Entre suas obras destacam-se *La Guerre sainte n'aura pas lieu* (2001) e *Histoire, utopie, mystique: ouvrir la Bible comme un livre* (2003), além de *Le roi, l'âne et l'arpenteur: Politique et religion dans la Bible* (2015).

> seu papel. Esses detalhes da morte do filisteu respondem bem ao estilo épico, mas de repente encontram um novo significado. (CAZEAUX, 2003, p. 121, **tradução nossa**)[57]

O autor reflete por um ponto de vista crítico ao analisar os gestos empreendidos por Davi após ter abatido o gigante, que direcionam a questão para o lado político, uma demonstração de violência para evidenciar seu poder diante dos dois exércitos que estavam presentes, encorajando os soldados judeus e intimidando os filisteus, de que pode ser tão violento quanto os próprios filisteus. Mas também existe a possibilidade de o autor da narrativa bíblica ter colocado a questão da prova do ato, ou seja, levar a cabeça de Golias ao rei Saul para provar que realmente eliminou o gigante filisteu. Apesar do testemunho dos soldados dos dois exércitos, havia o costume de arrancar a cabeça quando se tratava de alguém muito forte ou importante (vale lembrar, segundo relato bíblico, em Mateus 14, 1-8, que Salomé pediu a cabeça de João Batista ao rei Herodes). Evidentemente, isso também seria uma maneira de garantir o recebimento do prêmio prometido pelo rei Saul a quem vencesse Golias, sua filha em casamento e metade dos seus bens. Segundo a narrativa, segue-se ao evento que Davi tornou-se comandante do exército judeu. Há também a ideia na qual o vencedor adquire todo o poder e a força daquele que se tirou a vida. Algumas tribos indígenas inclusive comiam suas vítimas para se alimentar da força e coragem do inimigo.

Toda esta análise considera o "fato" de a batalha ter ocorrido entre Davi e Golias, mas há uma certa confusão no texto bíblico, pois quando lemos Samuel 2, não é Davi, mas o sobrinho de Davi, Elhânan, que mata Golias (2 S 21, 19-21), e Davi mata outro dos quatro gigantes da mesma família filisteia, o que não invalida totalmente a narrativa, já que existem registros de que Davi realmente governou os judeus até o fim de sua vida e depois foi seguido por seu filho Salomão. Mas não discutiremos esta versão porque não está relacionada à nossa pesquisa, e, por este viés, investigamos como o judeu Davi, fraco, vence o gigante Golias, guerreiro, conquistador, de natureza truculenta e

---

[57] L'épée plus " propre " est tout de même une épée, et celle du diable remplace assez facilement celle de Dieu. C'est la question de son tranchant – technique pour technique, au servisse de la guerre et de la volonté de puissance – qui fait seule la différence et autorize donc le passage d'um camp à l'autre, insensible pour la conscience morale. Déjà, au moment crucial, lorsque David a frappé Goliath de sa pierre de fronde, il achève l'ouvrage em prenant l'épée de Goliath. Le narrateur souligne alors ce moment em marquant la différence des deux champions : *"Il n'y avait pas d'épée em la main de david. Et David courut ; et il se dressa à côté du Philistin, et il prit son épée, la sortit du fourreau, et il fit périr et lui coup ala tête avec elle "* (ch 17, v. 51). Le caillou avait suffi. David y ajute l'épée, et de l'épée il ajoute encore um geste sauvage. Il a donné la main à l'engrenage de la violence. Il a, insensiblement, dépassé son rôle. Ces détails de la mort du Philistin répondent bien au style épique, mais ils trouvent soudain une nouvelle portée.

violenta, apenas com uma pedra. E o mais importante, como aquele Davi tronar-se-á o palestino de hoje, fraco, na cadeira de rodas, apenas com uma funda, enfrentando o tirano e violento exército israelense, com todo armamento e tecnologia ao seu lado.

Ainda segundo a bíblia, Jônatas, filho de Saul, se torna aliado de Davi após o pequeno e corajoso vencedor ter comparecido diante de seu pai e exigir seu prêmio (a mão de sua filha em casamento). Após o retorno da espada de Golias para as mãos de Davi e sua ordenação como soldado por Jônatas que teria dado sua armadura a Davi, transformou-o em um rei que, segundo Jacques Cazeaux:

> A ordenação de Davi por Jônatas e logo depois o retorno da espada de Golias para as mãos de Davi, aqui mesmo, passo a passo, a secularização de Davi: herói de Deus com a funda, então violento portador de uma espada como qualquer rei, Davi finalmente se tornou filisteu, cortador de cabeças. (CAZEAUX, 2003, p. 122, **tradução nossa**)[58]

A afirmação de Cazeaux de que ele se tornou violento como os filisteus pode ser comparada com a situação atual entre judeus e palestinos. Apesar de os judeus terem sido vítimas de um genocídio cometido pelos nazistas, hoje comandam um estado com um enorme poderio bélico que faz uso de muita violência, injustiça social e segregação étnica para manter seu poder na região e a ocupação da Palestina, um estado que se diz "detentor" do direito à Terra Prometida, "garantido" pela promessa de Deus ao profeta Moisés, cerca de dois mil e quinhentos anos antes da era cristã. Certamente não podemos afirmar genericamente que "todos" os judeus estão representados pelo estado sionista de Israel, até mesmo porque muitos são antissionistas e repudiam os atos de injustiça praticados contra os palestinos. Por isso citamos claramente que a comparação é com os apoiadores do Estado sionista de Israel e não com os judeus. A obviedade na comparação entre a foto de Fadi e a história de Davi e Golias é que o palestino Fadi (*filistini*), em desvantagem física luta com uma funda contra o "gigante" exército israelense fortemente armado, mas com a diferença de que os palestinos não venceram os israelenses e uma vitória não parece possível num futuro recente, mas a nossa análise é exatamente sobre o gesto de levante de Fadi, sua insatisfação com as injustiças do Estado israelense, não com uma tomada de poder, mas para denunciar a opressão e a covardia deste Estado.

---

[58] L'adoubement de David par Jonathan, peu aprés (ch. 18, v. 4), puis le retour de l'épée de Goliath entre les mains de David, ici même (ch. 21, v. 9-10), reprennent étape par étape la sécularisation de David : héros de Dieu à la fronde, puis violent détenteur d'une épée comme tout roi, David est finalement devenu um Philistin, coupeur de têtes.

As outras versões islâmicas incluídas na obra de Jean-Louis Declais variam um pouco, mas em todas Davi acerta Golias com uma pedra lançada com uma funda e mata Golias. Na versão de *Suddi*, além de mencionar as pedras com os nomes dos profetas Abraão, Jacó e Isaac, ele incrementa dizendo que elas se tornaram uma só e que além de ter atravessado a cabeça de Golias, a pedra seguiu seu caminho atingindo outros soldados filisteus e os restantes fugiram desesperadamente. Já a narração de *Ibn Zayd* é a única dos livros sagrados que admite que Davi foi atingido pelas flechas de Golias por três vezes, mas sua armadura o protegeu:

> Então, Deus soprou seu espírito em Davi para que ele o preenchesse. Golias disparou uma flecha em Davi e ela atingiu sua armadura; Davi a quebrou sem se machucar, isso por três vezes. Ao que Davi disse: "Pegue agora" e seguiu: "Ó Deus, faz uma pedra!" E ele a chamou de "Abraão", a outra de "Isaac", e a terceira de "Jacó". Davi as juntou e elas se tornaram uma só pedra. Ele a pegou, pegou uma funda e girou-a para jogá-la. Você acha que sou como um gato selvagem ou um chacal? disse Golias. Veja-me com o arco." "Hoje eu não vou apontar para você de outra forma", disse ele. O outro repete para ele novamente a mesma coisa e ele diz: "Sim, porque para mim você é mais desprezível do que um chacal." Ele a fez girar, ela tinha a palavra e o poder de Deus, e ele a deixou ir, submissa e dócil. Ela chegou como uma sombra, atingiu-o entre os olhos e emergiu pela nuca; então ela matou seus companheiros atrás dele. Então foi Deus quem os derrotou. (DECLAIS, 1999, p. 135, **tradução nossa**)[59]

O trecho mostra que o poder divino atuou em toda a batalha. Deus soprou seu espírito, fez aparecer três pedras que Davi juntou e se tornaram uma só e, pela descrição, nota-se que a interferência divina guiou a pedra "submissa e dócil" até a testa de Golias, fazendo-a atravessar sua cabeça e matar seus companheiros. A intervenção divina reaparece aqui como na *Ilíada* de Homero, quando os deuses ajudaram os gregos a vencerem suas batalhas.

Ainda segundo Declais, existem ainda as narrações de *Gubayr* e *Kisa'i*, nas quais, contrariamente às outras versões, as três pedras são lançadas:

> Gubayr disse, de acordo com Dahhak, de acordo com Ibn Abbas: Quando Davi foi colocado na frente da arca, as pedras começaram a saltar em sua bolsa, cada uma dizendo: "Eu, eu vou matá-lo", tão bem que as pedras concordaram em se

[59] Alors Dieu souffla de son esprit en david afin qu'il la remplisse Goliath tira une flèche et la planta dans l'armure ; David la brisa sans avoir été blessé, et cela par trois fois. Pui il lui dit : " Attrape maintenant ! " David dit: " Ô mon Dieu, fais-en une seule pierre ! " Il en appela une "Abraham", une autre "Isaac" et une autre "Jacob". Il les mit ensemble et elles devinrent une seule pierre. Il les prit, saisit une fronde et la fit tournoyer pour les lancer. " Vas-tu me viser comme um fauvre ou un chacal ? dit-il. Vise-moi avec l'arc. " – Aujourd'hui, je ne te viserai pas autrement ", dit-il. L'autre lui redit encore la même chose et il dit : " Oui, car pour moi, tu es plus méprisable qu'un chacal. " Il la fit tournoyer – elle avait en elle la parole et la puissance de Dieu – et il laissa partir, soumise et docile. Elle arriva comme une ombre, le frappa entre les yeux et ressortit par la nuque ; puis elle tua tel et tel de ses compagnons derrièrre lui. Ainsi c'est Dieu qui les battit.

> tornar uma pedra só para matá-lo juntas. As três pedras, portanto, tornaram-se uma pedra com a permissão de Deus. Davi adiantou-se e disse: "Mostre-me Golias". Ele lhe foi mostrado em seu cavalo, vestido com sua armadura. (...) Kisa'i preserva as três pedras, mas vê os tiros de uma só vez, com um notável efeito de dispersão, já que "uma pedra foi para a direita do exército (de Golias) que fugiu, outra para a esquerda (do exército) que também fugiu, e uma para Golias: ela atingiu a borda de seu capacete, ele caiu no chão, morto, e todos os seus companheiros fugiram". (DECLAIS, 1999, p. 136, **tradução nossa**)[60]

Em qualquer uma das duas versões, as três pedras são lançadas, mas com a diferença de que *Gubayr* diz que as pedras se juntaram e *Kisa'i* diz que as três pedras são lançadas de uma só vez e se separam com a ajuda do poder divino. Os relatos nos ajudam a compreender que a ajuda divina, apesar da ser uma crença totalmente religiosa e que cientificamente não pode ser provada, ainda é um recurso da literatura para justificar grandes batalhas ou vitórias improváveis. Eles chamam nossa atenção para Davi e seu inimigo Golias, mas centraliza mais a atenção no poder "dado" a Davi necessário para derrotar Golias.

A versão corânica alcançaria um nível que mudaria a estética da cena? Pois ao afirmar que "Não foi você quem as atirou..." ela coloca Davi em segundo plano, e Deus como personagem principal. Segundo Declais, "Então não é preciso admirar David, a força e a precisão de seu jato, ou compartilhar sua emoção quando a tensão dramática caiu. "Mas é Deus quem as lançou..." (DECLAIS, 1999, p. 141)

A confrontação das versões bíblica e corânica não objetiva dar veracidade a uma em detrimento da outra, ou até mesmo difamar as duas para desvalorizar as religiões. O pensamento religioso, neste caso monoteísta, dá a ideia de crença em algo intangível, ninguém pode "ver" Deus, mesmo quando ele "provê" Davi de poderes para lançar uma pedra certeira que atravessa a cabeça de Golias, "provando" os efeitos da "ação divina". Ao destituirmos a cena do viés religioso, percebemos que o que nos resta é que as pedras lançadas em nome dos profetas não passam mais do que simples pedregulhos pegos na beira da estrada, que devem ter sido lançadas com muita eficiência e precisão por alguma mão humana, e que os relatos bíblicos e corânicos transformam o evento em algo sagrado

[60] Gubayr a dit, d'après Dahhak, d'après Ibn 'Abbas : Quand David fut placé devant l'arche, les pierres se mirent à sauter dans son sac, chacune se mettant à dire : " Moi, je te tuerai ", si bien que les pierres se mirent d'accord pour devenir une seule pierre afin de le tuer ensemble. Le trois pierres devinrent donc une seule pierre avec la permission de Dieu. David s'avança et dit : " Montrez-moi Goliath. " On le lui montra sur son cheval, revêtu de son armure. D'autres préfèrent laisser plus d'une pierre à la disposition de David. [...] Kisa'i conserve les trois pierres, mais il les voit tirées d'um seul coup, avec um effet de dispersion remarquable puisque " une pierre se dirigea vers la droite de l'armée [de Goliath] qui prit la fuite, une autre vers la gauche qui prit la fuite et une autre vers Goliath : elle frappa le bord de son casque, il s'écroula á terre, mort, et tous ses compagnons prirent la fuite. "

creditando a vitória de Davi a Deus, ou que o poder adquirido por Davi para ser tão eficiente no lançamento foi dado por Deus. De qualquer forma, o evento foi sacralizado e as pedras foram investidas "com a palavra e poder de Deus" (Ibn Zayd). Ao pensar por este viés, Declais afirma que:

> Os interessados em física de partículas sabem que não podemos "ver" neutrinos e partículas semelhantes, mas podemos sempre tentar registrar o traço fugitivo de suas passagens. De certa forma, nossas histórias sabem que seria uma blasfêmia tentar descrever uma ação divina (só podemos confessar isso), mas elas querem dar a conhecer que toda ação divina necessariamente deixa vestígios e que a história serve para registrá-los. (DECLAIS, 1999, p. 141, **tradução nossa**)[61]

Segundo o autor, (que manifestamente declara-se crente ao dizer que "seria blasfêmia tentar descrever uma ação divina"), a "ação do poder divino" não é evidente aos nossos olhos, mas é evidente nas narrativas registradas. Algumas são fantásticas, outras são mais discretas. Evidentemente, os registros nos livros sagrados pautam-se em posições políticas dos seus narradores, do seu ponto de vista, ou dando a entender que foi de acordo com alguém que "testemunhou" o evento através do ponto de vista de um terceiro ou, ainda, de alguém que "participou" diretamente do acontecimento.

Notadamente, considerando que as narrativas religiosas são textos literários, a descrição da batalha contra Golias é o momento do texto em que a narrativa eleva Davi de um posto de pastor a líder de um exército e, logo depois, a rei, justificado pela vitória sobre o gigante filisteu, oportunidade única que Davi não desperdiçou. O fato de ser pelo poder divino ou por sua habilidade com a funda não desmerece o seu feito na literatura. Tanto a narrativa judaico-cristã como a islâmica afirmam que ele tinha absoluta certeza da vitória. Mas essa é a intenção das narrativas, de torná-lo um herói, por isso, o sentimento de medo não poderia tê-lo tomado, já que é um sentimento que demonstra fraqueza e poderia tê-lo colocado em dúvida ao encarar o gigante que aterrorizava a todos.

Ao levarmos em conta que Davi simplesmente desejava sair de sua posição de mero pastor e lutar ao lado do exército hebreu, resistindo aos inimigos contra as injustiças que seu povo sofria, seu desejo teria "ignorado" o medo da morte que todos temiam. E aí temos novamente o desejo como resposta ao que faz uma pessoa se levantar

---

[61] Ceux qui s'intéressent à la physique des particules savent qu'on ne peut pas " voir " leus neutrinos et les corpuscules analogues, mais on peut toujours essayer d'enregistrer la trace fugitive de leurs passages. D'une certaine façon, nos récits savent qu'il serait blashématoire de chercher à décrire une action divine (on de peut que la confesser) mais ils veulent faire savoir que toute action divine laisse nécessairement des traces et que le récit est lá pour les enregistrer.

contra algo que não concorda. Seu *levante* surge no momento em que percebe uma oportunidade de manifestar seu descontentamento com a situação de seu povo e que continuaria sendo oprimido se ninguém reagisse, resistisse. Quando encara o gigante a sua frente fortemente armado e protegido por sua armadura, um escudeiro e uma enorme espada, Davi atira a pedra, matando Golias. Obviamente a narrativa religiosa, com fins certamente políticos, não permite a possibilidade de notarmos seu medo diante da evidente desvantagem em que se encontrava, pois ele deveria se tornar líder, herói, chefe de um exército e rei. O medo depreciaria sua figura tanto política como religiosa.

3.5 DAVI NAS ARTES

Grandes artistas que quiseram retratar o evento, o fizeram muito expressivamente. Do ponto de vista da análise de Jean-Louis Declais

> Gloriosamente revestido em sua funda, o David de Michelangelo impõe sua força silenciosa em uma praça de Florença. Furioso e enérgico, o de Bernini está prestes a lançar sua pedra girando como um discóbolo, na galeria Borghese de Roma. Não muito longe dele, uma tela de Caravaggio é mais melancólica: o jovem David é tristemente vitorioso, "inconsolável porque nenhum anjo parou seu braço"; É verdade que a cabeça de Golias pendurada ao final de seu braço carrega as características do próprio pintor. (DECLAIS, 1999, p. 141, **tradução nossa**)[62]

Fig. 31: Davi de Michelangelo
Fonte: Museu de Florença

Fig. 32: Davi de Bernini
Fonte: Galleria Borghese

Fig. 33: Davi de Caravaggio
Fonte: Galleria Borghese

[62] Glorieusement revêtu de sa seule fronde, le David de Michel-Ange impose sa force tranquille sur une place de Florence. Rageur et énergique, celui du Bernin s'apprête à lancer sa pierre en tournoyant comme un discobole, dans la galerie Borghèse de Rome. Non loin de lui, une toile du caravage est plus mélancolique : le jeune David est tristement victorieux, " inconsolable qu'aucun ange n'ait arrêté son bras" ; il est vrai que la tête de Goliath qui pend au bout de son bras porte les traits du peintre lui-même.

3.5.1 Davi de Michelangelo

A escultura de Davi de Michelangelo que repousa na Piazza della Signoria em Florença (à qual se refere Declais) é uma réplica da escultura original que tem pouco mais de cinco metros de altura (contando a base) e quase cinco toneladas, esculpida em 1504 e que se encontra no interior da Galeria da Academia de Belas Artes de Florença. Datada de sua primeira exposição em 1910, ela substituiu a original que foi transferida da praça para o interior da Academia de Belas Artes em 1873.

Fig. 34: Escultura Original Davi de Michelangelo Academia de Belas Artes – Florença (Foto: Pixabay)
Fonte: Pixabay, 2017

Fig. 35: Réplica de Davi de Michelangelo Piazza dela Signoria - Florença
Fonte: MSH, 2019

A obra de Davi esculpida por Michelangelo tem um grande diferencial. Ao contrário de outras obras que retratavam Davi durante ou após a batalha com o gigante filisteu, como a de Caravaggio em que Davi já está com a cabeça de Golias na sua mão, a de Donatello em que ele posa apoiado na espada e com a cabeça de Golias aos seus pés, a de Bernini em que Davi está no momento da batalha atirando a pedra contra Golias, na

de Michelangelo Davi ainda não lutou com Golias, ele está se dirigindo para a batalha, logo após ter aceito o desafio de Golias. Sua posição, os traços evidenciados e a forma com que carrega a funda no ombro esquerdo e a pedra na mão direita são impressionantes.

Fig.36: Recorte da figura 35 – mão de Davi

Fig. 37: Recorte da figura 351 - rosto de Davi

A uniformidade do seu corpo, bem torneado, músculos não muito exagerados, mas bem definidos e o seu belo rosto não escondem a tensão do momento, as veias se sobressaem ao longo do seu braço direito, seu pescoço está tensionado e sua testa está franzida. Ele silenciosamente nos encanta com sua força e beleza e, ao mesmo tempo, demonstra sua preocupação com o desafio que tem pela frente. Considerando que ainda não venceu a batalha, seu semblante parece um pouco preocupado, não tão confiante quanto os outros Davis pintados ou esculpidos por outros artistas. Sua nudez e sua expressão são a marca que tornou o Davi de Michelangelo uma das obras mais famosas da sociedade medieval e contemporânea.

O *levante* de Davi, ao qual nos referimos antes, está acontecendo neste instante, sua coragem e ousadia não escondem sua preocupação, afinal vai enfrentar o gigante campeão do exército inimigo que desafiou o seu exército e foi temido por todos. O jovem pastor desnudo, com uma aparência um pouco mais madura do que sua descrição nas escrituras bíblicas, armado apenas com sua funda e uma pedra, dirigindo-se ao campo de batalha, prepara-se para se tornar, segundo a lenda, o precursor da resistência israelita e o futuro rei dos judeus. Os olhos de Davi demonstram uma expressão muito intensa

além, é claro, das veias no braço em alto relevo destacadas pelo escultor e a musculatura bem definida (marcas que vieram a ser característica das obras de Michelangelo). A ação, o levante propriamente dito, está na iminência de ocorrer, ele parece estar em movimento (a posição das pernas), mas ao mesmo tempo suspenso com o punho levemente cerrado e exprimindo força (as veias saltadas e os músculos contraídos), a mão comprime a pedra que logo será atirada contra um inimigo com grande superioridade física e bélica.

O herói grego clássico nu (uma marca renascentista) é reinterpretado por Michelangelo, um herói com dúvidas, ousado, cheio de energia, mas paciente. Uma obra na qual Davi está interiormente agitado e exteriormente calmo. Seu *levante* está prestes a eclodir. Georges Didi-Huberman disse que o fato de estarmos alienados, no obscurantismo, conformados com a opressão e em algum momento protestamos contra ela, esse protesto toma forma corporal partindo do nosso interior e o desejo começa a se manifestar. Este desejo vem do subterrâneo e nos toma por completo, mas aos poucos. O levante gestual, corporal, inicia com alguns sinais, alguns elementos que partem do interior, são sentimentos, uma cólera que vem de dentro, o desejo borbulha em nós, ele nos corrói, inicia no estômago e vai subindo até sair pela boca com palavras ou um grito, seguidos de gestos corporais como um punho fechado, um braço levantado, um passo adiante. Tudo isso vem de muito longe no tempo, os gestos, as palavras, os sentimentos e o próprio corpo humano que se movimenta, "O corpo humano é a nossa antiguidade, mais que uma obra de arte. Tudo isso é anacrônico." (DIDI-HUBERMAN, 2016)[63].

3.5.2 Davi de Bernini

O Davi de Gian Lorenzo Bernini, com 1,70 metro de altura, esculpido em mármore entre 1623 e 1624 encontra-se atualmente na Galleria Borghese em Roma. Segundo a descrição da escultura no site da Galleria Borghese:

> Bernini retrata o herói bíblico no instante anterior ao lançamento da pedra que atingirá o gigante Golias, chamado pelos filisteus para lutar contra o exército israelita do rei Saul. No chão está a armadura dada pelo soberano e uma harpa, o atributo usual do herói, aqui terminando significativamente na cabeça de uma águia, testemunho evidente da comissão e da intenção celebrativa da família Borghese. A escultura na parte de trás não está terminada, porque foi

[63] Trecho extraído do site Vimeo.

> originalmente encostada a uma parede na Sala de Vaso, agora Sala I. Como Apollo e Daphne, esta posição exaltou a percepção do desenvolvimento da ação através da torção e braços contraídos na funda, até a visão do rosto concentrada no esforço do momento (onde, segundo as fontes, o próprio Gian Lorenzo deveria ser reconhecido). Originalmente, o trabalho era apoiado por uma base menor, um dispositivo técnico que aumentava o envolvimento do espectador no espaço da ação dramática. (GALLERIA BORGHESE, 2019)[64]

Figura 38: Davi de Gian Lorenzo Bernini
Fonte: Galleria Borghese, Roma

A grande inovação de Bernini foi no movimento que ainda não aconteceu, a capacidade de ação e a pressão psicológica estampada no rosto de Davi. A escultura foi encomendada pelo cardeal Scipione Borghese e desde então permaneceu no local. A importância era tal que Bernini abandonou a escultura *Apollo e Daphne* para fazer o Davi.

[64] Trecho extraído do site da Galleria Borghese.

Este Davi com um rosto mais agressivo está caracterizado com roupas de pastor, sua profissão até aquele momento. A armadura encontra-se aos seus pés, assim como sua harpa, instrumento no qual demonstrava ter muito talento (segundo as escrituras bíblicas). Segundo Howard Hibbard, autor de *Bernini*, escrito em 1965, "a escultura de Bernini não é autocontida, ela interage com os arredores" (HIBBARD, 1965, p. 141). Segundo o autor, sua principal inspiração provavelmente foi o gladiador helenístico Borghese, pois a posição de ataque de Davi se assemelha muito a do gladiador. Também há muita semelhança com o *Discóbolo* de Myron, datado do século V antes de Cristo.

Figura 39a: Gladiador Borghese
Fonte: Museu do Louvre, 2018

Figura 39b: Discóbolo de Myron
Fonte: Museu Nacional de Roma, 2019

Michelangelo também retratou Davi anterior a batalha, mas era um Davi contido, concentrado para a batalha que está por vir. Bernini, por sua vez, adiantou o momento e esculpiu Davi no momento do lançamento, realizando todo o esforço físico e a agressividade possíveis para lançar a pedra. Sua ação está em todos os lados, como uma escultura que trabalhe a terceira dimensão, rara na época do escultor. A cada posição tomada pelo espectador, obtém-se uma nova visão do momento, em que o nosso Davi continua pronto com a energia concentrada para o momento do lançamento da pedra que irá culminar num golpe fulminante com sua vitória sobre seu inimigo Golias.

Figura 40: Rosto de Davi de Bernini
Fonte: Site Rock-Café, 2015

O destaque para a escultura está no seu rosto franzido e mordendo o lábio inferior, além de toda a agressividade que seu corpo reflete com muita energia. Alguns autores sugerem que Bernini seguia as medidas proporcionais de Leonardo da Vinci na composição dos movimentos de suas esculturas, além da representação da figura militar que também obedece a determinadas medidas e expressões faciais de coragem e agressividade.

A obra de Bernini é a que mais se parece com o movimento dos palestinos jogando pedras durante as manifestações contra as forças israelenses na *Intifada.* Seu gesto de levante contra Golias é o mesmo gesto dos "minúsculos" palestinos desarmados contra o temeroso poderio militar israelense. A reação mordendo o lábio denota sua cólera em relação ao seu inimigo, uma reação à repressão e humilhação que o seu exército estava sofrendo diante do gigante, uma forma de dizer "chega!".

3.5.3 Davi de Caravaggio

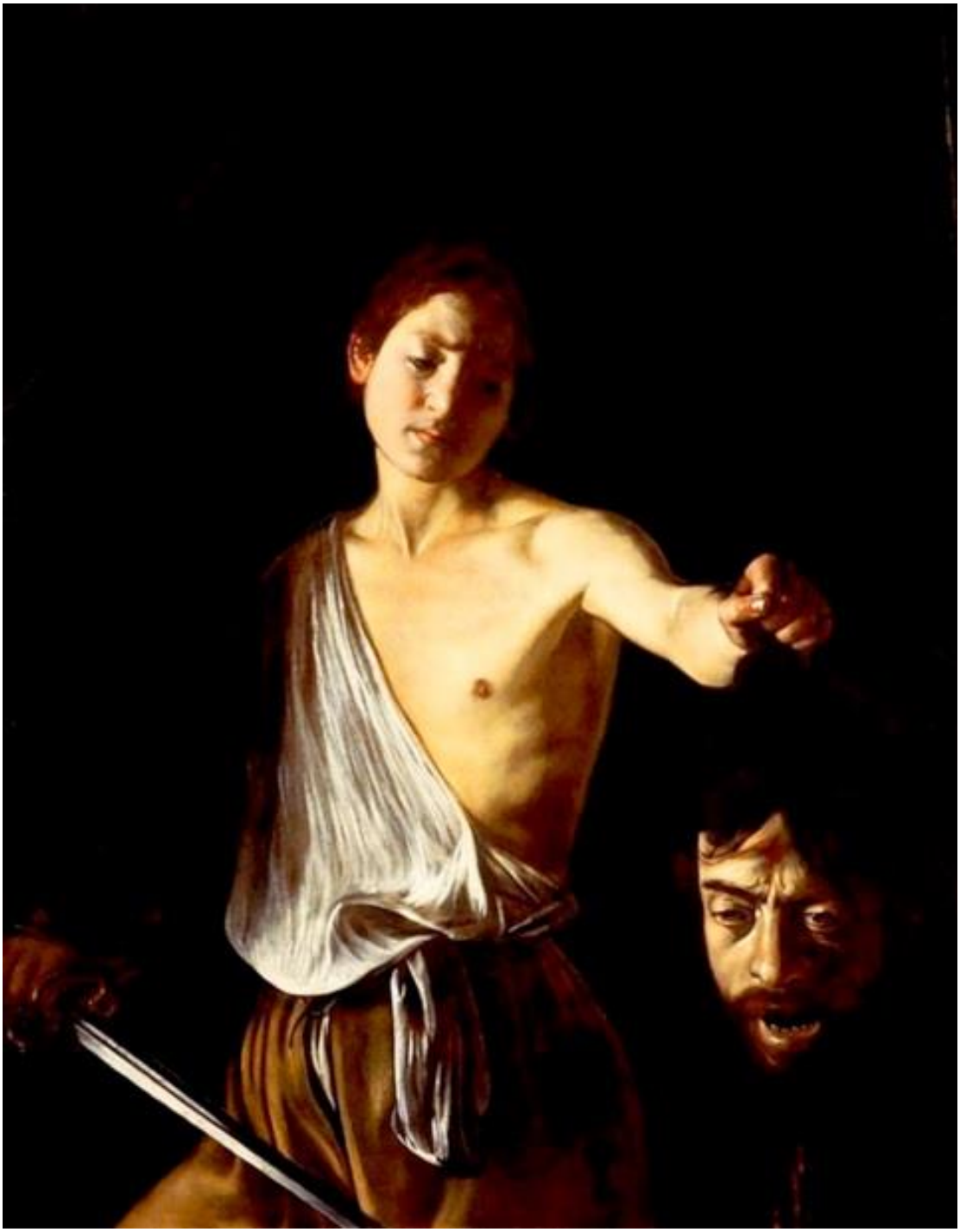


Figura 41: Davi com a cabeça de Golias, (1609 – 1610)
Fonte: Galleria Borghese, Roma, 2019

O grande pintor Michelangelo Merisi da Caravaggio, conhecido somente por Caravaggio, também se destacou com o seu Davi. Mas este não focou seu trabalho no momento anterior à batalha como Michelangelo e Bernini, mas no momento seguinte, a

decapitação de Golias. Pela obra *Davi*, nota-se por que Caravaggio despontou como um artista que desobedeceu às "regras" utilizadas como padrão na pintura da sua época, no final do século XVI e início do XVII, causando uma mudança radical na maneira de se expressar através das artes. Esse estilo foi chamado de *barroco*.

Desde jovem, Caravaggio sofreu muito com as perdas familiares. Sua família era de Milão, mas mudou-se para Caravaggio para fugir de uma praga que assolou Milão e seus arredores. Seu pai faleceu quando ele tinha seis anos e seu avô no ano em que ele completaria treze anos. Com esta idade, no ano de 1584, cercado de miséria e morte decorrentes da praga, foi aprendiz de Simone Peterzano até 1588, e com o tempo começou a estudar as obras de Leonardo da Vinci, Michelangelo, Ticiano, Rafael e outros mestres da Alta Renascença. Aos vinte e um anos de idade, Caravaggio mudou-se para Roma com pouco dinheiro, mas pouco tempo depois conseguiu um emprego pintando flores e frutas na fábrica do pintor Giuseppe Cesari. Aproveitou a oportunidade para pintar várias telas durante sua estada com Cesari. Nestas, ele descreveu sinais de realismo, cada vez com mais destaque no decorrer de sua carreira.

Sua primeira obra reconhecida foi *A Cartomante* na qual mostrava seu amigo Mario sendo enganado por uma garota cigana. Como a obra era realista e não obedecia às regras formais da pintura da época, o novo estilo chamou a atenção na arte romana. Apesar disso, suas obras não lhe rendiam bons ganhos. Ele estudou muito os temas religiosos da época inspirado em grandes artistas da Renascença, assim, iniciou pinturas com temas que circundavam histórias da bíblia. Mas o problema é que ele pintava de acordo com o que ele pensava e não de acordo com as convenções da época. Ernest Hans Josef Gombrich comenta em sua obra *História da Arte* que Caravaggio

> deve ter lido repetidamente a Bíblia e meditado sobre suas palavras. [...] E fez todo o possível para que as figuras dos textos antigos parecessem mais reais e tangíveis. Até a sua maneira de tratar a luz e a sombra reforçava essa finalidade. A luz não faz o corpo parecer gracioso e macio; é áspera e quase ofuscante em seu contraste com as sombras profundas. Mas faz toda a estranha cena destacar-se com uma honestidade intransigente que poucos de seus contemporâneos poderiam apreciar, mas teria um efeito decisivo sobre artistas subsequentes. (GOMBRICH, 1999, p. 393)

Em sua primeira tela religiosa retratou *Maria Madalena Penitente*, na qual esboçou seu estilo realista e naturalista que o tornou famoso alguns anos depois. Com várias encomendas, principalmente em igrejas, tornou-se um dos mais famosos artistas da região. Mas ser realista demais prejudicou-o em algumas comissões. Por seu talento,

foi convidado a assumir as comissões de várias igrejas, mas nem todas as pinturas foram aceitas:

> Caravaggio recebeu a encomenda de pintar um quadro de São Mateus para o altar de uma igreja de Roma. O santo deveria ser representado a escrever o Evangelho e, para mostrar que os evangelhos eram a palavra de Deus, teria que ser representado um anjo inspirando a escrita. Caravaggio, que era então um jovem artista muito imaginativo e decidido, pensou longamente sobre o que deveria ter sido a situação de um velho e pobre trabalhador, um simples publicano, quando teve subitamente que se sentar para escrever um livro. E, assim, pintou um quadro de São Mateus, calvo e descalço, os pés sujos de terra e poeira, agarrando desajeitadamente o enorme volume e franzindo ansiosamente o cenho, sob a tensão da inabitual tarefa de escrever. Ao lado do santo pintou um jovem anjo, que parece ter acabado de chegar das alturas e gentilmente guia a mão do trabalhador como uma professora pode fazer com uma criança. Quando Caravaggio entregou o quadro à igreja em cujo altar-mor seria colocado, as pessoas escandalizaram-se com o que consideraram ser uma falta de respeito pelo Santo. A pintura não foi aceita e Caravaggio teve que tentar de novo. Manteve-se, dessa vez, rigorosamente de acordo com as idéias convencionais da época sobre o aspecto que um anjo e um santo deviam ter. (GOMBRICH, 1999, p. 12)

Mas, ainda assim, não inspirava confiança na comunidade pois vivia acercado de pessoas do nível mais baixo da sociedade romana como prostitutas e mendigos refletindo-as também nas suas obras, inclusive algumas delas sendo consideradas vulgares na época. Suas obras variavam muito de estilo e isso não agradava a todos os pedidos. Ele trabalhava o tema da morte e o da sexualidade e isso desagradava diversos setores da sociedade. A escolha dos modelos também era moralmente questionável, pois, na obra *Morte da Virgem*, Caravaggio usou o cadáver de uma prostituta afogada como modelo. Além disso, Caravaggio era conhecido por brigar constantemente na rua e discutir com colegas artistas e com a polícia. Segundo registros da época, em 1606 ele matou seu inimigo Ranuccio Tomassoni em uma briga de gangues e, por isso, fugiu de Roma e foi morar em Nápoles.

> Com seus cachos negros desgrenhados e barba negra desalinhada, o artista era conhecido por vagar pelas ruas de Roma vestido de preto, acompanhado por seu cachorro preto, Crow (o prenúncio de pássaro da morte), brandindo espadas e punhais à menor provocação. Ele e seu grupo heterogêneo de amigos tomaram como lema, *nec meto*, ou "sem esperança, sem medo", e essas eram as palavras pelas quais eles viviam. Caravaggio tinha um registro policial de muitas páginas repleto de histórias de assalto, armas ilegais, assédio à polícia e assuntos complexos com prostitutas e cortesãs. Os inúmeros problemas legais de Caravaggio muitas vezes significavam que o artista teria que fugir de Roma ou não conseguir completar uma comissão. As tendências de luta e de problemas de Caravaggio alcançaram um nível totalmente novo em 28 de maio de 1606. Nesta data, após uma partida de tênis disputada, Caravaggio e seus amigos estavam envolvidos em uma briga de rua com o jovem inimigo de Caravaggio, Ranuccio Tomassoni e sua gangue. Caravaggio acabou dando ao jovem Tomassoni uma ferida fatal na virilha. Com um preço em sua cabeça,

> Caravaggio foi forçado a fugir de Roma pela última vez. (CARAVAGGIO, 2019)[65]

Com o seu talento e a proteção de uma família de influência, Caravaggio tornou-se o pintor mais famoso de Nápoles. Realizou uma série de trabalhos em igrejas de Nápoles. Dois anos depois, ele foi novamente preso por uma briga e fugiu de lá também. Os últimos anos do artista foram gastos desesperadamente correndo de uma cidade para outra, o tempo todo tentando obter um perdão papal para poder retornar a Roma. Sempre com problemas de brigas, foi de Nápoles para a Sicília e de pois para a ilha de Malta. Mas seu talento e visão realista e inovadora não foram desprezados, ele chocava pelos quadros que mostravam a feiura daquela realidade mundana.

> [...] homem de temperamento impetuoso e irascível, extremamente suscetível à menor ofensa e capaz até de enfiar um punhal num desafeto. [...] Ter medo de retratar a fealdade parecia a Caravaggio ser uma fraqueza desprezível. O que ele queria era a verdade. A verdade tal como ele a via. Não lhe agradavam os modelos clássicos nem tinha respeito algum pela "beleza ideal". Queria livrar-se de todas as convenções e repensar a arte desde o começo (figs. 15 e 16, p. 13). Algumas pessoas pensavam que o seu principal objetivo era chocar o público; que ele não tinha respeito algum por qualquer espécie de beleza ou tradição. (GOMBRICH, 1999, p. 391)

Caravaggio pinta Davi de forma bem humilde fisicamente, mais próxima da imagem de um pastor, sem a aparência máscula digna de um rei ou de um deus retratada por outros artistas. Sua pintura capta o momento seguinte ao que o Davi decapita Golias com a espada que pertencia ao filisteu. A pintura data do período em que Caravaggio ficou exilado de Roma, entre 1606 e 1610, e provavelmente produzida em Nápoles. A obra chama a atenção porque este Davi não parece orgulhoso de ter decapitado Golias. Sua expressão parece mais de pena daquele ser que jaz em sua mão e que, segundo descrições dos próprios contemporâneos, era ele próprio. As pinturas que retratam Caravaggio realmente se parecem muito com a cabeça que está agonizando nas mãos de Davi.

[65] Trecho extraído do site Caravaggio.org

Figura 42: Recorte da figura 41 – cabeça de Golias

A figura é tenebrosa, mas, ao que parece, ele mesmo se considera um pecador e quer se redimir dos seus pecados, tanto que envia, em 1610, a obra para o Cardeal Scipione Borghese como presente para o Papa Paulo V em Roma como um pedido de perdão.

Seu olhar de sofrimento com uma aparência disforme, a boca aberta como se fosse dar um último suspiro, mostram o drama sofrido pelo artista e o seu arrependimento. Além disso, na espada, lê-se a inscrição *Humilitas occidit superbiam* que significa "a humildade supera o orgulho (ou a soberba)". Na pintura ainda se destacam as cores e luminosidade da tela com brilho e tons escuros ao redor de Davi que tem mais cara de italiano do que de um pastor judeu. Alguns autores consideram que, na obra de Caravaggio, Davi enquadra-se na pose tradicional das alegorias da Justiça, considerando a espada na mão direita, mas com a cabeça em vez da balança na mão esquerda. Sua forma de expressão do autorretrato na cabeça de Golias é angustiante, sangue escorrendo, testa machucada e olhos revirados. Caravaggio se mostra entre a vida, com o Davi humilde cumprindo seu dever, e a morte, na cabeça do Golias pecador já castigado. A mensagem na espada é o pedido de perdão ao Papa. O perdão foi concedido neste mesmo ano, mas, na volta à Roma, Caravaggio morre devido a uma bactéria[66] adquirida através de uma espada numa briga, um mês antes.

[66] Esta informação é recente e foi publicada em dois momentos, uma em 2010 quando os restos de Caravaggio foram identificados e outra em 2018 quando a causa da morte foi descoberta.

O gesto de levante de Caravaggio ocorre durante toda a sua vida mostrando em suas obras a realidade do mundo que ele enxergava, utilizando seres comuns, resultantes da vida como ela se mostrava ao pintor, mendigos, prostitutas, crianças de rua e inclusive pessoas mortas. Somente no fim de sua curta vida ele resolveu, numa única obra, realizar um gesto complexo numa pintura. Ele diz "não" a si mesmo, a sua forma de viver, de ofender e machucar os outros, reconhecendo que o seu orgulho sempre venceu, mas a humildade venceria a última batalha.

3.5.4 Cerimoniais e Ritos Fúnebres

Para continuarmos a construção do raciocínio sobre as imagens de gestos de levantes, faremos um pequeno estudo acerca dos cerimoniais e ritos fúnebres com o objetivo de estabelecer um embasamento lógico e teórico, relacionando-o com a teoria da força do desejo nos gestos de levantes na Palestina, através de uma fotografia de um funeral palestino que apresentaremos mais adiante.

Os funerais são cerimônias que podem ser religiosas ou não, tradicionalmente caracterizadas por gestos de despedida de um ente querido logo após a sua morte, antecedendo o enterro ou a cremação do corpo. As celebrações são expressas pelo compartilhamento de sentimentos, emoções e solidariedade com os familiares, trazendo um certo conforto aos vivos que se despedem num ritual de separação e passagem "garantindo" o bom encaminhamento do defunto.

Em diversas culturas e tradições, a morte não é considerada simplesmente como o fim da vida. Os ritos fúnebres são um conjunto de rituais que caracterizam a passagem da vida para a morte, ou seja, para o início de uma nova condição do indivíduo. Para algumas religiões, isso pode significar uma preparação para a vida eterna, podendo ser em um novo mundo dos vivos, ou no reino dos mortos. O funeral, para o morto, é uma separação entre estes mundos e o encaminhamento ao próximo. Para os vivos, o funeral é o cumprimento dos ritos de passagem de forma a "garantir" ao morto a separação desta vida para o que vier depois, dependendo da crença. Algumas dessas crenças afirmam que o descumprimento dos ritos poderia ocasionar uma perda irreparável para o morto, que poderá ficar errante e preso a este mundo. Portanto, a sequência dos eventos deve ser respeitada.

A ritualização passa pelos costumes dos povos através de gerações, alguns ritos são conservados e outros se transformam, de acordo com a cultura e a tradição de cada povo e as influências trazidas como consequência da miscigenação cultural decorrente de grandes fluxos migratórios. Para alguns povos, principalmente os de religiões monoteístas, o funeral deve ter pelo menos as quatro fases consideradas básicas. A primeira é a preparação do morto, passando por lavagem do corpo, procedimentos para conservação, maquiagem, vestimentas, colocação numa posição correta, etc. A segunda é o velório, onde os familiares, amigos e conhecidos prestam homenagens, em alguns casos fazem orações, acompanham os ritos e "velam" o corpo por algumas horas. A terceira é o cortejo fúnebre que focaremos mais adiante, devido a sua relevância no desenvolvimento desta tese, e a quarta é o sepultamento (enterro) acompanhado dos ritos e costumes específicos de cada povo ou religião.

Analisando imagens de funerais, percebemos muitas coisas comuns, mas o que nos trouxe até aqui no desenvolvimento desta tese foram os gestos. Podemos comparar imagens de funerais da Antiguidade, da Idade Média, Moderna e Contemporânea, em que perceberemos gestos comuns em todos eles, e que são os gestos ligados às lamentações. Inclusive, em alguns ritos, determinados gestos de lamentações são obrigatórios em tais situações. Ao nos depararmos com os diversos ritos decorrentes das manifestações coletivas, principalmente em funerais, carecemos de um apoio teórico para "enxergar" estes gestos e decodificá-los. O etnólogo Marcel Mauss, em seu ensaio "A expressão obrigatória dos sentimentos" de 1921, através da sua experiência e pesquisa sobre os ritos de algumas tribos autóctones australianas, disse que:

> Mas todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos do indivíduo e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões inteligíveis, ou seja, são linguagens. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emiti-los, mas é preciso porque todo o grupo os entende. É mais do que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois assim é preciso fazer. Nós os manifestamos para nós mesmos ao exprimi-los para os outros e por conta dos outros. Trata-se essencialmente de uma ação simbólica. (MAUSS, 1979, pág. 153)

Tais gritos e gestos de lamentações expressam a dor, o sentimento de perda, de separação. A obrigação a que Mauss se refere na realização destes gestos orais e/ou físicos, individuais ou coletivos, é uma linguagem manifestada proposital e obrigatoriamente para que as pessoas presentes no funeral compreendam o significado daquele ritual. Assim, percebemos que tais gestos, por serem obrigatórios, tradicionais e

já codificados, perpassam gerações trazendo algo de tempos remotos até a atualidade. Não há como fugir do anacronismo presente nestes gestos. Eles estão presentes em diversos tempos e, por vezes, utilizados inclusive em outras cerimônias ritualísticas, não necessariamente de funerais, podendo inverter o significado original.

Georges Didi-Huberman baseia-se na teoria do historiador da arte Aby Warburg ao afirmar que existem gestos muito primitivos que voltam a se manifestar de tempos em tempos. Estes gestos permanecem no subterrâneo, no inconsciente, mas, quando requisitados, retornam e podem ressurgir com outras significações:

> Isso significa que as emoções passam por gestos que fazemos sem nos dar conta de que vêm de muito longe no tempo. Esses gestos são como fósseis em movimento. Eles têm uma história muito longa – e muito inconsciente. Eles sobrevivem em nós, ainda que sejamos incapazes de observá-los em nós mesmos. Darwin sem dúvida tinha razão ao dizer que as emoções são gestos primitivos. Mas, na sua ideia de "primitivo", ele via somente a natureza (daí a relação estabelecida entre os chimpanzés que grunhem e as crianças que choram). (DIDI-HUBERMAN, 2017, pág. 32)

O autor nos faz refletir sobre o tempo ao afirmar que "gestos são como fósseis em movimento". O fóssil em movimento é aquele que mantém uma sobrevida, mantendo-se no subterrâneo até o momento em que for convocado a retornar, e, quando isso acontece, ele vem ressignificado. Os gestos de lamentações em funerais se repetem intensamente e vêm de um longo tempo. Mas de qual origem elas provêm? Das lamentações das crianças quando não conseguem ou quando perdem algo valioso para elas? Das lamentações das mães que tanto desejam, mas perdem o filho ainda no útero?

Apesar de ser o epicentro de nossa tese, não podemos afirmar que é uma condição necessária que os funerais ou as cerimônias de homenagem aos mortos sejam sempre seguidas de lamentações. Existem rituais fúnebres em que os funerais são comemorações, com verdadeiros preparativos de festas com comida, dança, etc., nos quais as pessoas celebram o morto e não lamentam a sua ausência. Utilizemos como exemplo o ritual *Famadihana* da tribo Malgaxe do Madagascar. Aproximadamente a cada sete anos, os familiares desenterram seus mortos, enrolam-nos em novos lençóis brancos e fazem uma festa.

Figura 43: Ritual Famadihana da tribo Malgaxe no Madagascar
Fonte: MDig, 2012

Durante o evento, o morto é erguido acima dos ombros e sacudido como se estivesse se divertindo com os vivos que o celebram, pois eles creem que enquanto há restos mortais, ainda há vida, e que as novas vidas são feitas dos corpos dos seus ancestrais mortos. Neste caso, o cadáver é levado para dançar com as pessoas, participando ativamente do evento. Os familiares investem muito no ritual, convidando todos os parentes, amigos e conhecidos da família. Animais são sacrificados de acordo com o ritual e a carne é distribuída entre convidados e membros da família. Como o evento ocorre em longos períodos, os mais velhos juntam as crianças que nunca participaram ou que eram muito pequenas para lembrar e explicam a importância daqueles mortos enfileirados diante deles, a relevância de se fazer o ritual do *Famadihana* para conservar os valores da sua cultura e mostrar a elas, ao mesmo tempo, que aquele momento de alegria representa o quanto você ama seus familiares, pois ainda há restos mortais e, portanto, vida passível até de se comunicar com os que vivem.

3.5.5 Os Cortejos Fúnebres

Além do ritual de limpeza, purificação e conservação do corpo e do ritual do velório, em algumas culturas considera-se como parte da cerimônia fúnebre o transporte do morto até o local de sepultamento, que normalmente é chamado de cortejo fúnebre. É

o ponto alto do ritual fúnebre, que, dependendo do prestígio e/ou popularidade do falecido ou das condições em que ocorreu a morte, é o momento de maior participação coletiva.

> O Cortejo fúnebre é a trajetória que o extinto e os acompanhantes respectivos percorrem desde o hospital, da residência, do local da morte ou da casa mortuária até ao cemitério, passando, ou não, pela igreja, se se tratar de um enterro religioso. E o momento mais alto e mais emocionante das pompas fúnebres e simboliza a etapa mais impressionante de todo o cenário dramático que envolve o ritual funerário na medida em que a sua espectaculosidade e o seu impacto afetam todas as pessoas ligadas ao defunto, contagiam toda a comunidade e altera todo o esquema quotidiano. (MENDES, 2003, p. 106)

Em muitas culturas, após os rituais iniciais, o corpo é velado por algumas horas. Logo após o velório, o morto é colocado num caixão, numa posição considerada "confortável", é carregado pelos familiares e levado ao local onde será enterrado. O transporte pode ocorrer segurando o caixão nos braços, numa liteira, numa charrete ou num carro. Levantar o corpo para o transportar pode ter um significado para além do plano metafísico, levando em conta a importância do evento na vida social. Como dito anteriormente, o nosso foco de estudo são as imagens de gestos que se manifestam durante o cortejo fúnebre, sem fazer um avanço significativo no que concerne ao estudo das características específicas de cada tipo de ritual.

Ao nos debruçarmos sobre o estudo específico do gesto de erguer o morto em seu transporte no cortejo fúnebre, percebemos que as diversas formas de fazê-lo podem ser decorrentes do sentimento ou do significado etéreo que está implícito nesse momento. Levando em conta o rito da passagem da vida para a morte, encontraremos em diversas culturas, principalmente de tribos autóctones, uma fronteira entre o sagrado e o profano. Segundo Arnold Van Gennep[67], em sua obra *Os ritos de passagem*:

> Assim é que entre as práticas quase universais nas diversas cerimônias pelas quais uma pessoa passa durante a vida encontra-se a do transporte. O sujeito da cerimônia durante um tempo mais ou menos longo não deve tocar a terra. É transportado nos braços, numa liteira, é colocado a cavalo, nas costas de um boi, em um carro. Instalam-no sobre um trançado de vime, móvel ou fixo, numa armação ou assento elevado, num trono. Este rito é essencialmente diferente do rito de transpor alguma coisa ou de ser carregado por cima de alguma coisa, embora os dois às vezes se combinem. A ideia é que a pessoa deve ser levantada ou alçada. Não é, como se admite, que o rito tenha por finalidade impedir a população da terra considerada sagrada, ou da Terra-Mãe

[67] Charles-Arnold Kurr Van Gennep foi um folcrorista e etnógrafo alemão (1873-1957) que viveu na França desde os seus seis anos de idade. Estudou Filosofia, Matemática e cursos de curta duração especializando-se em folclore e etnografia. Trabalhou para o governo francês na Aliança Francesa e no Congresso Internacional de Arte Popular. Tornou-se pesquisador sobre folclore e seu livro mais importante foi "Os ritos de passagem" de 1909, onde realizou um estudo comparativo sobre rituais folclóricos e o status social.

> pelo contato de um ser impuro. Considerando-se que o rito vale para o nascimento, a puberdade, a iniciação, o casamento, a ordenação, o funeral, etc., os deslocamentos de um personagem sagrado (rei, sacerdote, etc.), é preciso encontrar novamente neste caso uma explicação geral. O mais simples, acredito, é considerar estes ritos como ritos de margem. Para mostrar que nesse momento o indivíduo não pertence nem ao mundo sagrado nem ao mundo profano, ou ainda que, pertencendo a um dos dois, não se deseja que se reagregue fora de propósito ao outro, é isolado e mantido em uma posição intermediária, sendo sustentado entre o céu e a terra, do mesmo modo que o morto em seu jirau de vime ou no ataúde provisório, etc., está suspenso entre a vida e a morte verdadeira. (VAN GENNEP, 2011, p. 158)

Van Gennep se dirige ao "sujeito da cerimônia", no nosso caso, o morto, não deverá tocar a terra por algum tempo, pois o indivíduo, neste intervalo em que se encontra erguido, em suspensão, não está nem no sagrado nem no profano. E se levarmos em consideração que está em um deles, então deverá ser sustentado entre os dois para que não haja uma "invasão" ao terreno do outro.

O autor faz uma reflexão no que podemos chamar de uma pesquisa sistematizada dos diversos tipos de cerimoniais nas múltiplas sociedades humanas, e que traça um marco divisório de "transição dos indivíduos de um status para outro". A partir das suas observações muito pontuais, ele chegou à conclusão de que, em sua maior parte, os ritos mencionados em seu estudo, eram todos caracterizados por uma sequência que ele classificou como ritos de *separação*, ritos de *transição* e ritos de *agregação*. Segundo o etnólogo, a morte e a reencarnação (como vimos no ritual *Famadihana*), vistos como representação simbólica, e comumente transpareciam nos rituais, denotavam uma forma de respeitar princípios como o da renovação que ele considera como indispensável a qualquer sociedade humana. No caso do morto, ele deve passar pelo cerimonial fúnebre e ser submetido a um estado de suspensão temporária para que seja desvinculado da sua condição anterior. Ele chamou o processo de "regeneração social", que podemos sintetizar da seguinte forma: se a desvinculação do indivíduo do seu estado anterior e sua inserção ao seu novo status não ocorrer, a sociedade na qual ele está inserido terá problemas, pois este indivíduo se encontrará fora do seu status "normal" e da área da normatividade tribal previstos e estabelecidos tradicional e culturalmente.

Por isso, discute-se e reconhece-se a relevância da análise de eventos ritualísticos como as cerimônias caracterizadas como rituais de passagem, pois podem significar um extravasamento expressivo (ou *hiperexpressivo*) através de um processo de pertencimento a um determinado grupo social. Apesar de ter utilizado um meio quase classificatório no estudo dos ritos de passagem, Van Gennep nos remete a uma noção de identidade coletiva comum a diversas "tribos" em boa parte da história humana.

Robert Hertz, autor de *A representação coletiva da morte* (1907) se antecipou à obra de Van Gennep:

> Hertz realiza um estudo sobre práticas e crenças relativas à morte com foco nas duplas exéquias para mostrar que não se está diante de um fenômeno inteligível apenas em âmbito fisiológico e emocional, portanto individual, mas de um processo de ruptura enfrentado pelo grupo social. Segundo ele, as representações rituais não se restringem à ideação da morte como fenômeno físico nem às mudanças acontecidas no corpo. A emoção suscitada nos vivos, suas crenças, sentimentos e ritos sociais variam, dentre outros fatores, de acordo com o valor social do defunto, como evidencia Hertz com exemplos acerca de formas diversas de lidar com a morte, caso seja o caso de um chefe, de um estrangeiro, um escravo ou uma criança. Do ponto de vista etnográfico, lança mão de informações majoritariamente sobre grupos da Indonésia, mas também sobre os bantu e polinésios, bem como os povos indígenas de Madagascar, da Austrália Central e da América do Norte, em observância ao método comparativo, sinalizando haver em todos eles obrigações morais e tabus em relação ao cuidado com a morte e com os mortos, que encontram tradução em práticas cujo objetivo principal é o reequilíbrio social, abalado quando da perda de um membro do grupo. (HERTZ, apud PATRIARCA e LIMA, 2015)[68]

As referidas passagens de um status a outro através dos rituais tomam nota de um reconhecimento identitário sociocultural para reconhecimento do indivíduo na coletividade.

O estudo e a experiência vivenciada por Hertz e Van Gennep, apesar de terem sido escritas há mais de um século, mostram-nos que, ainda hoje, a multiplicidade de sociedades humanas se utiliza nos funerais, talvez com maior intensidade ainda, dos rituais "necessários" para que o morto encerre um ciclo e complete o seu percurso, tanto ajudando-o a alcançar o descanso definitivo, quanto para garantir o bem-estar dos vivos, "livrando-os" da sua presença fora do status considerado normal, evitando "perigos" para a comunidade. Os indivíduos vivos não conseguem viver dentro das normas do seu status enquanto não houver uma desvinculação definitiva do morto, causando sérios problemas sociais dos vivos ainda vinculados ao morto, pois a sociedade não se identifica mais com eles e pode até rejeitá-los. É necessário que as cerimônias de passagem tenham como resultado não só a garantia da passagem do morto, mas a liberação dos vivos, que devem se reintegrar à comunidade ao romperem seus vínculos com o morto.

[68] Extraído do site da FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

3.5.6 Funeral Cristão

Entre os povos seguidores das três religiões monoteístas, o islamismo, o cristianismo e o judaísmo, o funeral passa pela fase da preparação do morto, envolvendo todos os cuidados ao higienizá-lo, procedimentos para conservação podendo até passar por maquiagem, além das vestimentas, colocação numa posição correta, etc. Logo após a preparação, o corpo é disposto em determinado local para ser velado. O velório é o momento em que os familiares, amigos e conhecidos prestam suas homenagens ao defunto. São feitas orações, alguns ritos e o corpo é velado por determinado tempo. Em seguida, o corpo é conduzido num cortejo fúnebre até o local do sepultamento (enterro) que vem acompanhado dos ritos e costumes específicos de cada povo ou religião.

Foi na Idade Média que o cortejo fúnebre ganhou densidade. O auge dos costumes e tradições fúnebres cristãos ocorridos nesse período foi o do "acontecimento morte" que predominava principalmente nas famílias mais abastadas e os nobres. Quando havia a previsão da morte de alguém, chamavam-se diversas pessoas para "assistir" o momento da passagem desta vida para a próxima. Dentre elas, necessariamente teriam que fazer parte pobres e eclesiásticos, e para que a passagem desse certo o quase morto mandava dar dinheiro aos presentes no evento. As mortes se passavam em locais privados, apesar de serem grandes espaços para que coubessem todos os convidados, o que na verdade, torna a morte pública.

A sacralização da morte pelo próprio futuro defunto era uma tradição que veio aumentando durante o período medieval em decorrência das propagações da Igreja de que o indivíduo deveria "garantir" seu espaço no paraíso. Para isso, compartilhar os bens com membros do clero e dar esmolas aos pobres enriquecia sua cesta de boas ações e dava uma tranquilidade para o indivíduo que estava morrendo. Diversos autores falam desta tradição religiosa que predominava na Idade Média. O rito se estendia do velório, com convidados nobres, clérigos, amigos e familiares, reunidos no local onde iria ocorrer a morte e preparados para "as últimas palavras" e continuava no decorrer do cortejo, mas com um público muito maior. Para seguir a tradição, o rito do cortejo fúnebre dos nobres e abastados deveria ter vários membros do clero assim como pessoas muitos pobres que eram convidadas ao cortejo e recebiam uma determinada quantia para participar, além, é claro, dos serviçais que já sabiam da obrigação de sofrer pela morte do patrão. Isso também contava muito perante a Igreja como uma "benção" seguida de boas ações. O

cortejo seguia com o padre segurando a cruz na frente, em seguida vinha o caixão erguido por amigos e familiares e seguido pela multidão para celebrar o sepultamento.

> Depois das acções de *antemortem* que se passavam num domínio privado (que não o era inteiramente porque o acto de morrer era sempre público na Idade Média), tomava lugar a procissão (ou cortejo) fúnebre pelas ruas que conduziam à igreja. "A procissão traduz sempre uma prática comunitária, um movimento de ritualização destinado à devoção colectiva". Em alguns casos, o cortejo não estava restringido ao exterior, o séquito podia entrar na igreja e permanecer junto ao féretro enquanto se oficiava a missa. É sobretudo, no século XIII, que as procissões de carácter fúnebre são alvo de uma maior exteriorização graças ao crescimento da devoção popular. O cortejo fúnebre consistia numa procissão laico-religiosa formada (dependendo da pessoa em causa) por parentes (que se faziam distinguir pelos trajes de luto), clérigos e vassalos. Exibiam-se as insígnias e atributos sociais do falecido, sobretudo se se tratava de um nobre de armas. (...) Os intervenientes e as acções desenroladas na parte da frente do cortejo são os mais relevantes, pois aí iam as pessoas de maior proximidade com o defunto e era onde se levava a cruz processional. Aquando da realização de cortejos de figuras de relevância social (que tinham em vida tutelado instituições eclesiásticas ou monásticas), havia uma numerosa assistência composta por membros do clero, o que conferia um carácter eclesiástico à procissão, reforçado pela presença dos *deuillants*. Atrás, seguiam aqueles que demonstravam manifestações de dor exacerbada pelos mortos, os pobres e também outros clérigos. (DIAS, 2014, p. 124)

Não há muitos registros dos ritos fúnebres dos camponeses, mas sabe-se que os cemitérios eram fora das cidades e que sempre se manteve no cristianismo, entre os mais humildes, a prática da tradição do cortejo fúnebre. Normalmente, os cortejos eram acompanhados de cantos litúrgicos, as pessoas vestiam roupas brancas e carregavam velas e incensos. O morto que seguia o caminho do cristianismo com devoção durante sua vida era tratado como um vitorioso e por isso era honrado com uma grande procissão até o local do sepultamento.

Atualmente, os cortejos fúnebres cristãos seguem esta tradição, mas ocorrem mais em cidades menores, já que nos grandes centros tornou-se difícil realizar um cortejo extenso devido ao grande movimento do trânsito. Assim, normalmente, o cortejo fúnebre ocorre dentro do próprio cemitério onde já se encontra a capela na qual ocorreu o velório, ou é conduzido do local do velório (caso ele seja afastado) de carro e, na entrada do cemitério, reúnem-se os amigos e familiares para a realização do cortejo até o sepulcro. O caixão é carregado por parentes ou amigos do morto. Não há nenhuma descrição de como ele deve ser carregado, mas, geralmente, os carregadores elevam o caixão até a altura do quadril, para facilitar a distribuição do peso.

3.5.7 Funeral Muçulmano

Encontramos registros do funeral muçulmano, que segue os ritos de passagem citados anteriormente, sendo descrito nos costumes islâmicos. O corpo do morto é lavado seguindo os ritos muçulmanos, enrolado em um lençol branco e colocado num caixão em uma posição tal que sua cabeça fique direcionada para Meca, cidade sagrada para os muçulmanos. Após poucas horas de velório, o morto é conduzido num cortejo fúnebre de maneira simples e rápida, sem muitas delongas. A prescrição encontra-se no livro dos costumes (*Sunna*) do profeta Muhammad (*Maomé*) chamado de *Hadith*. Segundo os *Hadith* de Al Bukhari e Muslim, o profeta Muhammad disse: "Levai o falecido imediatamente, porque se ele foi um bom homem, então vós estais a tomar-lhe as boas coisas, e se ele não foi, então vós diminuireis o infortúnio de vossos ombros tão logo que for possível". Observemos que neste caso temos dois registros evidentes aí. O primeiro é de que não se deve postergar o enterro para deixar o indivíduo "descansar" o mais breve possível, aguardando o dia do juízo final e o seu julgamento, segundo as tradições islâmicas. O segundo registro é de há uma aparente indicação da altura que deve se elevar o caixão (nos ombros), apesar de alguns exegetas muçulmanos afirmarem que "diminuir o infortúnio de vossos ombros" é uma metáfora, e que pode significar que devemos aliviar o carregador o mais rápido possível de carregar um indivíduo morto que não praticou o bem durante a sua vida. Para nossa análise, estaremos enfatizando o fato de que existe uma prescrição de que o morto deve ser carregado nos ombros, sem levar em conta os motivos religiosos, já que estamos procurando vestígios do gesto de levantar o caixão à altura dos ombros para fundamentarmos e justificarmos nossa teoria.

3.5.8 O Cortejo Fúnebre Palestino como Gesto de Levante

Para analisarmos as imagens de gestos de levantes presentes em cortejos fúnebres palestinos, utilizaremos inicialmente o exemplo do funeral de George Habash, fundador da FPLP – Frente Popular para a Libertação da Palestina, de cunho marxista-leninista, conhecido pelo sequestro de aviões na década de 70 para atrair a atenção do

mundo para a causa palestina. É o segundo político mais conhecido na história dos palestinos (o primeiro é Yasser Arafat). George Habash ficou conhecido pelo seu nome de guerrilheiro *Al-Hakim* e faleceu em 26 de janeiro de 2008 em Amman, capital da Jordânia, de um ataque cardíaco decorrente de complicações do seu debilitado quadro de saúde, devido a um câncer que tratava desde o ano 2000.

Figura 43: Funeral de George Habash – Amman, Jordânia, 2008
Fonte: Site My East-West

Segundo a tradição cristã ocidental, durante o cortejo fúnebre, o caixão é erguido até o quadril pelos carregadores, no entanto, apesar de Habash ser cristão, ele foi erguido acima dos ombros durante o cortejo (fig. 43). Neste caso, a questão é que se não se trata de um funeral religioso cristão ou muçulmano, mas sim, de um funeral palestino, que vem com uma carga política e social enorme, é o funeral de um mártir (*shahid*), independentemente da religião, apesar da sua morte ter sido natural, pois Habash teve uma grande importância no movimento palestino de resistência. Levantar o corpo de um *shahid* da sua importância num cortejo, que é um evento público, carrega um enorme significado e leva uma mensagem aos vivos. O caixão com a bandeira da Palestina e a foto do mártir, assim com a foto dele erguida por milhares de seguidores, o discurso inflamado na homenagem, todas as marcas de pertencimento palestino estavam presentes. Assim como no exemplo do funeral *Famadihana* da tribo Malgaxe do Madagascar, Habash é celebrado e ao mesmo tempo participa diretamente no evento. Mas, enquanto no Madagascar o cortejo é para lembrar que os descendentes do morto são parte dele e para explicitar a importância dos mortos, a diferença óbvia para o cortejo de Habash é

que remete expressivamente à resistência, à revolta, ao levante, a comoção da população trazendo à tona o sentimento nacionalista palestino.

Esta espécie de manifestação provém da necessidade de se fazer aparecer como parte de uma nação que foi eliminada do mapa há mais de 70 anos e que foi espalhada deliberadamente entre os países vizinhos e os territórios ocupados da Cisjordânia e a Faixa de Gaza. O medo do apagamento identitário é evidente entre os refugiados. Em recente lançamento do documentário *De Chatila nous partirons*, o ator e diretor francês Antoine Laurent trata do cotidiano de um centro de apoio escolar (*markaz*) no campo de refugiados de Chatila em Beirute, capital do Líbano. Tarek, Sobhe e Jalal são refugiados palestinos nascidos em Chatila nos anos 80 e criaram um centro de apoio escolar e um jardim de infância no próprio campo. Eles formaram uma equipe de professores e, além de dar aulas, também administram o centro, que se chama *Sonho de refugiado*. Além dos trabalhos internos ajudando os alunos, eles também fazem o trabalho de divulgação do seu trabalho, arrecadando fundos para a manutenção do centro. O documentário mostra as dificuldades que eles passam diariamente para poder lecionar e ajudar as crianças. Eles lecionam matemática, ciências, geografia, história e, é claro, história e geografia da Palestina (que segundo eles não são ensinadas nas escolas libanesas), dos seus valores nacionalistas e valores morais, para afastar os alunos de uma realidade nada fácil no cotidiano do campo. Eles deixam claro que estão convencidos de que, enquanto aguardam seu retorno à Palestina, uma vida cívica moral e política é possível dentro dos campos, mantendo seus vínculos com a terra natal.

Ao conversar pessoalmente com os diretores do centro, Sobhe, Tarek e Jalal, que estiveram em Paris para o lançamento de divulgação deste documentário em dezembro de 2018, coincidindo com minha estada durante o *Doutorado-Sanduíche*, questionei o motivo deles não se integrarem a uma comunidade que os reconheça como cidadãos como na Jordânia, por exemplo, ou até mesmo o Brasil, como fizeram os meus pais, já que eles são privados das condições básicas de um cidadão no estado libanês, não podendo adquirir propriedades em seu nome, abrir uma empresa, comprar um carro. Até nas universidades (quando conseguem chegar lá) eles são discriminados. Eles responderam unanimemente que eles temem que, ao se afastar do território da Palestina original perderiam seu contato com a cultura, com a língua e consequentemente com a terra, apagando sua existência e sua luta no decorrer das gerações. Ao me identificar e contar a história dos meus pais, eles ficaram muito surpresos ao perceberem que apesar de eu ter nascido no Brasil e ter sido criado fora dos territórios palestinos (e mais ainda,

fora dos campos de refugiados), muito longe da terra natal, falava fluentemente o árabe palestino, ministrava palestras e conferências sobre a Palestina, e ainda educava os meus filhos com o sentimento nacionalista palestino.

Leonardo Schiocchet, em seu artigo *Palestinidade: resistência, tempo e ritual no campo de refugiados palestinos Al-Jalil no Líbano*, relata sua experiência no campo e afirma que:

> Em face de mais de seis décadas desde o início da diáspora original, os refugiados palestinos eram assombrados pelo medo do apagamento de direitos, propriedades (materiais e não materiais), estilos de vida, e sua própria identidade. Tais temores marcavam a compreensão de si mesmos, posicionando seu engajamento com o mundo. O medo da anulação também levava a uma idealização da própria existência como resistência. Dentro de campos de refugiados palestinos em geral, ser refugiado era mais um elemento que reforçava a equação "existência = resistência" como um atributo do palestinidade. (SCHIOCCHET, 2013, pág. 84)

Vemos aí que os atributos da *palestinidade* a que Schiocchet se refere são elementos constitutivos de atos cotidianos ritualizados e sacralizados de maneira a afastar o medo do apagamento. A mera existência incrementada da politização, da educação, dos valores e sentimentos nacionalistas, leva extrinsecamente consigo o fato de a resistência ser uma forma de levante. O desejo do retorno torna evidente a luta constante que passa através das gerações. Como afirmamos anteriormente, dizer "não" a uma condição não significa tomar o poder, mas simplesmente se manifestar contrariamente a uma injustiça. Neste caso, explícita e constante na vida dos palestinos, o que justifica tanto tempo de resistência e seguidos levantes.

Voltando a nossa teoria da *força do desejo*, iremos mostrar alguns gestos determinados que antecipam um levante: o luto, que assim que vencido é seguido pelo gesto (braços cruzados com força, punhos cerrados) ou palavras individuais e, logo após, os gestos coletivos de insurreição. Seria possível encontrarmos uma única imagem que possa conter todos os elementos que antecedem o levante? O luto, o gesto individual e o coletivo? Vejamos a foto do funeral do jovem Abdullah Ghanayem, assassinado pelos soldados israelenses após uma "incursão de rotina" na pequena cidade de Kufr Malek, próxima a Ramallah, atual capital da Autoridade Nacional Palestina.

Figura 44: Funeral de Abdullah Ghanayem na aldeia de Kufr Malek
Fonte: Hispan TV, 2015

Segundo fonte palestina do Ministério da Saúde, Abdallah estava saindo para o trabalho próximo das seis horas da manhã e defrontou-se com uma incursão de jipes israelenses na cidade e vários jovens palestinos jogando pedras contra os jipes. Segundo testemunhas palestinas, um dos veículos perseguiu o rapaz, um soldado atirou nele o atingindo pelas costas, mas o veículo perdeu o controle e acabou batendo num muro, tombando em cima de Abdallah. Ainda segundo as testemunhas, eles tentaram ajudar, mas os soldados não permitiram. Abdallah ficou três horas agonizando sem socorro. Quando os soldados israelenses permitiram a aproximação do serviço de emergência palestino, o jovem já estava morto. A justificativa israelense foi de que Abdallah jogou uma bomba incendiária no jipe que perdeu o controle e tombou em cima dele.

Os transportadores do caixão (fig. 44) encontram-se em luto, realizando gestos individuais e coletivos de desespero pela perda do rapaz e, ao mesmo tempo, de revolta pela morte injusta. A memória da condição de povo ocupado é reativada com a morte do jovem e a revolta internalizada, que até o momento estava silenciada, agora retorna, movida pela força do desejo.

Observemos os detalhes da foto em recortes:

Figura 45: Lamento

Figura 46: Braço levantado

Figura 47: Luto e Levante

Na sequência dos recortes, percebemos os detalhes da foto do funeral. Os gestos são explícitos e flagrantes: grito, o choro, os braços levantados individualmente, tanto dos que carregam quanto dos que estão acompanhando o funeral, tornando o gesto coletivo e acionando o dispositivo de um levante que está prestes a eclodir. Há um desencadeamento lógico, pois sabemos que, inevitavelmente, haverá uma manifestação e que poderá resultar em mais mortes, ou seja, já é um levante fracassado, mas que será realizado independentemente ao que ocorra, pois o que faz com que as pessoas se levantem é o desejo, indestrutível, que vence a barreira do medo da morte. Segundo Marcel Mauss,

> Em numerosas tribos [...] o morto não se limita a dar uma resposta ilusória ao conclave tribal que o interroga; a coletividade que evoca escuta-o responder fisicamente, realmente; outras vezes, trata-se da experiência que costumamos chamar, nos nossos cursos, de pêndulo coletivo: o cadáver, levado nos ombros dos feiticeiros e dos seus futuros vingadores, responde às perguntas, empurrando-os em direção ao assassino. (MAUSS, 1979, p. 149)

Mauss invoca uma linguagem oral, corporal, entre os indivíduos que participam do cortejo fúnebre e o próprio morto. Os gestos que eles realizam são potencializados com a própria condição física do morto. Não há mais volta, ele se foi para sempre, linguagem essa que conduz a um sentimento, o de revolta, o desejo de se levantar perante os assassinos. A memória individual e coletiva, as imagens produzidas nestas manifestações, a condição social e política, tudo que se refere à movimentação interior é potencializado convergindo para uma força, e essa é a força do desejo e é ela que origina o Levante. Didi-Huberman relaciona as potências de um levante com desejo e memória.

> O que nos levanta? Partamos da hipótese de que é a força de nossas memórias quando estas se juntam com a força dos desejos quando estes inflamam – as imagens, por sua vez, se encarregam de fazer arder os desejos a partir das memórias, nossas recordações fundidas com nossos desejos –. Lacan observou nos textos de Freud que "a gênesis da dimensão moral não se enraíza senão no próprio desejo", e o "surto de Antígona", esse levante tão antigo demonstrou

> toda a sua incandescência política. Assim, é preciso entender – como queriam sugerir autoras como Julia Kristeva e Judith Butler – que não haverá levante digno deste nome sem assumir certa "experiência interior radical" onde os desejos somente avançam porque levam em conta, ou tomam como ponto de partida, suas próprias memorias enterradas. (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 88)

Como vimos anteriormente, sua hipótese pauta-se na ideia de que a memória inconsciente abriga o desejo do levante contra aquilo que o oprime, e que as imagens dos gestos de levante estariam diretamente relacionadas com a sobrevivência dos gestos através dos tempos e que são potencializados pela memória e pelo desejo. A necessidade de se levantar contra o que nos ameaça ou nos agride é fomentada pelo desejo interiorizado da liberdade e a necessidade de tornar público aquilo que nos oprime. Em seu seminário *Soulèvements*, há uma expressão de Didi-Huberman na qual ele afirma que "quando a submissão se torna física (...) O desejo de se levantar dessa posição de submissão e obscuridade é o *Levante*." (DIDI-HUBERMAN, 2016)[69]. Para justificar a sua hipótese, ele se apropria do princípio de que a verdadeira história humana nada mais é do que a história da dor dos humanos (não necessariamente em levantes). A memória dessa dor nos acompanha por toda a vida, mas como ele mesmo diz em seu seminário *Soulèvements*: "a memória arde: ela se encandece, produz explosões ou fogos de artifício. (...) ela arde de desejo". E a partir daí o filósofo nos coloca a seguinte hipótese: "aquilo que nos levanta é a força do desejo". Segundo ele, desejo e memória são as potências do levante que nos dão condições de pensar a noção de *potência* contra a de *poder* e que essa ponderação na condição do oprimido, em sua esperança de mudança e de mostrar seu descontentamento, sua discordância com determinada situação (o que não significa derrubar quem está no poder), leva-o ao desejo de resistir e, a partir desse desejo, segue-se o Levante.

[69] Trecho extraído do curso *Soulèvements* do site Vimeo

4 MURO DA CISJORDÂNIA

A Segunda Intifada[70] iniciou no ano 2000. A resistência palestina sufocada pela pressão diária do Exército israelense partiu para uma arma difícil de controlar, os atentados com homens-bomba. O presidente da ANP (Autoridade Nacional Palestina) Yasser Arafat morreu num hospital em Paris em 2004 em circunstâncias muito estranhas após ser isolado por dois anos em seu quartel em Ramallah durante a *Segunda Intifada*. Após diversas investigações, foi confirmado o envenenamento do maior líder palestino. A revolta palestina só aumentava. Homens-bomba levaram ao maior número de baixas israelenses desde a criação de seu estado. Em 2002, o governo de Israel, sob o comando do Primeiro-Ministro Ariel Sharon, iniciou as obras da construção do muro em toda a fronteira com a Cisjordânia, sob o argumento de que seria para proteger a população israelense dos ataques palestinos. O muro separa o estado de Israel da região norte da Cisjordânia que é governado pela Autoridade Nacional Palestina. Além disso, o muro dividiu a cidade de Jerusalém em Jerusalém Oriental, também controlada pela ANP e Jerusalém Ocidental, controlada por Israel.

Com a construção do muro, concretiza-se a ocupação ilegal de mais territórios palestinos, com a expulsão de mais famílias de suas casas e de seus terrenos, facilitando assim o desenvolvimento das colônias que se encontram na região e a construção de mais colônias israelenses. Em meados de 2016, com seus 760 km de extensão e trechos com até 8 metros de altura, o muro fez com que 12% da Cisjordânia (território palestino) ficasse na parte israelense. Segundo relatórios do órgão de recursos hídricos da Palestina, estes "desvios" do muro da Cisjordânia têm única e exclusivamente o interesse de confiscar zonas palestinas ricas em recursos hídricos. O governo israelense controla praticamente todos os recursos de água dos territórios ocupados, criando diversos empecilhos para a criação de novas fontes ou a utilização de poços já existentes, repassando-os ou direcionando-os às colônias judaicas recentemente construídas. Durante os ataques à Gaza ou a alguma cidade da Cisjordânia, este objetivo fica evidente ao

[70] O termo árabe *Intifada* significa tremor ou doença, mas politicamente indica revolta, e foi adotado como nome da revolução palestina na Faixa de Gaza e na Cisjordânia ocupadas por Israel. A *Primeira Intifada* surgiu em 1987 quando a opressão israelense ao povo palestino levou o povo às ruas com paus e pedras. A maior arma dos palestinos contra o fortemente armado exército de Israel foi o estilingue. A revolta terminou em 1993 com os Acordos de Paz de Oslo. A *Segunda Intifada* ocorreu em 2000 e marcou outra revolta civil dos palestinos contra a política administrativa e a ocupação Israelense nos territórios da Palestina, iniciando-se com uma "visita" de Ariel Sharon, cercado de seguranças armados, à Esplanada das Mesquitas em Jerusalém, e só terminou em 2005.

vermos a destruição de reservatórios de águas de chuva e de sistemas de irrigação fundamentais para a agricultura palestina. Também ocorrem racionamentos de água para os palestinos em épocas de calor, para que o abastecimento seja contínuo nos assentamentos judaicos.

Além disso, segundo organizações internacionais, diversas aldeias palestinas ficaram isoladas pelo muro, dentro de território palestino, mas fora de Israel, ou seja, praticamente num território de nacionalidade indefinida, como já ocorre nas Colinas de Golan na Síria, desde a Guerra dos Seis Dias, em 1967. Isso impossibilita o acesso a melhores condições de trabalho, fazendo com que essa população se transforme em mão-de-obra barata para as empresas israelenses. Segundo relatos de palestinos e pesquisadores do conflito, há um enorme controle da criação de indústrias palestinas, o que só colabora para o aumento do desemprego entre os palestinos. Para passar pelo muro, as pessoas são tratadas quase como animais indo para o abate, passando por extensos corredores cercados de grades ao longo do muro. No caminho, existem diversos pontos de controle. Também é difícil seguir de carro ou de táxi, pois as principais estradas dentro do território ocupado são inacessíveis aos palestinos.

O governo israelense chama o muro de *Cerca de Separação* ou *Cerca de Segurança*, cujo propósito seria o de evitar a infiltração de terroristas em Israel. Já os palestinos se referem à barreira como Muro da Cisjordânia (الجدار في الضفة الغربية - *Al jidar fi daffat al gharbia*), mas é mais conhecido como Muro do Apartheid / da separação / do ódio (جدار الفصل العنصري - *Jidar al fasl al ensuri*). Para a Autoridade Nacional Palestina, do governo de Mahmud Abbas (também conhecido entre os palestinos por Abu Mazen), o muro visa à consumação da incorporação de partes dos Territórios Palestinos ao Estado de Israel. Segundo um informe de 9 de julho de 2007, do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários que trata dos Territórios Palestinos Ocupados em 1967 (OCHA-OPT), a existência e o traçado da construção são contestados sob os aspectos políticos, humanitários e legais. O Tribunal Internacional de Justiça de Haia o declarou ilegal em 2004, pois a barreira corta terras palestinas e isola cerca de 450.000 pessoas. Israel não só não acatou o parecer da Corte Internacional e se colocou como soberano em Haia como a construção da barreira prosseguiu.

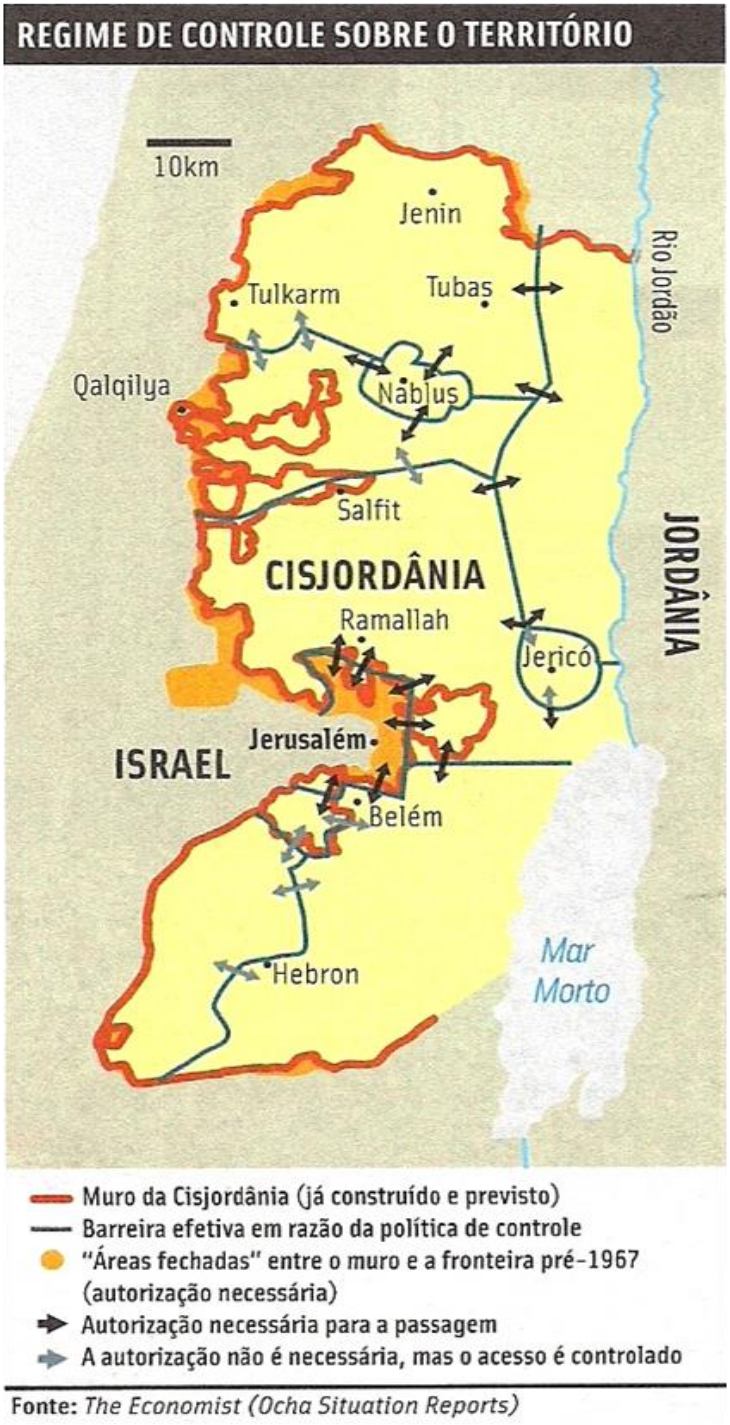


Figura 48: Mapa do muro e o regime de controle sobre a Cisjordânia

Fonte: Guia do Estudante Abril, 2017

Como podemos observar no mapa da figura 48, com a construção do muro, o controle e a autorização para o acesso ao outro lado restringe os movimentos e a liberdade de ir e vir dos palestinos. Na verdade, a maioria das barreiras físicas ou burocráticas impostas atualmente à mobilidade e acessibilidade dos palestinos visa proteger os 500 mil colonos judeus que ocupam assentamentos na Cisjordânia – em contravenção à lei internacional –, bem como garantir uma reserva de terras para a expansão futura desses

assentamentos e melhorar as ligações viárias entre esses assentamentos e Israel, causando, assim, o isolamento de várias aldeias palestinas. São populações de lugares desprotegidos militarmente, sem um Estado reconhecido, e em sua maioria foram separados de sua terra natal, sem poder retornar e nem mesmo ter contato com ela. Segundo Edward Said:

> O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estados, embora estejam com frequência em busca dele. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmo como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado. O ponto crucial é que a situação de exílio sem essa ideologia triunfante – criada para reagrupar uma história rompida em um novo todo – é praticamente insuportável e impossível no mundo de hoje (SAID, 2003, p. 50).

Said nos coloca a atual situação dos refugiados palestinos, tanto no interior quanto no exterior do Estado de Israel ou dos territórios ocupados. Em várias regiões dos territórios palestinos, a população encontra-se exilada, pois além do muro da Cisjordânia, existem outras duas barreiras instituídas pelo governo israelense, a que separa Israel da Faixa de Gaza e a que separa a Faixa de Gaza do Egito, ou seja, o bloqueio total político e socio-econômico da Faixa de Gaza, deixando a região na miséria e com um dos maiores índices demográficos do mundo.

Figura 49: Volta para casa após jornada de trabalho: Palestinos aguardam em fila para passar por um dos portões do muro israelense.

Fonte: Socialist Worker, 2015

Os palestinos que têm autorização para trabalhar em Israel são alvo de revistas que demoram muito tempo, pois são poucos os acessos ao outro lado do muro e as pessoas esperam horas nas filas, tanto para ir como para voltar do trabalho. Os salários são muito baixos e os palestinos não têm direitos trabalhistas, uma vez que não são considerados cidadãos israelenses.

O cotidiano torna-se cada vez mais difícil. O simples acesso a um aeroporto por exemplo, é uma jornada fatigante. Se o indivíduo possuir um passaporte palestino, ele não pode utilizar o aeroporto de Tel Aviv, pois está no território israelense e o acesso é negado aos palestinos a não ser em caso de extrema necessidade e com pedido feito com muita antecedência. Ou seja, o palestino deve necessariamente sair do país, passando por pontos de controle israelenses de ônibus ou de táxi, ir até um posto de fronteira, passar por revistas e humilhações, pegar outro ônibus para chegar ao lado jordaniano. Chegando lá, pega um táxi para o aeroporto civil da capital da Jordânia. A viagem é extremamente cansativa e cara para uma distância de menos de 90 km. Um trajeto que poderia ser realizado em uma hora é feito em média de quatro a seis horas. A volta é ainda mais complicada porque é a entrada em Israel e a segurança com relação aos palestinos é ainda maior.

Não há possibilidade de estrangeiros viverem em território palestino. O visto de turista tem prazo determinado pelas autoridades israelenses (são eles que controlam a entrada e saída dos territórios palestinos) e quem ultrapassar a data limite e for pego num posto de controle é extraditado ao país de origem e proibido de retornar. Israel não concede visto de permanência para não-palestinos.

4.1 INCESSANTEMENTE PULAR O MURO

> Os muros são construídos em toda parte para fazer obstáculo aos nossos desejos de emancipação. Muitos, no entanto, deixam-se abrir, passar por cima ou atravessar pela potência dos levantes. Em todos os lugares nós nos esforçamos para *fazermos muros*, nós os construímos para afirmar o poder; mas em todo lugar a gente persiste em *pular o muro*, a cruzar muros para expressar sua potência, sua liberdade de movimento. (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 403)

Figura 50: Fotograma do filme *Omar*, 2012
Fonte: Youtube

A ideia do desejo indestrutível de Georges Didi-Huberman aparece em obras cinematográficas como o filme *Omar*, nome do personagem principal que, para ver a namorada que mora no outro lado do muro, arrisca sua vida escalando o muro diariamente. Notadamente, sua história retrata as humilhações e as condições de vida impostas aos palestinos e que fazem ressurgir o sentimento de revolta, fazendo com que o desejo aflore e seja seguido de um levante em que não há mais obstáculos para que ele tente fazer alguma coisa contra o sistema, algo para mostrar que ele está sendo injusto.

Em sua obra *Désirer Désobéir, Ce qui nous soulève I (Desejar, Desobedecer, Aquilo que nos levanta, I)*, Didi-Huberman faz uma relação entre as consequências do genocídio dos judeus que estavam cercados por um muro no gueto de Varsóvia em 1943, a "reconquista" do muro das Lamentações em 1967 e a construção do muro da Cisjordânia em 2002. No capítulo *Incessament faire le mur* (onde a expressão "faire le mur" indica pular o muro), ele afirma que os judeus estavam "de costas para o muro" *(Dos au mur)* quando estavam presos em um gueto (de Varsóvia) e, simetricamente, são invocados "diante do muro" *(face au mur)* quando oram de frente para o *muro das Lamentações*, lamentando a glória do Templo de Jerusalém e sua destruição em 70 d.C. pelo imperador romano Tito para suprimir a revolta judaica.

Didi-Huberman faz uma análise teórico-político-teológica dos eventos ocorridos utilizando a literatura em torno dos três muros citados, e todos têm narrativas trágicas. Teórica porque faz uso da psicanálise e de referências teóricas para explicar o "emuramento" judaico e político-teológica devido à utilização dos escritos sagrados na aplicação da política do sionismo. Em 1940, foi erguido o muro do gueto de Varsóvia que aprisionou trezentos e oitenta mil judeus, aproximadamente trinta por cento da população de Varsóvia, como uma forma explícita de segregação racial. Com um território que chegava a 2,4% de toda a cidade, a densidade demográfica atingiu níveis absurdos. Com o passar do tempo, o lugar foi se configurando como um campo de concentração, mas com uma forma muito mais organizada. A intenção nazista tornou-se evidente com a falta de comida e medicamentos, humilhações, tortura e mortes.

Figura 51: Anônimo polonês. *Construção do muro do gueto de Varsóvia*, 1940.
Fonte: Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, 2019

Na foto acima, homens judeus construindo o muro do gueto de Varsóvia em meados de 1939, com dinheiro obrigatoriamente arrecadado da própria comunidade judaica pelo governo nazista. Na realidade, eles estavam construindo o que seria sua própria prisão a céu aberto, com uma superpopulação como é hoje a Faixa de Gaza na Palestina ocupada por Israel. Um ano após sua construção, as doenças como o tifo e a fome começavam a mostrar o seu resultado. Apesar da organização do campo, a comida

por habitante era ínfima e os judeus só duraram tanto tempo porque foi-lhes permitido produzir sopas e outros itens básicos. De todos os campos de concentração, o gueto de Varsóvia teve uma estrutura única de organização já que, no início, havia um certo tipo de "liberdade" para as lideranças judaicas. Escolas básicas e algumas clandestinas de nível secundário e até superior, habitações organizadas, cantinas de sopa gratuitas, hospitais, orfanatos, imprensa em ídiche, polaco e hebraico, sinagogas e uma igreja (para os convertidos ao cristianismo), escola de música, teatro e exposições de arte.

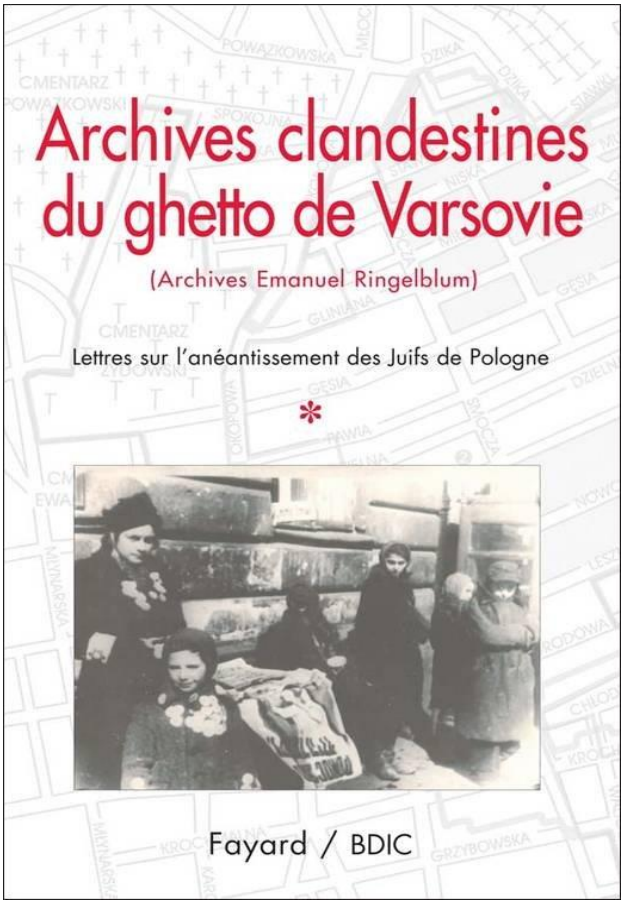


Figura 52: Coleção *Arquivos clandestinos do Gueto de Varsóvia*
Fonte: Fundação para a Memória da Shoah, 2019

Didi-Huberman destacou em seu seminário Soulèvements de 2018-2019 a figura de Emmanuel Ringelblum[71] como um dos homens mais importantes do gueto de Varsóvia, que com seu grupo de jornalistas registrou a história social da vida no gueto

[71] Emanuel Ringelblum era um historiador e personalidade poloneses engajados no gueto clandestino de Varsóvia, que tomou a iniciativa, a partir de 1942, de coletar o máximo de documentos possíveis para resistir à planejada aniquilação dos judeus da Polônia. Escondidos durante a guerra, depois exumados em 1946 e 1950, esses arquivos constituem uma das mais ricas coleções documentais da Shoah e um testemunho singular da maior comunidade judaica destruída pelos nazistas, a do gueto de Varsóvia.
Fonte: Fundação Shoah

através de milhares de documentos entre fotografias, diários, jornais clandestinos, desenhos e trabalhos escolares, tickets de eventos culturais, receitas, anotações das aulas, etc., que após terem sido encontrados enterrados em caixas, boa parte foi recuperada e compõe os *Arquivos clandestinos do gueto de Varsóvia.* Graças a ele, atualmente temos informações sobre como era a vida no gueto e como aqueles indivíduos sofreram ao saber o que os esperava.

O deslocamento massivo da população do gueto começou em julho de 1942 e em dois meses mais de trezentas mil pessoas já haviam sido transportadas para os campos de concentração destinados às câmaras de gás de Treblinka e Auschwitz. Para os restantes oitenta mil habitantes não houve outra saída a não ser lutar ou desistir. Muitos optaram pelo suicídio e os que escolheram morrer lutando se organizaram e se levantaram contra o regime nazista, e a supressão da revolta deu muito mais trabalho e baixas do que imaginaram os líderes nazistas. Os judeus haviam conseguido infiltrar armas e granadas. A revolta durou semanas e resultou na derrota da população judaica que foi massacrada e os sobreviventes aprisionados novamente. No final da revolta, em meados de 1943, o campo foi destruído pelos nazistas.

De costas para o muro, os judeus vivenciaram um dos momentos mais sofridos de sua existência. Após esta tragédia, a história dos muros judeus não teve fim. Após a criação do Estado de Israel, o que parecia ser um levante (no que tange à teoria do desejo de Didi-Huberman) e a redenção do povo judeu, foi transformada numa espécie de luta por uma identidade. Identidade esta que tinha que ser reafirmada com a reconquista de outro muro, para "redimir" ou "salvar" o antigo muro do gueto de Varsóvia, o *Muro das Lamentações*. Após a *Nakba*, Jerusalém oriental ficou nas mãos da administração jordaniana (no território que hoje é a Cisjordânia ocupada), que proibiu o acesso dos judeus ao Muro que, segundo a tradição judaica, é o que resta do Templo de Jerusalém, o primeiro templo construído pelo rei Salomão por volta de 1004 a.C. (segundo o calendário judaico, exatamente três mil anos desde a criação do mundo) que, destruído por Nabucodonosor II e a expulsão dos judeus para a Babilônia, foi reconstruído em 516 a.C. e destruído novamente pelo imperador romano Tito em 70 d.C., para acabar com a revolta dos judeus contra a administração romana. Em 1967, na Guerra dos Seis Dias, as tropas israelenses invadiram Jerusalém e "reconquistaram" o muro que restou dos templos sagrados. A dramatização e o heroísmo consagrados aos soldados deste acontecimento chegou a tal ponto que, segundo Didi-Huberman:

> Os soldados superequipados do Tsahal, com Moshe Dayan encabeçando, puseram suas armas no solo e suas testas contra a parede. É como se a injunção bíblica – Zakhor, "lembre-se" – de repente chegasse à sua realização concreta e, como resultado, sua aniquilação como um processo puro de memória e desejo: como se de repente, os judeus houvessem "encontrado o tempo perdido". Como se a história política, daqui em diante, viesse a satisfazer, concreta e militarmente, uma prática religiosa imemorial da "oração do retorno". (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 405)

O filósofo diz ainda que o escritor e historiador Arno Mayer cita em seu artigo *As armadilhas da lembrança*, de 1976, que Mordechaï Gur, um dos generais que participou desta batalha afirmou que "o exército tirou suas forças e sua potência [...] do martírio sagrado do Holocausto e dos heróis da revolta do gueto de Varsóvia". (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 406)

Figura 53: Muro das Lamentações, Jerusalém

Fonte: Hiveminer, 2018

A partir deste evento, os fiéis e peregrinos tocam no muro e encostam suas cabeças, e ao mesmo tempo que o glorificam enquanto templo, lamentam sua destruição e fazem pedidos. Autores citados Pierre Vidal-Naquet e Marek Edelman criticam densamente a mitificação política dada ao muro e que remonta à narração bíblica desde Abraão, transformando o evento e o local em um "fato político-teológico" comprovado pelas escrituras bíblicas. Vidal-Naquet chega a afirmar que a *Zakhor* foi interpretada como uma enganação intelectual para justificar um "sionismo eterno". Didi-Huberman

não só compactua com ele e Edelman, como desclassifica o evento no sentido histórico: "Esta construção narrativa que não é nem arqueológica, nem histórica no sentido estrito, mas bem mítica e política. Ela é saturada de fantasmas." (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 406)

Os eventos seguintes na história do Estado de Israel são cada vez mais enxertados pela propaganda sionista, que mistura medo, terror e segurança justificando prisões, tortura, exploração, expropriação de terras, destruição de casas e oliveiras, massacres de campos de refugiados como o de Sabra e Chatila, assim como a construção do muro da Cisjordânia.

Figura 54: Muro da Cisjordânia, 2015
Fonte: The Norwich Radical, 2016

O trecho do muro na fotografia de Luigi Farrauto (fig. 54) tem a inscrição *CTRL+ALT+DELETE*, proveniente da informática e que indica uma forma de sair do sistema operacional quando este entra em pane, e a partir daí tentar corrigi-lo ou reiniciá-lo. A inscrição é uma forma de expressão palestina e de apoiadores da causa. Uma inscrição utópica uma vez que para reiniciar ou corrigir um sistema é preciso ser seu administrador, que não é o caso dos palestinos e a chance de uma inversão dos papeis é pouco provável a curto prazo. Levando em conta o valor simbólico, conscientemente os pichadores do muro o fazem para mostrar que estão descontentes com o atual sistema e sabem que as inscrições podem causar algum impacto, mas devido a repercussão e comoção internacional que elas causam, e não pela compaixão ou aceitação da crítica pelo governo israelense.

A partir da leitura do nome pelos seus construtores, como *muro de separação*, de *segurança*, a construção do muro da Cisjordânia extrapola todos os limites da compreensão humana. O estado necessita de uma proteção física para o seu povo. O

agressor é um outro povo oprimido e expropriado constantemente pela *vítima*. Didi-Huberman analisa em seu texto a possibilidade de uma herança histórica dos judeus, uma herança do passado, de um *gueto mítico* e um *gueto psíquico*, e que seu raciocínio lógico conduz a um *gueto político*, que é exatamente aquele que designa a "violência de estado" justificando os meios, uma "violência necessária" para intimidar o inimigo terrorista, que constantemente luta para destruir e agredir o povo judeu, para se chegar aos fins: segurança dos judeus israelenses que "herdaram" a tragédia dos judeus do gueto de Varsóvia. Uma paranoia que, segundo Didi-Huberman:

> Este muro sem dúvida significa "proteger-se" do terrorismo "separando-se" das áreas palestinas que provavelmente serviriam de base para ataques contra civis. Mas seu efeito direto e massivo é também o de "separar" toda a população palestina: isolá-la, controlá-la, imobilizá-la como em um gigantesco gueto. Este é o estado atual e o destino militar do "muro psíquico" sentido em 1881 por Eliezer Ben Yehouda, bem como o "muro de aço" sonhado em 1923 por Vladimir Jabotinsky. A guetização dos palestinos pelo Estado de Israel tem sido amplamente comentada. Nós já vimos o resultado lógico - lógica infernal - culminar de um processo outrora legítimo, em seguida investido pela estratégia e ideologia sionistas dominantes. [...] O muro israelense aparece, finalmente, como a própria encarnação do "regime de separação", que é literalmente o Apartheid, estabelecido pelos sucessivos governos em relação às populações palestinas. (DIDI-HUBERMAN, 2019, p. 417, **tradução nossa**)[72]

Concomitantemente, o muro faz o papel de protetor de um povo e divisor de dois povos. A exclusão gerada pelos muros fantasmais criados no psicológico dos judeus sionistas de Israel é reforçada a cada novo governo. A guetização dos palestinos torna-se a cada dia mais necessária. O sionismo paranoico reprime a resistência palestina que não cessa de se manifestar. O problema não são as manifestações. O que incomoda é que atualmente é possível divulgar quase instantaneamente o evento que está ocorrendo. Através de vídeos transmitidos ao vivo e fotos que tem grande repercussão nas redes sociais, as denúncias dos abusos e covardias cometidas pelos soldados israelenses, as invasões nos territórios palestinos, os ataques com armas e incêndios criminosos das oliveiras palestinas pelos colonos israelenses provocam reações na comunidade

[72] ce mur entend sans doute *se parer* du terrorisme em *se séparant* des zones palestiniennes susceptibles de servir de bases aux attentats contre les civils. Mais son effet direct, massif, consiste aussi à *séparer* tout ala population palestinienne : à l'isoler, à la contrôler, à l'immobiliser comme dans um gigantesque ghetto. Tel est le destin actuel, étatique et militaire, du " mur psychique " ressenti en 1881 par Eliezer Ben Yehouda, ainsi que de la " muraille d'acier " rêvée en 1923 par Vladimir Jabotinsky. La ghettoïsation des Palestiniens par l'État d'Israël a été abondamment commentée. On y a vu l'aboutissement logique – infernale logique – d'un processos autrefois légitime, puis investi par la stratégie et l'idéologie sionistes dominées. [...] Le mur israélien apparaît, enfin, comme l'incarnation même du " régime de séparation ", c'est-à-dire littéralement d'*apartheid*, mis em place par les gouvernements sucessifs à l'égards de populations palestiniennes.

internacional que criticam e pedem justiça e punição aos responsáveis exigindo providências do governo israelense pela óbvia "desproporcionalidade da força".

4.2 BANKSY E O MURO DA VERGONHA

Após a construção do Muro da Cisjordânia, tivemos diversas manifestações artísticas expressivas na parte palestina do muro que separa Israel da Cisjordânia. De um lado os israelenses vivem um Ocidente inserido no Oriente, com aparente tranquilidade; do outro, intervenções artísticas e mensagens que expressam as mais diversas situações que os palestinos passam ou sentem, e que tentam simbolizar uma luta pacífica ainda com esperança de liberdade. *Banksy*[73] é um dos artistas que nos últimos anos deixou suas mensagens no lado palestino do muro. Desde 2005, Banksy deixa novas marcas no muro. Realizou a edição anual do *Santa's Ghetto* (exposição anual de grafiteiros), em Bethlehem (Belém), numa loja em frente à Igreja da Natividade. Após ser criticado pelo governo israelense sobre as suas pinturas "provocativas", Banksy, em resposta a acusações sobre a 'ilegalidade' de sua atividade, afirmou

> Como é ilegal vandalizar um muro se o próprio muro foi considerado ilegal pela Corte Internacional de Justiça? O governo Israelense está construindo um muro em volta dos territórios ocupados palestinos. Ergue-se três vezes mais do que o muro de Berlim em uma extensão de 700km – a distância equivalente entre Londres e Zurique. A Corte Internacional de Justiça julgou o muro e seu regime ilegais. Ele essencialmente transforma a Palestina na maior prisão a céu aberto do mundo. (BANKSY, 2005)

Banksy refere-se ao muro, mas essa ilegalidade se estende basicamente a quase tudo o que acontece hoje nas pequenas regiões que ainda são consideradas como a Palestina. Israel se nega a cumprir as resoluções da ONU e nada acontece, não há sanções nem punições, tudo é permitido. O isolamento de toda a Cisjordânia pelo Muro e o cerco à Faixa de Gaza que mais se parece com um gueto ou um enorme campo de concentração.

[73] Banksy destacou-se por ser um ativista político, um artista anônimo grafiteiro e um pintor de telas. Sua arte de rua combina humor negro e grafite. Seus trabalhos podem ser encontrados em ruas, muros e pontes de cidades por todo o mundo. De acordo com o tabloide inglês Daily Mail, Banksy se chama Robin Banks e nasceu em Bristol em 28 de julho de 1973, mas a informação foi negada e ninguém conseguiu comprovar. Fonte: Revista Superinteressante, março de 2011.

A anulação dos palestinos nos territórios ocupados e o não reconhecimento dos refugiados nos países de acolhida tornam os palestinos párias no mundo.

4.3 BANKSY E OS GESTOS DE LEVANTES

Figura 55: Maria, mãe de Jesus e José impedidos de ir a Belém
Fonte: Linguagem Geográfica, 2016

Mesmo Maria, mãe de Jesus, é impedida de ultrapassar o muro, já que é de uma cidade palestina. Deve passar pelo checkpoint do muro para se identificar e verificar a possibilidade de passar dependendo do bel-prazer do soldado que estiver no momento.

Figura 56: Pomba carregando um ramo de oliveira e usando colete à prova de balas
Fonte: L'autre ailleurs, 2014

A imagem da pomba lembra o Presidente da OLP (Organização para a Libertação da Palestina) Yasser Arafat em seu primeiro pronunciamento na Assembleia Geral das Nações Unidas, quando, em seu discurso, disse: "Eu venho até vocês segurando em uma das minhas mãos um ramo de oliveira e na outra, uma arma pela liberdade. Não deixem que o ramo de oliveira caia da minha mão."

Figura 57: Homem abrindo o muro para uma paisagem idílica
Fonte: American Friends Service Committee, 2018

A imagem idílica dentre muitas interpretações denota o que acontece nos territórios ocupados por Israel, com muita pobreza, mas a vida sempre em curso. Por pior que seja, por mais opressora, ela ainda pode ser vivida. Do outro lado do muro, um país "ocidental" rico e com cidades desenvolvidas com todos os recursos possíveis e, em sua maioria, derivados da exploração dos territórios palestinos.

Figura 58: Palestino joga buquê de flores no lugar de coquetel molotov
Fonte: New in Town, 2019

Banksy representa o gesto de levante contra o opressor, mas em vez de jogar pedras, joga um buquê de flores semeando a paz e a convivência. Lembra a inversão energética a que Warburg se refere. O gesto violento transformado em gesto de paz.

Figura 59: Uma criança transpondo o muro da vergonha
Fonte: Paris La Douce, 2012

A menina transpõe o muro da Cisjordânia com a ajuda de balões, superando toda a opressão sofrida. Segundo Michel Löwi em sua obra *Walter Benjamin: Aviso de incêndio - Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*,

> [...] não há luta pelo futuro sem memória do passado, [...]. A insistência de Benjamin sobre os ancestrais vencidos pode parecer estranha. Ela é, sem dúvida, unilateral, uma vez que a luta contra a opressão se inspira tanto em vítimas do passado quanto em esperanças para as gerações do futuro – e também, ou sobretudo, na solidariedade com as do presente. (LÖWI, 2005, p. 111)

Uma criança transpondo a barreira, uma imagem que pertence ao futuro? Diante desta imagem, estamos diante do tempo? A criança, no presente se transporta para o futuro voando e parece estar personificando a fronteira que não pode ser cruzada, e é seu papel não esquecer seus ancestrais martirizados do passado ou nada terá sentido. Segundo Benjamin, "não há luta pelo futuro sem memória do passado", pois o desejo tem sua base sustentada nos fracassos do passado e em sua memória, e ressurge no futuro em consequência do que ocorre no presente.

4.4 IMAGENS COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

Figura 60: Barbeiro palestino nos protestos na fronteira entre Gaza e Israel
Fonte: Shehab News Agency, 2018

Figura 61: Gratuito para manifestantes Figura 62: Jaleco palestino Figura 63: Capacho

A Faixa de Gaza é cercada com arame farpado em quase toda sua extensão, com algumas partes muradas. O cerco não é como na Cisjordânia, é muito pior. A população de Gaza é totalmente isolada, pois há um boicote econômico que não permite a entrada e saída de produtos básicos da região. A situação é insustentável. Falta tudo, água e eletricidade são produtos inconstantes, pois o abastecimento é cortado de tempos em tempos por ataques aéreos israelenses. A população não suporta mais a política radical do Hamas que não traz retornos concretos à população, nem a disputa com a ANP de Mahmud Abbas, tampouco o cerco israelense. Seu único desejo é ter uma vida normal como qualquer cidadão do mundo, sem se sentir numa prisão.

O barbeiro palestino na figura 60, segundo o cartaz, corta o cabelo de graça para quem apoiar a "Marcha do Retorno" em Gaza. Diante desta imagem encontramos elementos de gestos de levantes em pelo menos três lugares. O recorte foi feito de maneira a separar os elementos. A ilustração no cartaz, o "tapete" (bandeira de Israel) que com um simples X, suja e com sua posição abaixo dos pés de um palestino vestido com o terceiro item, a capa de barbeiro que é a bandeira da Palestina e que está acima da de Israel, em que está pisando. Levantar o cartaz divulgando o movimento pacífico, o ato de pisar na bandeira marcada com um X demonstrando uma negação, não a negação do estado propriamente dito, mas da ocupação deste estado nas terras palestinas. E a afirmação identitária como forma de resistência na capa que é a bandeira da Palestina.

As fotografias da Marcha do Retorno estão sendo produzidas por diversos fotógrafos palestinos que permanecem na marcha, capturam as imagens e as publicam nas redes sociais.

Figura 64: Crianças fazendo o sinal de vitória para os soldados israelenses carregando a bandeira da Palestina durante uma "busca" na cidade de Hebron, em 2017.
Fonte: insurgente.org

A produção de imagens e a circulação de filmes que abordam a questão da Palestina iniciaram nos anos 1980 após o início da *Intifada*, pois a revolta da população palestina foi muito chocante, principalmente após a reação dos soldados israelenses que não pouparam esforços para demonstrar sua violência. Mas o auge da produção sobre o conflito começou sua ascendência no início deste milênio, principalmente após os ataques às Torres Gêmeas de Nova York, em 11 de setembro de 2001. As imagens proliferam nas redes sociais pelo mundo. Somadas ao crescente interesse das pessoas pelo tema – motivadas, principalmente, pelos conflitos entre o Israel e os Palestinos, a *Primavera Árabe* em diversos países e a atual Guerra na Síria – vêm fazendo com que produções cinematográficas do Oriente Médio assumam um papel não só de desconstruir o orientalismo, o estereótipo ocidental que vê os orientais como feios e maus, como também o de manter a identidade daquele povo constantemente ameaçado física e politicamente pelo poder imperialista do Estado de Israel.

Figura 65: Cena do filme *Inch'Allah: Menino bate no muro com uma pedra até quebrá-lo e ver o outro lado através do pequeno buraco*

Fonte: Youtube

A figura acima é a cena final do filme *Inch'Allah.* A cena mostra o menino vestido de super-homem, batendo com uma pedra no muro da Cisjordânia. O desejo de "ver" o outro lado, o paraíso, em detrimento do lado em que ele se encontra, pode ser revelado como um gesto de levante. As faltas que o menino sente da sonhada mesquita que ele não consegue ver nem frequentar, tudo é expresso pela presença do muro. A falta dos palestinos se dá na negação ao acesso à educação, à saúde, a produtos ocidentais, etc., enquanto que para os israelenses falta a segurança que eles pensam ter ao cercar, matar, invadir, aprisionar e torturar os palestinos.

A filósofa judia Judith Butler se coloca completamente contra a subjugação do povo palestino e é considerada inimiga do sionismo por sua crítica da política de Israel no Oriente Médio e como uma traidora, por ser integrante do movimento BDS – Boycott, Divestment, Sanctions (Boicote, Desinvestimento e Sanções). Em 2012, ela lançou "Caminhos Partidos: Judaísmo e Crítica do Sionismo", em que defendeu o binacionalismo de palestinos e judeus em Israel. Em uma entrevista em 2014, ela declarou:

> Alguns políticos israelenses têm proposto a transferência de palestinos para fora do que é atualmente chamado Israel, para a Jordânia ou outros países

> árabes, segundo a ideia de que não haveria miscigenação de palestinos e judeus israelenses ou palestinos e comunidades judaicas. [...] Acho que o que Hannah Arendt quis dizer quando falou que 'não podemos escolher com quem convivemos no mundo' é que todos aqueles que habitam o mundo têm o direito de estar aqui, em virtude de já estarem aqui. O ponto dela é que o genocídio não é uma opção legítima. Não é legal decidir que uma população inteira não tem o direito de viver no mundo. Não importa se essas relações são muito próximas ou muito distantes, não há direito de expurgar uma população ou rebaixar sua humanidade básica. [...] É preciso estabelecer uma base constitucional sólida para a igualdade de todos os cidadãos, independentemente de qual possa ser a sua religião, sua etnia ou raça. [...] É preciso acabar com a ocupação, que é ilegal e uma extensão de um projeto colonial. (BUTLER, 2014)[74]

As agressões e a assimetria entre os dois lados são tão evidentes que não podemos deixar de notar a barbárie que ocorre sem que haja um movimento sequer, com seriedade, de interesse da comunidade internacional em resolver a questão. A condição de estado judaico em Israel elimina a possibilidade de laicidade e consequentemente de igualdade, justificada pela natureza da criação do estado, um estado judeu para abrigar os judeus do mundo que são os "herdeiros" da "Terra Prometida". O "povo escolhido" que tem direito divino à terra e que justifica os argumentos de agressividade para com os não judeus como autodefesa.

4.5 PERTENCIMENTO – PALESTINIDADE

Os próprios palestinos não têm como escapar da ideia de que sua identidade é uma questão de sobrevivência e que o tema deve ser exposto ao mundo para que haja uma reação. Sua conexão com a terra, suas oliveiras e suas memórias trazem à tona o risco da extinção de sua cultura e identidade. Nos campos de refugiados fora da Palestina ocupada, os traços da resistência são extremamente fortes, e os levantes se dão através da ritualização da vida cotidiana, marcando sua relação com a terra expropriada, a resistência armada e suas consequências, e sua ligação com a terra. Segundo Leonardo Schiocchet:

> Em suma, o contexto ritual de al-Jalil, tal como o percebi, era marcado por símbolos relativamente onipresentes de palestinidade, tais como a bandeira Palestina e a iconificação de temas como o soldado, o mártir, o camponês, a chave, o mapa e a oliveira. Embora a bandeira palestina e o mapa evocassem a continuidade da nação na Palestina e no exílio, o mártir e a chave, por

[74] Trecho extraído do site Pragmatismo Político.

> exemplo, evocavam o processo pelo qual a comunidade se engajava na busca de uma utópica reintegração geográfica e social. (SCHIOCCHET, 2013, p. 94)

No estudo das imagens e nos gestos de levantes, ao nos debruçarmos sobre a análise dos refugiados palestinos e os seus descendentes em diversos locais do mundo, percebemos que há uma especificidade encontrada em todos eles que se destaca, permitindo com que sejam identificados como palestinos. Essa especificidade é chamada de *palestinidade* e o termo foi introduzido pelo antropólogo Leonardo Schiocchet[75], que em sua publicação *Entre o Velho e o Novo Mundo: a Diáspora Palestina Desde o Oriente Médio à América Latina*, afirma que

> é, precisamente a riqueza de formas pelas quais palestinos vivem, articulam e expressam sua palestinidade, que possibilita a própria identificação de palestinos com algo que entendem, de forma extremamente diversa enquanto uma essência palestina concreta compartilhada por indivíduos hoje dispersos pelo mundo todo. (SCHIOCCHET, 2015, p. 8)

Segundo o autor, por mais diversificada que seja a comunidade palestina, espalhada nas mais distantes partes do mundo, os refugiados e os seus descendentes se identificam intensamente com sua *palestinidade*. Devemos atentar ao fato de que, em alguns lugares, os palestinos enfrentam condições adversas e excepcionais, e devem enfrentá-las para viver com sua identidade social palestina. É ao pertencimento do sujeito num âmbito social e identitário, parte de uma comunidade Palestina, que Schiocchet se refere ao tratar de *palestinidade.* Estas características superam a propaganda sionista de desumanização dos palestinos para justificar os ataques e massacres promovidos pelos militares israelenses.

Seus estudos fazem uma análise antropológica de territórios que vão desde os ocupados por Israel em 1967, aos campos de refugiados no sul do Líbano e em outros locais do mundo onde há grande concentração de palestinos, como a América do Sul. Segundo Schiocchet, contrariamente à política israelense de difamar e desconfigurar estas características marcantes, não reconhecendo a *palestinidade* e construir uma imagem negativa dos palestinos para justificar o seu processo de limpeza étnica até configurá-los apenas como terroristas.

---

[75] Leonardo Schiocchet é pesquisador do Instituto para Antropologia Social da Academia Austríaca de Ciências, especialista em antropologia do Oriente Médio com ênfase em processos de pertencimento social palestinos há dez anos, realiza pesquisa etnográfica entre palestinos no Líbano, Brasil, Dinamarca e, mais recentemente, em Viena e na Cisjordânia. É autor de vários artigos e capítulos sobre o tema, além de livros publicados nos EUA, Brasil, Palestina e Alemanha.

Mas tanto dentro como fora de Israel, há judeus que não aceitam ser representados pelo governo israelense. Entre eles encontramos diversas personalidades judias do mundo contemporâneo que já se manifestaram contra a política sionista do governo de Israel. Conforme Schiocchet,

> Personalidades e intelectuais judeus, dentro e fora de Israel, têm historicamente denunciado o massacre do povo palestino ou a própria ideia de um estado judaico. Além de Judith Butler, figuram entre estes, por exemplo, Hannah Arendt (que deixou o movimento sionista por desilusão), Isaac Asimov, Albert Einstein, Sigmund Freud, Erich Fromm, Emma Goldman e Primo Levy. Hoje, somam-se a eles ainda intelectuais tais como Dan Rabinowitz, Noam Chomsky, Oren Yiftachel, Uri Avneri, Uri Davis, Ilan Pappe, Norman Finkelstein, Richard Falk, Avi Shlaim, Howard Zinn, Amy Goodman, Peter Singer, Naomi Klein, Shlomo Sand, Jon Steward e outros – todos reivindicando que o Estado de Israel não possui o monopólio da voz dos judeus. (SCHIOCCHET, 2015, p. 29)

Apesar destas manifestações, o Estado de Israel faz uma propaganda em prol do detrimento da imagem dos palestinos e ênfase ao seu status de "terrorista" para justificar suas ações violentas e atacar "preventivamente" os palestinos. Como disse Edward Said,

> tudo isso faz parte da preservação de uma identidade nacional. Pensar, por exemplo, que os russos estão chegando, ou que a invasão econômica japonesa é iminente, ou que o islã militante está em marcha, não significa apenas submeter-se a um alarme coletivo, mas também consolidar "nossa" identidade como sitiada e em risco. (SAID, 1994, p. 43)

Ou seja, valendo-se desta perspectiva de que o povo está sempre em perigo iminente, as estratégias de violência e o terror são utilizados como forma de prevenção a um terror que poderá acontecer (e que certamente acontecerá).

Voltemos à ideia de pertencimento que está vinculada diretamente aos traços culturais da população. O que mais marca nos lares de palestinos que vivem no exílio é a saudade da terra perdida e a conservação dos símbolos como a oliveira, em quadros ou até mesmo em objetos sem valor, como bijuterias, e a chave da casa de seus ancestrais na Palestina, ampliadas e penduradas na parede. A oliveira e a chave podem representar, para os palestinos da diáspora, o que seriam os símbolos universais do Direito do Retorno do povo palestino. Segundo Edward Said,

> o exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estados, embora estejam com frequência em busca dele. Portanto, os exilados sentem uma necessidade urgente de

> reconstituir suas vidas rompidas e preferem ver a si mesmo como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado. O ponto crucial é que a situação de exílio sem essa ideologia triunfante – criada para reagrupar uma história rompida em um novo todo – é praticamente insuportável e impossível no mundo de hoje. (SAID, 2003, p. 50)

A Palestina existe, mas está ocupada, cercada, colonizada e isolada. O que resta é a busca de uma identidade e da memória dos palestinos que moram ou os que moravam na região e que foram obrigados a sair de lá. Edward Said denuncia o racismo ocidentalista que tenta se legitimar como visão hegemônica do mundo e luta contra a desqualificação da intelectualidade crítica como forma de restrição ao debate acadêmico e político. Ele discute principalmente a questão palestina e as relações entre Oriente e Ocidente, sob o ponto de vista dos oprimidos. Ele tenta apresentar aos leitores um ponto de vista pouco presente na mídia, que quer mostrar os palestinos como "terroristas", expressão que nunca acompanha a referência ao Estado de Israel.

Este conflito dura tanto tempo que se mistura com várias histórias do Oriente Médio e de outras partes do mundo contemporâneo como justificativa para outros conflitos. Compreendemos que a construção da atual imagem dos palestinos no ocidente deriva dos processos históricos e ficcionais gerados pelos momentos históricos registrados, publicações, noticiários, filmes e documentários e que, ao longo do tempo, foram caracterizando-os, até meados dos anos de 1990, como "terroristas" que ameaçam a paz mundial, e promovem a destruição do Estado de Israel, um estado soberano, construído de forma legal sobre uma terra que "sempre lhes pertenceu".

Os símbolos que geralmente são mostrados, como a oliveira e a chave, permitem-nos refletir acerca dos principais motivos que mantêm os palestinos com a esperança do retorno à "antiga" Palestina. A partir daí, entrelaçam-se os fatos históricos e a teoria relativa aos movimentos diaspóricos, a desterritorialização, a criação e a ocupação de um estado, assim como a influência dos meios de comunicação na construção da linguagem e da imagem dos palestinos. Podemos perceber as contradições entre a mídia ocidental e a local, assim como a abordagem sociológica e histórica para compreender a posição e a "real' situação dos refugiados palestinos no mundo contemporâneo, no imaginário social e na memória coletiva dos próprios palestinos.

A cultura está mesclada à resistência palestina. Personagens como Mahmud Darwish[76] (1942-2008), considerado o mais importante poeta árabe contemporâneo destaca-se como símbolo da resistência. Seus poemas são conhecidos por todo o mundo árabe e vários deles se tornaram letras de músicas. O seu poema mais célebre é "Carteira de Identidade" que também se tornou hino da resistência palestina, considerado como um dos maiores gestos de levantes literários da Palestina:

> Registra-me
> sou árabe
> o número de minha identidade é cinquenta mil
> tenho oito filhos
> e o nono... virá logo depois do verão
> vais te irritar por acaso?
>
> Registra-me
> sou árabe
> trabalho com meus companheiros de luta
> em uma pedreira
> tenho oito filhos arranco pedras
> o pão, as roupas, os cadernos
> e não venho mendigar em tua porta
> e não me dobro
> diante das lajes de teu umbral
> vais te irritar por acaso?
>
> [...]
>
> (DARWISH, 1981, p. 41)

O poeta e escritor sofreu com a expulsão e destruição de sua casa e de todo o seu vilarejo. Foi preso diversas vezes até que se exilou e só pode retornar após muitos anos. Mesmo assim, foi privado de viver em sua terra natal vivendo como refugiado e exilado, assim como Edward Said.

[76] Nascido 13 de março de 1941 em Al-Barwa, uma pequena aldeia na Galiléia, na Palestina, Mahmoud Darwich é o poeta palestino mais conhecido e um dos mais importantes poetas árabes contemporâneos. Fundador e diretor da revista *Al-Karmel* literário em 1981, ele foi presidente da União dos Escritores Palestinos. Morreu em 9 de agosto de 2008. Como muitos de seus compatriotas, ele experimentou o exílio e viveu no Líbano, na União Soviética, no Egito, Tunísia e França, mas sempre reivindicou a Palestina como seu país. Deixou um trabalho abundante e amplamente acessível ao público não árabe graças a muitas traduções em línguas europeias e em particular em francês. Por este motivo, após sua morte ele foi homenageado pela Biblioteca Nacional da França, que conta com inúmeras obras de sua autoria e outras tantas sobre a vida e obra do poeta.

Fonte: Site da Biblioteca Nacional da França

5 DESUMANIZAÇÃO DO POVO PALESTINO

A educação dos jovens israelenses contribui muito para a forma de agir e pensar dos futuros soldados que irão se defrontar com os palestinos. Em um documentário chamado *Os palestinos nos livros escolares de Israel (Como se faz a desumanização de um povo)*, Nurit Peled-Elhanan, professora de Línguas e Educação na Universidade Hebraica de Jerusalém, fala de sua pesquisa acerca dos conteúdos dos livros didáticos das escolas de ensino médio de Israel. Ela faz uma denúncia detalhada de como estes livros são elaborados com o objetivo de desumanizar o povo palestino e, assim, de criar nos jovens estudantes israelenses preconceitos que os levarão a atuar de forma cruel e insensível nas suas relações com os palestinos, principalmente durante o serviço militar.

A professora que teve uma filha de treze anos morta em um atentado suicida, explica que as construções de mundo feitas a partir dos livros escolares, sabendo que são as primeiras a enraizar-se na mente das crianças, são muito difíceis de serem erradicadas. Por isso, o Estado dá tanta importância à ideologia que é transmitida nos livros escolares. Neles, os palestinos nunca são apresentados como seres humanos comuns. Nunca aparecem em condições que possam ser consideradas normais. Segundo Nurit, não há nesses livros uma única fotografia de um palestino que mostre o seu rosto. Eles são apresentados por dois pontos de vista, ou como terroristas constituindo uma ameaça para os judeus de Israel, ou como "caipiras" do campo, sem valor, e consequentemente, sem direitos humanos. Ou seja, um racismo que parte das instituições administrativas do governo. É um tipo de poder exercido pelo Estado que pressupõe nula a existência de um indivíduo como ser humano. Michel Foucault trabalhou o conceito de *biopoder* e afirmou que existe um domínio da vida no qual o poder se apropria e toma o controle.

Há um racismo de estado escancarado que visa a eliminação dos seres indesejados. Foucault afirma que "a morte do outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal) é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura." (Foucault, 1999, p. 305-306). Assim, esta forma de desumanização (dos palestinos) perpetrada pelo *Sionismo* israelense é difundida na população israelense como um racismo natural, mas que nada mais é do que um racismo estatal transferido à população que se beneficia de alguma forma do poder soberano. E desta forma de raciocínio resulta a frieza ao se cometer um assassinato quando algum soldado israelense se deparar com um palestino, logo o condena e não pensa duas vezes ao optar pela

violência, pois, se não é humano, é considerado indigno de ser protegido ou poupado pelos mesmos direitos que os cidadãos israelenses. Por isso, tantas pessoas veem como legítimos os atos de barbárie cometidos pelo exército israelense. São diversas as desculpas para destratar ou matar palestinos, pois são considerados maus ou quase comparados a animais ou a coisas dentro da política sionista do Estado de Israel.

Figura 66: "Curral" de Palestinos que aguardam para serem revistados
Fonte: Jornal Haaretz, 2017

A foto acima exemplifica o resultado da desumanização e mostra claramente como isso ocorre no cotidiano dos palestinos. As pessoas ficam numa fila por horas aguardando para passar pelo checkpoint israelense para serem revistados e para "verificação de documentação" pelos soldados israelenses. A imagem mais parece com um galpão, um curral de pessoas amontoadas. Segundo relatos dos próprios palestinos, as situações ocorrem duas, três e até mais vezes ao dia, podendo ser de simples revista ou verificação de documentos como tirar a roupa e ficar horas aguardando nu pela liberação, sem nenhuma justificativa. O tratamento só depende de quem está lá no momento, realizando a verificação. Esta foto é só uma entre milhares que denunciam o racismo e a segregação dos palestinos nos territórios ocupados.

Thomas Vescovi também aponta para esta problemática em sua obra *A memória do Nakba em Israel: O olhar da sociedade israelense sobre a tragédia palestina.* Como mencionamos antes, ele mostra que a *Nakba* não foi um evento isolado, mas que continua ocorrendo nos dias de hoje e faz uma análise da tragédia do ponto de vista dos

israelenses e como o Estado realiza o apagamento da história palestina. Além disso, há depoimentos de membros do *Palmach* (criado em 1941 na Palestina sob mandato britânico para defender os judeus de ataques das Forças do Eixo), grupo de combate do *Haganah*, o exército não oficial da comunidade judaica da Palestina, amparado inicialmente pelos ingleses e depois financiado pelo Fundo Nacional Judaico (criado por Theodor Herlz para financiar a compra de terras na Palestina otomana), e que se tornou essencialmente um grupo terrorista que liderou a campanha de tomada da Palestina e retirada dos ingleses após os ataques ao Hotel King David em Jerusalém, resultando em noventa e um mortos e posterior entrega do Mandato Britânico sobre a Palestina, culminando na criação do estado de Israel.

A criação da *Palmach* deu-se principalmente com a ajuda financeira de judeus franceses, ingleses e americanos e, em 1948, já contava com três brigadas de quase cinco mil soldados, uma força aérea razoável, uma força naval e principalmente serviços de comunicação e informação, ao passo que os palestinos, após a Revolta de 1936-1939 perderam totalmente sua força de combate. A *Palmach* foi responsável pela tomada da Palestina e se tornou oficialmente o exército do recém criado estado de Israel. Também credita-se à *Palmach* vários massacres em vilarejos palestinos durante a operação da criação de Israel, como o de Ein al-Zeitun e o de Deir Yassin, onde quinze por cento da pequena população foi dizimada na primeira e quase trinta e cinco por cento na segunda, seguida da expulsão total dos sobreviventes. Fontes israelenses afirmam que, em Deir Yassin, o massacre foi promovido pelos grupos *Irgun* e o *Stern*, que apesar de serem judeus e colaborarem na guerra da "Independência" de Israel, não tem comando do Exército Oficial, o *Haganah*.

Segundo Vescovi, fica evidente, com a exposição de documentos dos testemunhos vivos do lado vencedor, que houve uma "limpeza" dos territórios palestinos para a ocupação judaica e, que, além disso, os palestinos foram expulsos, humilhados e desumanizados, tornando-se párias em quase todas as sociedades das quais fazem parte atualmente.

Para irmos um pouco mais além em nosso estudo sobre desumanização, analisemos a teoria de Giorgio Agamben sobre biopolítica. Ele enuncia o conceito de *homo sacer* retomando o *Homo Sacer* do direito romano antigo para tornar explícita a intersecção entre poder soberano e a biopolítica, que tornam, através do meio jurídico, vidas Homo Sacer, matáveis. Através dos conceitos Aristotélicos de Bios – em que reina a ética e a moral e que manifesta um juízo, caracterizando o modo de viver no interior de

uma comunidade dependente da linguagem – e Zoé – vida nua, natural, biológica e comum a todos os homens (mera existência) – Agamben retoma a vida nua como a vida excluída por inclusão, em que só o direito a atinge. Podemos perceber essa relação com a política, principalmente quando pensamos os sujeitos como os palestinos envolvidos em "acordos de paz", em que os indivíduos são incluídos na sociedade e excluídos da política, de acordo com os interesses do poder soberano (Estado de Israel). Ao instituir novas leis e regras aos indivíduos que foram inseridos (forçadamente) em determinada sociedade, automaticamente excluem-se politicamente estes indivíduos, mesmo que eles não tenham alterado seu comportamento, como é o caso dos palestinos israelenses ou dos palestinos da Faixa de Gaza e de regiões da Cisjordânia, levando suas vidas a tornarem-se *matáveis* pela ordem do poder soberano juridicamente instituído, que torna o vivente excluído, sem valor algum.

5.1 MUHAMMAD AL-DURRAH

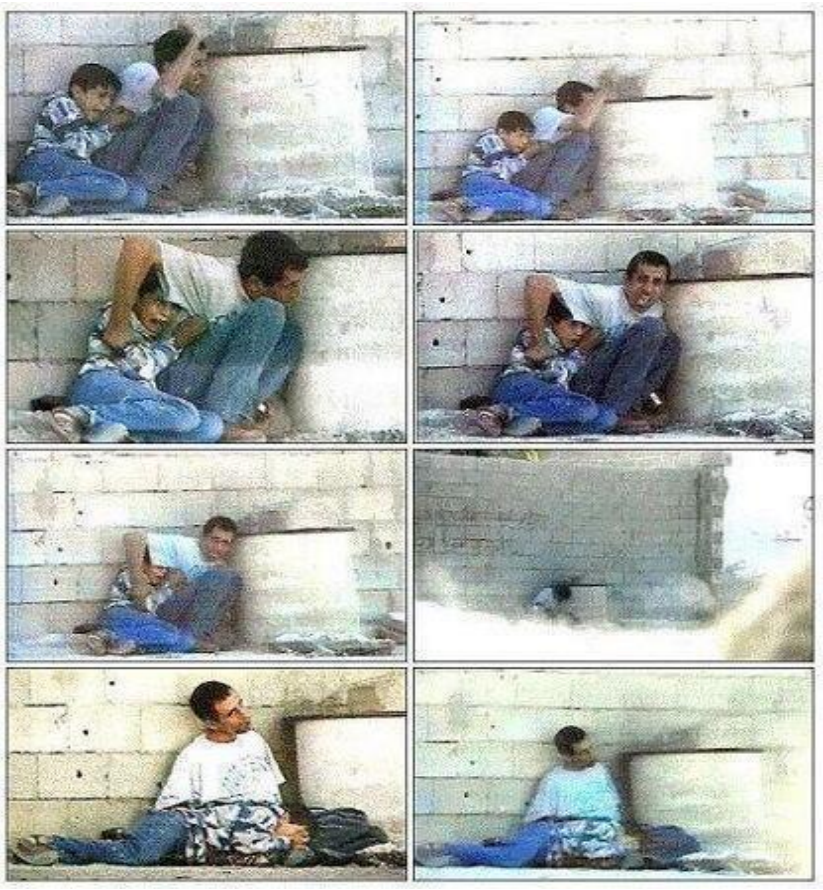


Figura 67: Fotograma do vídeo da morte de Muhammad Al-Durrah
Fonte: Imgrumweb, 2000

A sequência de fotos (fig. 67) refere-se ao evento intitulado “O incidente Muhammad al-Durrah”. O evento trágico foi filmado por Talal Abu Rahma e transmitido pelo repórter Charles Enderlin, correspondente do canal de televisão *France 2*. Em 30 de setembro de 2000, no início da Segunda Intifada Palestina, também conhecida como “Intifada de *Al Aqsa*”, o adolescente palestino Muhammad Al-Durrah de doze anos, da cidade de Gaza, estava a caminho de casa com seu pai voltando de um leilão de automóveis onde seu pai havia acabado de vender seu carro, quando desceram do táxi e foram surpreendidos por tiros disparados de um posto militar israelense, em direção à manifestantes palestinos. Os israelenses continuaram atirando por mais 45 minutos. Enquanto Jamal Al-Durrah, pai de Muhammad, tentava protegê-lo atrás de um barril, o *cameraman* palestino Talal Abu Rahma filmava tudo a poucos metros de distância. Após várias tentativas, finalmente os soldados israelenses acertaram Muhammad com cinco tiros, um deles no abdômen, que foi fatal. Jamal foi gravemente ferido com nove tiros, mas conseguiu sobreviver.

A imagem de Muhammad se escondendo atrás de seu pai foi transmitida para o mundo através de um canal francês. No vídeo, Muhammad estava assustado e seu pai fazia gestos desesperados para que os soldados parassem de atirar, mas todo o esforço foi em vão. Talal nada pôde fazer a não ser registrar o trágico momento. O cilindro de concreto protegendo pai e filho dos tiros que não cessavam marcou o mundo. As imagens foram transmitidas pela televisão francesa e ressoaram no mundo inteiro. O fato incendiou a *Segunda Intifada* que terminou em 2005 com três mil palestinos e mil israelenses mortos. O mundo muçulmano considerou Muhammad um mártir e um testemunho fatal das injustiças do governo de ocupação de Israel. O local do tiroteio, a junção de Metzarim, hoje é mais conhecida como a junção de *al-Shohada (junção dos mártires)*. O evento gerou reações de todas as formas. Crianças palestinas chocadas com a violência, pintavam muros e encenavam o evento que não parava de ser repetido pelos canais de televisão.

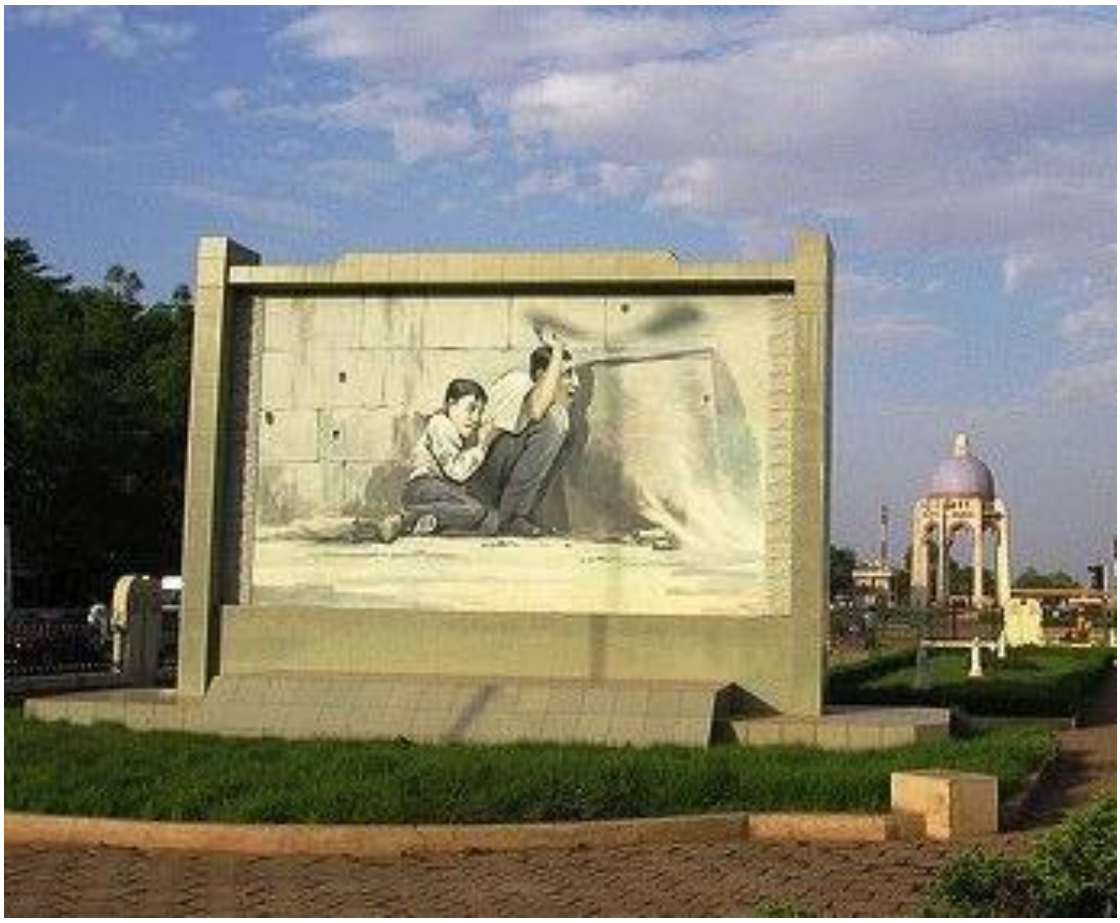


Figura 68: Praça *Al Qods* em Bamako, Mali.
Fonte: Site da Embaixada Palestina no Mali, 2019

A foto da figura 68 é da praça *Al Qods (Jerusalém)* em Bamako, capital do Mali. Em diversos países árabes e africanos, ruas, parques e até selos e cartões postais renderam homenagem a Muhammad al-Durrah.

Na França, ocorrem com frequência eventos e manifestações em solidariedade aos palestinos, denunciando os abusos do governo israelense e as práticas sionistas. No entanto, os eventos não são divulgados pelos meios de comunicação e, quando o são, são severamente transformados e divulgados como eventos antissemitas e terroristas, sendo-lhes atribuída, inclusive, a culpa de vandalismos de grupos neonazistas que profanam e destroem túmulos de judeus nos cemitérios franceses. A dramatização e a falsa propaganda sionista são fortemente empregadas para desumanizar os palestinos no ocidente, tornando-os párias nas sociedades europeias. Na França, apesar do pesado apoio à causa palestina, a memória da Shoah é utilizada constantemente na propaganda contra o antissemitismo (entenda-se aqui como o antissionismo deturpado pela mídia) e a favor das medidas de segurança de Israel contra os palestinos. No caso dos al Durrah, Charles Enderlin afirma que a controvérsia é mal-intencionada e utilizada como

campanha de difamação que quer minar as imagens que saem dos territórios palestinos ocupados por Israel. No entanto, na maioria das cidade francesas fora de Paris, principalmente na periferia da capital, o apoio aos palestinos cresce a cada dia com a difusão de imagens e notícias pelas redes sociais.

Mas como em quase todos os eventos relativos aos palestinos, o governo israelense, os judeus sionistas e os cristãos sionistas do ocidente tentaram desumanizar o fato e afirmaram que ele simplesmente não ocorreu, que foi uma farsa produzida para difamar Israel. Na época do evento, havia um assentamento judaico próximo à junção e os colonos eram escoltados para entrar e sair de lá. Em 2005, todos os colonos foram retirados da Faixa de Gaza pelo governo israelense como parte do cumprimento do acordo de paz. Em compensação, alguns meses depois, os céus de Gaza estavam infestados de helicópteros Apache bombardeando a região. Estrategicamente, Gaza estava "limpa" para ser atacada. Não havia mais judeus lá. Segundo fontes do governo israelense, as ações são necessárias para desmantelar as forças do Hamas e seus ataques terroristas contra Israel. Diversos postos de controle com *snipers* foram instalados nas junções que são chamados de "postos de fronteira" entre Israel e os territórios palestinos. O local do "incidente" onde Muhamad al-Durrah morreu é um deles. Antes do evento, os colonos judeus que habitavam a região saiam e entravam com escolta do exército, mesmo tendo autorização para portar armas. Segundo relatos de oficiais do posto palestino, colonos e soldados israelenses começaram a atirar em manifestantes palestinos e o posto palestino revidou. Assim, começou o tiroteio que acabou envolvendo os al-Durrah.

Oficiais israelenses dizem que *snipers* só atiram com precisão em alvos supostamente perigosos, o que não era o caso do pai e filho, e que os tiros que os atingiram vieram do posto palestino. Esta possibilidade era a que tinha menos chance de ocorrer devido ao ângulo entre o posto e o local onde estavam abrigados os al-Durrah. O relato do cameraman Talal Abu Rahma foi contestado assim como a reportagem de Charles Enderlin. O governo israelense publicou em diversos meios de comunicação sobre os quais tem grande influência no mundo ocidental, um relatório que "desmascarava" o incidente. O relatório afirma, sem provas concretas, que os tiros vieram do posto palestino, que Muhamad não morreu e que o pai e os franceses do France 2 forjaram a gravação e até o funeral do menino. O relatório concluiu que o menino estava vivo no final do vídeo; que não havia provas de que pai ou filho tivessem sido feridos da maneira relatada pela Agência de notícias *France 2*; e ainda que talvez eles nem tivessem sido baleados. Duvidaram, inclusive, que os buracos de bala ao redor dos dois possam ter tido

sua fonte a partir da posição israelense, e que o relatório da *France 2* foi editado e narrado de tal forma a criar uma mentira. Um editorial do jornal israelense Haaretz, no dia seguinte à publicação do relatório afirma: "é difícil descrever em termos moderados a estupidez desta investigação bizarra". O fato é que o relatório utiliza o final do vídeo para se aproveitar da situação. É que no último quadro transmitido pela France 2, nas imagens brutas, o garoto move a mão. Segundo Charles Enderlin, o vídeo foi cortado por conter fortes cenas de Muhammad agonizando e o código de ética do canal não permitia a exibição de tais cenas.

A repercussão da acusação de falsidade através de uma minúscula aproximação de um único quadro em que o menino levanta a mão no final do vídeo, em que todo o evento é visível e poderíamos dizer, quase palpável, nos mostra o quanto a propaganda difamatória é poderosa e desconcertante. O poder de distorcer os fatos para justificar ações violentas tornou-se prática. E as justificativas para a violência, aceitáveis no mundo ocidental, são falsamente utilizadas como uma guerra pela democracia e liberdade, contra o terrorismo.

Basta utilizarmos um certo distanciamento e vermos o vídeo completo, analisando a sequência das imagens, sem interrupções, para percebermos o absurdo de tal acusação. O distanciamento, neste caso, é necessário para esclarecer o todo. Didi-Huberman afirma em seu livro *Quando as imagens tomam posição* que “distanciar não é contentar-se em ficar longe: perder-se de vista à força de afastar-se, quando distanciar supõe, ao contrário, aguçar seu olhar.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, pág. 61).

Resta-nos perceber, ao nos afastarmos, o ponto único (a mão levantada) utilizado na lógica aristotélica como a falácia do antecedente, ou seja, foram utilizadas várias premissas contidas nas imagens, e consideradas verdadeiras, utilizando-se de uma única (sem considerar que o menino estava morrendo e agonizava neste exato momento) como falsa, para concluir que todo o argumento é falso. Uma forma simples de distorção que nos permite criticar o manuseio das imagens e sua difusão, quando utilizados de maneira a congelar em um único quadro, descontextualizado, recortado de um quadro geral para qualificar uma tomada de posição falaciosa. Quadro que evidencia o que realmente aconteceu, mas desconstruído pela narrativa opressora. Segundo Didi-Huberman, Bertold Brecht escreveu sobre o efeito do distanciamento em relação às imagens. Brecht afirma que criticar a ilusão é priorizar o simples gesto de se distanciar, “é justamente fazer aparecer a imagem, informando ao espectador que o que ele vê não é

senão um aspecto lacunar e não a coisa inteira, a própria coisa que a imagem representa.” (DIDI-HUBERMAN, 2017, pág. 62).

A forma com que pai e filho são desumanizados reflete como Israel desumaniza os palestinos em geral. Um homem e uma criança encurralados entre uma parede e um cilindro de concreto com tiros intensos não tem uma explicação lógica plausível. No mínimo, eles poderiam ser presos por qualquer acusação falsa que fosse, mas que suas vidas fossem poupadas. Como o objetivo não era esse, mas ao contrário, para desumanizar é preciso culpar os palestinos. Então monta-se uma farsa de tal forma que mostre que os al-Durrah não foram atingidos pelos tiros e que Muhammad não morreu, ou que, se ele morreu, foi assassinado pelos próprios palestinos, pois queriam utilizar um mártir para aumentar sua violência contra os judeus e justificar seus atos de terrorismo.

Como afirmou Agamben, a ideia da desumanização é exatamente essa, desumanizar a tal ponto para tornar matável. Ao observarmos o vídeo completo vemos muitos manifestantes palestinos somente com pedras nas mãos e outras pessoas que só passavam pela rua naquele momento correndo desesperadas, jogando-se ao chão ou procurando um abrigo para tentar escapar, e muitas sendo atingidos pelos tiros israelenses, em discriminar as pessoas que estavam ou não na manifestação.

5.2 O LEVANTE DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES PALESTINOS

O que parecia estar se configurando como uma perseguição aos adolescentes palestinos nos territórios ocupados, hoje se concretiza. Com a legislação de um estado que parece ter a intenção de uma limpeza étnica, os políticos de Israel promulgam uma lei que permite a prisão de crianças a partir de 10 anos de idade. Hoje, centenas de crianças e adolescentes palestinos estão confinados em prisões israelenses, em sua maioria, acusados de jogar pedras contra viaturas israelenses. As prisões são realizadas na porta das escolas palestinas ou durante a noite em suas casas. A pena varia de 6 meses a 20 anos de prisão. Normalmente são torturados e surrados para denunciarem outros amigos ou líderes da resistência locais.

Figura 69: Menino palestino encarando soldado

Fonte: occupiedpalestine.wordpress, 2012

Figura 70: Soldado apontando arma para criança palestina

Fonte: Pinterest/colonialisme, 2012

Figura 71: Menino palestino sendo preso

Fonte: nuovaresistenza.org, 2018

Figura 72: Soldado pisa em menina palestina

Fonte: Portal Político Tv, 2014

Figura 73: Soldado aponta arma para menino

Fonte: Lloyd Johnson, 2015

Figura 74: Menina machucada sendo presa

Fonte: Blog do VQ, 2008

Estas crianças dificilmente conseguem acesso à família e advogados, somente quando o caso tem grande repercussão, como é o da adolescente Ahed Tamimi de 16 anos

que por diversas vezes, desde os seus 12 anos, aparece em vídeos enfrentando soldados israelenses após a morte de seu primo. Sua mãe, pai e irmão já foram presos diversas vezes por participarem de manifestações e não obedecerem a ordem dos soldados de recuar. No último episódio que culminou em sua prisão, Ahed bate no rosto de um soldado que estava novamente invadindo sua casa para realizar mais uma prisão ou fazendo uma busca.

Figura 75: Soldado israelense executando a prisão de um garoto palestino de 12 anos que chora desesperado enquanto sua família tenta impedir a prisão.
Fonte: Agência France Presse, 2015

Na imagem da figura 75 ela é a menina de camiseta rosa com o desenho do "Piu-Piu". Ao perceber que não conseguiria impedir o soldado israelense de prender seu irmão ela faz um gesto de levante, morde o soldado que, enquanto tenta segurar o menino, é detido pela mãe e outros membros da família. Como ela ficou muito conhecida pelos vídeos que se espalharam pelo mundo todo enfrentando os soldados israelenses, tornou-se uma "celebridade" entre os palestinos e seus simpatizantes, forçando o tribunal israelense a negociar sua prisão. Ela cumpriu uma pena de oito meses em regime fechado por agressão a um militar.

A desumanização difundida pelo estado israelense, principalmente com as crianças palestinas, explícita também nos ataques à Faixa de Gaza, onde os principais alvos são creches e escolas além de hospitais. O exército não nega os fatos, apenas

justifica os ataques dizendo que o *Hamas* usa as crianças como escudos humanos e lança foguetes contra o território israelense a partir destes locais. Então ataques aéreos destroem os locais para defender os cidadãos israelenses dos lançamentos de foguetes e "consequentemente" matam cidadãos, entre os quais crianças palestinas. Todos os registros de foguetes lançados a partir de território palestino em 2014, por exemplo, mostram que nenhum civil israelense foi ferido, enquanto os ataques a Faixa de Gaza mataram mais de 2200 palestinos, entre eles 550 crianças.

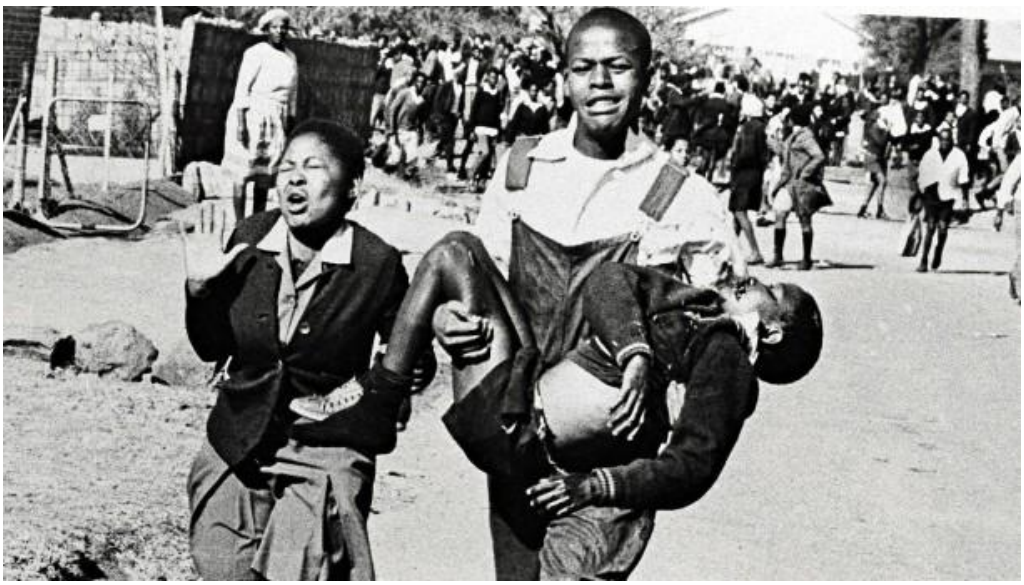


Figura 76: Revolta de Soweto, África do Sul
Fonte: arabalears.cat, 2019

Fatos de injustiças fantasiadas de proteção contra o terrorismo e a selvageria do outro são recorrentes no mundo. Massacres e prisões de jovens são relatados desde os primórdios da civilização. Assassinatos massivos de crianças e adolescentes já ocorreram com os negros na África do Sul na revolta de Soweto, mais conhecido como O *Levante de Soweto* (fig. 76) que ocorreu no dia dezesseis de junho de 1976, e foi um protesto contra a inferioridade das "escolas negras" da África do Sul, onde os estudantes negros pagavam para estudar em escolas com péssima estrutura e profissionais pouco qualificados, enquanto as escolas para brancos eram gratuitas e de excelente qualidade. Foi um sangrento episódio da rebelião negra contra o *Apartheid* desde o início dos anos 60, desencadeado pela repressão policial à passeata. Estima-se que 700 pessoas tenham morrido naquele dia, em sua maioria, adolescentes e crianças que saiam da escola e se juntavam ao movimento, ainda com suas mochilas nas costas.

Figura 77: Menino judeu em Auschwitz
Fonte: Slideshare, 2019

Figura 78: Menina aponta garfo para soldado
Fonte: Deskgram.net, 2015

A figura 77 de um menino judeu em um campo de concentração nazista, onde as crianças eram torturadas em nome da ciência e assassinadas em massa nas câmaras de gás nazistas. E a foto ao lado de uma criança síria que foram massacradas em meio a uma disputa de poder que iniciou em 2011 e já dura 7 anos, sem previsão de término.

O bloqueio a Gaza, o Muro da Cisjordânia e as diversas operações militares israelenses empreendidas nestas regiões geram destruição e morte, além do sofrimento indiscriminado de civis. Este é o quadro da política na atual conjuntura socioeconômica mundial, muitas vezes chamada de *modernidade*, onde se evoca o termo *democracia* para justificar a *guerra ao terror*, contra estes indivíduos onde o poder do Ocidente se apropria da vida nua e da vida biológica e não mais política dos indivíduos desse povo. Agamben afirma que há um momento após a despolitização dos indivíduos, em que cabe ao soberano decidir sobre o valor da vida, pois eles não são mais sacrificáveis e, portanto, tornaram-se matáveis, deixando implícito que, em caso de assassinato de um indivíduo nestas condições, não há homicídio e consequentemente nenhuma punição para o assassino, pois ele não se encontra na qualidade de homicida já que ele não matou um ser com direitos humanos. Assim como os palestinos, diversas outras populações encontram-se ou encontraram-se na mesma situação, expostos à morte, pois seus direitos políticos foram suspensos e eles se encontram entre a inclusão e a exclusão. O nazismo desumanizou os judeus e tornou-os matáveis, e por isso foram exterminados com o intuito da realização de uma limpeza étnica.

5.3 NECROPOLÍTICA

Achille Mbembe[77], em seu artigo *Necropolítica*, formulou dois novos conceitos: a *necropolítica* como sendo um poder político capaz de controlar quem deve viver e quem deve morrer. Assim como Agamben nos conceitua *homo sacer* e a *vida nua*, a *necropolítica* de Mbembe é um poder que decide sobre a vida e a morte dos indivíduos ao retirá-los do seu *status* político. Segundo o autor, esta ação leva à diminuição ao biológico e desumaniza o indivíduo despolitizado, colocando-o na situação de potência subjugada e à mercê de todas as formas de desumanidade por parte do poder repressivo. No entanto, para Mbembe, há uma lógica racional no que parece ser um extermínio irracional, pois se tratam de planos que se utilizam de práticas e técnicas preparados especialmente para a execução dessa política. Segundo ele, não há a intenção de controlar determinados corpos de grupos sociais específicos. O que realmente está em jogo é a exclusão de grupos que não têm lugar no sistema e que partem diretamente da exclusão para o extermínio (limpeza étnica).

Após uma análise da forma de influência do poder israelense sobre os palestinos, Mbembe percebeu que o que ocorre na Palestina ocupada é uma forma que ele chamou de *necropoder*:

> A forma mais bem-sucedida de Necropoder é a ocupação colonial contemporânea da Palestina. Aqui, o Estado colonial deriva sua reivindicação fundamental de soberania e legitimidade da autoridade de seu próprio relato de história e identidade. Essa narrativa é sustentada pela ideia de que o Estado tem o direito divino de existir; e então entra em conflito com outra narrativa pelo mesmo espaço sagrado. Como ambas são incompatíveis e suas populações estão entrelaçadas, qualquer demarcação de território com base na identidade pura é quase impossível. Violência e soberania, nesse caso, reivindicam um fundamento divino: o povo é forjado pela adoração de uma divindade, e a identidade nacional é concebida em oposição a outras divindades. História, geografia, cartografia e arqueologia supostamente apoiam essas reivindicações, relacionando estreitamente identidade e topografia. Como consequência, a violência colonial e a ocupação são profundamente subscritas pelo sagrado terror da verdade e da exclusividade (expulsões em massa, reassentamento de pessoas "apátridas" em campos de refugiados, estabelecimento de novas colônias). Mantidos abaixo do terror do sagrado se encontram a escavação constante de ossos desaparecidos; a permanente lembrança de um corpo rasgado em mil pedaços e irreconhecível; os limites,

[77] Achille Mbembe é uma referência acadêmica no estudo do pós-colonialismo, um teórico erudito e pensador das grandes questões da história e da política africana – apesar de, ele próprio, não se definir como "teórico do pós-colonialismo". Nascido nos Camarões em 1957, Mbembe é professor de História e Ciência Política na Universidade *Duke* (Carolina do Norte, Estados Unidos) e na Universidade *Witswatervand* (Joanesburgo, África do Sul), além de investigador no *Wits Institute for Social and Economic Research* (WISER) desta mesma Universidade.

> ou melhor, a impossibilidade de representação de um "crime absoluto", uma morte inexplicável: o terror do Holocausto. (MBEMBE, 2016, p. 136)

A justificativa para a atuação do governo israelense em relação ao povo palestino estaria legitimada pelo "direito" do povo judeu segundo as interpretações da promessa religiosa da *Terra Prometida*. O pensamento de Achille Mbembe vai de encontro ao raciocínio do historiador israelense Shlomo Sand ao afirmar que o "povo judeu" foi forjado, mas a partir da adoração de uma divindade e que a identidade nacional judaica é incompatível com as outras. Esta ideia é reforçada com a divulgação de uma ameaça constante de um novo holocausto, ou da extinção de Israel, já que os líderes árabes não medem palavras ao ameaçar com palavras vazias, já que não possuem poderio militar para tal tarefa. E é o argumento que Israel justifica para se utilizar da força e de uma guerra contra o terror para impedir que isso ocorra novamente.

Ainda segundo o filósofo,

> [...] a ocupação colonial tardia em Gaza e na Cisjordânia apresenta três características principais em relação ao funcionamento da formação específica do terror, que tenho chamado de necropoder. A primeira é a dinâmica da fragmentação territorial, o acesso proibido e expansão de assentamentos. O objetivo desse processo é duplo: impossibilitar qualquer movimento e implementar a segregação à moda do Estado do *apartheid*. Assim, os territórios ocupados são divididos em uma rede complexa de fronteiras internas e várias células isoladas. (MBEMBE, 2016, p. 136)

Na visão de Achille Mbembe, a ocupação israelense da Palestina, mais especificamente da Faixa de Gaza e da Cisjordânia, ou seja, dos territórios ocupados após a Guerra dos Seis Dias em Junho de 1967, deu-se objetivando a segregação do povo palestino nos mesmos moldes do *Apartheid*, iniciando uma separação territorial forjada nas bases de um plano de limpeza étnica e racial, impedindo a movimentação e o contato entre as comunidades palestinas e difundindo a naturalização dos assentamentos judaicos às custas de muitas expulsões, assassinatos e da queima de pomares de oliveiras. A implementação do plano de segregação continua acontecendo nos dias atuais, e com mais força. A tendência é o domínio e a implementação dos assentamentos em toda a Cisjordânia e a criminalização, isolamento e completa destruição de todos os meios básicos de subsistência dos habitantes de Gaza.

Figura 79: Campo de refugiados palestinos nos vales da Cisjordânia, 2018
Fonte: Fonte: migramundo.com, 2018

Figura 80: Assentamento judaico em um dos pontos mais altos da Cisjordânia, 2018
Fonte: thagafaqurania.com, 2019

Atualmente, a Faixa de Gaza está completamente cercada pelas forças de Israel de um lado e pelo exército egípcio no outro. O bloqueio econômico e o controle do fornecimento de água e eletricidade, subjuga os palestinos da região de Gaza que praticamente se tornou um gueto, mas não com tanta facilidade. Em março de 2018, a resistência organizou a "Marcha do Retorno" com a presença de mais de trinta mil pessoas que se deslocaram até a fronteira com Israel, pedindo justiça, fim aos bloqueios e direitos

iguais aos dos cidadãos israelenses. A reação israelense foi cruel, ceifou a vida de mais de trezentas pessoas e feriu mais de duas mil até meados de maio de 2019.

Na Cisjordânia, a política de *apartheid* deu-se com a destruição de casas e os pomares de oliveiras e a construção de uma fronteira física, um muro de oito metros de altura com ema extensão de 780 quilômetros ao redor de toda a Cisjordânia, criando condomínios judaicos gigantescos com cerca de sessenta a oitenta mil habitantes nos pontos mais altos da região. Na Palestina, as oliveiras passam de geração para geração e as árvores levam décadas para dar frutos. Em compensação, vivem séculos e até milênios. Desde o início da ocupação de 1967, Israel destruiu mais de 800 mil oliveiras, mexendo com a vida de mais de 80 mil famílias. Há um déficit na economia palestina de cerca de 12,3 milhões de dólares ao ano. Oliveiras são arrancadas para a construção de colônias ilegais israelenses nos territórios palestinos, para criar 'zonas militares', para ceder o espaço paro muro de separação, também ilegal. E se isso não fosse triste e revoltante o suficiente, todos os anos os colonos israelenses fazem o possível pra impedir as famílias que ainda tem oliveiras de colhê-las. Em Hebron, uma senhora palestina nos explicou que os colonos roubam as azeitonas das árvores durante a noite.

Por toda a Cisjordânia, colonos colocam fogo nos campos e nas oliveiras, agridem fisicamente os palestinos que fazem a colheita, em alguns casos causando ferimentos graves e até a morte. Quando os soldados israelenses chegam nos locais, em vez de oferecer proteção aos palestinos vítimas das agressões dos colonos israelenses, na melhor das hipóteses, eles não fazem absolutamente nada, na pior, eles prendem, ferem ou matam os palestinos.

Quando Achille Mbembe argumenta sobre as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte, o que ele chamou de *necropolítica*, explicou claramente como se reconfiguram as relações entre resistência (como a própria sobrevivência, a resistência pacífica ou a resistência armada), o sacrifício e o terror. Ele demonstra que as noções de *necropolítica* e *necropoder* podem explicar como armas de fogo são implantadas e utilizadas sobre populações, não para destruí-las, mas para submetê-las, de modo que se forme uma "existência social", uma sobrevida. Mas não são só as armas que têm essa capacidade, em uma ocupação ou num regime colonial, o terror articulado com uma estratégia de humilhação constante também faz esse papel. Segundo Mbembe,

> O terror é uma característica que define tanto os Estados escravistas quanto os regimes coloniais tardo-modernos. Ambos os regimes são também instâncias

> e experiências específicas de ausência de liberdade. Viver sob a ocupação tardo-moderna é experimentar uma condição permanente de "estar na dor": estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas em todo lugar; construções que trazem à tona memórias dolorosas de humilhação, interrogatórios e espancamentos; toques de recolher que aprisionam centenas de milhares de pessoas em suas casas apertadas todas as noites desde o anoitecer ao amanhecer; soldados patrulhando as ruas escuras, assustados pelas próprias sombras; crianças cegadas por balas de borracha; pais humilhados e espancados na frente de suas famílias; soldados urinando nas cercas, atirando nos tanques de água dos telhados só por diversão, repetindo slogans ofensivos, batendo nas portas frágeis de lata para assustar as crianças, confiscando papéis ou despejando lixo no meio de um bairro residencial; guardas de fronteira chutando uma banca de legumes ou fechando fronteiras sem motivo algum; ossos quebrados; tiroteios e fatalidades. (MBEMBE, 2013, p. 146)

Mbembe descreve detalhes da colonização europeia na África e ao mesmo tempo a ocupação/colonização na Palestina. O terror utilizado pelas forças coloniais para submeter as maiorias é estratégico e repetitivo. A repressão é uma arma da dominação. Manter o dominado sob vigilância constante, sob o jugo do opressor, realizando constantes atos de humilhação, controles de movimentação, supressão dos princípios básicos de cidadania e infligir dor a quem desobedece são regras do dominador para manter a colonização e a ocupação de um território e de um povo inteiro. A desumanização do colonizado é o primeiro passo para a aceitação ou a conformidade da comunidade internacional da necessidade de tais atos e a migração de colonos com estímulo financeiro.

Figura 81: Ataques israelenses na cidade de Gaza em 2014
Fonte: Info7.mx, 2014

A foto acima é de um dos ataques aéreos israelenses "cirúrgicos" aos alvos do Hamas na cidade de Gaza em 2014, resultando em dois mil e trezentos mortos (quase 1500 civis, entre eles 500 crianças), onze mil feridos e mais de cem mil desabrigados. Fotografias e vídeos originados de diversas fontes, jornalísticas ou amadoras, dos ataques constantes em "operações" israelenses mostram um panorama da tragédia humana que está ocorrendo diante dos olhos do mundo inteiro, e, no entanto, nenhuma reação concreta é esboçada pela comunidade internacional. Mbembe afirma que a questão da Palestina é um caso de ocupação colonial contemporânea e o domínio israelense utiliza-se da "concatenação" de três poderes:

> Como ilustra o caso palestino, a ocupação colonial contemporânea é uma concatenação de vários poderes: disciplinar, biopolítico e necropolítico. A combinação dos três possibilita ao poder colonial dominação absoluta sobre os habitantes do território ocupado. O "estado de sítio" em si é uma instituição militar. Ele permite uma modalidade de crime que não faz distinção entre o inimigo interno e o externo. Populações inteiras são o alvo do soberano. As vilas e cidades sitiadas são cercadas e isoladas do mundo. O cotidiano é militarizado. É outorgada liberdade aos comandantes militares locais para usar seus próprios critérios sobre quando e em quem atirar. O deslocamento entre células territoriais requer autorizações formais. Instituições civis locais são sistematicamente destruídas. A população sitiada é privada de seus meios de renda. Às execuções a céu aberto somam-se matanças invisíveis. (MBEMBE, 2016 p. 138)

As pequenas populações dos vilarejos palestinos são submetidas inteiramente ao governo israelense que comete todos os tipos de crime, sem ser julgado, utilizando seu forte exército e poderio militar para determinar estado de sítio, realizar incursões militares nos vilarejos para prender "terroristas" que jogaram pedras contra jipes e soldados, incluindo crianças a partir de dez anos, cercar regiões a bel prazer e alterar o cotidiano dos indivíduos da forma que achar conveniente. O armamento é utilizado com muita liberdade pelos soldados israelenses, que são autorizados pelos seus comandantes a atirarem quando acharem conveniente, diante de movimentos brusco e olhares suspeitos. As passagens entre os territórios palestino e israelense são infestadas de soldados apontando seus fuzis automáticos prestes a atirar sem hesitar em todos que passam. Gaza é cercada e isolada militarmente, vítima de boicotes à entrada e saída de produtos, assassinatos em diversos pontos da fronteira ocorrem indiscriminadamente. Invasões e ataques pelo ar são constantes e destroem os meios básicos de sobrevivência da população, como o fornecimento de água e eletricidade. A vida torna-se insustentável e a população é destituída dos seus meios de renda sem aviso prévio, por uma simples decisão do comando militar israelense e do governo de ocupação. As reações da única força

armada em Gaza, o Hamas, com o lançamento de foguetes que, em sua maioria, nem chegam ao solo israelense devido ao escudo protetor supereficiente, de nada adiantam a não ser para aumentar a intensidade dos ataques do exército de ocupação.

A melhor arma de Israel contra os palestinos para manter todo este sistema de opressão em funcionamento é a desumanização. Desumanizando e inferiorizando os palestinos perante o mundo de forma a enxergá-los somente como bárbaros terroristas ou camponeses ignorantes. Por isso, neste presente, com os direitos humanos em voga, ainda podemos visualizar cenários como esse: uma prisão a céu aberto com quase dois milhões de pessoas.

5.4 DESUMANIZAÇÃO DAS MULHERES PALESTINAS

Alguns episódios marcaram o checkpoint israelense de Qalandya, uma cidade que ainda é considerada um campo de refugiados palestino, e única passagem pelo Muro da Cisjordânia na região de Ramallah para Jerusalém.

Figura 82: Jovem palestina agoniza depois de ser atingida por tiros de soldados israelenses em 2015.
Fonte: Site da agência Arabi21

Em 2015, uma adolescente foi alvejada pelos soldados israelenses. A jovem caiu sangrando, pedindo socorro e ficou cerca de 45 minutos agonizando em frente aos

soldados e alguns colonos israelenses que a rodeavam e também estavam armados. Alguns deles filmaram-na dizendo coisas horríveis para ela enquanto agonizava, como "não adianta pedir socorro, agora você vai sangrar até morrer vaca terrorista"[78]. Ela foi acusada pelos soldados de tentar esfaquear um soldado ao se aproximar do posto de controle, mas testemunhas, inclusive israelenses, disseram que nada aconteceu e que o soldado abriu fogo sem motivo. Sua família disse que ela havia ido para a escola e não voltou mais, descobrindo mais tarde que ela havia sido assassinada e acusada de terrorismo. Reportagens de jornais televisivos relataram o fato condenando a ação israelense, pois, pelas imagens, pode-se perceber claramente que ela estava muito afastada do checkpoint e não oferecia risco algum aos soldados fortemente armados, mesmo que ela estivesse com uma faca.

O levante desencadeado pela perda da jovem chegou com uma força lancinante. Multidões saíram e lotaram as ruas em gigantescas manifestações. Obviamente foram reprimidas de tal forma que não resultasse numa Intifada como a primeira ocorrida de 1987 a 1983 que obrigou os israelenses a sentar e negociar com os representantes palestinos, tendo que ceder em diversos pontos (que não foram cumpridos, nenhuma punição por parte da Organização das Nações Unidas).

Dez meses depois, em 2016, outra menina mais jovem ainda, de 13 anos, levou cinco tiros nas pernas. Segundo imagens do vídeo publicado pelas mídias, a menina estava há uma distância de oito a dez metros do mesmo checkpoint, próximo do local onde sua tia havia sido assassinada quando um soldado falou algo com ela e simplesmente atirou sem que ela fizesse qualquer movimento suspeito. Nos relatos, o soldado se justificou dizendo que ela falou de morte e não pensou duas vezes, pois suas ordens eram de neutralizar todos os terroristas que se aproximassem. Já na recuperação, no hospital, a menina afirmou que sonhou com sua tia e que ela disse que queria vê-la, então ela se dirigiu ao local onde ela faleceu. O soldado notou a presença da jovem parada em silêncio e perguntou, à distância, é claro, o que ela queria. Ela respondeu que queria ver o lugar em que sua tia morreu. Assim que ela respondeu, o soldado abriu fogo. A jovem diz que agora tem pesadelos todas as noites com soldados atirando nela em todos os lugares que passa.

Outro episódio ocorreu em 2017, com Fatima Ateef Abdul-Rahman Hajjiji, de 15 anos. A história se repete, a jovem estava chegando ao posto policial quando um

[78] Fala retirada do vídeo do Youtube que mostra a jovem ainda viva cercada de soldados.

dos soldados gritou “faca, faca”. Os soldados que estavam lá, ao verem a jovem não pensaram duas vezes, atiraram como se estivessem num tiroteio com um exército inimigo. Tiros acertaram um taxi que estava parado logo atrás da menina, outros acertaram casas e apartamentos do outro lado da rua a uma distância de trinta metros. A jovem foi atingida diversas vezes no abdômen, nas pernas e no braço, mas não morreu na hora. Ela também ficou caída no chão agonizando, tentando se movimentar, pedindo socorro, cercada de soldados e de um colono israelense que também diziam coisas terríveis para ela em árabe, como “Morra prostituta”[79]. Assim como com a primeira jovem, eles a deixaram morrer sem prestar qualquer tipo de atendimento ou permitir quem o fizesse.

Figura 83: Jovem palestina agonizando em frente a soldados e colonos israelenses
Fonte: RT News - 2017

Após este episódio, várias jovens foram interpeladas e pelo menos mais duas foram assassinadas pelas forças de defesa israelenses em nome da segurança, com a alegação de que havia uma revolta palestina de jovens que estavam sendo enviadas pelas famílias para esfaquear os soldados dos checkpoints. Segundo o jornal Haaretz, o exército confirmou o fato e no inquérito descobriu que a menina tinha uma faca e um bilhete de despedida com trechos do alcorão e mencionando a palavra *shohada* (mártir em árabe), Ou seja, evidências claras de um ataque terrorista, o que justifica a ação dos soldados que

[79] Fala retirada do vídeo do Youtube que mostra colono israelense com fuzil ofendendo a jovem caída.

fizeram seu trabalho com mérito. Simples assim. Sem qualquer prova, como as digitais, de que a faca era realmente dela, que não foi "plantada" por alguém para culpá-la, e de que o conteúdo da carta tenha sido escrito pela jovem. Ela simplesmente foi assassinada, para depois ser julgada e condenada por um inquérito que nem mereceu um processo pois já estava resolvido e encerrado, apesar de existirem diversos vídeos em que soldados israelenses jogam facas ao lado de palestinos que foram alvejados, não há nenhum tipo de reação positiva no sentido de se fazer justiça.

> A percepção da existência do outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria o potencial para minhas vida e segurança, eu sugiro, é um dos muitos imaginários de soberania, característico tanto da primeira quanto da última modernidade. (MBEMBE, 2016, p. 129)

Pensemos agora nos casos em que realmente foram confirmadas as tentativas de esfaqueamento. Uma mulher de 22 anos foi filmada sacando uma faca de sua bolsa e após tentar atingir o policial israelense, foi dominada e morta com diversos tiros. Mas surge uma questão: por que matá-la se ela já havia sido dominada pelo próprio soldado? Por que não levá-la, julgá-la e condená-la a prisão já que cometeu um crime? A resposta é muito simples. A vida de qualquer palestino é descartável. No inconsciente da maioria dos jovens israelenses que entram no exército, os palestinos são simplesmente "matáveis". Ao perceber uma ação deste tipo, irrompe a certeza que sempre lhe foi incutida em toda a sua vida, de que os palestinos só querem matá-los porque são terroristas, sejam eles homens, mulheres, adolescentes, crianças. A desumanização se concretiza no momento da decisão de dominar o agressor e prender ou matá-lo. Todas as aulas e o aprendizado que foram reforçados muitas vezes em seu treinamento militar se confirmam neste momento, na hora de agir.

Podemos ainda fazer outro questionamento: Por que palestinos (as) vão tentar esfaquear soldados armados? A chance de sucesso numa tentativa de esfaqueamento para uma pessoa que não tem habilidade com armas brancas é irrisória e mesmo que tenha "sucesso" em sua missão, a chance de escapar com vida é menor ainda porque os soldados israelenses estão sempre prontos para atirar nos palestinos. O governo da ANP condena as ações, mas pede que Israel resolva o problema acabando com a ocupação dos territórios palestinos. Os líderes do Hamas apoiam seus mártires sem condenar suas ações e dizem que é uma consequência direta da ocupação. O motivo da tentativa de esfaquear é passível de compreensão. Assim como o "homem-bomba", o indivíduo sabe que vai morrer, mas mesmo assim ele age porque, segundo Achille Mbembe, "sob o necropoder, as fronteiras

entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem." (MBEMBE, 2016, p. 146). Não deixa de ser resistência, mas sem a sua existência. Com o seu martírio, o indivíduo encontra também a sua liberdade. "O corpo se duplica e, na morte, literal e metaforicamente escapa do estado de sítio e ocupação." (MBEMBE, 2016, p. 143)

O caso das mulheres grávidas que encontram muitas dificuldades para se movimentarem e são vítimas da violência colonial também contribuem para estas atitudes desesperadas. Na pesquisa de Nadera Shalhoub-Kevorkian, citada no capítulo 2, as palestinas entrevistadas descrevem como a gravidez é assustadora para elas, pois elas agravam sua condição de mulher já oprimida pela colonização pela sua condição étnica (ser palestina) e pela própria sociedade por questões de gênero (ser mulher). A partir da condição de grávida ela deve temer mais as autoridades israelenses, enfrentar medidas punitivas mais severas se for "flagrada" tentando atravessar o checkpoint "ilegalmente" para cuidar da sua saúde e do seu bebê. Segundo Nadera,

> As vidas e os corpos grávidos (...), o gênero e a sexualidade delas, como mulheres grávidas — como "reprodutoras de Palestinos", (...) — além das dificuldades internas patriarcais e familiares, transformou-as em objetos vulneráveis a violações, torturas e ataques. O posicionamento biopolítico de Israel das mulheres palestinas como símbolos de sua nação permitiu que as forças militares posicionadas na área as torturassem, atacassem e violassem. (KEVORKIAN, 2015, p. 1197, **tradução nossa**)[80]

Os depoimentos revelam claramente que a capacidade das mulheres para circular em espaços militarizados afetou o acesso a cuidados médicos. Muitas mulheres relataram que depois de esperar por horas com a autorização de passagem em mãos as autoridades negaram suas entradas, justificando que elas não tinham a permissão correta. O povo teve sua identidade palestina desconstruída, foram expulsos de suas terras, casas, e ainda sofrem com a condição de colonizados. Para as mulheres esta condição piora, pois é usada para distanciá-las "não apenas de sua nação, comunidade e família, mas também de seu próprio corpo ao tentar dar à luz." (KEVORKIAN, 2015, p. 1199, **tradução nossa**)[81].

---

[80] (...) pregnant bodies and lives, their gender and sexuality, as pregnant women—as 'reproducers of Palestinians', (...) — in addition to internal patriarchal and familial hardships, turned them into objects vulnerable to violation, torture and attacks. Israel's biopolitical positioning of Palestinian women as symbols of their nation allowed military forces positioned in the area to torture, attack and violate them,

[81] not only from her nation, community and family but also from her own body when trying to give birth.

As estratégias de colonização e ocupação do território passam pelo processo de desumanização, e é neste processo que se encontra o interesse do Estado israelense que quer garantir a manutenção do "estado judaico". O controle das mulheres e crianças palestinas é essencial para o sucesso sionista. A ampliação da pressão e violência sobre as mulheres, incluindo sua liberdade de movimento, ao tentarem passar um *checkpoint* para alcançarem seus médicos ou hospitais, são parte desta estratégia *necropolítica* de ocupação, que objetiva impedir nascimentos palestinos em território israelense e sua proliferação massiva. A generalização deste tipo de violência, gera mais sofrimento às mulheres que já são submetidas à inferioridade na própria sociedade. Questões que, apesar de atualmente serem amplamente discutidas, também estão amplificadas pelo confinamento patriarcal devido à ocupação.

5.5 AMPUTADOS DE GAZA

Figura 84: Sharif Al-Namla aos 4 anos, desce as escadas de sua casa em Rafah, no sul de Gaza.
Fonte: Agência France Presse - 2015

O garotinho Sharif Al-Namla tinha apenas três anos quando perdeu sua perna esquerda. Ele foi mais uma vítima dos ataques à Faixa de Gaza em 2014, quando Israel bombardeou a região por 50 dias, num dia conhecido como *Sexta-feira negra*. Vários membros da família morreram ou ficaram seriamente feridos. O pai de Sharif, Wael, de

vinte e cinco anos, também perdeu uma perna e sua mãe, de dezenove anos, teve as duas pernas amputadas. Sua irmã de 2 anos sofreu queimaduras graves[82], o irmão e a cunhada de Wael morreram. Antes do amanhecer do dia, a família acordou ao som de um bombardeio de aviões, drones e tanques vindo de todos os lados. Rafah estava sendo atacada maciçamente pelas forças israelenses. Os alvos, segundo as autoridades israelenses, eram prédios e bases de foguetes do Hamas, mas não foi o que realmente ocorreu. Os alvos foram aleatórios e tudo que se mexia tornou-se alvo. No desespero, com as crianças e mulheres gritando, a família saiu de casa correndo com a esperança de encontrar algum abrigo, mas após percorrerem setecentos metros, dois mísseis foram lançados em sua direção atingindo todos os membros da família, lançando-os para longe.

Figura 85: Irmãos Qudeih, amputados após serem baleados na Grande Marcha do Retorno em Gaza
Fonte: Centro Palestino de Direitos Humanos - 2018

Nazihah Qudeih, 38 anos e Suhaib Qudeih, 32 anos foram atingidos por franco-atiradores israelenses com projeteis que explodiram dentro de suas pernas enquanto participavam da *Grande Marcha do Retorno*. Suhaib perdeu a perna direita já na primeira manifestação no dia 30 de março[83] de 2018, enquanto socorria uma

[82] Fonte: Centro *Mezan* de Direitos Humanos - IMEMC

[83] 30 de março é a comemoração referente ao "Dia da Terra" e em 2018 foi marcado pela *Grande Marcha do Retorno* em Gaza quando mais de trinta mil civis palestinos se dirigiram à fronteira para se manifestar contra o fim da ocupação israelense nos territórios ocupados e o fim do boicote israelense e egípcio.

adolescente que também havia sido atingida. Nazihah foi baleada no dia 14 de maio[84] do mesmo ano enquanto levava garrafas de água aos manifestantes. Como ela estava perto da cerca distribuindo a água, percebeu quando um soldado apontava a arma para ela e tentou se afastar da cerca, ao que sentiu uma fisgada, sua perna dobrou e ela foi ao chão. Os socorristas estancaram a hemorragia, mas ela desmaiou. No dia seguinte, quando acordou, percebeu que estava sem uma perna e entrou em desespero.

Os dois irmãos ajudavam no sustento de suas famílias. Suhaib é casado e tem cinco filhos, enquanto Nazihah cuidava da mãe. Atualmente, os dois dependem de ajuda financeira externa para sobreviverem, pois não conseguem mais exercer suas atividades sem uma das pernas. Uma associação que ajuda os palestinos de gaza ofereceu próteses aos dois, mas, durante a preparação para a implantação, Nazihah sofreu muito com as dores e pediu mais um tempo para treinar e se acostumar. Suhaib continua com infecção e outras complicações locais e deve esperar as condições corretas para a implantação. Nenhum dos dois tem preparação médica nem psicológica devido aos recursos extremamente limitados dos hospitais e clínicas de Gaza. A mãe, que já perdeu um filho de vinte anos, vive triste e deprimida. Ela, que precisava de ajuda, agora precisa apoiar Suhaib e sua família e conviver com os filhos amputados.

O problema não seria tão grande se o tiro que os atingiu não fosse com um projétil "borboleta", que após penetrar explode no interior do membro atingido esfacelando os ossos e músculos e estourando veias e artérias provocando hemorragias intensas e infecções que evoluem rapidamente para gangrenas. A solução mais prática e rápida é a amputação do membro atingido antes que o indivíduo chegue ao óbito, o que ocorre frequentemente depois do início da utilização das "balas borboleta".

A munição é proibida para utilização em controle de manifestações, mas a impunidade decretada pelos Estados Unidos à Israel em troca do financiamento de sistemas de segurança utilizados na fronteira americana com o México, e para a satisfação do lobby judaico nos EUA, permitem todo o tipo de atrocidade, sem medo de punições. Segundo dados do site de notícias *Electronic Intifada*, o comércio de sistemas de defesa e segurança israelense (incluindo o de armas, obviamente) é um dos mais dinâmicos do mundo porque eles realizam "testes em tempo real". Gabriel Schivone, repórter e jornalista do *Electronic Intifada* entrevistou o Guy Keren, CEO da empresa de segurança

[84] 14 de maio de 1948 é o dia da Independência de Israel e neste dia em 2018, os Estados Unidos reconheceram Jerusalém como a capital oficial de Israel e o dia foi marcado por uma manifestação muito intensa onde *snipers* do exército israelense abriram fogo contra os manifestantes, sem discriminar idade ou sexo, matando sessenta pessoas e ferindo mil e trezentas.

interna israelense iHLS. Segundo Keren, a Faixa de Gaza proporciona a Israel e a empresas como a iHLS uma grande vantagem na concorrência armamentista devido às possibilidades de testes de novos produtos em tempo real e durante todo o ano. As vendas de armas e sistemas de segurança aumentaram drasticamente com a eleição de Donald Trump e outros governos de extrema direita nas Américas, principalmente para países da América central (Guatemala) e agora do sul (Colômbia, Brasil e Argentina), e com isso também aumentam o número de votos na ONU a favor da "luta contra o terrorismo" em prol da "democracia" patrocinadas por Israel e EUA.

Schivone perguntou a Keren a razão pela qual a indústria tecnológica israelense tinha um desenvolvimento rápido e dinâmico em relação a outros países com tradição na venda de armas. A resposta de Keren foi a seguinte:

> Porque apuramos os nossos sistemas em tempo real. Estamos sempre em situação de guerra. Se não produzimos agora uma coisa, poderemos fazê-lo já no mês que vem. Não se trata apenas de produzir tecnologia e ter de esperar anos antes de testar os sistemas. O segredo do êxito do setor israelense de armamento está na utilização da tecnologia em situação real mais rapidamente do que qualquer outro país. (SCHIVONE, 2016)[85]

Quando nos referimos à *desumanização* não é só por "pena" ou "vitimização", termo muito utilizado pelos israelenses e americanos para desqualificar os palestinos, muçulmanos e em geral, os imigrantes. Com a ascensão da extrema direita, a "vitimização" ultimamente se transformou na palavra de ordem para desqualificar os pobres e as minorias na história recente do Brasil e justificar medidas de desinvestimento em educação e saúde, discriminação, armamento e favorecimento aos grandes empresários. A *desumanização* tem muitos objetivos, mas neste caso se refere à prática israelense de utilizar uma população como cobaia da indústria armamentista. Ainda, segundo o *Electronic Intifada,* Leila Stockmarr[86], uma analista dinamarquesa para os direitos humanos e das relações internacionais, como representante da Dinamarca teve a oportunidade de assistir apresentações sobre a segurança de Israel e escreveu sobre isso

[85] Texto extraído do site Electronic Intifada.

[86] Leila Stockmarr é Ph.D. em Política Global da Universidade de Roskilde e Mestra na Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres. Sua pesquisa investiga a Palestina como um laboratório de segurança israelense, e uma fonte de renda para o complexo acadêmico-militar-industrial, tendo em vista o setor de alta tecnologia de Israel. Baseada em extenso trabalho de campo, ela examina como as técnicas de expansão e repressão centrais às estratégias coloniais sionistas baseadas em objetivos de transferência e separação étnica, são rearticuladas e negociadas quando Israel vende um *know-how* de batalha e tecnologia de segurança interna a compradores estrangeiros.

Fonte: Jornal eletrônico *jadaliyya.com* produzido pelo *Instituto de Estudos Árabes*

em seu ensaio *Para lá da Tese do Laboratório: Gaza como Correia de Transmissão da Guerra e da Tecnologia de Segurança.* Segundo a autora,

> A maior parte dos representantes das empresas que entrevistei explicaram que as novas tecnologias estão no centro das capacidades policiais e militares de Israel. São desenvolvidas e ensaiadas numa situação concreta de controle de uma população, como na Faixa de Gaza. Um representante de uma grande empresa de segurança [...] declarou: "Sempre que o exército israelita nos faz uma encomenda, depois da sua instalação inicial no terreno, os serviços técnicos da empresa são frequentemente contatados para fazer correções e ajustamentos em função da experiência. Deste modo, de cada vez que o exército usa a tecnologia israelita HLS – Homeland Security – ele a testa automaticamente. As empresas extraem grandes vantagens da situação, e de cada vez que chega uma nova encomenda esta interligação ao campo de batalha é levada em consideração para melhorar o processo de apresentação de forma a garantir a qualidade e a eficácia". (STOCKMARR, 2016, p. 16)

Em seu ensaio, Stockmarr destaca que os palestinos de Gaza são usados como meras e autênticas cobaias na fase de teste, e que eles tem um papel "crucial" na fase de implantação de um produto da indústria armamentista e da segurança interna: "para avaliar um determinado produto, a inclusão sistemática das respostas das populações alvejadas pelas novas tecnologias de segurança é crucial para os compradores estrangeiros".

Para comprovar os argumentos Gabriel Schivone afirma que, quando acontecem eventos que evoluirão para conflitos armados ou de necessidade de segurança, as ações das empresas de segurança israelense disparam na bolsa de valores. Ele cita o anúncio da construção do muro americano na fronteira com o México e os ataques à Faixa de Gaza, onde diversas "novidades" foram testadas, como um drone que lança bombas de gás lacrimogênio ou outro que despeja líquidos tóxicos e fétidos sobre a massa palestina. Schivone sublinha as "balas borboleta":

> [...] o Ministério da Saúde em Gaza registrou nos últimos seis meses, os efeitos provocados em seres humanos pelas chamadas "balas borboleta" israelitas, que explodem em contato com a vítima. Estão entra as balas mais mortíferas que jamais haviam sido utilizadas por Israel. Membros da organização Médicos Sem Fronteiras trataram ferimentos provocados por estas balas em mais de 50 por cento dos pacientes que socorreram durante as manifestações. Os manifestantes que não foram mortos imediatamente ficaram gravemente feridos, o que proporciona às "balas borboleta" um novo lugar na longa história da prática de tiro com balas reais pelo exército israelita. [...] no parque industrial de Raanana, Keren e os seus colaboradores da iHLS, trabalhando em gabinetes climatizados, se dedicam a desenvolver os próximos atores da

> indústria de armamento em Israel, a atualizar os sistemas e a aumentar as suas margens de lucro. (SCHIVONE, 2018, **tradução nossa**)[87]

As denúncias feitas por Gabriel Schivone e Leila Stockmarr são resultado de anos de pesquisas meticulosas realizadas com trabalho de campo, o que tornaria o trabalho "perigoso" caso a intenção das pesquisas tivesse sido revelada antes de sua publicação. Em todas as guerras contemporâneas, temos os interesses comerciais envolvidos, mas nunca admitidos publicamente. As mentiras para um ataque a outro povo ou região atualmente são geralmente em torno de um tema central: o de levar "a liberdade e a democracia" para aquele povo. O que está implícito é que o próprio povo será atacado e terá que sofrer as consequências desse nobre e difícil ato. Para que o ataque seja amparado pela comunidade internacional, fazem-se negociações em tono do interesse, ou simplesmente desumaniza-se o outro.

[87] The Gaza health ministry has observed over the past six months the human effects of Israel's "butterfly bullets"– which explode on impact. These are among the deadliest bullets Israel has ever used. Doctors Without Borders personnel treated butterfly bullet-like injuries in 50 percent of the more than 500 patients they treated during the protests. Many of the protesters who weren't killed outright were severely injured, earning butterfly bullets a new place in the Israeli military's long history of shoot-to-maim practices, (...) back at the Raanana industrial park, Keren and his staff in the air-conditioned offices of iHLS are busy developing the next players in Israel's arms industry, updating their systems and expanding their profit margins.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao utilizarmos a teoria dos levantes de Georges Didi-Huberman e a da força do desejo de Sigmund Freud, não pretendíamos confirmar nem tampouco concluir nada, mas entender como os levantes são impulsionados pelo desejo e quais suas implicações no contexto da Palestina. Através das imagens de levantes na Palestina, procuramos elementos de gestos que se manifestam antes ou durante os levantes, e para isso utilizamos algumas situações nas quais pudemos mostrar que o que os levanta é a força do desejo. Com estas imagens, foi nos permitido analisar como eles mostram seu descontentamento com sua condição desumanizada, de cidadão de segunda classe (Cisjordânia e Faixa de Gaza) ou de não-cidadão (Chatila e outros campos fora de Israel) e as consequências da segregação étnica e racial. Como Didi-Huberman sugeriu em sua teoria, que por trás de um levante sempre há uma força que leva ao desejo de resistir e, a partir desse desejo, seguem-se os levantes, as *Intifadas*, que nada mais são do que as batalhas individuais e coletivas em prol da liberdade e da igualdade de direitos, a cólera que atinge um povo que é oprimido e vive sob pressão constante. Vimos que estas manifestações se dão através de diversas formas. A desproporção nas forças que ocorrem no conflito entre israelenses e palestinos é tão grande que a ideia dos levantes palestinos não parece coerente, pois estão fadados ao fracasso. No entanto, eles ocorrem com frequência, mostrando que a resistência palestina é perseverante, e, através da manutenção e difusão da cultura e da memória coletiva, a força do desejo de mudança, de liberdade, de igualdade de direitos, de justiça e do direito de retorno dos refugiados, permanece sempre ativa. Notamos no decorrer da pesquisa que os palestinos, movidos pelo desejo, encaram o perigo, ultrapassam fronteiras, pulam muros e quando fracassam, outros mais corajosos surgem, pois uma vida acaba, mas restam tantas outras que resistem, desejam e se rebelam.

Trabalhamos com algumas imagens que consideramos extremamente relevantes para nossa pesquisa, como a de Fadi Abu Saleh com sua funda, resistindo à ocupação israelense mesmo na sua condição. Um biamputado numa cadeira de rodas somente com uma funda. Fizemos uma relação de Fadi com a história bíblica do judeu Davi que derrotou o gigante filisteu Golias e analisamos algumas obras de arte que representavam Davi instantes antes ou após a batalha com Golias analisando os elementos que caracterizavam gestos de um levante e a força do desejo. Verificamos a existência de diversos elementos dos gestos de levantes durante um funeral palestino. Fizemos um

estudo mais aprofundado sobre os funerais em outras culturas e percebemos que os gestos que em um funeral palestino antecipam um levante, no funeral *Famadihana* tinham outro sentido, com valores invertidos ao primeiro, sendo utilizados como comemoração ao invés de luto.

A intifada como gesto resume a ideia da pesquisa e explicita o gesto não somente como um movimento físico, corporal, vai mais além. Mostramos que o desejo de se manifestar traz consigo a capacidade de se expressar na forma que mais se aproxima da sua condição ou do seu ofício, sejam eles na área da saúde como a socorrista Razan al-Najjar que inconformada com sua sobrevida, foi ao campo na *Marcha do Retorno* em Gaza e participou das manifestações socorrendo os feridos, mesmo sabendo que poderia morrer, arriscando sua vida para salvar outras e demonstrar seu descontentamento com as injustiças que seu povo passava A psiquiatra Samah Jabr que atua ativamente na recuperação da saúde de pessoas que são afetadas pela ocupação israelense também escreve artigos, dá palestras e participa de debates relacionados à saúde dos palestinos e as consequências psicológicas da ocupação. Através da arte como o artista Banksy que grafitou o Muro da Cisjordânia, na Literatura como o poeta Mahmoud Darwish e como o escritor e filósofo Edward Said que, mesmo no exílio, contribuiu ativamente na resistência palestina, deixando um legado valioso para a história, política e literatura.

Estudamos mais detalhadamente a influência do Muro da Cisjordânia nas inter-relações sociais e percebemos que ele traz consequências devastadoras no que se refere à convivência pacífica entre palestinos e israelenses, pois ele tem um objetivo claro, o de *separar*. Ao utilizar a separação como proteção para os israelenses, o governo de Israel isolou as duas comunidades, e distanciando-as, permitiu o crescimento da segregação, do racismo. A compreensão deve passar pelo conhecimento do outro, e como conhecer o outro se não pode vê-lo nem conviver com ele? A política sionista criou uma paranoia para convencer a população israelense da necessidade da segurança dos seus cidadãos contra os terroristas palestinos. Para isso, usou a estratégia de atacar, expulsar e matar palestinos e aguardar o revide dos palestinos que veio com o radicalismo do Hamas e a "produção" de homens-bomba que ceifaram muitas vidas israelenses, justificando a construção do muro para diminuir as chances de ataques deste tipo. Mas o "emuramento" praticado pelo Estado de Israel em sua história recente encaixa-se nesta paranoia adquirida das memorias do Holocausto. Fizemos uma análise das causas e consequências da construção do muro utilizando as ideias trabalhadas por Didi-Huberman sua obra *Désirer, Désobéir. Ce qui nous soulève I*, no qual o filósofo coloca a construção do muro

como uma condição psicológica, segundo uma visão paranoica dos governos israelenses da necessidade de "emuramento" na vida dos judeus, seja para aprisioná-los como no gueto de Varsóvia, seja para confirmar outra paranoia, a do direito bíblico da Terra Prometida, utilizado convenientemente com a tomada de Jerusalém em 1967 e a reconquista de um muro, que foi denominado Muro das Lamentações, que na verdade é uma parede que sobrou das ruínas do antigo Templo judaico destruído no ano 70 depois da era cristã. Essa paranoia se estende em parte à construção do muro da Cisjordânia que deve cercar os palestinos para "proteger" os judeus. Mas nós também o analisamos como estratégia sionista de ocupação com objetivos óbvios de exploração da terra, controle dos meios de subsistência e aprisionamento dos palestinos. Para além disso, também se centra nos interesses escusos da indústria de armas israelense, que se utiliza das batalhas que o governo israelense produz para testar e aplicar as novas tecnologias do ramo para vender aos países estrangeiros. A "grande vantagem" das empresas israelenses é a rapidez com que os produtos são testados em situações reais e colocados à venda já com os resultados obtidos nos testes. Cercar a Cisjordânia e a Faixa de Gaza não são somente estratégias militares, mas também econômicas.

Verificamos que a desumanização dos palestinos ocorre paulatinamente dentro do sistema de educação israelense. As novas gerações cada vez menos sabem da história da criação de Israel, que é mascarada com o apagamento da história da Palestina. Para nossa análise, assistimos a documentários com testemunhos de israelenses que participam ou participaram diretamente das ações, e utilizamos os relatos como o da professora israelense e ativista pela paz Nurid-Peled Elhanan, que, em um documentário, mostra o funcionamento do sistema de educação israelense e como ele prepara os alunos para discriminarem os palestinos e desumanizá-los, e o professor de história e pesquisador francês Thomas Vescovi que foi a campo em Israel pesquisar sobre como a história da *Nakba* é ensinada nas escolas israelenses e descobriu que o termo não é e nem deve ser pronunciado lá, já que é uma invenção para difamar a heroica conquista da Independência de Israel. Uma negação "necessária" para apagar a mancha na história da criação de um estado que promoveu uma limpeza étnica com massacres e varreu os palestinos restantes para a Faixa de Gaza e para fora da Palestina. A desumanização gera consequências terríveis para a população que já está afetada física e psicologicamente. Os jovens soldados, além de aprender no colégio que devem temer os palestinos, são treinados de maneira a garantir sua defesa e dos cidadãos israelenses dos terroristas que moram ao lado.

Michel Foucault, Giorgio Agamben, Hannah Arendt e Achille Mbembe foram fundamentais para a compreensão do significado da desumanização. Na viagem para a Palestina, pude conferir o que Mbembe já havia assinalado em seu artigo sobre *Necropolítica* e *Necropoder*. As estratégias da ocupação sionista e a segregação são evidentes na construção de estradas e na sinalização das entradas para os vilarejos palestinos que diz: "Esta estrada leva a um vilarejo palestino. A entrada para cidadãos israelenses é perigosa" (fig. 70) ou "Esta estrada leva a área A, sob a Autoridade Palestina. A entrada para israelenses é proibida, perigosa para suas vidas e é contra a lei israelense" (fig. 71)

Figura 86: Placa de prevenção de perigo
Fonte: israelpolicyexchange.org, 2019

Figura 87: Placa de prevenção de risco de vida
Fonte: israelpolicyexchange.org, 2019

Ao mostramos as fotos com pessoas amputadas, inclusive de uma criança, não tivemos a intenção de produzir sentimentos de compaixão nos leitores, mas o de mostrar o que realmente acontece com a maioria dos feridos que sobrevivem em Gaza. Famílias são destroçadas e as condições econômicas, políticas e sociais estão insustentáveis. A situação dos palestinos de Gaza é semelhante ao de outra população encarcerada ao ar livre, os judeus do gueto de Varsóvia, que após dois anos em condições cada vez mais precárias, se rebelaram contra o regime nazista, e a rebelião acabou com o extermínio de quase toda a população. Sabemos que o regime nazista caiu, mas ele foi derrotado pela união de vários países aliados, o que não é o caso dos palestinos de Gaza que completaram treze anos de isolamento em 2019 sem apoio concreto de qualquer potência militar. Ao contrário, as maiores potências militares apoiam o Estado israelense em sua luta pela "segurança" e contra o terrorismo.

REFERÊNCIAS

ABU THURAYA, Ibrahim. **Morte de Ibrahim Abu Thuraya**. Site de notícias Independent. Disponível em https://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/ibrahim-abu-thuraya-dead-shot-killed-israel-jerusalem-protest-disabled-no-legs-wheelchair-a8114766.html. Acessado em 18 de março de 2019.

ABY WARBURG – **BIOGRAFIA.** Disponível em <https://comunicacaoeartes20122.wordpress.com/2013/02/17/aby-warburg/>. Acessado em 19 de julho de 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **O poder soberano e a vida nua – Homo Sacer.** Lisboa: Editorial Presença LDA, 1998.

AL-DURRAH. Morte de Muhammad al-Durrah. Disponível em https://www.imgrumweb.com/post/BoW-hKAnKI6. Acessado em 28 de junho de 2019.

AL-NAMLA, SHARIF. Menino palestino amputado em bombardeio à Gaza. Disponível em https://www.dci-palestine.org/child_survivors_of_israel_s_hannibal_directive. Acessado em 28 de junho de 2019.

AMPUTADOS DE GAZA. Disponível em https://pchrgaza.org/en/?p=11644. Acessado em 29 de junho de 2019.

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ASHRAWI, Hanan. **Biografia de Hanan Ashrawi.** Disponível em www.birzeit.edu/en/biography/dr-hanan-ashrawi. Acessado em 18 de março de 2019.

BATNIJI, Taysir. Disponível em <https:www.taysirbatniji.com/en/bio/ >. Acesso em 15 de julho de 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 8ª ed. Ver. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

_____. **O anjo da história**. São Paulo: Editora Autêntica, 2012.

BLANCHOT, Maurice. **O instante da minha morte.** Editora Campo das Letras, Porto, 2003.

BUTLER, Judith. **Caminhos Divergentes: judaicidade e crítica ao Sionismo.** Tradução: Rogério Bettoni. 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2017.

CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

CARAVAGGIO. **Les restes du Caravage retrouvés et identifiés**. Le Monde. 16 de junho de 2010. Acessado em 31 de maio de 2019.

_____. **Biografia.** Disponível em www.caravaggio.org. Acessado em 15 de maio de 2019.

_____. **Depois de séculos, cientistas descobrem o que matou Caravaggio**. El País. 20 de setembro de 2018. Acessado em 31 de maio de 2019.

CASPIT, Ben **Muhammad Al-Dura: O menino que não foi realmente morto** , *The Jerusalem Post* , 12 de maio de 2013. Disponível em https://www.jpost.com/Middle-East/Muhammad-Al-Dura-The-boy-who-was-not-really-killed-312930. Acessado em 03 de junho de 2019.

CAZEAUX, Jacques. **Saül, David, Salomon: La Royauté et le destin d'Israël.** Les éditions du CERF. França, 2003.

DARWICH, Mahmud. **Carteira de identidade.** In: LAÂBI, Abdellatif (Sel.). **Poesia palestina de combate**. Prefácio de Farid Suwwan. Tradução de Jaime W. Cardoso e José Carlos Gondim. Rio de Janeiro, RJ: Achiamé, 1981. p. 41-43.

DECLAIS, Jean-Louis. **David raconté par les musulmans**. Les éditions du CERF. França, 1999.

DELACROIX, EUGÈNE. **Biografia**. Disponível em http://www.musee-delacroix.fr/fr/musee-atelier/eugene-delacroix/biographie-119/biographie-214. Acessado em 18 de março de 2019.

DELEUZE, Gilles. Prefácio [1981]. Em: NEGRI, Antonio. **A anomalia selvagem: Poder e potência em Espinosa.** São Paulo: Ed. 34, 1993.

DIAS, Marta Miriam Ramos. **O Cortejo Fúnebre na Baixa Idade Média Peninsular.** Revista De Medio Aevo 6. Portugal, 2º semestre de 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, O que nos olha.** São Paulo, Editora 34, 1998.

_____. **A Imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg.** São Paulo, Contraponto Editora, 2013.

_____. **Atlas e o gaio saber inquieto**. Minas Gerais: Editora da UFMG, 2018.

_____. **Diante do tempo.** Minas Gerais: Editora da UFMG, 2017a.

_____. **Quando as imagens tomam posição.** Minas Gerais: Editora da UFMG, 2017b.

_____. **Quando as imagens tocam o real**. Revista Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 - 219, nov. 2012.

_____. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo, Editora 34, 2016.

_____. **Levantes**. Catálogo da exposição no SESC Pinheiros. São Paulo: Editora do SESC, 2017.

_____. **Désirer, Désobéir. Ce qui nous soulève I.** Paris, Les Éditions de Minuit, 2019.

_____. **Importância da psicanálise na arte.** Disponível em <http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,o-artista-se-tornou-figura-da-liberdade-diz-filosofo-didi-huberman,70001793303> Acesso em 02 de outubro de 2017.

_____. **Remontage du temps subi.** L'œil de l'histoire, 2. Paris: Minuit, 2010.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EISENSTEIN, Sergei. **Palavra e Imagem**. In: EISENSTEIN, Sergei. O sentido do filme. São Paulo: Zahar, 2002a, p. 13-50.

_____. **Fora de Quadro**. In: EISENSTEIN, Sergei. A forma do filme. São Paulo: Zahar, 2002b, p. 35-48.

_____. **Dramaturgia da Forma do Filme**. In: EISENSTEIN, Sergei. A forma do filme. São Paulo: Zahar, 2002c, p. 49-71.

ENDERLIN, Charles. **Un Enfant est Mort: Netzarim, 30 de setembro de 2000**. Paris: Don Quichotte, 2010.

FONT-RÉAULX, Dominique de. **Eugène Delacroix: Écrivain, témoin de son temps. Écrits choisis**. Flammarion, Paris, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organ. e Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 14ª ed. 1999.

FREUD, Sigmund. **Ensaios de Metapsicologia e outros textos (1915).** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Interpretação dos sonhos (1900).** São Paulo: Imago, 2011.

GALEANO, Eduardo. **Quem deu a Israel o direito de negar todos os direitos.** Disponível em https://www.revistaforum.com.br/eduardo-galeano-quem-deu-a-israel-o-direito-de-negar-todos-os-direitos/. Acessado em 15 de março de 2019.

GOMBRICH, E. H. **A história da Arte**. Rio de Janeiro: 1999.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. 2ª edição. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

HAMS, Mahmud. **Cet homme s'appelle.** Outubro de 2018. Disponível em https://making-of.afp.com/cet-homme-sappelle. Acessado em 19 de fevereiro de 2019.

HERLZ, Theodor. **O estado judeu.** Trad. David José Perez. Rio de janeiro: Garamond, 1998.

HIBBARD, Howard. **Bernini**. Baltimore: Penguin books. 1965.

JABR Samah. **L'adolescence arrêtée: le developpement interrompu des mineurs palestiniens en prison.** Disponível em www.ujfp.org/spip.php?article4626&lang=fr. Acessado em 23 de março de 2019.

_____. **Derrière les fronts.** Artigo disponível em http://www.ujfp.org/spip.php?article6229. Acessado em 23 de março de 2019.

_____. **Monologue avec « l'Autre » : l'inauthenticité du discours sous l'occupation**. Artigo disponível em http://www.chroniquepalestine.com/monologue-avec-autre-faussete-du-discours-sous-occupation/. Acessado em 23 de março de 2019.

LAUTER, Devorah. **French Jews demand al-Dura probe**, Agência Telegráfica Judaica, 8 de julho de 2008. Disponível em https://www.jta.org/2008/07/08/global/french-jews-demand-al-dura-probe. Acessado em 12 de junho de 2019.

LÖWI, Michael. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

KANAFANI, Ghassan. **A revolta de 1936-1939 na Palestina.** São Paulo: Sundermann, 2015.

KEVORKIAN, Nadera Shalhoub. **The Politics Of Birth And The Intimacies Of Violence Against Palestinian Women In Occupied East Jerusalem.** Publicado no The British Journal of Criminology, Volume 55, N. 6, em 20 de maio de 2015.

MAUSS, Marcel. **A expressão obrigatória dos sentimentos**. Texto publicado em 1921. Apud in Antropologia (coletânea) organizada por Roberto Cardoso de Oliveira. São Paulo, Ática, 1979.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** Rio de Janeiro: Revista Arte & Ensaios, UFRJ, nº 32, dezembro de 2016.

MISLEH, Soraya. **Devemos nos inspirar na resistência da mulher palestina**. Disponível em https://www.cartacapital.com.br/mundo/devemos-nos-inspirar-na-resistencia-da-mulher-palestina/. Acessado em 21 de março de 2019.

PAPPÉ, Ilan. **A limpeza étnica da Palestina.** São Paulo: Sundermann, 2016.

PATRIARCA, Letizia; LIMA, Luiza Ferreira. **Robert Hertz: A representação coletiva da morte.** Disponível em http://ea.fflch.usp.br/obra/representa%C3%A7%C3%A3o-coletiva-da-morte. Acessado em 28 de janeiro de 2019.

RINGELBLUM, Emanuel. **Arquivos clandestinos do gueto de Varsóvia.** Disponível em http://www.fondationshoah.org/recherche/archives-clandestines-du-ghetto-de-varsovie-archives-emanuel-ringelblum. Acessado em 18 de junho de 2019.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **A Questão da Palestina**. São Paulo: Unesp, 2012.

SAND, Schlomo. **A Invenção da Terra de Israel: da Terra Santa À Terra Pátria.** São Paulo: Editora Benvirá, 2014.

SHERWOOD, Harriet. **Inquérito israelense diz que vídeo da morte de Muhammad al-Dura em Gaza foi encenado**. The Guardian, 20 de maio de 2013. Disponível em https://www.theguardian.com/world/2013/may/23/israeli-report-denies-death-al-dura. Acessado em 12 de junho de 2019.

SCHIOCCHET, Leonardo. **Entre o Velho e o Novo Mundo: A Diáspora Palestina desde o Oriente Médio à América Latina.** Lisboa: Editora Chiado, 2015

_____. **Palestinidade: resistência, tempo e ritual no campo de refugiados palestinos Al-Jalil, Líbano.** Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia — n. 35, 2º sem. 2013, (n. 1, 2. sem. 1995). Niterói: Editora da UFF, 2014.

_____. **Vidas de refugiados aqui e lá: Al-sumud entre palestinos refugiados no Oriente Médio e no Brasil.** Rio de Janeiro: UFF, 2012.

SCHIVONE, Gabriel. **"Laboratório" de Gaza aumenta lucros da indústria de guerra de Israel**. Disponível em https://electronicintifada.net/content/gaza-laboratory-boosts-profits-israels-war-industry/25636. Acessado em 27 de junho de 2019.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

SOULÈVEMENTS. **Seminário de Georges Didi-Huberman.** Disponível em https://vimeopro.com/jeudepaume/soulevements-le-seminaire/. Acessado em 20 março de 2017.

STOCKMARR, Leila. **Além da tese de laboratório: Gaza como cinturão de transmissão para tecnologia de guerra e segurança.** In: A fabricação global do policiamento. Londres: Ed. Routledge, 2016.

TAGUIEFF, Pierre-André. **La nouvelle propagande antijuive: Du symbole al-Dura au rumeurs de Gaza**. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.

VAN TEEFFELEN, Toine. **Sumud: alma do povo palestino.** Artigo disponível em http://archive.thisweekinpalestine.com/details.php?id=2686&ed=166&edid=166. Acessado em 25 de março de 2019.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasmas para gente grande**. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

_____. Gesammelte Schriften II-I. Der Bilderatlas Mnemosyne (editado por Martin Warnke e Claudia Brink). Versão castelhana (de Fernando Checa) **Atlas Mnemosyne** (Trad. Joaquim Chamorro Melke). Madrid: Ediciones Akal, 2010.

YAZBEK, Mustafa. **Palestinos: Em busca da pátria**. São Paulo: Ática, 1997.

ANEXOS

ANEXO A – Censo da população da Palestina em 1922

RCP
X/c
1922.

PALESTINE

REPORT AND GENERAL ABSTRACTS OF THE CENSUS OF 1922.

TAKEN ON THE 23RD OF OCTOBER, 1922.

COMPILED BY

J.B. BARRON, O.B.E., M.C.,

SUPERINTENDENT OF THE CENSUS.

PRICE – P.T. 25 (Five Shillings)

PTD. AT GREEK CONVENT PRESS—JERUSALEM.

ANEXO B – Tabela da População da Palestina, por religião

TABLE I.

POPULATION OF PALESTINE BY RELIGIONS

Religions.	Southern District	District of Jerusalem-Jaffa	District of Samaria.	Northern District.	Total.	Percentage
Mohammedans	198,928	155,333	132,453	104,176	590,890	78.03
Jews	858	62,547	747	19,672	83,694	11.06
Christians	1,130	42,685	2,306	19,913	73,024	9.64
Druses	11	8	3	7,006	7,028	.92
Samaritans	—	8	155	—	163	.02
Bahá'is	—	—	1	284	285	.03
Metawilehs	3	—	—	153	156	.02
Hindus	—	1,242	212	—	1,454	.19
Sikhs	—	405	3	—	408	.05
Total	200,920	202,108	135,900	158,184	757,182	

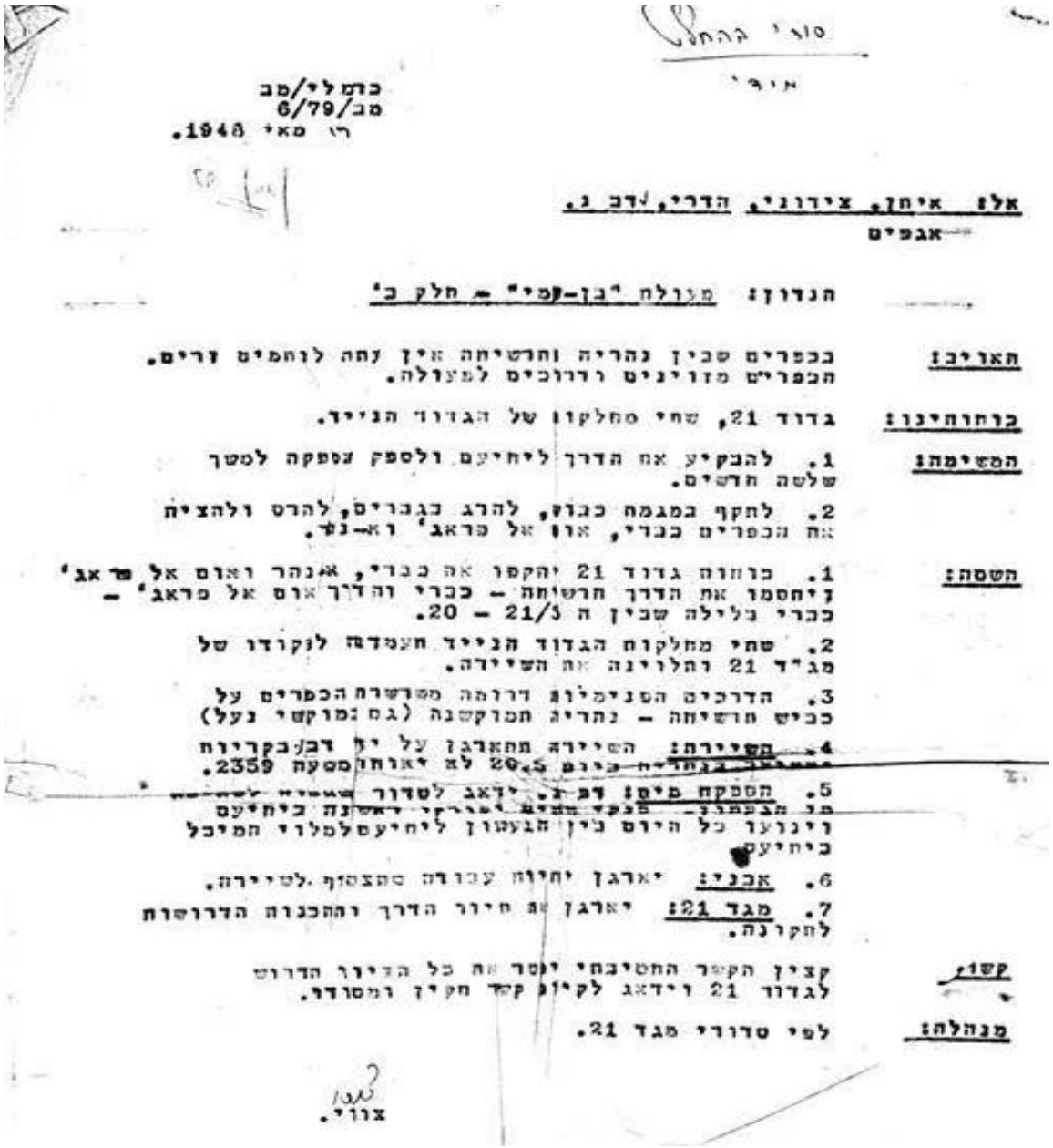
TABLE II.

POPULATION OF PALESTINE SHEWING THE NUMBER OF PERSONS IN MUNICIPAL, VILLAGE, AND TRIBAL AREAS.

District.		Municipal Areas.	Villages.	Tribal Areas.	Total
Southern		45,400	82,022	72,898	200,920
Jerusalem-Jaffa		138,565	111,500	12,073	262,108
Samaria		23,875	107,065	4,940	135,880
Northern		56,477	88,287	13,420	158,184
	Total	264,317	389,534	103,331	757,182
	Percentage	34.91	51.44	13.65	

ANEXO C

Ordens do comando do grupo Haganah aos batalhões que estavam na linha de frente atuando na expulsão dos palestinos em 1948



סוד' ההחלט

מיד'

כדמלי/מב
מב/6/79
רו מאי 1948.

אל: איתן, צידוני, הדרי, דב נ.
אגפים

הנדון: מעולה "בן-עמי" - חלק ב'

תאריב: בכפרים שבין נהריה וחרשיחה אין עתה לוחמים זרים. הכפרים מזוינים ודרוכים למעולה.

כוחותינו: גדוד 21, שתי מחלקות של הגדוד הנייד.

המשימה: 1. להבקיע את הדרך ליחיעם ולספק מספקה למשך שלשה חדשים.

2. לתקף במגמה כבוש, להרג בגברים, להרס ולהציח את הכפרים כברי, אום אל פראג' וא-נשר.

השטה: 1. כוחות גדוד 21 יתקפו את כברי, אל-נהר ואום אל פראג' ויחסמו את הדרך חרשיחה - כברי והדרך אום אל פראג' - כברי בלילה שבין ה 21/3 - 20.

2. שתי מחלקות הגדוד הנייד תעמדנה לפקודו של מג"ד 21 ותלוינה את השיירה.

3. הדרכים הפנימיות דרומה משרשרת הכפרים על כביש חרשיחה - נהריה תמוקשנה (גם מוקשי נעל)

4. **השיירה:** השיירה תתארגן על יד דב/בקריות [illegible] בנהריה ביום 20.5 לא יאוחר מסעה 2359.

5. **הספקה מים:** דב נ. ידאג לסדור [illegible] מו מבעמונו. [illegible] ואשונה ביחיעם וינועו כל היום בין הבעמון ליחיעם למלוי המיכל ביחיעם.

6. **אבני:** יארגן יחיות עבודה מתצטוף לשיירה.

7. **מגד 21:** יארגן את חיור הדרך והתכנות הדרושות לתקונה.

קשר: קצין הקשר החטיבתי יפסד את כל הציור הדרוש לגדוד 21 וידאג לקיום קשר תקין ומסודר.

מנהלה: לפי סדורי מגד 21.

צוי.